

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

**O Real e o Imaginário:
A Experiência da Maçonaria na Loja União III em
Porto União da Vitória -- 1936 a 1950**

**CURITIBA
2003**

JEFFERSON WILLIAM GOHL

**O REAL E O IMAGINÁRIO:
A EXPERIÊNCIA DA MAÇONARIA NA LOJA UNIÃO III EM
PORTO UNIÃO DA VITÓRIA -- 1936 a 1950**

Dissertação apresentada como requisito
à obtenção o grau de Mestre em
História, Curso Pós - Graduação em
História, setor de Ciências Humanas,
Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Euclides Marchi

Banca Examinadora
Prof. Dr. Euclides Marchi
Prof. Dr. Judite Maria Barboza Trindade
Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho

**CURITIBA
2003**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua General Carneiro, 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791

Ata da sessão pública de arguição de Dissertação para obtenção do grau de Mestre em História. Aos vinte e nove dias do mês de agosto de dois mil e três, às quatorze horas, no Anfiteatro 1111, 11º andar do Edifício D. Pedro I, da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição do candidato **Jefferson Willian Gohl** em relação a sua Dissertação intitulada **“O Real e o Imaginário: a experiência da maçonaria na Loja União III em Porto União da Vitória: 1936-1950.** A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História, foi constituída pelos seguintes professores: Euclides Marchi, orientador, Sylvio Fausto Gil Filho (UFPR), Judith Maria Barbosa Trindade (DEHIS), sob a presidência do primeiro. A sessão teve início com a exposição oral do candidato sobre o estudo desenvolvido. Logo após o senhor presidente concedeu a palavra a cada um dos Examinadores para suas respectivas arguições. Em seguida, o candidato apresentou sua defesa. Na sequência, o senhor presidente retomou a palavra para as considerações finais. A seguir a banca examinadora reuniu-se sigilosamente, decidindo-se pela *Aprovação* do candidato. Finalmente, o senhor presidente declarou *Aprovado* o candidato que recebeu o título de *Mestre* em História. Nada mais havendo a tratar o senhor presidente deu por encerrada a sessão, da qual eu, Luci Moreira Baena, lavrei a presente Ata que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Luci Moreira Baena

Prof. Dr. Euclides Marchi

Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho

Prof. Dr. Judith Maria Barbosa Trindade

Agradecimentos

Este projeto foi sonhado ainda no curso de graduação. Embora o sonho seja individual, raramente tais feitos são de uma pessoa só. Assim devo render meus agradecimentos às pessoas que ainda nesta fase possibilitaram a existência deste trabalho final. Nomeio-as e a seguir consigno a contribuição que acredito estarem também impressas junto com estas linhas quase como um intertexto. Leia -se com atenção e encontrar-se-á a todos: Leni Trentim Gaspari , crença na educação e nas pessoas que passaram pelas suas aulas; Maria do Carmo Pires, orientação e incentivo; Michel Kobelinski, formação efetiva. Aos colegas de turma especialmente Ilton Cesar Martins, garra acadêmica e Siclinde Werle de Oliveira, clareza e sinceridade na vida e no texto.

Não se pode deixar de fora aqueles que efetivamente contribuíram para a base material de toda boa pesquisa. Assim todo meu crédito à Felipe Abraão, acesso aos arquivos; Herbert Oberdiek, abertura de espírito; João Marcelino Maia e Ghassoub Domit, entrevistas. Créditos a Lili e Gessy Matzembacher bem como a Therezinha Leony Wolff que concederam entrevista sobre um assunto que aparentemente não compete às mulheres, mas que possui ligações profundas com elas.

Gratidão pela clareza e honestidade de minha orientação, durante todo o curso, conduzida pelo professor doutor Euclides Marchi. Aos colegas de curso Viviane, Artur, Soleni, Lilián, Marco, Ederson, Andréia e Isabelle pela colaboração e companheirismo tão raro na atualidade (saudades hein !).

Finalmente, agradeço àqueles que durante toda uma vida estão presentes, compartilham de nossos projetos e visões, desilusões e conquistas: minha esposa Marínea M. Fediuk, pela força e sua fé inquebrantável; à minha mãe Rosicler Guérios Gohl e avó Eglé Schmall Guérios que sempre, com suas preocupações e incertezas, deram-me, com seus conselhos, a noção da inserção social do homem e de seus sonhos e medos, -- habilidade essencial para o ofício de historiador.

SUMÁRIO

<u>Introdução</u>	<u>01</u>
 1.0 - A Maçonaria Vista de Dentro	
1.1. A Autocompreensão dos Maçons	19
1.2. A Realidade da Loja (Poder Local: Poder do Maçon)	30
 2.0 - O Imaginário Externo da Maçonaria	
2.1. Uma Memória da Maçonaria	44
2.2. O Discurso Ultramontano antimaçônico	51
2.3. A Maçonaria na Obra de Gustavo Barroso	58
 3.0 - Um Discurso Maçônico	
3.1 . No imaginário: As Ligações Obscuras	71
3.2 - Fragmentos Mentais do Pós-guerra	92
 4.0 - Experiência Local	
4.1. A Cidade e a Loja	106
4.2. A Loja União III e Seus Posicionamentos	113
4.3. Ideologias Contrárias ao Regime	128
4.4. O Consultório Maçônico do Doutor Hely	139
 <u>Considerações finais</u>	<u>147</u>
 <u>Referência Bibliográfica</u>	<u>154</u>
<u>Bibliografia</u>	<u>157</u>
 <u>Anexos</u>	<u>164</u>

GOHL, Jefferson William. O Real e o Imaginário: A Experiência da Maçonaria na Loja União III em Porto União da Vitória -- 1936 a 1950. União da Vitória, 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba.

RESUMO

Esta pesquisa procura captar um objeto mental na história, que é o imaginário do complô maçônico, através de uma Loja Maçônica do sul paranaense - União III . A década de 1940 se revelou um momento de extremas tensões mundiais, com a Segunda Grande Guerra e a ascensão de ditaduras por todo o mundo. Neste quadro de crises onde as paixões políticas afloravam de formas diversas, como o fascismo, integralismo ou os vários nacionalismos, procuramos entender como o imaginário do complô que pretende conquistar o mundo se manifesta nas áreas que estavam ainda na primeira etapa de implantação do capitalismo industrial.

A Loja União III é a catalizadora das tensões que giravam em torno da discussão judaica no país, por grupos extremistas e pelo Estado que, levado pelo clima conspiratório, determina o fechamento das sociedades secretas no Brasil em 1937.

O segredo sugerido pela iniciação a maçonaria afeta a produção da literatura maçônica, na resposta aos ataques advindos da Igreja e de grupos sociais políticos como o integralismo. Dos discursos apregoados de ambos os lados nasce o tema da conspiração. Tão antigo quanto a própria maçonaria este imaginário acaba por determinar, condutas reais de comportamento junto aos maçons e interpretações fantasiosas na sociedade circundante.

A tomada de posturas da Loja frente ao decreto de fechamento, a exclusão de membros, e muitas das condutas mais cotidianas é determinada no período pelo âmbito do segredo e pela concepção de poder que o imaginário acerca deste segredo gera.

Palavras Chaves : Imaginário, complô, maçonaria, crise, Loja União III

GOHL, Jefferson William. O Real e o Imaginário: A Experiência da Maçonaria na Loja União III em Porto União da Vitória -- 1936 a 1950. União da Vitória, 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba.

ABSTRACT

This research helps us capture mental picture in history, which is the imagined Masonic conspiracy, through Masonic lodge in south of Paraná - União III. The 40's, were years of extreme tension in the world, with the Second World War and the rise of dictatorships all over the world. In this backdrop of crisis in which political passions emerge in separate ways like fascism, integralism or various forms nationalism, we want to understand how the imagined Masonic conspiracy that intends to conquer the world manifested itself in areas that were still in the first stages of industrial capitalism.

The lodge União III, was the catalyst involving tensions surrounding radical groups concerned with the Jewish discussion. Motivated by the climate of conspiracy, in 1937 the state decided to close secret societies in Brazil.

The suggest secret of the Masons initiation rites affected the production of Masonic literature, in responding to the attacks that came from the Church and social political groups like the integralism. From what was preached from both sides of the issue, the theme of conspiracy arose. Being as old as masonry itself, this imagined conspiracy effected the actual conduct of the masons, and the shadowy interpretation surrounding the society.

The position taken by the lodge, as well as many of their more common daily activities were directly affected by the decree of closure and the exclusion of members within the context of the imagined conception of a secret political force during this period.

Key Words : Imaginary, conspiracy, masonry, crisis, Lodge União III

Introdução

O tema proposto nesta pesquisa se desenvolve em torno da Loja Maçônica União III. Esta Loja, fundada ao final do século XIX na região sul do Paraná, teve em seus quadros a participação dos prefeitos das cidades de União da Vitória e Porto União. Não somente os prefeitos, mas também uma significativa parcela dos vereadores locais e cidadãos com reconhecido status social junto a comunidade.

A participação dos homens públicos na Loja sugere que este espaço seria um lugar privilegiado para a formação de grupos diferenciados com vistas a obtenção de poder ou influência social. Esta sugestão, que aparece no primeiro trabalho histórico sobre a Loja,¹ aponta para a formação de um complô, ou para a imagem da reunião secreta. A imagem do complô, como demonstrou Benimelli, gerou durante a década de 1940 inúmeras expressões de antimaçonismo por parte dos estados totalitários.²

A pergunta que motivou esta pesquisa, inicialmente, era muito simples. Como reagiu a Loja União III, quando, em 1937, o governo Vargas decretou o encerramento das atividades maçônicas? A motivação para responder a ela ocorreu quando da leitura de um artigo do historiador maçom Kurt Prober, publicado na revista Amizade, no Paraná. Neste artigo, Prober fez um levantamento das Lojas que existiam no Estado, traçou um pequeno histórico de cada uma, e questionou alguns posicionamentos em relação às dissidências ocorridas em nível federal e estadual, e em relação ao que ele chamava de "Questão Getúlio", ou seja, o fechamento das Lojas.³

Na medida em que a busca pelas respostas acontecia, na bibliografia disponível, na gravação das entrevistas com os membros mais antigos, na pesquisa da documentação preservada da Loja, foi se delineando um quadro mais extenso e complexo do que se

¹ CLARO NETO, Manoel Alves. Subsídios para o estudo histórico da Maçonaria em Porto União e União da Vitória. Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras; Depto. Ciências Sociais: União da Vitória, 1980 (Mimco)

² BENIMELLI, José A .F. Maçonaria X Satanismo. Londrina : Ed. Maçônica A Trolha, 1995 .V-2

³ CH'AN, Isa. Achegas para a História da Maçonaria Paranaense. Curitiba: Revista Amizade, 1966

supunha inicialmente. A resposta a esta simples pergunta esbarrou em uma grande quantidade de dados que, aparentemente, não tinham absolutamente nada a ver com os documentos que tratavam única e exclusivamente do decreto do Secretário de Segurança do governo varguista, bem como das cartas individuais dos membros da Loja União III, anexadas na forma de abaixo-assinado e enviadas ao Poder Central maçônico no Rio de Janeiro como uma declaração de obediência das Lojas para com o governo.

O objeto pesquisado compõe-se desta idéia múltipla do poder maçônico, advinda do senso comum e de uma literatura maçônica reservada, proveniente também das ligações e atitudes reais dos maçons e de uma literatura detratora e publicista que, no período, atacou fortemente a instituição da maçonaria. Este objeto, composto por vários troncos, é um imaginário social da maçonaria, forjado em torno das Lojas, a partir destes elementos. Assim, captar este imaginário social e a idéia do complô que lhe é subjacente, especialmente neste período, -- é o objetivo desta pesquisa.

O recorte temporal que se adotou, de 1936 a 1950, obedece a uma dupla justificativa : no primeiro plano, há o quadro da conjuntura nacional, na qual acontece a publicação do texto de Gustavo Barroso, Os Protocolos dos Sábios de Sião, em 1936. Logo depois o Grande Oriente do Brasil sofre com essa crise, iniciada em 37 e com outra, institucional, que vinha desde 1927. Durante a década de 1940, a Maçonaria perde seu grão-mestre, o General Moreira Guimarães, e finalmente, terá separados a Maçonaria Simbólica dos Altos Graus, em 1951, pelo então grão-mestre Joaquim Rodrigues Neves.⁴

A idéia do complô, durante as décadas de 1930 e 40, contém uma significação ideológica inequívoca por todo o mundo. Conforme apontado por Tucci Carneiro, o judeu era o alvo de um preconceito no Brasil, que remontava ao período colonial.⁵ É interessante observar que os ideólogos no período potencializaram este preconceito, aliando este sentimento ao corpo de uma teoria conspiratória maior, que inclui a Maçonaria, como um elemento judaizante no mundo social.

⁴ CASTELLANI, José. O Supremo Conselho do Brasil: Síntese de sua História. Londrina: Ed Maçônica A TROLHA, 2000

⁵ TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. O Anti Semitismo na Era Vargas (1930-1945). São Paulo: Brasiliense, 1995

No plano regional, tivemos em União da Vitória dois homens que escreveram a História da cidade, seja a história das origens no caso de Alvir Riesemberg com as obras: A Instalação Humana no Vale do Iguaçu, A Nau São Sebastião, A Navegação a Vapor no Rio Iguaçu, todos publicados pela década de 1970 pelo IHGEP*, seja pelas letras, no caso de José Julio Cleto da Silva, que, com uma preocupação mais regionalista e política, escreve: Campos e Selvas, O Contestado Diante das Carabinas e Apontamentos Históricos de União da Vitória.

Neste último livro, também publicado pelo IHGEP, Cleto realiza um minucioso levantamento de dados que ele considera relevantes, desde a fundação do Entreposto Nossa Senhora das Vitórias até 1933. Este é também o trabalho mais consultado para se conhecer a história da cidade. Cleto da Silva viria a falecer em 1953, e Riesemberg em 1975, contemporâneos e ambos maçons, personagens célebres que animaram a Loja União III e lhe emprestam respeitabilidade e seus dons da oratória entre colunas, ou seja dentro da loja.

Com a morte de ambos um capítulo da história regional findou, considerando que suas contribuições para a historiografia local privilegiaram desde as primeiras entradas bandeirantes no território até 1933. O capítulo em que eles foram personagens históricos ficou por ser escrito. A seu tempo, os dois intelectuais também foram prefeitos e alimentaram, com suas participações na Loja, uma idéia do poder e das ligações maçônicas.

Partindo do pressuposto que a imagem social do complô toma um sentido imperioso, chegando a ameaçar até mesmo a própria existência da maçonaria após 1936, ela permanece até 1950 como uma das visões dominantes, com rastros até hoje. A pesquisa verificou como estes efeitos se deram e ao mesmo tempo resgatou um hiato da história local em meados da década de 1930 em União da Vitória, ainda que seja através da vida maçônica destes historiadores e de seus irmãos em Loja.

O que se buscou nesta pesquisa foi a captação do imaginário do complô e como este imaginário modulou condutas reais junto aos membros nele envolvidos. Observando

com atenção, pode-se dizer que houve uma expansão considerável da pergunta inicial, pois, no decorrer da pesquisa avançou-se além daquela primeira preocupação histórica, buscou-se o modo como funcionava uma instituição, a Maçonaria, no seio de uma sociedade como Porto União e União da Vitória, entendendo-se a Loja maçônica União III enquanto representante da maçonaria nesta sociedade.

Um dos caminhos metodológicos foi identificar se realmente houve ligações reais que justificassem as sugestões do complô na política local e vida social, ou se as imagens do complô não seriam, elas mesmas, parte de um mito político e mesmo religioso.

A preocupação com o que de mitológico persiste em momentos políticos os mais diversos é o que guiou Raoul Girardet em seu livro *Mitos e Mitologias Políticas*.⁶ Instigado por esta problemática, este autor elencou quatro constelações mitológicas. Uma destas constelações encontra-se no primeiro capítulo e é denominado *A Conspiração*,⁷ onde Girardet trata do imaginário do complô maçônico, historicamente construído e circulante na sociedade, no qual haveria um poder que controla os destinos das cidades na mão de poucos e portadores de habilidades excepcionais.

Deve-se reconhecer aqui o papel de influência que lhe deve esta pesquisa, para a formulação de seus caminhos e escolha teórica. Sua problemática aparecerá mesmo na interpretação de textos e fontes, levantados para a pesquisa e composição do tema.

A leitura do capítulo referido possibilitou a reflexão sobre o objeto pesquisado e despertou o interesse pela Loja União III, situada nas cidades de Porto União e União da Vitória, como uma das catalizadoras dos mitos que sobrevoam os rincões distantes. No espaço da Loja, naquele período, cresceram os murmúrios de uma realidade maior, que está além do cotidiano, tais como o conceito de Pátria ou do embate das Nações. Se analisado morfologicamente, ver-se-á que o complô maçônico no imaginário social é

* IHGEP - Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense

⁶ GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia da Letras, 1987

⁷ Três complôs são por ele explorados como fazendo parte de um tronco único, judeus, maçons e jesuítas. Remete-nos ao abade Barruel que em 1797, inicia as polêmicas, em que se debatem os escritos maçônicos.

suficientemente antigo, para que se pudesse incluí-lo no rol daquilo que os historiadores chamaram de mentalidades.

Ginzburg, também ocupou-se do tema, ao pesquisar o complô judaico de 1321 na França, onde leprosos e judeus se auxiliavam num plano para conquistar o mundo dos sãos e cristãos, e de os exterminar. Esse autor, acabou por descobrir a superposição de ondas de acusações conspiratórias que se iniciavam pelos leprosos, e acabou por se fixar nos judeus.⁸

A denúncia feita ao Rei Felipe V, era que os leprosos iriam envenenar a água das fontes e dos poços dos sãos, com pó e enfermidades para ter o domínio do mundo todo. Entretanto, após 1347, a ocorrência da peste na Europa reafirma em algumas localidades a possibilidade do complô, que se somaria mais tarde ao estereótipo da reunião secreta das bruxas e feiticeiros o sabá.⁹ "... o sabá seria o ponto de chegada de um estereótipo hostil, projetado sucessivamente, ao longo de um período de um milênio e meio, sobre judeus, cristãos, hereges medievais e bruxas."¹⁰

A imagem do complô na França, ao final do século XIX, na literatura de denúncia do 'complô judeu-maçônico', vem sedimentar e ampliar consideravelmente os temas nascidos na Europa, bem como a forma de reação social a este material. Enquanto se desenvolve o processo de demonização do homem do complô, a marca da qual ele é objeto aparece, cada vez mais, como uma réplica ou como eco dos velhos processos de feitiçaria.

O padrão se repete, as mesmas fixações obsessivas, o mesmo clima neurótico de medo e de fascínio mesclados. Rituais clandestinos, cerimonial iniciático e hierarquias rigorosíssimas, mostram uma seita conspiradora que aparece, como aquela Contra-Igreja consagrada ao serviço do Mal.¹¹

⁸ GINZBURG, Carlo. História Noturna: Decifrando o Sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.43

⁹ Ibidem p. 78

¹⁰ Ibidem p. 81

¹¹ GIRARDET, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo: Companhia da Letras, 1987. p. 47

Conforme apontou Ginzburg, a ampliação do universo dos grupos que são denunciados é recorrente, a cada onda acusatória. Primeiro os leprosos depois os judeus e finalmente as bruxas. Do século XIX ao entre-guerras, por todo o mundo, houve um crescimento dessa literatura de denúncia agregando um novo grupo social, expandindo ao máximo a ação dos possíveis conspiradores. Como exemplo deste movimento houveram livros que denunciavam quais seriam as forças secretas que originaram as duas guerras.¹² O comunismo agora era o novo elemento a ser denunciado, assim atinge-se a expansão máxima do mote da conspiração, com o superdimensionamento do comunismo.

Mas a narrativa mitológica deve ter seus fundamentos objetivos, nenhum mito político se desenvolve somente no plano da fábula, em um universo de pura gratuidade, livre de todo contato com a presença das realidades da história.¹³ Assim, se a Segunda Guerra é uma realidade sempre evocada nestas narrativas, no cotidiano as ligações políticas são fatores de exclusão e distinção.

Na cidade de União da Vitória, a partir de 1937, o imaginário conspiratório se materializou por meio da Loja Maçônica União III, e dos cidadãos que fazem parte de uma elite provinciana e que a ela se filiou.

O imaginário que circula na sociedade a respeito dos maçons, pode ter várias facetas, alimenta-se de uma certa "cultura" ou "atmosfera". Podem advir das atitudes do próprio maçom ou de uma idéia pré concebida.¹⁴ Conforme já apontado por Tatiana Marchette, o termo anticlerical muitas vezes referido como apanágio do maçom, não significa uma postura contra a religião cristã. Indica sim um posicionamento contrário à influência do clero na vida pública e privada.

Já o imaginário que alimenta o maçom é de outra natureza, advém de seu contato com a Loja, seus rituais e símbolos, práticas, hierarquias e literatura. Na Europa nomes como René Guenon ou Julius Evola, grandes nomes do esoterismo tradicional, discutiram

¹² VIEIRA, Tomé. As Forças Secretas da Guerra. Lisboa: O Século, 1942

¹³ GIRARDET, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo: Companhia da Letras, 1987. p. 51

¹⁴ Me refiro a literatura de denúncia, panfletos difamatórios, conversas informais. Advindas de diversas fontes que geram esta visão sincrética, veja-se o caso de Dirceu Meneguetti mais a frente ou de William Schnoebelen, ex-maçom grau 32.

do início até meados do século XX, a validade da iniciação maçônica através de Revistas como a (RISS) Revista Internacional das Sociedades Secretas, e nos meios maçônicos de que faziam parte.¹⁵ Já para o Brasil parece ser mais determinante a identificação da maçonaria a vida política do país e a seus personagens heróicos como: Barão do Rio Branco, D. Pedro I, José Bonifácio e o Duque de Caxias. Identificação vivida na literatura e nos meios maçônicos. Seja nos feriados maçônicos dedicados a memória destes homens, seja na pesquisa realizada desde os primeiros tempos do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, reproduzida ainda hoje na literatura maçônica.

No plano local, as disputas de prestígio político, ou de pequenos favores, serão inevitavelmente permeadas por grandes questões, ainda que sejam utilizadas de forma vaga, como, por exemplo, no caso do comunismo.¹⁶ Ou muitas vezes de forma mais vinculada ao momento, como nos casos de difusão da idéia do “Perigo Alemão”¹⁷ para o sul do Brasil, ou do combate ao Integralismo¹⁸ para os membros da Maçonaria.

O acúmulo de um poder e de uma distinção na sociedade é o efeito mais imediato da afiliação maçônica. As relações estabelecidas a partir daí, vem por acréscimo, distinguir a ordem social dentro de um universo simbólico de hierarquização, reproduzindo-a e ocultando ainda mais o caráter arbitrário desta divisão social inicial. As indicações de um médico para o corpo clínico de um hospital, ou a proteção mútua maçônica se dá entre aqueles já selecionados dentre a classe dita dominante. O consenso desta dominação ou o desconhecimento mútuo destas forças, gera um sistema simbólico. Conforme Bourdieu:

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, <<uma concepção

¹⁵ LACORDAIRE, Jérôme Rousse. Anti maçonismo. Lisboa : Hugin, 1999. p. 89

¹⁶ O espírito fraterno (corporativo) da Loja permite que se auxiliem membros desde que isto não se choque com vieses políticos explícitos

¹⁷ PERAZZO, Priscila Ferreira. O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo. São Paulo: Divisão de Arquivos do Estado, 1999. Col. “Teses e Monografias. nº 1”

¹⁸ GERTZ, René. O Fascismo no Sul do Brasil: Germanismo, Nazismo, Integralismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987

homogênea do tempo, do espaço, no número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências>>. ¹⁹

É necessário examinar a natureza mesma da relação social na qual a representação, como imagem ou símbolo atuou,²⁰ como exemplo, o complô e as ligações sociais que a Loja estabeleceu. Examinando historicamente o contínuo embate social da maçonaria, de suas lojas e posicionamentos vai-se ao imaginário, pois este apresenta uma filiação no real. Há que se ver que no imaginário não há uma imposição de sentidos na representação do social, esta imposição dirige-se por interesses de grupos ou classes sociais.²¹

No transcorrer da pesquisa, observou-se neste contexto o interesse na difusão do imaginário do complô, por certos grupos como a Igreja ou o integralismo. Essa difusão leva a introjeção do estereótipo do "homem do complô" ou do participante do sabá. Os grupos minoritários como a Maçonaria e seitas esotéricas terão refletida esta marca nas suas condutas sociais e no seu cotidiano. Ou como explica Lacordaire: "... porque o anti maçonismo evolui com a Maçonaria, mas também porque a própria Maçonaria se transforma, reagindo aos ataques de seus adversários." ²²

Não se pode desprezar a singularidade desta Organização dentro dessa sociedade que é Porto União. Segundo alguns autores o uso de sua simbologia é alienígena, pois fora emprestada em bloco do período iluminista do século XVIII, e naquele momento por sua vez mesclou traços mais antigos.²³ Já, para outros, a liberdade civil praticada dentro das Lojas maçônicas, no contexto do Antigo Regime europeu só era possível sob a proteção do segredo. E a função última do segredo relacionaria-se à necessidade da Maçonaria separar as esferas da moral e da política. ²⁴

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002 p. 09

²⁰ TRINDADE, Liana Sálvia. O que é imaginário. São Paulo: Brasiliense, 1997. p.14

²¹ Ibidem. p. 26

²² LACORDAIRE, Jérôme Rousse. Anti maçonismo. Lisboa : Hugin, 1999. p. 8

²³ HOBBSBAWN, Eric. RANGER, Terence. A Invenção das Tradições. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. P. 14. Fala de enxertos que a maçonaria teria sofrido no Iluminismo. O debate dos costumes que a historiografia inglesa trava aparece aqui em choque com a "tradição inventada".

²⁴ BARATA, Alexandre Mansur. Luzes e Sombras: A Ação da Maçonaria Brasileira (1870-1910). Campinas, SP : Editora da Unicamp, Centro de Memória - Unicamp, 1999. p. 34

A origem, ainda que controversa, da Maçonaria encontra consenso entre historiadores maçons e "profanos"²⁵ na data de 1717, quando da formação da Grande Loja de Londres que transformou a Ordem em uma espécie de escola de formação humana de caráter cosmopolita e secreto, reunindo homens de diferentes raças, religiões e línguas, objetivando alcançar a perfeição por meio do simbolismo de natureza mística e/ ou racional, da filantropia e da educação.²⁶

A partir daí, a Maçonaria abandonou sua origem ligada às velhas confrarias de pedreiros da época medieval, admitindo novos indivíduos, sem obrigatoriedade de serem ligados às corporações de ofício ou as sociedades de construtores: eram os 'maçons aceitos'.²⁷

Em 24 de junho de 1717, quatro Lojas de Londres, cujos nomes derivam das tabernas onde se reuniam - O Pato e a Grelha, A Coroa, A Macieira e O Copo e as Uvas -, construíram uma organização unificada sob o nome de Grande Loja de Londres e elegeram um grão-mestre com autoridade sobre todos os membros da Ordem. Em 1723 foi publicado o livro das Constituições de James Anderson, que continha a História lendária da Instituição bem como seus preceitos básicos. Foram admitidos, neste período, grande número de indivíduos pertencentes a alta nobreza inglesa e foram instaladas novas lojas, iniciando uma expansão sem precedentes.²⁸

Costa, descrevendo os costumes dos canteiros de obras ingleses de onde adviria a Maçonaria, comenta: "Dentro de um entendimento rigoroso e histórico só podemos aceitar a Maçonaria Operativa como nascida nos Canteiros Ingleses." Apesar deste autor procurar desligar os inícios da Maçonaria Operativa, daquela filosófica surgida após 1717, elenca dez princípios que ajudariam a identificar uma autêntica Ordem de Pedreiros

²⁵ Usamos o termo profano, no sentido daquele utilizado pelos maçons quando se referem aos não iniciados nos mistérios da Ordem.

²⁶ Ibidem. p. 29

²⁷ Idem

²⁸ Ibidem. p. 30

Livres.²⁹ Apresenta-se aqui quatro destes que ajudam a compreender a idéia do segredo maçônico original:

1. Pertencer a uma profissão específica;
4. Possuir um conjunto de sinais secretos e palavras de passe, que permitiriam a seus membros reconhecerem-se, e que não deveriam ser revelados;
8. Obrigação de ajudar aos outros membros da Sociedade, conhecidos como irmãos, e uma moral simples ilustrada pelos instrumentos do ofício;
10. Reunir-se periodicamente, não apenas para expedir ordens da Sociedade, mas igualmente com o propósito de espargir e ensinar a ciência técnica da Ordem, considerada como um mistério que não podia ser comunicado aos estrangeiros.³⁰

Uma singularidade de símbolos e práticas confere ao maçon de Porto União e União da Vitória certa profundidade ao segredo maçônico .

Ginzburg irá identificar em autos inquisitorias as raízes mais profundas de um de seus temas o sabá das bruxas. Na origem comum do sabá estaria a difusão de complôs pré-supostos .³¹ Teríamos em Porto União elementos do sabá ? Evidente que não, mas para a sociedade que vê uma organização singular e movida pela norma do segredo, como é a maçonaria, a procura por explicações míticas ou fantasiosas pode se tornar vital.

A reunião de certos homens ao cair da tarde, nas sextas feiras, que não podem sob hipótese alguma revelar-lhe seus segredos, desperta algo de perturbador nos que não fazem parte desta elite. Quando os denunciante destas reuniões também pertencem a um grupo privilegiado como a Igreja, acendem a idéia do "sabá" no imaginário popular, os complôs podem parecer reais.

Deve-se procurar nas lendas e documentos, ou melhor, nas conversas ao pé do ouvido sobre os maçons, esse fundo comum das crenças ocidentais, que no caso maçônico acaba oculto no nicho do juramento e por fim do segredo.

²⁹ COSTA, Frederico Guilherme. A Maçonaria e a Emancipação Lenta e Gradual do Escravo. Londrina: Ed Maçônica A Trolha, 1999.

³⁰ Ibidem. p.39

³¹ GINZBURG, Carlo. História Noturna: Decifrando o Sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Nesta lacuna do segredo, habitará o anti religioso e ao mesmo tempo no plano político, o subversivo. Ao maçom que está estudando a filosofia de sua Ordem e os preceitos que ele acredita, jamais serão contra a fé cristã ou contra o estado. Já o profano, ou aquele que não faz parte desta elite maçônica, acreditará que o anticlericalismo (postura por vezes adotada em meios maçônicos) e anticristianismo se confundem no imaginário externo da Ordem.³²

O 'segredo' como uma possibilidade do complô é o conceito que permite a esta pesquisa buscar, num estudo de caso local, as formas mitológicas e as reações sociais a elas. Ele, o segredo, permite interpretações fantasiosas, seja sobre o poder hipnótico que deteriam os membros, seja sobre a natureza de sua real ideologia, ou sobre os rituais supostamente satânicos e a ascensão social dos afiliados. O segredo como idéia da conspiração e tipologias dela derivadas como a subversão e o desvio, se relacionam simultaneamente com o antimaçonismo político e com o antimaçonismo religioso.³³

O segredo que para Ginzburg foi modulado sempre pelas palavras do inquisidor, na projeção do estereótipo anticlerical e dos estereótipos contra a feitiçaria no mote do complô obsessivo montado contra a sociedade.

Segredo que para Girardet é justamente partilhado pelos grupos minoritários como os judeus, os jesuítas e maçons forjando a idéia da conspiração que daria a estes grupos a pretensão do domínio mundial.

É por este viés, o do segredo que se busca indícios de uma vida social discreta como os maçons gostam de se autodefinir. Nesta pesquisa irá servir este viés teórico que foi desenvolvido por Lacordaire, ao estudar a maçonaria. Para este autor, o antimaçonismo, nascido juntamente com o início da maçonaria especulativa, tem como ponto fulcral justamente o que é essencial para o maçom, o 'segredo'. Seja qual for a

³² MARCHETTE, Tatiana Dantas. Corvos nos Galhos das Acácias: O Movimento Anticlerical em Curitiba, 1896-1912. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1999. O anti clericalismo está ligado ao momento inicial do Iluminismo e teve uma difusão intensa em Lojas de Curitiba na virada do século até meados de década de 1920.

³³ Subversão da ordem instituída e o desvio doutrinal que seria operado sob a capa deste segredo, conforme propõe Lacordaire.

natureza das acusações contra a maçonaria, ela repousa sempre ao final sobre este segredo e finalmente sobre o juramento que o acompanha.³⁴

É este ataque ao segredo como forma de reação social em determinadas conjunturas que levou a um antimaçonismo crônico, para não se usar o termo estrutural, que acompanha os maçons e as Lojas ao redor do mundo.

A própria natureza polimorfa dos ataques contra os maçons demonstra que, mais do que antimaçonismo, há uma essência de imagens que pode ser mesmo anterior a maçonaria. Pensando nos trabalhos de Carlo Ginzburg e Raoul Girardet esta forma de reação social pode até mesmo não depender exclusivamente dela, mas inevitavelmente fará dela seu alvo ou de todos aqueles portadores de um segredo carregado como estigma, como os judeus e as bruxas. Assim, o antimaçonismo bebe de algumas fontes daquilo que pode ser descrito melhor como um imaginário da maçonaria e as regras de sua reprodução.

O juramento ao qual o maçom está asujeitado, e a interpretação pela via do segredo poderiam impedir o acesso as fontes e inviabilizar esta pesquisa, mas ao contrário do que se supõe houve uma colaboração ativa por parte de alguns membros da Loja, que possibilitaram o acesso. Após um período de sondagens nos meios rosacruzes, que faziam parte do círculo de contatos do pesquisador, foram apontados os nomes que auxiliariam a pesquisa. O contato com o secretário da Loja, se deu após uma conversa com o venerável que o indicou como a pessoa mais adequada para a colaboração junto a pesquisa.

É justamente o arquivo da Loja União III que irá permitir a busca das informações que possibilitaram dar algumas respostas ao tema proposto. Este arquivo que é de propriedade particular, visto que é de todos os membros legalmente constituídos desta Loja, está em bom estado de conservação, organizado em pastas e cronologicamente sistematizado e se encontra na secretaria da União III.

Os arquivos da Loja contém também os livros de Atas que trazem os relatos das sessões semanais e cerimônias de Iniciação ambos são lavrados segundo esta ordem:

³⁴ LACORDAIRE, Jérôme Rousse. Anti maçonismo. Lisboa: Hugin, 1999.

Início da Sessão e nomeação do presidente Venerável da mesma, são realizadas as leituras do balanço da reunião anterior, e dos boletins e tratam-se correspondências de outras Lojas, este primeiro momento da reunião é denominado expediente. A seguir avaliam-se os novos pedidos de afiliação quando eles ocorrem, sendo este momento denominado Saco de Propostas, bem como as deliberações sobre as sindicâncias dos candidatos. Abre-se a Palavra a Bem da Ordem, onde estarão registrados os assuntos discutidos de interesse dos membros. Registra-se o valor do Tronco³⁵ de Beneficência e seu destino quando o há. Registra-se a natureza do ritual executado, e o nome do(s) iniciado(s). Se houve alguma Peça de Arquitetura³⁶ apresentada aos irmãos e encerra-se com a saudação a bandeira. As 431 atas do período estudado, bem conservadas em dois livros na secretaria da loja, possibilitam reconstituir a trajetória e o conteúdo das reuniões e permitem que se faça a crítica da documentação de correspondência.

Outra fonte de dados foram os abaixo assinados que são cartas manuscritas individuais dirigidas ao Poder Central da Maçonaria, onde os maçon declaram-se obedientes ao Grande Oriente do Brasil e reivindicam o direito de continuar em atividade na organização maçônica. Estes documentos permitiram a avaliação da reação dos maçons da Loja ao regime varguista quando do decreto de fechamento das Lojas em 1937.

Os Boletins recebidos provenientes de outras Lojas normalmente trazem informações sobre as trocas de diretorias, balanço financeiro e atividades definidas em conjunto tais como congressos maçônicos e eventuais participações em movimentos como dissidências. Estes boletins permitiram identificar a inserção político social da União III, junto as outras oficinas.

O acesso as Circulares provenientes da secretaria do Grande Oriente do Brasil, que opera segundo a Maçonaria do Rito Escosês Antigo e Aceito³⁷ possibilitaram verificar as

³⁵ O tronco é o recolhimento voluntário de dinheiro para fins de filantropia social.

³⁶ As peças de arquitetura são discursos ou trabalhos que versam sobre um tema maçônico, e que são apresentados em Loja pelos maçons.

³⁷ Segundo Rizzardo da Camino 90 % das Lojas brasileiras operam segundo este rito. E é chamado escossês devido à origem das personagens envolvidas em sua lenta fundação serem da Escócia.

determinações, pedidos de remessa de metais (mensalidades), decretos e informes sobre as atividades do Grande Oriente e condutas esperadas das Lojas da Federação. Estes documentos permitem não só captar algumas diretrizes referentes ao rito em nível nacional bem como as deliberações de caráter constitutivo e administrativo. Ainda nesta categoria de documentos encontram-se os Decretos e Actos que são expedidos pelo Grande Oriente do Brasil, quando ocorrem deliberações às quais os maçons estão sujeitos.

Já os manifestos são documentos com produções textuais discursivas orientadas aos maçons visando ora a atitudes políticas internas, ora externas; nem sempre os manifestos contém uma autoria explícita. Percebe-se que há um investimento significativo na produção destes documentos como fator de mobilização de setores maçônicos em prol desta ou daquela causa.

O arquivo da Loja União III conta ainda com documentos referentes aos iniciados durante o período estudado, a documentação é enfeixada e ordenada segundo o nome de cada candidato aceito e constitui-se de vários documentos de natureza diferente e dispostos como está relacionado abaixo.

O Pedido para ser admitido como membro da Loja é uma carta manuscrita onde o candidato (profano) se identifica, expõe seu estado civil, sua condição social, tempo de residência no local e solicita formalmente seu ingresso. Anexado a este está a Promessa também é feita por meio de uma carta manuscrita onde o candidato se compromete com o segredo maçônico.

Na seqüência encontram-se as Sindicâncias que normalmente são três documentos, onde maçons experientes registram em um questionário padrão a reputação social e condição econômica do candidato solicitante.

Segue-se então o Questionário da Câmara das reflexões, é um documento padrão onde o candidato responde a perguntas de naturezas diversas como: Qual os deveres do homem para com Deus? Quais os deveres do homem para com a humanidade? Quais os deveres do homem para com a Pátria? Quais os deveres do homem para com a família? Quais os deveres do homem para consigo mesmo?

O próximo documento anexado é denominado Atestado de Conduta e é emitido pelas delegacias de ordem política e social a pedido da Loja para a investigação do candidato (Obs: Este atestado só é exigência no período do Estado Novo). Por fim em alguns casos o último documento deste feixe é o Placet de iniciação que é o certificado emitido pelo Grande Oriente do Brasil com o número da respectiva iniciação.

Estas fontes permitiram a identificação dos ramos de atividades ao qual pertenciam os maçons através da quantificação do referido período, bem como a análise das crenças pessoais dos candidatos e como cada um era observado e avaliado pelos demais membros da organização.

Na busca de melhor compreender este contexto histórico efetuou-se a consulta às obras existentes na biblioteca da Loja, estas remetem ao quadro de leituras do maçom médio, naquele período.

Para além dos arquivos da Loja, pesquisou-se um conjunto de obras produzidas a partir de 1936 e que tem como mote o complô maçônico em primeiro plano. Inclui-se aí a obra de Gustavo Barroso, composta de livros antijudaicos lançados pela editora Civilização Brasileira no Rio de Janeiro.

No âmbito das relações sociais daquele período encontram-se fontes como alguns opúsculos que circularam na forma de panfletos ou mesmo reproduzidos pela imprensa, estes oferecem um painel dos discursos tecidos pela igreja como o de Ramos de Oliveira A Ilusão Maçônica, publicado inicialmente pela Editora Getúlio Costa no Rio de Janeiro em 1941. Já com uma circulação mais restrita ao universo maçônico encontra-se ainda o opúsculo de Dario Nogueira dos Santos, A Maçonaria e a Ação Integralista, que pretende ser uma análise das propostas do movimento Integralista. Este opúsculo circulava pelas Lojas do Paraná, após 1934, sem uma publicação formal.

A posição oficial da Igreja sobre a Maçonaria foi extraída da Pastoral Collectiva de Arcebispos e Bispos para as Províncias Ecclesiásticas do Brasil, publicada em 1915, na qual estavam explícitas as determinações para o exercício do sacerdócio nas dioceses.

Para auxiliar na análise dos dados foram realizadas cinco entrevistas, duas com os dois membros mais antigos da Loja, estes relataram suas experiências enquanto membros da União III. Duas com filhas de membros da Loja, as quais relatam suas impressões sobre a Maçonaria e, sobre a história de vida dos maçons relacionados aos que vivenciaram a realidade do período de 1936 a 1950. Uma última entrevista com a Diretora Cultural da Prefeitura Municipal de União da Vitória, que conhecia vários dos membros da Loja da década de 1940 e os indentificava como maçons na juventude. As referidas entrevistas foram através de questionários não diretivos

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos, que buscam captar a sensibilidade maçônica ao complô e seu reflexo na produção das fontes documentais.

No primeiro capítulo, a auto-compreensão do ser maçônico foi explorada no quadro de produção da literatura maçônica, e sugere sempre a interferência dos membros da ordem em questões de política, autores maçons, como José Tenório d'Albuquerque, José Castellani e Frederico Guilherme Costa que no Brasil escrevem com esta orientação. Esta participação dos maçons nos quadros administrativos e políticos parece dar resposta ao complô maléfico com as imagens da santa conjuração.

Segundo estes autores, nos fatos importantes da História do Brasil lá estavam: a maçonaria e a imagem do complô. Ora fazendo a Independência pelas mãos de D. Pedro, ora agindo, mesmo que não institucionalmente, como no caso da abolição da escravidão, nos tempos do Império. Observando-se as fontes primárias vê-se que o padrão dessa representação está dado, desde o advento da República sendo que localmente a ação dos membros se dá de forma análoga, defendendo a igualdade de negros na sociedade, mas de certa forma respondendo à idéia do complô diabólico.

No segundo capítulo os depoimentos orais de membros mais antigos da Loja, de duas parentes de maçons e mais uma pessoa que tiveram contato com os membros da Loja no período pesquisado, dão uma interpretação das representações cotidianas do maçon na sociedade e das posturas das mulheres frente a possível 'heresia' do marido. O uso das entrevistas justifica-se, já que de certo modo a indagação sobre o popular

relativiza o primado do escrito e valoriza outras fontes como o documento oral e a iconografia, segundo Vovelle, "ardil legítimo para se romper o silêncio de mundos mal conhecidos." ³⁸ Trata-se aqui também do discurso oficial da Igreja bem como a literatura folhetinesca de Gustavo Barroso, que servem de quadro de referência para este universo do imaginário.

No terceiro capítulo, o imaginário social da maçonaria é buscado nos documentos em dois momentos: no princípio da década em 1941 e ao seu fim, 1950. A mudança no quadro conjuntural permite a contextualização dos temas que o discurso apregoa. As tensões da 2ª Guerra Mundial e o quadro de incerteza ideológica que vinha já desde 1930, iriam pressionar em nível nacional até mesmo as lojas mais longínquas e os manifestos, tanto os publicados quanto os ocultos, que ficavam restritos a circulação interna, fazendo parte da vida social da Loja e da sociedade neste período ganhavam um entorno emocional significativo, nos discursos dentro dos espaços da Loja.

O quarto capítulo irá resgatar a história do dia-a-dia, nas demandas de uma política interna relacionada ao Poder Central da Maçonaria. A Loja manifesta-se somente quando a esfera do secreto é tocada. A ligação maçonaria - poder público por meio das autoridades policiais reverte a lógica do complô, aos maçons suspeitos e pressionados resta atribuir a maquinação diabólica ao integralismo. Os documentos que ofereceram a resposta a essa trama são as correspondências com outras Lojas e com o Poder Central do Grande Oriente do Brasil, bem como o registro das atas das sessões econômicas e sessões Magnas.

³⁸ VOVELLE, Michel. *Imagens e imaginário na História*. São paulo: Ática, 1997. p. 17

1.0 A Maçonaria Vista de Dentro

1.1 - A Auto - compreensão dos maçons.

Muito se fala do papel exercido pela Maçonaria em eventos passados da nossa História, como a Independência, a Abolição e a Proclamação da República. Também muito se lamenta a aparente inércia ou apatia demonstrada pela Ordem nos dias de hoje. Poucos, porém se debruçam sobre nossa História Social em busca das razões profundas desses comportamentos.³⁹

A citação acima é do Professor Doutor Ricardo Mário Gonçalves, e o trecho está situado em sua introdução ao trabalho “Quintino Bocaiúva nº 10 : A Trajetória de uma Loja Maçônica Paulistana (1923-1998)”, um trabalho monográfico a respeito dessa Loja de São Paulo. Esta fala reflete colocações de outros autores sobre a necessidade de se fazer uma história social da maçonaria ou daquilo que determinaria esta história.

Trata-se de um conjunto de autores de peso a fazer parte de um coro, onde pode-se incluir, para o panorama brasileiro, Frederico Guilherme Costa e José Castellani, em alguns textos entre os quais pretende-se situar historiograficamente este trabalho. Ambos escrevem a “História da Maçonaria” e, têm-se que reconhecer que dentre inúmeros títulos de literatura, pretendendo-se Histórica, os trabalhos destes autores merecem ser apreciados dentro de um olhar mais apurado, pois constroem o objeto historiográfico, 'maçonaria', e o espelho pelo qual se vêem os maçons, aquilo que dá compreensão ao ser maçônico.

Os limites que dividem cada uma das categorias literárias maçônicas⁴⁰ é tênue, como a linha de um prumo em um grande canteiro de obras; veja-se inicialmente duas obras

³⁹ GONÇALVES, Ricardo Mário. Quintino Bocaiúva Nº 10: A Trajetória de uma Loja Maçônica Paulista (1923-1998). São Paulo: Divisão de Arquivo do Estado, 1998. p. 15

⁴⁰ **Literatura filosófica maçônica** – Estas autores destinam-se a um público alvo dentro do chamado “povo maçônico” e atualmente vem sendo estimulada também a leigos ou como fonte de instrução para novos candidatos: Citamos aqui Rizzardo da Camino(1970-90), com uma proposta de interpretação do simbolismo dos rituais, lendas que justificam os símbolos e ensinamentos éticos ao maçom. Também Eleutério Nicolau da Conceição e Welington B. de Oliveira(1980) com propostas parecidas e, um número de autores que se espalha em vários níveis de conhecimento sobre a própria organização a que pertencem. **Literatura polemizadora** – Autores que levantam dúvidas quanto a idoneidade da Ordem ou sobre seus temas, citamos: William Schnoebelen e Jonh Ankerberg, ambos americanos que são publicados no Brasil por editoras evangélicas missionárias, que questionam o conteúdo religioso dos rituais praticados em Lojas e seus argumentos fundantes. Em resposta a essas colocações existem autores como José A. Ferrer Benimeli ou Valério Alberton (1984) que defendem a integridade religiosa dos maçons, isso num quadro mais recente, não esquecendo-se que as pastorais de bispos da Igreja Católica no passado já tinham dado sua cota de polêmica antes da separação Estado-Igreja.

Históricas: Em 1955 publicou-se uma obra que procura destacar os grandes vultos, que contribuíram para construir a História do Brasil, seu título já diz a que veio A Maçonaria e a Grandeza do Brasil, do maçom Tenório d'Albuquerque. Trata-se de temas como a Inconfidência Mineira, a Revolução Pernambucana, o episódio do Fico, bem como a Independência do Brasil. Também, estão na mesma obra a disputa entre a Igreja e a Maçonaria, da qual sairá vencedora a Maçonaria, segundo a visão do autor. A libertação dos escravos também é colocada, tecendo as relações dos fatos já historiados com as iminentes personalidades que tomaram parte como Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Visconde do Rio Branco e a Princesa Isabel e suas pertencas maçônicas, quando haviam eram realçadas.

Não se está escrevendo aqui para questionar a validade da pesquisa de d'Albuquerque, ou a veracidade dos fatos relacionados, mas atente-se para a finalidade de se ver tais fatos e nessa ótica. Lembre-se que este autor já tinha publicado na década de 1940, alguns livros de caráter didático e outros com o tema maçônico. Em 1955 os ecos do Integralismo ainda estão muito presentes na memória, bem como de um debate acirrado que se materializava nessas publicações, o autor diz:

Uns mentem por covardia, outros por venalidade e alguns por ignorância, de vez que inconscientemente se limitam a copiar. E, assim, é estudada a nossa História Pátria, escrita não raro, por poltrões, por vendidos ou meros copiadores de falsidades. Pobre História ! Mistificadores deturpam a verdade histórica por mercantilismo. Não são historiadores e sim falsários, mas sem a coragem dos moedeiros falsos. Sem pretensões, tentaremos, tanto

Histórica – Tem-se duas vertentes os medievalistas, que pesquisam as origens da maçonaria, enquanto Instituição, sendo expoente máximo Nicola Aslan(1960). E os pesquisadores de maçonaria na História do Brasil, onde destacam-se textos que procuram as relações entre os afiliados à maçonaria e seus postos de poder na sociedade. Dentro deste ponto temos uma tradição mais consolidada e atuante, desde os pesquisadores do IHGB passando por Tito Lívio Ferreira, Manoel Rodrigues Ferreira, A. T. Cavalcanti d'Albuquerque(1940), e chegando até os mais recentes já nomeados Castellani, Frederico G. Costa e Mário Gonçalves.

Literatura Histórica – Textos que não se colocam como históricos, mas que se utilizam dela como matéria prima para execução de romances heróicos citamos : Assis Carvalho (Xico Trolha) e Marcelo Linhares, como muitos outros nomes lançados pela revista "A Trolha" em inúmeros artigos que refletem essa postura.(1980)

É certo que muitos dos autores até aqui citados discordariam desta classificação por categorias e proporiam outras alterações de nomes ou a achá-la-iam absurda, no entanto não depara-se nesta vasta bibliografia a nada parecido, por isso empreendeu-se-a.

quanto possamos reconstituir a **Verdade histórica**, em mais este livro nosso. Para tanto, apoiamo-nos no maior número possível de autores, inclusive nos que são reconhecidamente inimigos intransigentes da Maçonaria, como o insigne Mestre **Gustavo Barroso**, autoridade indiscutível, cuja assombrosa cultura tanto admiramos ! É para deplorar que, com tanto talento, invista contra a Maçonaria atual, arrimando-se em acusações destruídas há séculos.⁴¹

Neste longo trecho percebe-se claramente três coisas: a influência neste autor de uma história positivista calcada na busca por uma “verdade histórica” inquestionável, uma linguagem quase jornalística ou folhetinesca já que trava um combate com Barroso, ainda que no início do livro afirme o contrário; e a concepção de uma “História Pátria” bem específica a qual dará o tom da historiografia posterior a qual se apresentará nos próximos autores.

Nas décadas de 40 e 50 o debate gira em torno da história nacional, a partir do início da década de 60, Nicola Aslan publicou a escrita de uma História da Maçonaria preocupado com suas origens, atento em rastrear o que há de “verdadeiro” e documental no passado da Ordem Maçônica, e após algumas obras publica em 1975 “A Maçonaria Operativa”, seu livro mais conhecido, em que o autor, que algumas vezes é considerado pelos pares como o maior maçónólogo do mundo, descreve as dificuldades de se pesquisar a História da Ordem, devido as inúmeras fraudes documentais e históricas, sua concepção de história encontra-se explícita no trecho abaixo.

O estudo de uma ciência – e sem dúvida alguma, em nossos dias a história é uma ciência positiva – requer trabalho contínuo, paciente e persistente; leituras sem descanso; pesquisas morosas; confronto das opiniões das várias autoridades da matéria e, em se tratando de história, estudo comparativo das datas, dos costumes da época, dos documentos autênticos, visto que os falsos abundam, etc. etc.⁴²

⁴¹ O grifo é nosso. ALBUQUERQUE, Araci Tenório Cavalcanti de. A Maçonaria e a Grandeza do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1955. p. 24

⁴² ASLAN, Nicola. A Maçonaria Operativa. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1975. p. 14

Seu texto detém, sem dúvida, preocupações pertinentes mas curiosamente trata-se de um trabalho essencialmente bibliográfico, os documentos quando citados se referem a estudiosos europeus sobre o assunto⁴³ e culminam com a fundação da primeira Grande Loja na Inglaterra, resultado da fusão de quatro outras remanescentes dos tempos operativos. De posse de documentos seiscentistas por ele elencados indiretamente pela via desses autores, objetivou desconstruir uma historiografia francesa entendida por ele como antimaçônica.

Essa historiografia antimaçônica segundo Aslan, teria relacionado os movimentos jacobinistas à lojas anteriores a essas quatro lojas operativas, ligando os maçons à revolução de 1688 que levou à queda da Dinastia Stuart. Aslan faz uma crítica ao abade Barruel,⁴⁴ que é um desses historiadores antimaçons. A Maçonaria e a política, são dois elementos que estariam ligados incorretamente a partir de Barruel, que este autor considera um historiador fantasista. O vínculo Maçonaria - Revolução teria sido um erro histórico para Aslan e ele esforça-se para escrever sobre as origens da Grande Loja Mãe na Inglaterra e desligar essa visão, apropriada até por alguns historiadores maçons.

Não obstante, apesar da rejeição dessa tese política na História maçônica, Aslan não nega a participação aristocrática nesta Loja. É a negação do complô político, sem abandonar a origem nobre, ainda que alguns insistam em uma relação com os mistérios iniciáticos das sociedades da antigüidade clássica, como a egípcia, grega ou hebraica.

Não é mais necessário comentar a posição do autor em relação à visão de método histórico positivo que ele propõe, mas cabe vermos que tanto Nicola Aslan quanto d'Albuquerque, buscam uma “verdade histórica” que destrua as verdades históricas do anti-maçonismo. Ambos assumem uma ligação da Ordem com as elites, que segundo Aslan sairia de uma corporação de pedreiros livres operativa para os aristocráticos, círculos ingleses e franceses.

⁴³ Para o quadro europeu de pesquisas, já mais equiparado a realidade acadêmica ele cita nomes como Findel, Jean Gimpel, Paul Naudon, J.Marquès Rivieri, Albert Lantoiné, Bernard E. Jones. Em sua introdução comenta também as confusões históricas que adviriam para o quadro europeu que teriam sido solucionada nos meados do século XIX.

⁴⁴ O abade Barruel, escreve em 1797 na França, atribuindo as causas da revolução francesa às maquinações Franco Maçônicas. GIRARDET, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 33

Paralelo a esta construção polemizadora e histórica, na década de 1970, tem-se as publicações de José Castellani, que em 73 publica, *Os Maçons que Fizeram a História do Brasil* e, em 77 *A Ciência Maçônica e as Antigas Civilizações* e chegará à década de 90, tendo mais de 40 títulos (sendo várias vezes republicado).

Os temas pesquisados por Costa, são portanto, revisitações do que já publicara d'Albuquerque em um único volume na década de 1940 até meados da de 1950. Também Castellani, publica obras com temas similares como: *Os Maçons na Independência do Brasil*, 1993, e *Os Maçons e a Abolição da Escravatura*, 1998 que são escritos com bases em fontes primárias, ainda não podemos chamar essa produção de uma revisão, já que não há uma mudança de método explícita.

Além de Albuquerque, Aslan e Castellani outros autores estão mais em sintonia com o mundo acadêmico, como já citado, Frederico Guilherme Costa e Ricardo Mario Gonçalves, ambos já tem alguns trabalhos que procuram aproximar-se de uma interpretação crítica mais apurada. Frederico Guilherme Costa, em 1993, já havia publicado um livro *Breves Ensaios Sobre a História da Maçonaria Brasileira*, nesta obra o autor procura redimensionar os objetos históricos, como: a primeira Loja Maçônica, a Conjuração Mineira, Lei do Ventre Livre e a Questão Religiosa. Mais tarde em trabalhos como “*A Trolha na Universidade*” 1998, começa a colocar temas maçônicos dentro de problemáticas que os métodos atuais da história propõe.

Frederico Costa, em suas obras, aborda o texto de David GueirosVieira,⁴⁵ mas não o faz para adentrar na questão religiosa propriamente dita, que é o objeto daquele autor, mas o coloca como contribuição quanto a formulação do conceito de “ultramontanismo”⁴⁶ católicos que se degladiavam com os maçons, aos quais ele isenta de responsabilidade. Também não interessa aprofundar sobre a Questão Religiosa, se é uma questão de direito

⁴⁵ VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, A Maçonaria e A Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

⁴⁶ O termo “ultramontanismo” refere-se a um termo usado desde o século XI para descrever cristãos que buscavam a liderança de Roma (do outro lado da montanha) ou que defendiam o ponto de vista dos Papas, ou davam apoio a política dos mesmos, no século XIX ele reaparece significando conceitos e atitudes do lado conservador da Igreja. Idem p.32

ou um embate espiritual, não se resolverá aqui. Cumpre notar novamente, que por vias diferentes retorna-se ao mesmo ponto, o antimaçonismo, que segundo Costa está presente na hipótese de trabalho de Vieira. Este último investiga se os maçons fariam parte de uma conspiração liberal universal, para destruir a Igreja Católica.

Costa maçonicamente responde, no seu ensaio, com a explicação que estas teorias adviriam do panfleto “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, e em sua crítica, subentende-se que Vieira estaria sendo levado por essas “besteiras”, antimaçônicas.⁴⁷ Aqui, Costa remete a uma obra de Benimeli que explicaria esta falsificação. Voltamos aqui ao inimigo apontado por Albuquerque no início de nosso capítulo, Gustavo Barroso, que comenta e faz a publicação em 1936 dos “Protocolos” no Brasil.

Inevitavelmente embora se varie o cardápio de métodos e conteúdos usados para se escrever sobre maçonaria, parece haver uma necessidade de resposta aos temas de 1930 e 1940, que subrepticiamente tem como tema a ligação política e a concepção religiosa da maçonaria.

Têm-se colocado um problema, a partir desta bibliografia, finalmente resolvido. Existe uma chave de leitura a se utilizar para se interpretar a maçonaria sem abraçar um discurso que tenda a defesa, ou ao ataque aos maçons. As ferramentas recentes de que a História se utiliza, como as que levam em consideração o caráter morfológico de fontes e textos, cite-se Carlo Ginzburg e Girardet, ambos com propostas levadas em conta no andamento desta pesquisa. “Um mesmo conjunto mitológico se destaca, coerente em sua arquitetura, imutável no traçado essencial de suas linhas de força. Uma chave de leitura pode ser assim construída, e aplicada, aliás, a tudo o que diz respeito ao legendário do complô”⁴⁸ Esta chave é justamente a observação do padrão de respostas ao mito do complô. Devido à impossibilidade de uma imparcialidade absoluta, pois esta é no

⁴⁷ Costa alerta para o plágio em que se fez de uma obra de um advogado parisiense, “Diálogo dos Infernos Entre Maquiavel e Montesquieu”, provado segundo obra do padre Benimeli “El Contubernio Judeo Masonico-Comunista”. Logicamente não há sustentabilidade para se negar esta falsificação, mas essencialmente não é isto que importa, já que o peso das imagens geradas por estes textos seria suficiente para levar a grande parte dos escritos maçônicos o mesmo tipo de questionamento. Lembre-se de Aslan alertando para as falsificações documentais de fontes maçônicas. COSTA, Frederico G. Breves ensaios sobre a História da Maçonaria Brasileira. Londrina: Editora A Trolha, 1993. p.121

⁴⁸ GIRARDET, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.33

mínimo duvidosa, o lugar de onde se fala, deve sempre ser explicitado para que não se confunda objetividade histórica com verdade histórica.

Têm-se de reportar também a produção acadêmica e como ela vê a maçonaria. No Brasil para se falar em produção acadêmica, deve-se começar por Caio Prado Junior, que possui uma percepção da maçonaria muito mais embebida por uma noção do complô, que se manifesta em sua obra “Formação do Brasil Contemporâneo”, onde a tese de uma conspiração liberal como propõe Gueiros Vieira, transparece claramente.

De qualquer forma, as lojas maçônicas do Brasil são evidentemente organizadas sob encomenda de suas matrizes européias. Em princípios do séc. XIX haviam lojas espalhadas pelos principais centros da colônia, e não só se articulavam entre si e com as da europa, suas inspiradoras, mas com as dos Estados Unidos e das demais colônias americanas....Aliás a maior parte dos personagens que têm algum papel de saliente naquele período é formada de maçons.⁴⁹

É natural, portanto que as teses da academia iniciem a investigação por este ponto, e note-se o contexto em que Caio Prado inicia sua produção acadêmica,⁵⁰ época ainda muito impregnada da idéia da conspiração. Ainda mais quando se falava da Maçonaria, um tema mais polêmico do que estudado profundamente. Assim quando da publicação desta obra específica em 1942, o quadro ainda não havia evoluído muito no quesito pesquisas maçônicas.

Sérgio Buarque de Holanda, em obra que organizou publicada em 1972, “História Geral da Civilização Brasileira”, nos capítulos que tratam do Aerópago de Itambé, e da Revolução Pernambucana de 1817⁵¹, identifica claramente aqueles primeiros movimentos federalistas com a maçonaria. Esta identificação pode até remeter as críticas de Nicolas Aslan aos que associam Maçonaria à revoluções, ou movimentos sociais.

⁴⁹ PRADO JUNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. 10ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1970.

⁵⁰ REIS, José Carlos. As Identidades do Brasil.: de Vanhagen a FHC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. A obra de Caio Prado iniciou-se em 1933 com Evolução política do Brasil, evoluiu com a Formação do Brasil Contemporâneo(1942), e História Econômica do Brasil (1945).

⁵¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. História Geral da Civilização Brasileira, T.II, c. 4º. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

Observe-se ainda que Sérgio B. de Holanda, em um capítulo da mesma obra, que trata especificamente da Maçonaria, faz considerações muito claras discernindo que a maçonaria permanece com seu cabedal ulterior embasada na filosofia do século XVIII e, não nas novas especulações sociológicas que se desenvolviam, assim estaria embebida pela noção de Ilustração daquele século. Segundo o autor, isto dava um caráter niilista as movimentações dos meios militares no período do Segundo Reinado, o que acaba separando corretamente maçons e positivistas comtianos que embora freqüentassem os mesmos círculos, não eram sinônimos.⁵²

O conceito de Ilustração, caro à maçonaria começa a aparecer junto a academia, com Emilia Viotti da Costa que o desenvolverá mais claramente em sua obra *Da Monarquia à República: Momentos decisivos*. A percepção da maçonaria já está mais corretamente dimensionada, e as pesquisas maçônicas já estão em um outro patamar, bem como a visão acadêmica do liberalismo brasileiro. Esses limites do liberalismo brasileiro e o uso de uma Ilustração de fachada, por parte da elite que está no poder vão ser explorados por ela. Veja-se.⁵³

As críticas feitas na Europa pelo pensamento ilustrado ao absolutismo assumiram no Brasil o sentido de críticas ao sistema colonial. No Brasil, Ilustração foi, antes de mais nada, anticolonialismo. Criticar a realeza, o poder absoluto dos reis, significava lutar pela emancipação dos laços coloniais. Nas últimas décadas do século XVIII, as tensões entre colonos e Metrópole se concretizaram em alguns movimentos conspiratórios os quais evidenciavam a influência das Revoluções Francesa e Americana e das idéias ilustradas.⁵⁴

A aceitação de que as idéias liberais do Iluminismo estariam realmente deslocadas em relação ao seu centro de produção européia ganha corpo e uso das idéias como ornamento, e um conceito de Ilustração diferente vem à tona .

... as idéias da burguesia – cuja grandeza sóbria remonta ao espírito público e racionalista da Ilustração – tomam função de ... ornato e marca de fidalguia: atestam e festejam a

⁵² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Da Maçonaria ao Positivismo*. In: *História Geral da Civilização Brasileira*. T-II, 5º Vol. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

⁵³ COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia à República, Momentos decisivos*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

⁵⁴ *Ibidem*. p. 23

participação numa esfera augusta, no caso da Europa que se ... industrializa. O quiprocó das idéias não podia ser maior.⁵⁵

Este debate atual sobre o iluminismo, presente a partir da obra de Schwarz, ajuda à Emilia Viotti reatualizar a visão da maçonaria a um patamar mais plausível para a academia. Assim, há aceitação de uma grande parcela da história, que é similar a das obras maçônicas citadas anteriormente, como a História dos Maçons na História do Brasil. Para que os estudos maçônicos no Brasil alcancem um patamar de crítica que equipare esses novos conceitos de Ilustração, ao que a pesquisa histórica deslindou, é necessária uma superação teórica, não só metodológica.

Parafraseando o professor Ricardo Mário Gonçalves, onde poucos se debruçam sobre a História Social da Ordem, em busca das razões profundas desses comportamentos de escrita da História, deve-se dizer que a História Social pode ser também entendida na relação que o maçom tem com sua Loja e com o mundo exterior, sua própria literatura e a literatura sobre ele. E as criações imaginárias em torno do tema muitas vezes dão o próprio tom do debate travado, tanto nas esferas acadêmicas quanto maçônicas, pretende-se portanto sanar uma pequena lacuna.

A autocompreensão maçônica que conduz à literatura filosófica, literatura histórica e polemizadora estão de algum modo sempre usando a História no corpo de suas construções⁵⁶, e levam o maçom a defender a idéia de ilustração identificada com as transformações sociais e da política enquanto ideal. Procurará afastá-la da política articuladora e da idéias da transformação através da revolução. É sintomática a observação da produção maçônica após a ditadura varguista respondendo as acusações do complô, e mais tarde durante e após a ditadura militar de 1964, manifestando a adesão ao regime. Parece não mais ser necessário alongar-se em exemplos para verificar um mesmo padrão que se repete, na defesa incondicional da Ordem, visto que estes homens prestaram um juramento solene neste sentido.

⁵⁵ SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as Batatas. São Paulo: Duas cidades, 1977. p.18

Os trabalhos de Costa, estão portanto em um momento de aproximação com alguns novos métodos. No já referido texto “A Trolha na Universidade”, Costa em pequenos ensaios irá propondo as novas ferramentas de que conta a disciplina histórica atual que são possíveis com os temas maçônicos⁵⁷, o que revela um reconhecimento da produção acadêmica e sua aplicabilidade na pesquisa, assim segue por mais de um viés metodológico: a história social, as mentalidades, a invenção das tradições e, a observação que estes métodos possam levar a uma percepção menos mitificada da maçonaria e portanto menos dicotômica.

Finalmente, o texto de outro autor maçom em sintonia acadêmica, Ricardo Mário Gonçalves “Quintino Bocaiúva nº 10” de 1998, onde o maçom aplica uma metodologia de História Oral na trajetória de uma Loja, realizando um trabalho que escapa da forma usual que compõe o reduto das pesquisas maçônicas. Graças a esta metodologia que gera fontes recentes, já não está num debate minado pelos ataques do complô. Mas na pesquisa, em que a fonte é o arquivo da Loja ainda aparece em seu texto uma defesa ao antimaçonismo que se manifestará em sua cronologia no ano de 1933 com os embates do integralismo.⁵⁸

O espírito dessas duas obras que revisitam o tema maçonaria, o redimensionam em patamares bem menos pretensiosos e, que sem problema algum adentram no século XX, com o desenvolvimento das Lojas que acompanham o desenrolar dos fatos, mesmo que isto signifique uma mudança das esferas de influência dos maçons. A ligação com as elites, a concepção de Ilustração destas, o envolvimento com a política, o papel e a influência social vivido pela maçonaria ganha um novo sentido, como se vê abaixo.

⁵⁶“... Tradição Inventada na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal” P-21 HOBBSBAWN, Eric. RANGER, Terence. A Invenção da Tradição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

⁵⁷ COSTA, Frederico G. Maçonaria na Universidade. Londrina: Editora A Trolha, 1996.

⁵⁸ Gonçalves já não responde a acusação de complô advinda dos anos 30 e 40, aqui Gustavo Barroso já é visto neste trabalho como um inimigo histórico e suas obras são consideradas já datadas para o pesquisador, mas o alerta para a literatura anti maçônica fica por conta dos acontecimentos contemporâneos no mundo árabe e dos fundamentalistas evangélicos de direita nos EUA, postergado pois para o futuro. GONÇALVES, Ricardo Mário. Quintino Bocaiúva Nº 10: A Trajetória de uma Loja Maçônica Paulista (1923-1998). São Paulo: Divisão de Arquivo do Estado, 1998

A intensa participação da Maçonaria na vida política do país no século XIX, da luta pela independência à implantação da república, se explica pelo fato da maioria de seus membros pertencer à elite dominante. Entretanto, como observa José Castellani (Castellani, 1994 p.90), a partir dos meados do século passado a composição da Maçonaria começou a ser alterada, com o ingresso crescente de elementos provenientes da classe média. Hoje em dia, no dizer do pesquisador maçônico Júlio Doin Vieira (Doin, 1997,p.40) seria um típico movimento da classe média.⁵⁹

O texto revela esta ruptura, já que as primeiras obras supunham ou pretendiam que a maçonaria estivesse realmente influenciando seus membros, captados da elite ilustrada à uma missão libertária. A manutenção desta tensão maçons X antimaçons, através desta literatura dicotômica, e que alimentava essa atmosfera de “sociedade secreta” quer de um, lado quer do outro, parece que se quebra.

Conforme demonstra Girardet, as imagens da santa conjuração, ou da conspiração benéfica a sociedade são a única resposta possível ao ataque que aponta para o segredo do complô. Pode-se avaliar então, desde as primeiras condenações eclesiásticas, à Maçonaria, até aos momentos políticos diversos um padrão de respostas constante na história da Maçonaria, que se faz presente na evocação da Inconfidência Mineira, na Independência do Brasil ou ainda na Abolição Lenta e Gradual do Escravo.

Esta mesma tensão que se alimenta do segredo é até então utilizada para a escrita da História da mesma. E aqui ao apontar-se o segredo, pode-se delinear para uma revisão dos temas que são pertinentes à maçonaria

1.2 A realidade da Loja (Poder Local: Poder do Maçon)

A despeito de qualquer entendimento do caráter que possa assumir a literatura maçônica, durante a década de 1940 inúmeras Lojas pelo interior do Brasil, começaram a formar suas bibliotecas, no mais das vezes, por meio de doações dos membros e de Lojas com quem mantinham contato freqüente.

As obras de Tenório d'Albuquerque contam com espaço nas prateleiras, na Loja União III de Porto União, o acervo que se pode relacionar parece não sofrer acúmulo de

⁵⁹ Ibidem p. 77

títulos sobre a própria maçonaria . A maioria de livros de que conta a Loja nesse período foi fruto da doação do maçom Miguel Novacoski que de 1940 até 1946 lê romances com conteúdos variados, dos livrinhos de bang - bang americano de Max Brand às obras de José de Alencar. Um considerável número de obras são romances que tem por mote a Rússia comunista e as lutas do socialismo como O Espião, de Máximo Gorki e algumas obras de Tolstói.

A partir de meados da década até 50, aparece um interesse sobre a Maçonaria ou por assuntos de caráter mais espiritual. Os mistérios da Umbanda, Alan Kardec, bem como a Romanização católica escrita por Jorge Buarque Lira, notório maçom, entram em pauta. E não se pode esquecer das obras de cunho local de José Pacheco Cleto como Folhas e Grimpas do Sertão e Roteiro de dois turistas. É por meio de sua livraria que os livros chegam às mãos dos leitores da Porto União antiga.

Do acervo o que não era fruto da doação deste Irmão da Loja União III, eram obras de caráter mais documental, como "A Nova Política do Brasil", de Getúlio Vargas, ou "Um Bispo Missionário e Ação Católica Brasileira" de Maria Stella Novaes.

Nas bibliotecas particulares dos maçons destacam-se os trabalhos de caráter esotérico e simbólico, dos volumes teosóficos da Doutrina Secreta de Helena Blavatski ao único livro maçônico de Dario Vellozo, Templo Maçônico, especialmente este último sendo muito comprado.⁶⁰ As obras históricas como as do Frei Kloppenburg, A Maçonaria no Brasil e de D'Albuquerque entretanto são as mais consultadas, com vistas a responder à atribuição do complô. Lá estavam nessas obras, nos momentos decisivos da história do Brasil, os maçons, infiltrados num complô benéfico à sociedade como um todo.

O cotidiano é, portanto, diverso ao do universo dos livros, a trajetória de um maçom e burguês do iluminismo como Joseph Sec, resgatado por Vovelle, numa

⁶⁰ Conhece-se o tema das obras adquiridas por maçons, através das consultas de comandos fiscais da Loja para com o Grande Oriente na remessa de dinheiro e por outras correspondências inter lojas ou editoras.

provincia da França, nos faz pensar nessa classe média e não tão ilustrada quanto à elite aristocrática,⁶¹ elite que teria feito a Independência, a Abolição e a República.

Por meio desta literatura, o quanto de um simbolismo sincrético maçônico haveria de penetrar no dia a dia de uma "elite" de ferroviários e funcionários públicos no interior brasileiro. Na mentalidade e no entendimento do que seria o ser maçom na sociedade. Para intelectuais como José Cleto e Alvir Riesemberg, ou de um cartorário como Nitto Gaspari, como agir efetivamente, embora a discussão política e religiosa fossem proibidas entre colunas. A história social da Ordem, como quer Gonçalves, ou aquilo que importa para essa história, pode ser levantada na interface ordem - mundo profano, no cotidiano das Lojas, na busca de uma mentalidade maçônica, muito mais que de uma ideologia monolítica. A fonte primária e o poder político ou espiritual do maçom fixado nela, no ato de sua produção, dá uma noção do complô real e da autocompreensão do que isto representa.

No documento abaixo, (a carta) nos remete a uma conspiração real, muito menos pretensiosa que os imaginários forjados ao sabor das interpretações fantasiosas.

À GL'. DO SUPR.'. ARCH.'. DO UNIV.'.

À Glória do Grande Arquiteto do Universo.

**Gr.'. Or.'. e Supr.'. Cons.'. do
Brasil**

**Grande Oriente e Supremo Conselho
do Brasil**

**Secret.'. da Aug.'. e Resp.'. Loj.'. Cap
.'. União 3ª.**

**Secretaria da Augusta e Respeitável Loja
Capitular União 3ª**

**Val.'. de Porto União (Sta. Catarina), em
7 de fevereiro de 1943**

**Vale de Porto União (Sta. Catarina), em 7
de fevereiro de 1943**

⁶¹ VOVELLE, Michel. Joseph Sec: A Confissão de um Burguês Vencedor. In: Imagens e Imaginário na História. Fantasmas e Certezas nas Mentalidades desde a Idade Média até o Século XX. São Paulo: Ática, 1987.

⁶² Arquivo Particular União III - Pasta 1943 folha 7, reprodução de documento enviado. As grafias das fontes estão conforme o original

Presado Ir .'. 18 .'. Amaro de Jesus Pereira
Lima

Mafra



Levo ao conhecimento do poderoso Ir .'.
que a Loja União IIIª tomando
conhecimento do brutal vexame por
passates deliberou por unanimidade de
votos, boicotar a Barbearia Gaucha, não
admitindo que qualquer de seus membros
entre nesse estabelecimento comercial,
como sinal de protesto e repulsa pela
afronta por vós sofrida por parte de seu
proprietário. Dessa maneira expressamos-
vos a nossa inteira solidariedade e leal
simpatia ao bom e digno Ir .'. .

Saudações fraternais,

*O Gr .'. Arch .'. do Univ .'. vos ilumine e
guarde como convem aos altos interesses
da Ord .'.*

Vos .'. af .'. Ir .'.

Presado Irmão Grau 18 Amaro de Jesus
Pereira Lima

Mafra.

Stabilitas, Sapientia, Salu

(Estabilidade, Sabedoria e Saúde)*Latim*

Levo ao conhecimento do poderoso Irmão
que a Loja União IIIª tomando
conhecimento do brutal vexame por
passates deliberou por unanimidade de
votos, boicotar a Barbearia Gaucha, não
admitindo que qualquer de seus membros
entre nesse estabelecimento comercial,
como sinal de protesto e repulsa pela afronta
por vós sofrida por parte de seu proprietário.
Dessa maneira expressamos-vos a nossa
inteira solidariedade e leal simpatia ao bom
e digno Irmão .

Saudações Fraternais,

*O Grande Arquiteto do Universo vos
ilumine e guarde como convem aos altos
interesses da Ordem .*

Vossa Afirmação Irmão

Esta correspondência encontrada nos arquivos da Loja União III faz parte de um corpo muito maior de correspondências ordinárias que retratam o dia-a-dia da loja e das relações de seus obreiros. Este documento pode dar origem a várias leituras, que vão desde o corporativismo dos membros, o uso das abreviaturas⁶³ em uma análise iconográfica e/ou simbólica e também é uma amostra dos laços fraternais que unem os membros em uma comunhão discreta perante a sociedade.

O fato que deu origem a esta carta emitida pela secretaria da Loja ocorreu dias antes no mês de janeiro, em uma barbearia da cidade de Porto União em que o seu proprietário acaba negando a entrada do maçom Amaro, alegando que por ele ser preto não lhe dava a liberdade de ocupar assento em seu estabelecimento. Este indignado pela *"... tão absurda e lamentável atitude anti democrática do proprietário..."*, resolve comunicar seus companheiros de Loja, que por falta de uma outra medida efetiva possível, acabam tomando esta postura e lavrando tal fato em ata no dia 29 de janeiro de 1943.⁶⁴

Diante dessas possibilidades de interpretação faz-se necessário reter aqui algo que passa despercebido na maioria das leituras que se fazem das relações maçônicas e que poderá nos dar uma base de compreensão acerca do ser maçônico. O uso do termo "Poderoso Irmão", mais especificamente o termo pertinente ao poder, abreviado, na maioria das vezes na forma *pod .!* e que precede um grande volume de comunicações, em que o destinatário é o Venerável em exercício da Loja ou o secretário que está normalmente encarregado das funções burocráticas. Cumpre observar que tal adjetivação dá-se após a elevação dos irmãos ao grau dezoito, Cavaleiro Rosacruz, mas muito mais

⁶³ BELTRÃO, Carlos ^a B. As Abreviaturas na Maçonaria. São Paulo: Madras, 1999. - Ver anexo 5

⁶⁴ Livro de Atas n.º VI. p. 110

freqüente é o seu uso quando o membro é portador dos graus ditos administrativos, 30, 31 e 32 ; e ainda simultaneamente ocupa cargo temporário, como já descrito.

A singularidade do caso do maçom Amaro, é o fato do termo estar grafado por extenso a este irmão queixoso, colado ao grau 18 , quando o próprio venerável da Loja Ir .'. Dr.'. Victório Franklin, colado ao grau 30, em ata está sendo designado pela forma abreviada.

Para o maçom, o ser maçônico está intimamente ligado ao poder. A forma com que este poder irá se manifestar não se dá somente em sua história, também acontece nas práticas cotidianas. O entendimento do que seria o poder e a força que tem a imagem do conluio na história maçônica, comparar as práticas à representação maçônica joga novas luzes de como se pode proceder para extrair novos significados, e ajuda a levantar algumas proposições em torno do segredo que é um conceito chave na medida em que permite esta exploração.

Da historiografia maçônica que se pode levantar observa-se que um grupo constrói a história na qual se privilegia a história *événementielle*, mudadas somente nas últimas duas teses de mestrado defendidas junto à Universidade.⁶⁵ Entretanto nem mesmo nelas há um entendimento mais acurado do que é o poder, ou como nessas pesquisa o poder é analisado.

Parece efetivamente que a sociologia está afinada com o tema da maçonaria como objeto de estudo. Pode-se dizer que nos títulos das ciências sociais, o mote 'Sociedades Secretas' dá origem a inúmeros trabalhos, calcados nos mais diversos argumentos fundados muito na mística que o assunto alimenta.

Nas interpretações sociológicas, o caráter é generalista e admite ligações secretas em tantos níveis de poder e controle social que seria difícil compreender a realidade sem

⁶⁵ O grupo referido consta de pesquisadores como José Castellani e outros ligados ao Grupo de pesquisa maçônica Quator Coronati, e a Academia de Letras Maçônica. Os autores das duas teses são:
COSTA, Frederico Guilherme. A Maçonaria e a Emancipação Lenta e Gradual do Escravo. Londrina: Editora "A Trolha", 1999
BARATA, Alexandre Mansur. Luzes e Sombras: A Ação da Maçonaria Brasileira (1870-1910). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999

apelar para o fantástico e sem reforçar a idéia de uma influência de poder ascendente destas em relação ao Estado. Como exemplo desse viés ressalta-se a sujeição de Adolf Hitler a um satanista como Aleister Crowley, que vinha dos meios iniciáticos e maçônicos, ou ainda, dos conluíus realizados entre o fascismo do Duce italiano com a maçonaria. O que em ambos os casos, explicaria o controle hipnótico destes governantes sobre as massas. As ligações com o poder maçônico ficam evidentes na ascensão do nazifascismo aos rumores do anticristo.⁶⁶

Sequer Gramsci é poupado em sua ingenuidade, quando a 16 de maio de 1925 falava na Câmara dos Deputados da Itália e alegava, sob o olhar atônito do Duce, que o verdadeiro alvo da repressão contra a maçonaria, era o partido comunista já que o aparato policial o considerava uma associação secreta.

Portanto, o caráter fraticida da luta contra a maçonaria era necessariamente temporâneo e instrumental, tendia à absorção das forças da democracia liberal pelo sistema hegemônico do fascismo na sua ação antiproletária e por isso podia-se prever, com toda facilidade - concluía Gramsci - que a luta terminaria num compromisso.⁶⁷

É certo que as propostas que cada autor empreende nem sempre passam por uma problemática do poder, embora o poder apareça de formas inequívocas. A sociologia com este mote acaba gerando trabalhos que dificilmente identificam a fonte do poder, apenas como ele se manifestaria na maçonaria na forma pela qual já desenvolvem os escritores maçons, ao menos nos trabalhos mais recentes.

O 'poder' cristalizado nas correspondências ordinárias, e portanto involuntário,⁶⁸ talvez sirva a algumas reflexões. Vejamos um comunicado do Delegado Especial da Ordem provindo da Loja Ordem e Trabalho do Oriente de Florianópolis em 4 de março de 1940 informando da sessão fúnebre do General José Maria Moreira Guimarães.

Ao Ill.º. Pod.º: VEN.º: AUG.º: e RESP.º: LOJ.º: CAP.º: ...

⁶⁶ VANONI, Gianni. As Sociedades Secretas: Do século XVIII ao XX. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988

⁶⁷ Ibidem. p. 289

⁶⁸ GLÉNISON, J. O Objeto Material da Pesquisa: O Documento. In: Introdução aos Estudos Históricos. p.137

Dou em seguida conhecimento a essa Veneranda Oficina do teor da prancha : hoje recebida da **Pod** : Ir : Gr : Secret : Ger : da Ord :, e ...
... sess.: funebre em homenagem á memória do **Pod** : Ir : 33 : General Dr. José Maria Moreira Guimarães, saudoso chefe.⁶⁹

Fica mais patente o uso e a distinção que nosso distinto irmão Amaro recebeu, já que sequer a tinha recebido o General que foi Soberano Grande Comendador Grão-Mestre do Grande Oriente Supremo Conselho, no período de 1933 a 1937.⁷⁰

Or.: De Irati, 2 de março de 1940
Il.: e **Pod** : Ir : 30 :
Nelson Dias
Dd : Secre : Da Loj : União III⁷¹

Or. : de Ponta Grossa, 3 de novembro de 1940.
Ao **Pod** : Ir : da Bem : Loj :
União III Porto União
... inclusive a honrosa presença do **Pod** : Ir : Deleg : do Gr : Mestr : Ger : da Ord :.⁷²

Curitiba, 15 de abril de 1945 E : V :
Ao **Pod** : Irm : Ven : da Aug : e Ben : Loj : União III
Aceitai, **Pod** : Irm : Ven : o abraço triplice-fraternal do nosso **Pod** : Irm : Dr. Jorge Karam, ...⁷³

Val : de Porto União (Sta. Catarina), em 17 de novembro de 1950.
Ao **Pod** : Ir : Secret : da Aug : e Gr : Ben : Loj : Dario Vellozo Curitiba.⁷⁴

E assim poderíamos continuar a pinçar da correspondência arquivada, que detinha as mais diversas finalidades, a freqüência e o uso do termo, seja nos cabeçalhos, seja no

⁶⁹ Arquivo Particular da Loja União III - Pasta 1940, fl -06. Os grifos em negrito são nossos. Trad. [Ao irmão poderoso venerável da augusta e respeitável loja capitular. - Dou em seguida conhecimento e essa Veneranda Oficina do teor da prancha hoje recebida da poderosa irmã grande secretaria geral da ordem e... sessão fúnebre em homenagem á memória do poderoso irmão grau 33 General José Maria Moreira Guimarães, saudoso chefe.]

⁷⁰ CASTELLANI, José. O Supremo Conselho no Brasil: Síntese de sua História. Londrina: Editora Maçônica "A Trolha", 2000 pg- 235-237

⁷¹ Arquivo Particular Loja União III. Pasta 1940, fl 08

⁷² Ibidem, fl 27 Trad. [Oriente de Ponta Grossa, 3 de novembro de 1940. Ao poderoso irmão da benemérita loja União III Porto União ... inclusive a honrosa presença do poderoso irmão delegado do grão mestrado geral da ordem.]

⁷³ Ibidem, Pasta 1945, fl -16

corpo do texto em uma série considerável de documentos de 1936 à 1950, verifica-se que eventualmente se dá uma mudança nas formas consagradas.

Inequivocamente o termo 'Poderoso' aparece acompanhado do termo fraternal 'Irmão'. Mas, afinal, pode-se considerar contraditório um conceito de poder no âmago de uma fraternidade ? Na obra de Sobrinho a justificativa do uso do 'Irmão' está assim delimitada.

...Maçonaria convive num sistema social, pois tem um objeto - o homem, um discurso - procurar e encontrar a verdade e um método, pelo conhecimento sensível ou, algumas vezes empírico. Na Maçonaria, compreender o gregário, o todo, e não o individual ou a formação individualista, mas sim um agir um sentir e mesmo pensar de modo coletivo, empregando a expressão Irmão para os pares e Irmandade ou Confraria para o todo.⁷⁵

Por esta razão, entendendo-se que o uso do termo 'Irmão' os iguala dentro de um todo maior, se começa a entender as clivagens sociais, nesse todo, já que o termo Poderoso os distingue, tanto em relação às hierarquias internas dentro da própria organização, quanto daqueles indivíduos que anteriormente portadores de um certo poder social ou político específico. Seria o caso de um prefeito ou de um chefe de polícia ser considerado de antemão poderoso.

É neste momento que se torna interessante uma análise mais acurada do primeiro documento. Parte-se do pressuposto de que a maçonaria reproduz um discurso basicamente republicanista e, evidentemente, a favor do modelo democrático. A própria forma, que se lê no documento e de como foi justificada ao irmão "... deliberou por unanimidade de votos,..." mostra-os no exercício pleno desta postura democrática e de sua lisura para com o irmão de cor negra.

No cerne deste incidente o problema da discriminação racial impele a Ordem e seus membros a se posicionarem sobre um assunto que diria respeito especificamente a Loja já que em outros níveis sociais esta providência não se daria. Na sessão em que se

⁷⁴ Ibidem, Pasta 1950, fl - 27

⁷⁵ SOBRINHO, Otacílio Schüller. Maçonaria: Introdução aos Fundamentos Sociológicos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999 - pg 103

discutiu a ocorrência envolvendo o irmão Amaro foi cogitado o acionamento da ação policial e todavia constataram de que nada adiantaria.⁷⁶ Assim o que confere ao maçom Amaro a distinção do termo em sua forma extensiva, além de ser portador do grau 18, foi justamente a condição que permitiria a ordem exercer de maneira mais acabada, um 'poder' ainda que de forma secreta e vedada aos profanos.

Provavelmente isso representasse muito pouca diferença no montante total dos clientes da tal barbearia, mas com certeza uma carga de efeito moral e emocional dentro da Loja. Esta mobilização constrói não só a união dos membros, mas idéia de poder bem específica e pode-se dizer, um poder social e simbólico.

Após essas ponderações cumpre observar que estes recursos de exercício do poder, ou melhor ainda, que certas atitudes geram expectativas de poder. As imagens sociais que um grupo faz de distribuição do poder, contribuem para determinar os comportamentos em relação ao poder. Segundo Stoppino o poder se dá de forma mais acabada quando um indivíduo modifica sua conduta sem que se tome atitudes efetivas para tal, baseado, portanto nas expectativas de exercício do poder.⁷⁷

Anote-se que esta noção de poder pode ser tomada como "influência" social e acaba gerando ambigüidades e conflitualidade. No exemplo dado é provável que existisse algum membro portador de preconceito racial, mas que, devido a expectativa do discurso democrático, votou com os demais membros da Loja, mantendo assim a unanimidade de posicionamento.

O poder é dado à medida em que as decisões são ocultadas pelo juramento do sigilo em relação aos profanos e pelos sucessivos graus que dentro da hierarquia fecham as decisões em grupos cada vez menores, mesmo que essas decisões não afetem efetivamente ninguém. Essa imagem social é reproduzida, inclusive, fora da instituição. A imagem da reunião secreta, é o que gera expectativas de poder para o maçom.

⁷⁶ Livro de Atas nº VI. p. 110

⁷⁷ STOPPINO, Mario. Poder. In: BOBBIO, Norbert. Dicionário de Política. Brasília: UNB, 1986. p. 937

Esse entendimento do poder pode ser estendido aos textos em que aparecem os maçons desde 1936 com a publicação do livro os "Protocolos do Sábios de Sião", pelo líder integralista Gustavo Barroso, ou "Judaísmo, Maçonaria e Comunismo", de 1937. Os conselheiros secretos, o papel da imprensa e o poder do liberalismo decidido sempre em altas esferas⁷⁸ e nos círculos judaicos. Este entendimento permite perceber, na particularidade da fonte local o mecanismo de poder construído sobre esta imagem.

O estudo da política requer um método de investigação, que pode ser pelas posições formais das pessoas que deteriam poder na sociedade. Posições como a do prefeito ou dos vereadores, mas ao seguir essas colocações formais, como se viu neste caso, não se encontra a lógica deste poder. A noção de poder é modulada, caso á caso, melhor seria ainda dizer historicamente, o exemplo do irmão Amaro revelou esta rede de proteção subterrânea que até inverte por alguns momentos estas posições.

Concebendo o poder maçônico como influência sobre a sociedade, poder-se-ia demonstrar o improvável como usualmente se faz, e procurar a lógica de ascendência do poder maçônico sobre a sociedade, ou sobre os homens que vão resultar numa "ação da maçonaria". Essa interpretação pode dar um sentido esperado ao ser maçônico que por exemplo poderia enxergar-se nos documentos abaixo:

15 de março 1950

Exmo. Snr. Dr. Norberto Miranda Ramos

M. D. Juiz de Direito

Nesta

A Loja Maçônica União 3ª, em sua última reunião resolveu por unanimidade, congratular-se com V. Exa., pela louvavel atitude tomada em represália ao jogo, o que já avassalava esta cidade, portanto em detrimento moral e a sociedade.

Sendo nosso dever cooperar sempre ao bem social, vemos no gesto de V. Exa. Toda admiração e acatamento, e que o Grande Arch.'. do Universo vos ilumine e guarde como convém aos altos interesses de V. Exa.

Nitto Gaspari, Presidente. ⁷⁹

⁷⁸ BARROSO, Gustavo. "Os Protocolos dos Sábios de Sião". Porto Alegre: Editora Revisão, 1989.

⁷⁹ Arquivo Particular da Loja União III - Pasta 1950, fl-06 Sic

Ou ainda :

PREFEITURA MUNICIPAL DE PÔRTO UNIÃO
Santa Catarina - Brasil

Gab.

Nº . 246/41

Pôrto União, 28 - 4 - 1941

Ao

Vem. Presidente da Loja Cap. 'União 3ª',

Nesta Cidade

Formulo o presente para acusar o recebimento da atenciosa missiva dessa resp. Loja, datada de 24 do mês em curso, que veio acompanhada pela importancia de CINCOENTA MIL REIS (50\$000), destinada para a manutenção de uma das escolas municipais instaladas no dia natalício de S. Excia. O senhor Presidente da República. -

Em nome dos pequenos patrícios que frequentam a escola municipal 'Getulio Vargas e em meu próprio, apresento aos componentes dessa respeitavel Loja os meus melhores agradecimentos. -

Atenciosamente

Hellmuth Müller, Prefeito Municipal. ⁸⁰

Uma política maçônica se poderia delinear, mas a lógica que explicaria facilmente uma ação maçônica em algumas obras empiricamente bem comprovadas,⁸¹ nem sempre funcionam; tanto na influência de outros tempos das campanhas abolicionistas quanto sobre o republicanismo. O que os maçons pretendem não é a política comum de interferência nos processos decisórios, mas sim uma 'Alta Política', em que os ideais entram no jogo de um poder não mensurável.

Os politólogos desenvolveram uma série de conceitos para se pesquisar a ação política e sua relação com o poder, bem como as regras do jogo na formulação dessa ação. Evidente que nem sempre as regras do jogo se equiparam ou se igualam a noção de poder

⁸⁰ Arquivo Particular da Loja União III. Pasta 1941, fl-07

⁸¹ Me refiro justamente algumas obras de Castellani e Frederico Costa e a tese de Alexandre Barata.

dada por eles, mas conceitos como o da reciprocidade no intercâmbio⁸² de poderes e influências poderiam servir aqui nessa perspectiva.

Entretanto a noção de 'influência' não passa para as esferas de atuação da autoridade constituída. Alcançaria-se mais respostas se as fontes tratassem da implementação de políticas reais junto à sociedade. Esta concepção de 'influência' que o maçon tem de sua pertença, não condiz com a já apresentada aqui, extraída do dicionário de política de Norbert Bobbio, parece que o grupo está invariavelmente fechado em sua própria dinâmica

O viés de análise, que pretende entender a formação dos grupos de interesse talvez fosse produtivo, muito embora aquilo que tomou emprestado da psicologia social esvazie justamente a vivência interna desses grupos. Assim a participação dos membros em outras atividades além da propaganda é considerada nula. "Para entrar no jogo é preciso uma organização; a publicidade e outras atividades do grupo servem apenas como rituais."⁸³

Talvez não haja novidade no que foi considerado até aqui, quando se pensa em Georg Simmel⁸⁴ e que suas considerações sobre o isolamento das sociedades secretas foram anteriormente dadas, o que explicaria a relativa autonomia desses grupos graças a sua individualização. Ou ainda em Serge Hutin⁸⁵ que versa sobre o psicologismo que as condições do Juramento Maçônico gera no iniciado, já que esse iniciado se sentiria como parte de um grupo especial e de certa forma fora dos padrões convencionais da moral .

Desta forma, a dinâmica interna do grupo em torno das práticas do segredo, principalmente para se fazer filantropia, parece ser a norma mais comum e o fator preponderante para se construir uma concepção de influência maçônica sobre a sociedade. Outros teóricos já apontaram para a autonomia destes grupos, revelar que há um segredo, parece ser a forma mais duradoura de se manter uma dúvida influência social.

⁸² LIMDBLOM, Charles. O Jogo do Poder. In: "O Processo de Decisão Política" Brasília: Ed. Da UNB, 1981. p.44

⁸³ Ibidem . p. 80

⁸⁴ Apud BARATA, Alexandre Mansur. Luzes e Sombras: A Ação da Maçonaria Brasileira (1870-1910). Campinas, SP: Editora da Unicamp. 1999. p.105

⁸⁵ HUTIN, Serge. As Sociedades Secretas. 2ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959. "Col. Saber Atual"

Observa-se, contudo que, desde muito tempo, a idéia do poder do maçom como influência social é forte na auto imagem maçônica. Percebe-se que esses funcionamentos procuram tecer uma rede paralela de poder, cujo exercício usa como caminho o imaginário, construído na densidade das falas cotidianas das correspondências do dia-a-dia.

A autocompreensão do ser maçônico passa pela literatura e por suas práticas rituais e sociais. No plano dos rituais e seus simbolismos veja-se alguns dos manuais de Rizzardo Da Camino, cujas idéias, mesmo quando reeditadas continuam a suscitar vivo interesse na sociedade dos profanos. Outro exemplo é o do Abade Gabriel Luiz Calabre Perau, que revelava todos os "segredos" da maçonaria já em 1745 ⁸⁶, seus sinais de reconhecimento social, a tripontuação nas abreviaturas e assinaturas dos documentos, a natureza dos rituais em Loja e seus catecismos.

Este conjunto de representações identifica o maçom e o distingue, forja uma aura que o acompanha principalmente nas cidades do interior brasileiro, em que o anonimato não existe e a expectativa do proibido pelas autoridades da Igreja acabam por forjar uma imagem do poder oculto no homem maçom, para este essa aura que advém de seu sincretismo esotérico, somada ao idealismo filosófico, resulta em uma expressão da política, ainda que ela não invalide outros aspectos da realidade maçônica.

⁸⁶ PERAU, Gabriel Luiz Calabre. A Ordem Maçônica Traída e seus segredos revelados. Londrina: A Trolha, 2001

2.0 O Imaginário Externo da Maçonaria

2.1 - Uma Memória da Maçonaria.

Por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história.⁸⁷

A história e a memória nem sempre são divergentes ou concorrentes, atualmente os debates sobre essas questões parecem ainda jogar com esta polemização, somente no sentido de como aprimorar o uso da técnica da história oral nos trabalhos acadêmicos.⁸⁸

Por motivos diferentes, também os historiadores profissionais provavelmente não pensam em seu trabalho como "história oral". Seu enfoque é sobre um problema histórico que escolheram e não sobre os métodos utilizados para resolvê-los; e geralmente optam por utilizar a evidência oral juntamente com outras fontes, e não sozinha.⁸⁹

Os homens e mulheres entrevistados para contar suas memórias sobre a maçonaria aceitaram com reservas o convite, seja porque se julgavam com pouco conhecimento sobre o assunto, no caso das mulheres, seja pela natureza do juramento prestado em Loja no caso dos homens. Em ambos os casos, acabaram revelando muito mais do que pretendiam, e proporcionaram à pesquisa um material de outra ordem, mas que considerando o problema histórico dado, não apresentou discrepância com a documentação levantada, a diferença ficou na forma.

A força social do segredo maçônico permanecia intacta e, mais ainda, revelava-se mais forte nos silêncios do que nas falas, nas negativas e na auto-censura. Entretanto, esses silêncios e negativas não oferecem material ao historiador, ou, até pior, ocultam em certos casos. A auto-censura parece ser um sinal claro da subjetividade que permeia todas as entrevistas em que o tema maçonaria é invocado, seja nas falas dos membros, seja na fala daqueles que estiveram em contato com eles.

⁸⁷ THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

⁸⁸ FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

⁸⁹ THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 105

O estudo da memória acaba por mostrar que toda fonte histórica está comprometida com a subjetividade, como propriamente lembrou Thompson ao questionar o valor da evidência do testemunho oral quando equiparada ao documento escrito. Entre maçons que prestaram depoimentos a respeito de sua fraternidade e especificamente de sua Loja, o tom é inequívoco, o segredo permanece como uma estática ou pano de fundo, gerando uma tensão entre o que o entrevistado tem a perguntar e o que se deve responder. A subjetividade que poderia atrapalhar a pesquisa constitui a própria forma da expressão das revelações.

O próprio registro objetivo de como esses homens enxergam seu passado e suas vidas, já aponta para algo que é vivenciado socialmente e que não nasce somente no ato da entrevista.⁹⁰ Ela lhe dá corporalidade e segundo um modelo de associação livre é possível que respostas originais procurem resolver essa tensão propondo uma colocação que a dilua, logo no início ou a mantenha por todo o tempo da fala. E o 'segredo' maçônico é em síntese o gerador dessa tensa relação profano-iniciado. Ghassoub Domit ao ser entrevistado já foi logo revelando-o, segundo a autocompreensão maçônica:

Eu tenho contato com a maçonaria desde 1929, quando fui batizado na maçonaria, mas só entrei mesmo em 1967. O segredo da maçonaria, não existe propriamente um segredo, o segredo é que a maçonaria sempre patrocinou revoluções contra opressões e etc. O segredo eram as decisões que tomavam ali, porque se transpirassem para fora, então eram atacados pelo governo, etc contra ela.⁹¹

Em contexto diferente, um outro entrevistado maçom quando perguntado se os maçons tem algum trato fechado entre eles e sobre as histórias que a vizinhança comenta a respeito, o senhor Marcelino Maia fala sobre a reserva dos membros, mas não se manifesta sobre a natureza de algum segredo.

⁹⁰ Ibidem p. 258

⁹¹ DOMIT, Ghassoub. Entrevista concedida a Jefferson William Gohl : Biblioteca Fundação Faculdade Filosofia Ciências e Letras, 1998

Noutro tempo! Mas isso às vezes até antes de eu ser maçom, isso há muitos anos ela era mais fechada, compreende. Era difícil a pessoa obter qualquer informação sobre maçonaria porque eles se fechavam. Mas hoje em dia !⁹²

De qualquer forma os dois maçons da União III, apesar de terem percepções aparentemente diferentes do 'segredo' possuem uma visão mais homogênea a respeito da Igreja.

É, mais livre. Noutro tempo era muito fechado. Porque hoje a Igreja Católica não cria mais obstáculos para a maçonaria, agora já criou nos tempos antigos. Havia sempre aquela discordância deles com a maçonaria. Mas isso com o tempo foi aliviando, eles cuidam da parte deles, a parte religiosa, e nós também nunca se envolvemos com essa parte. Cada um tem o seu caminho.⁹³

Ou ainda:

Outra coisa a se falar, é que ela (a Maçonaria) sempre defendeu a sociedade contra a pressão da Igreja, e particularmente essa (Loja) aqui na cidade se destaca nisso... ...Defendeu em geral, foi contra esse movimento da Igreja essa repressão, sabe como é eles acham que só tinham diabos com a gente. Inclusive o Papa João XXIII fez uma oração se desculpando perante a maçonaria.⁹⁴

A concepção que liga socialmente membros e profanos e que está fortemente arraigada é da participação dos maçons na vida política dos Estados.

Religião! Religião é tudo aquilo que é reto ou de bons costumes, não importa se é Cristão, Muçulmano, Católico tem muita coisa aí. Tem um rei da Jordânia que é maçom.⁹⁵

Não ! Histórico-maçônico, porque a História mesmo, Geral, ela tem muita coisa envolvida na maçonaria. Sim! Porque, você sabe que a própria proclamação da República, já teve início ou teve idéias, tudo apresentado por maçons. Então ela sempre está envolvida, desde o início está, e é claro que estará, nessas situações políticas. Já tem aparecido muito, você lendo livros por aí você vê mesmo isso.⁹⁶

⁹² MAIA, João Marcelino. Entrevista concedida a Jefferson William Gohl : Biblioteca Fundação Faculdade Filosofia Ciências e Letras, 1997

⁹³ Idem

⁹⁴ DOMIT, Ghassoub. Entrevista concedida a Jefferson William Gohl : Biblioteca Fundação Faculdade Filosofia Ciências e Letras, 1998

⁹⁵ Idem

⁹⁶ MAIA, João Marcelino. Entrevista concedida a Jefferson William Gohl : Biblioteca Fundação Faculdade Filosofia Ciências e Letras, 1997

Natural é que as pessoas que convivam com maçons, acabem percebendo a maçonaria pelos elementos que mais importam a esses.

Outra coisa que você também já deve saber, é que no começo na época do Dom Pedro, Dom Pedro também era ! Que Dom Pedro... Que a Maçonaria sempre fez as coisas... eu não sei também muita coisa da maçonaria, mais o que eu ouvi falar. Eles sempre fizeram, por exemplo eles ajudam as viúvas, as pessoas carentes. Sem até dizer quem é, da onde vem o dinheiro.⁹⁷

Aqui tem outra data, e atrás diz Getúlio, Joaquim Pedro Salgado e Osvaldo Aranha, que foi um grande estadista, na época.

Aqui meu pai recebeu "terceiro sargento", salientando a bravura da reserva. Aqui o avaliador da fazenda Estadual, aqui o interventor estadual de Santa Catarina, nomeando, tudo com selo do governo...

...Em março, ele foi nomeado para este cargo de conciliador. Por isto que estes documentos vieram todos para a mão dele. Aqui já tem mais umas assinaturas do Osvaldo Aranha, foi ministro o Osvaldo Aranha. Então meu pai, na realidade ele era maçom.⁹⁸

Mas uma diferença se faz na medida que as mulheres se vêem impossibilitadas de conhecer o segredo maçônico. Assim a percepção do que seja a maçonaria no seio da sociedade de Porto União será sempre dada pelos homens, maçons ou ainda pertencentes à Igreja.

Veja, as mulheres na época que a Maçonaria era bastante perseguida, perseguida não, combatida pela Igreja Católica, as mulheres se redobravam em ser pessoas beneméritas dentro de uma comunidade. E frequentar a igreja, fazer muita coisa pela Igreja. Por que elas queriam se redimir pelo marido. Então isso era muito comum.⁹⁹

O combate à maçonaria por parte da Igreja, permanece vívido ainda na memória das mulheres que acompanharam o desenvolvimento da sociedade de Porto União e União da Vitória, e suas implicações nas relações cotidianas:

⁹⁷ MATZEMBACHER, Lili. Entrevista concedida a Jefferson William Gohl : Biblioteca Fundação Faculdade Filosofia Ciências e Letras, 2002

⁹⁸ DEZORDI, Gessy Matzembacher. Entrevista concedida a Jefferson William Gohl : Biblioteca Fundação Faculdade Filosofia Ciências e Letras, 2002

Vou dizer para você, a igreja sempre teve dois lados: o lado direito e o lado esquerdo. E isso é uma coisa que existe em todas as portas. Os dois lados integrantes dentro, o lado mais específico disto tudo são bancos do lado direito e bancos do lado esquerdo. Quem sentava de um lado eram os homens e quem sentava do outro lado eram as mulheres. E você sempre via muito mais mulheres do que homens. Elas iam levavam os filhos e os homens já em menor número. Por que ? Porque o maçom, que era um grande número e sempre tivemos um bom número de maçons aqui. Eu falo por Porto União, a Igreja que eu freqüentava. Lá a gente percebia isto, sabe. E sabíamos de ante mão, o marido da fulana é maçom, nunca veio na igreja. Em compensação ela está todo dia, todo domingo, na missa das seis da manhã, na missa das cinco da tarde. Sempre, sempre!

É de fazer isso daí, para que houvesse alguma forma de redimir. Até a própria mulher, acredito, achasse que o marido era pecaminoso. Sabe como ? Que a Maçonaria era pecaminosa, porque não vejo até porque ela fazer tanto, as vezes.¹⁰⁰

A demonstração de uma devoção ímpar acabava se impondo às esposas de maçons, numa necessidade de redenção da possível heresia do marido. Tais comportamentos se acentuavam à medida em que o combate efetivado pelos párocos se ligava às pertencas deles, e com o quadro conjuntural que a Segunda Guerra propunha.

Não os frades, mas os padres combatiam. Principalmente quando eram alemães. Que todos eles tinham uma descendência, na nossa ordem eles eram praticamente todos descendentes de alemães. E este pessoal combatia muito os maçons. Por isso eu te falei, que dava a impressão que era uma redoma de judeus. Porque era esta a visão que passava. Então você vê o padre descendente de alemães, combatendo a Maçonaria, sabe. E dá a impressão que era justamente... , talvez uma associação de idéias. Era a impressão que passava o Führer lá na Alemanha prejudicando os judeus, e aqui os padres prejudicando os maçons. Era fechado demais. É isso que passava para a gente.

Circulava esta idéia. O maçom era, sempre uma pessoa não muito bem aceita. Depois veio a Segunda Guerra Mundial, a gente olhava aquele maçom, como sendo um judeu, vamos dizer assim!¹⁰¹

⁹⁹ WOLFF, Terezinha. Entrevista concedida a Jefferson William Gohl : Biblioteca Fundação Faculdade Filosofia Ciências e Letras, 2003

¹⁰⁰ Idem

¹⁰¹ Idem

A densidade com a qual se tratava o assunto nesse período acabava por provocar incidentes reais, como por exemplo, a recusa de alguns párocos em receber o corpo de um maçom na Igreja, ou, ao recebê-lo realizava, ao invés de uma missa, um ato de propaganda antimaçônica. Tais ocorrências não se restringiram a um caso somente, embora documentados, seja na Loja, seja nos livros da Igreja contam-se muito poucos.¹⁰²

Casos houveram nesta época, que eu acompanhei até com minha mãe. Vamos supor, num enterro: chegamos na Igreja de Porto União, e a Igreja de Porto União não receber o corpo da pessoa que tinha falecido. Trancava a porta... (explica como era o cortejo fúnebre). Quando morria uma pessoa sempre tocava o sino, o sino de finados como a gente chamava, tocava antecipadamente, uns quinze minutos antes de chegar na Igreja. Dava aquelas batidas solenes com espaço. Você chegava na igreja, a igreja já estava aberta, já tinha o lugar em que se colocava o corpo. Com o maçom ...

Agora quando era um maçom, eu tive oportunidade de ver... Porta trancada, e a família chegar com o corpo, na frente, naquele átrio lá da Igreja de Porto União, e não poder entrar. Porque eles não recebiam o corpo de um maçom. Mesmo...¹⁰³

O universo do imaginário alimentava um certo folclore da Maçonaria, que só é entendido como bobagens à medida em que não se perceba a vivência e a materialidade que a década de 1940 deu a certos mitos e imagens. Um folclore claro emergiu a partir daí, tratado até hoje jocosamente pelos maçons com piadas e adesivos,¹⁰⁴ que representam a divertida imagem do bode de cartola, para responder as vinculações que os grupos católicos ou integralistas realizavam com a imagem do bode.



¹⁰² Ver documento da página 56-57

¹⁰³ Idem

¹⁰⁴ Ver: Livro de piadas de Rodrix, José. Papo de Bode. Londrina: Editora Maçônica "A Trolha", 1998. também ver, neste mesmo capítulo a obra de Gustavo Barroso, e como isto se cola a política e a imagem do complô (pg 58).

Sobre as brincadeiras domésticas a respeito do folclore do bode, nos conta Lili Matzembacher:

Pelo menos que eu saiba. Uma coisa que tinha, não sei se chamam ainda. Dizem assim: - Ah eu vou no bode hoje ! Porque é uma figura assim, não verdadeira, mas que para entrar lá dizem que tem que montar no bode, tem que fazer não sei o que, não sei mais o que . Você sabia disto ?

Mas isso não existe. Não existe bode lá.

É folclore. Mas eles dizem, me lembro que meu pai dizia. Até que até hoje tem o bode. Hoje eu vou no bode. Há muita fantasia em torno disso, que lá tem um bode, já começa a pessoa imaginar coisas que realmente não é.¹⁰⁵

Sobre essas associações com o bode, Lili já percebe esse fenômeno com os olhos do presente, uma imagem mais desmistificada portanto, mas ao mesmo tempo observa que seu pai não deixava de comentar em casa a brincadeira. Neste período essas brincadeiras poderiam se tornar mais graves, e quem sabe verossímeis.

Mas, na minha época de menina, Maçonaria era aquela casa onde se fazia um pacto com o demônio. Então as pessoas, os homens (eram só homens, mulheres não entravam) quando entravam para a maçonaria, ou eles podiam ser ajudados de uma forma muito boa, arranjando um emprego bom, sendo assessorados quando fosse necessário numa doença, em alguma coisa assim, ou também eles podiam ser destruídos. Essa era a idéia que passavam para a gente.

Outra coisa era aquela impressão que se tinha de que se o maçom burlasse alguma lei, infligisse alguma lei daquelas que ele tinha para ser respeitada dentro da maçonaria, eu também não sei te dizer o que é que eles juravam. Ele era castigado de alguma forma. Então é como eu falei: ele podia estar sendo ajudado, como ele também podia ser prejudicado dentro da Maçonaria.

Então ali vinha aquela história, " ele contou o segredo deles para alguém da família, ou para alguém de fora, então recebeu um castigo por causa disto ". E este castigo muitas vezes era atribuído até a morte

Era o que contavam quando alguém passava a frente o segredo:

"Vamos matar ! Por que ele contou e agora ele não pode continuar abrindo a boca por aí." ¹⁰⁶

¹⁰⁵ MATZEMBACHER, Lili. Entrevista concedida a Jefferson William Gohl : Biblioteca Fundação Faculdade Filosofia Ciências e Letras, 2002

Conforme diz Terezinha Wolff, acabavam ocorrendo proibições de casamentos por parte das mães, quando eventualmente o noivo era maçom. E ainda algumas ajudas, quando o pai da noiva era maçom, ao genro que eventualmente estava desempregado. Nenhum dos entrevistados esqueceu do papel benemérito ou filantrópico da Loja, seja no Natal das crianças carentes ou quando de uma viúva em dificuldades. Observa-se também o caráter cívico apontado por todos, mas nesta malha de sentidos sociais o sabor do segredo tem uma significação. Condutas reais eventualmente confirmam o complô para a sociedade, a fantasia do complô alimenta atitudes e medos e fornece poderes àqueles que são hábeis em capitalizar um status em torno desse elemento cultural.

2.2- O discurso Ultramontano antimaçônico

Uma série de condenações por parte da Igreja católica garantiram a consolidação do imaginário coletivo da Maçonaria que ficaria identificada com o perigo e a subversão. A primeira data de 1738, na carta apostólica *In eminenti*, de Clemente XII. Em 1751, se repetiria na constituição apostólica *Providas*, e desde então sucederam-se ininterruptamente: Pio VII - *Ecclesiam a Jesu Christo* (1821); Leão XII - *Quo graviora* (1825); Pio IX - *Qui pluribus* (1846), e entre outras a encíclica *Quanta cura* (1864); e depois Leão XIII - *Humanum Genus* (1884).¹⁰⁷

O auge das condenações ocorreram entre os papados de Pio IX e Leão XIII, em um momento histórico adverso para o Papado, quando acontecia a unificação da Itália e o fim dos Estados Pontifícios. Durante os 25 anos do Papado de Leão XIII saíram cerca de 226 documentos para condenar e pôr em guarda o mundo a respeito da Maçonaria.¹⁰⁸ Trazendo embutido na *Humanum Genus* a crítica ao socialismo e ao naturalismo, nenhum

¹⁰⁶ WOLFF, Terezinha. Entrevista concedida a Jefferson William Gohl : Biblioteca Fundação Faculdade Filosofia Ciências e Letras, 2003

¹⁰⁷ BENIMELI, José ^a F. Maçonaria e Igreja Católica. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 23

¹⁰⁸ Ibidem. p. 40

outro Papa manifestou tanto a crença no complô quanto ele, e em como o segredo concorria para fazer com que idéias e instituições se equiparassem em um mesmo patamar de ameaça a sociedade.

Com efeito, há nelas espécies de mistérios que a sua constituição proíbe com o maior cuidado serem divulgados não somente as pessoas de fora, porém mesmo a bom número de seus adeptos. A esta categoria pertencem os Conselhos íntimos e supremos, os nomes dos chefes principais, certas reuniões mais ocultas e interiores, bem como as decisões tomadas, com os meios e os agentes de execução. Para esta lei do segredo concorrem maravilhosamente: a divisão, feita entre os associados, dos direitos, ofícios e cargos; a distinção hierárquica, sabiamente organizada, das ordens e graus; e a disciplina severa a que todos estão sujeitos.¹⁰⁹

Em 1917, foi promulgado o primeiro Código de Direito Canônico. Nele, mantém-se a proibição da filiação de católicos à Maçonaria, com a mesma motivação tradicional que remontava a Leão XIII, advinda do cânone 2335 " *os que dão seu nome à seita maçônica ou a outras associações, que maquinam contra a Igreja ou contra os legítimos poderes civis, incorrem, pelo próprio fato, em excomunhão simplesmente reservada à Sé Apostólica*", o Código estabelecia uma presunção de direito: a ação conspiratória (*machinatio*) contra a Igreja e o Estado seria algo intrínseco à Maçonaria e que não precisaria ser comprovado na prática.¹¹⁰

No Brasil, a concepção de uma Maçonaria conspiradora dá-se no discurso oficial da Igreja, nas Constituições para as Províncias Eclesiásticas Meridionais do Brasil, age no sentido de uma determinação aos párocos das leis da Igreja e suas aplicações. Publicada durante o período da Primeira Guerra, em 1915, incorpora em seu espírito a lógica já traçada na *Humanum Genus* e prescreve as condutas aplicáveis aos maçons individualmente.¹¹¹

¹⁰⁹ LEÃO XIII. Sobre a Maçonaria. In: Encíclica *Humanum Genus*. Documentos Pontifícios. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1960. p. 08

¹¹⁰ HORTAL, Jesus. *Maçonaria e Igreja: conciliáveis ou inconciliáveis*. São Paulo: Edições Paulinas, 1993 (Estudos da CNBB, 66). p. 42

¹¹¹ Pastoral Coletiva dos Senhores Arcebispos e Bispos das PROVÍNCIAS ECCLESIASTICAS de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, S. Paulo, Cuiabá e Porto Alegre. Rio de Janeiro: Typ. Martins de Araujo, 1915.

Os perigos aos quais está sujeita a fé na modernidade reservam para a Maçonaria e para as sociedades secretas um lugar particular na lei eclesiástica; se a pena é inevitavelmente a excomunhão, é significativo observar as outras categorias de pecadores que acompanhariam o maçom em sua expiação, veja-se: " ...das sociedades secretas, perversas e proibidas pela Igreja, das más companhias, das familiaridades com os ímpios e hereges,..."¹¹²

Para a não realização do casamento: " Quando os nubentes forem dados á embriaguez, quando for um ímpio, maçom, ou por outro vicio incapaz de cumprir as obrigações conjugaes ..."113. "Tratando-se de casamentos de ímpios e maçons, observe-se..."¹¹⁴

E, em se tratando da educação: " ...nos tempos modernos, os ímpios e as seitas nefandas apregoem..."¹¹⁵

Os ímpios, portanto não possuidores de quaisquer freios morais e blasfemos, os hereges, que trabalhariam para corromper a sagrada doutrina cristã de sua pureza e aqueles que como os viciados em álcool, não possuem controle sobre suas próprias ações, estão ininterruptamente condenados à exclusão ou à dissuasão para os caminhos da Igreja. Ajusta-se aos maçons à imagem da maquinação e a ausência de entendimento sobre as razões de sua própria conduta que a hierarquia e o segredo alimentavam.

As interdições sacramentais aos maçons, se explicam facilmente, já que, por princípio, o maçom estaria colocado à margem da lei da Igreja, pela excomunhão. A explicitação de condutas quanto ao batismo, à confissão e ao casamento se destinariam a uma forma de controle social e põe restrições, no caso do batismo, ao padrinho, quando esse for reconhecido como maçom. Na confissão espera-se a rendição:

¹¹² Ibidem p.14

¹¹³ Ibidem p.94

¹¹⁴ Ibidem p.117

¹¹⁵ Ibidem p.377

"Tratando-se de maçons e outros filiados a seitas e sociedades secretas, os confessores auctorizados, antes de absolve-los, deverão exigir que os mesmos tenham abandonado absoluta e positivamente, para sempre, a seita condemnada."¹¹⁶

E quanto ao casamento a exortação vai no sentido da não realização:

Procurem os Rvds. Parochos, quanto possivel, impedir casamentos que prevêm terão mau resultado. Quando os nubentes forem dados á embriaguez, quando for um impio, maçom, ou por outro vicio incapaz de cumprir as obrigações conjugaes, é por obra de caridade abrir os olhos da outra parte; pois está na consciencia de todos os males que resultam de taes casamentos, são quasi sempre sem remédio.¹¹⁷

Essas restrições vão ao encontro do rastreamento social, à medida em que estas recomendações atinjam não somente de forma individual o maçom, mas nas possibilidades de trocas sociais em que ele se envolveria, como: o batismo, o casamento e os apadrinhamentos. Envolvendo mais pessoas o controle não ficaria somente a cargo dos párocos, mas de toda a sociedade. Nesse aspecto as preocupações com a educação transformam-na em lugar estratégico, que exige uma ação enérgica, já que abarca uma parcela considerável da sociedade que estaria aberta a penetração dos maçons. As palavras do Papa Leão XIII, transcritas literalmente na pastoral, traduzem uma visão dos combatidos.

A educação única que agrada os maçons, e que elles pretendem se deve dar a mocidade, é a que chamam civica, desenvolta e livre, isto é, aquella em que não se diga nenhuma palavra da religião. ... Onde essa educação começou a se desenvolver e campear mais livremente, excluindo todo ensino christão, ahi bem depressa foram desaparecendo a probidade e integridade dos costumes, cresceram os erros mais abominaveis, e pulularam os crimes mais audaciosos e horrendos.¹¹⁸

Onde a imagem do complô secreto e seus participantes faria mais dano a Igreja senão na educação? Veiculando a noção de um perigo iminente para a sociedade que

¹¹⁶ Ibidem p. 73

¹¹⁷ Ibidem p.94

¹¹⁸ Ibidem p.377

acabaria sucumbindo sob o signo daquilo que pulula e é horrendo, que se projeta da sombra com seus vícios contra a fé cristã. Segundo a Igreja, a educação laica inevitavelmente arrastaria consigo todo aquele que não delatasse tais crimes secretos à autoridade eclesiástica.

Saibam enfim todos os fiéis que incorrem em excomunhão latae sententiae, reservada ao Summo Pontifice, os que dão seu nome á seita maçônica ou carbonária, ou á outra do mesmo genero, que aberta ou clandestinamente machinam contra Egreja e os legitimos poderes, assim como os que prestam ás mesmas qualquer favor, os que não denunciam seus corrypheus e chefes occultos, até que tenham cumprido o dever da denunciação. CPLA n 169 - Const. Apostolicae Sedis, 12 Oct. 1869¹¹⁹

Individualmente e na coletividade, o maçom nas falas oficiais da Igreja estará sempre em pecado e a sociedade haverá sempre que redimi-lo ou combatê-lo.

No início do século XX, segundo Marchette, Curitiba foi palco de um movimento anticlerical que seria derrotado pela estratégia ultramontana e romanizadora da Igreja. A autora alerta para a metáfora da luz e das trevas, na reatualização dessa batalha durante a clericalização da sociedade brasileira. A maçonaria, na ótica do clero de então, se relacionava intimamente ao movimento anticlerical e a ela se referia com termos como 'antros tenebrosos', 'ritos grotescos' e 'práticas ridículas'. Isso porque Euclides Bandeira, Dario Vellozo, Nilo Cairo, Sebastião Paraná e outros livre pensadores e anticlericais pertenciam à ordem maçônica.¹²⁰

A atuação dos maçons no Brasil até 1910, orientou-se no combate às 'trevas', que metaforicamente seriam o jesuitismo na Igreja, por meio da divulgação das 'luzes' advindas do iluminismo e da ilustração. Ao contrário da Igreja que iniciou um processo de alianças com os setores oligárquicos, a maçonaria orientou sua ação no sentido da instalação de escolas, voltadas para a alfabetização dos setores populares. Tal estratégia

¹¹⁹ Ibidem p. 22

¹²⁰ MARCHETTE, Tatiana Dantas. Corvos nos Galhos das Acácias. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999. p. 40

visava a ampliar seus quadros e romper com o senso comum que associava sua atuação com a noção da conspiração, tão difundida pela Igreja Católica.¹²¹

A diabolização caricatural da maçonaria pela Igreja Católica, jamais ultrapassara a *Humanum Genus*, embora houvesse associações em que o Grão-Mestre seria o próprio satanás, a maioria dos católicos modera a tese satanista.¹²²

O Vaticano apesar do desdobramentos do século XX, mantém a sua posição dos primeiros tempos, apóia-se nas posições expressas pelo Papa Leão XIII, e vê na maçonaria um instrumento privilegiado de Satanás e poderoso fator de heresia e de paganismo.¹²³ Os anticlericais no Paraná, até 1940, funcionaram para a Igreja como a ponta visível de um campo oposto. Segundo Balhana, os bens de salvação estavam sendo disputados na sociedade por meio da imprensa curitibana da época.¹²⁴

A paróquia de União da Vitória durante as décadas de 1930 e 40, pertencia à diocese de Ponta Grossa, tendo por Bispo D. Antonio Mazaroto, que escassamente à visitava. Do lado Catarinense a visita dos Bispos também é deficiente,¹²⁵ e normalmente os ofícios religiosos ficam a cargo dos párocos. Frequentemente se vê entre a documentação, falas realizadas no sermão da missa alertando os fiéis para a ação maçônica, e ainda ocorriam troca de farpas por ocasião dos enterros de maçons.

União da Vitória, 5 de outubro de 1945.

Excelentíssimo senhor Presidente e demais membros da Loja Maçônica de Porto União - União da Vitória.

Na qualidade de principal representante, nesta cidade, da família do extinto engenheiro EZEQUIEL PRIETO, sinto-me na obrigação de esclarecer a Vossas Excelências que as considerações feitas pelo senhor vigário da Matriz desta localidade sobre a maçonaria, tomando, como oportunidade, a presença, na Igreja em apreço, dos restos mortais daquele senhor, não decorrem, diretamente ou indiretamente, da iniciativa da família de que se

¹²¹ BARATA, Alexandre Mansur. Luzes e Sombras. A Ação da Maçonaria Brasileira. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p.149

¹²² LACORDAIRE, Jérôme Rousse. Antimaçonismo. Lisboa: Hugin, 1999. p.44

¹²³ Ibidem p. 48

¹²⁴ BALHANA, Carlos A. de Freitas. Idéias em confronto. Curitiba: Grafipar, 1981.

¹²⁵ CLETO DA SILVA, José Julio. Apontamentos históricos de União da Vitória (1768-1933) Curitiba: IHGEP, s/d. p.169 e 206

trata ou mesmo de pessoas de suas relações, mas sim daquele sacerdote que, em meu entender, conduziu a prática religiosa, à sua vontade.

À vista do que ora informo a Vossas Excelências e do que já conhecem do caráter e convicção do falecido meu sogro, poderão, em verdade, concluir sobre as versões relacionadas ao presente assunto.

Pela atenção dispensada, sou mui grato a Vossas Excelências e aproveito a oportunidade para reiterar os protestos de elevada estima e distinta consideração.

João Paes Filho.¹²⁶

Essa correspondência fora lida em Loja, segundo a ata da página 130, e não somente lida também fora transcrita na íntegra e comentada por Antonio Domit, que falou sobre o caso do falecimento desse maçom, recomendando conversarem com o padre. Cita ele o caso de uma parente, a qual o padre se negou a permitir a ida do corpo a Igreja, relaciona também várias casas em que os padres atrapalham e atacam os maçons, "Falou sobre o fanatismo das mulheres em favor dos padres, citando várias outras casas. Falou sobre os irmãos que se acham doentes e que deviam ou ... , para evitar dissabores futuros, pois esteve doente e ninguém o visitou."¹²⁷

Este trecho mostra vivamente como a rede de solidariedade maçônica poderia ser requisitada e conferia ao cotidiano uma densidade incrivelmente real, ainda que não houvesse qualquer traço de anticlericalismo nas condutas desta Loja. O imaginário social coletivo parecia apontar como um todo para a mesma direção.

Ecos do anticlericalismo literário puderam ser percebidos na Loja União III, mas não uma proposta de ação efetiva, que se delineasse a partir daí, nem na imprensa, nem social. Se a força do movimento não arrebanhou adeptos, a força do estereótipo do maçom como o homem do segredo, ao que se viu proliferou.

Ainda que o discurso de ataque da Igreja não chegasse uniformemente a todas as paróquias, não se pode negar sua existência, no mais das vezes é provável que atitudes antimaçônicas se deram devido muito mais às leituras que o integralismo proporcionava, do que ao conteúdo da pastoral propriamente dito.

¹²⁶ Arquivo Particular Loja União III. Arquivo de correspondências. Pasta 1945, fl. 50

¹²⁷ Arquivo Particular da Loja União III - Livro de Atas, p 130 A recusa em se aceitar a entrada do corpo na Igreja foi confirmada através do Livro Tombo da Igreja Matriz de Porto União

2.3- A Maçonaria na obra de Gustavo Barroso

Nada no Brasil contribuiu mais para construir um imaginário da maçonaria do que as obras literárias de Gustavo Barroso. Esse ideólogo do integralismo, nascido no Ceará, publicou algumas obras em que a maçonaria merece destaque considerável. Seu engajamento no movimento integralista, juntamente com Plínio Salgado, acabariam por render à maçonaria uma atenção especial e um antimaçonismo ferrenho que passava pela problemática judaica.

Suas primeiras obras, ainda na década de 1920, tinham como tema o folclore brasileiro, algumas versavam sobre a Guerra do Paraguai e, outras tinham o nordeste e o sertão brasileiros como mote. Obras que traduziam aquele momento de sua carreira em 1922, que estava para assumir a Diretoria do Museu Histórico Nacional, do qual era também um dos fundadores.

À medida que adentrava na década de trinta e de seu envolvimento com Plínio Salgado, seus temas foram ganhando naturezas diferentes, paralelo com as cartilhas aos integralistas, viria uma literatura de combate contra aquilo que representaria os males sociais do Brasil.

Em 1934, a obra *Brasil Colônia de Banqueiros*, visava documentar uma história dos empréstimos brasileiros no exterior e principalmente com casas bancárias da Inglaterra. Há, nessa obra, uma denúncia contra as taxas de juros aplicadas à países que recorriam a essas casas. E, a afirmação tácita de que a real independência do Brasil ainda não estava consumada, visto que, se respeitados os pagamentos, conforme os contratos previam, a dívida jamais seria exequível. Como dependência política está ligada à capacidade econômica de gerir seus destinos, o Brasil seria um autômato a respeitar decisões alheias.¹²⁸

Nesse livro, Barroso pretendeu fazer uma denúncia ao capitalismo e ao liberalismo sem regras que avassalaria o globo. Essa denúncia se tornava bem presente a medida que

¹²⁸ BARROSO, Gustavo. *Brasil Colônia de Banqueiros*. 1ª Reedição. Porto Alegre : Editora Revisão, 1989.

se considerada a conjuntura do pós 1929, com a quebra da Bolsa de Nova York e as interferências mundiais que se seguiram. Existe um elemento presente na obra que é contraditório, juntamente com o ataque ao capitalismo, ao mesmo tempo há a denúncia do perigo do comunismo trotskista da Rússia bolchevique¹²⁹. Esta contradição se explicaria mais tarde quando da publicação de suas próximas obras Os Protocolos dos Sábios de Sião e Judaísmo, Maçonaria e Comunismo.

Os protocolos como se sabe, já haviam sido publicados em vários países desde 1903, eram fruto de diversas campanhas ou de legitimação ou difamação, haviam sido movidos processos legais questionando sua autenticidade. Tinham como objetivo "revelar" como os judeus pretendiam dominar o mundo secretamente, valendo-se de variados artifícios: culto ao ouro, desmistificação do cristianismo, o uso da violência, a hipocrisia, a implantação do terror, destruição dos valores morais e constante tentativa de enfraquecer o espírito crítico da população. Conforme o livro, para conseguir tudo isso os judeus apelam para a corrupção, a desonestidade, a traição e as forças ocultas. Usam e abusam de riqueza, da ciência, da imprensa, do direito, da economia e da diplomacia. Complô, segredo e golpe de Estado são as linhas mestras do jogo.¹³⁰

Muito já se falou do antijudaísmo alegórico dos protocolos, mas os acréscimos realizados por Barroso e a incorporação de novos trechos ao original, adequando fatos contemporâneos, acabam ressignificando a obra, bem como uma visão da maçonaria que vai encontrar campo novo pela frente.

Segundo autores que se debruçaram sobre o tema dos protocolos, e o defenderam, estes inseridos no prefácio do livro,¹³¹ defendem que a Maçonaria seria um organismo controlado pelos judeus. "As Lojas Maçônicas são dirigidas pelos judeus, que orientam as manifestações e a propaganda.", desta forma nada mais que um braço no grande

¹²⁹ BARROSO, Gustavo. Antes do Bolchevismo. Rio de Janeiro: Oficinas graphicas do Jornal do Brasil, 1923.

Barroso anteriormente em 1922 escrevera sobre o bolchevismo, mas o formato era de uma novela curta e procurava-se retratar a sociedade contemporânea de forma idílica e sem desvios morais. O objetivo era a publicação na imprensa escrita.

¹³⁰ TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. O Racismo na História do Brasil : Mito e Realidade. São Paulo: Ática, 1994

¹³¹ Estes autores foram acrescentados a versão brasileira com vistas a comprovar a autenticidade dos textos já muito questionados pela opinião pública, são eles: Roger Lambelin e W. Creutz

organismo judaico mundial. A visão destes compreende-se claramente quando da leitura do próprio texto dos protocolos, sem a participação e as alterações efetuadas por Barroso.

As notas (comentários) acrescentadas por Barroso ao longo dos 24 capítulos ou atas em que se constituem os protocolos, parece subverter essa lógica e atribuir uma importância maior a maçonaria na ordem do complô que dominaria o planeta e obviamente o Brasil. Nessa exegese de 1936, os planos 'secrets' revelados pelos Protocolos já encontrariam suas profecias confirmadas por meio da revelação de discursos maçônicos, bem como teriam uma ascendência de poder nova (maçons-judeus) descoberta ou revelada pelo autor.

A apropriação dos documentos originais dos protocolos por Barroso e sua publicação comentada emprestou um segundo plano de leitura que atribuiria à Maçonaria um poder até mais significativo que teria nos originais. Por exemplo, no capítulo segundo, quando o texto diz: "Precisamos que as guerras não dêem, tanto quanto possível, vantagens territoriais. Transportada, assim a guerra para o terreno econômico, as nações..." a nota explicativa do autor alude ao discurso do maçom Corneau, gr. 33, presidente do Conselho da Ordem do Grande Oriente da França, na sessão de 28 de junho de 1917, do Congresso Maçônico de Paris onde estaria a confissão de que a guerra é desencadeada pelas *forças ocultas* mediante um plano de ação desconhecido.¹³²

A Maçonaria é textualmente citada e responsabilizada pela Revolução Francesa, nos originais, mas sob as ordens judaicas. Não é acrescentada nenhuma nota por Barroso, de tal forma que ele confirme um poder superior ao judaico.¹³³ Não desejando alterar os originais desnivela de forma a equilibrar a idéia de poder judaico não maior, mas igual à Maçonaria.

Segue-se que o grito contra o catolicismo cristão é comprovado novamente por documentos que adviriam de dentro das lojas especificamente da Loja La Parfaite Union, de Mulhose, a 26 de maio de 1927, justamente em um capítulo em que a maçonaria é

¹³² BARROSO, Gustavo. Os Protocolos dos Sábios de Sião. 1ª reedição. Porto Alegre: Revisão, 1989. p.79

¹³³ Ibidem p. 83

apresentada como a face externa do poder judaico.¹³⁴ Ao caráter de obediência da Maçonaria, enfatizado sob a tutela de um poder centralizador e controlador da opinião pública pelas atas dos Protocolos, Barroso não apresenta documento algum afeto à Maçonaria. Aí se encaixam as linhas de ação do bolchevismo, expressas pelo judeu Karl Marx, e também por Ricardo que se aliaria ao liberalismo clássico. Socialismo e Liberalismo duas faces de uma mesma moeda que segundo o autor, se embateriam com o cristianismo.¹³⁵

Originalmente no texto principal onde se fala das terras cristãs e dos impostos que se deverão subir aos bens de raiz, conforme o plano judaico, a maçonaria não é citada. Barroso portanto acrescenta e afirma na nota (comentário), que basta a observação da realidade para associar o judaísmo à maçonaria neste plano visibilíssimo de controle dos cristãos pelos maçons, e fecha: "Com efeito o *plano oculto* é tão diabólico que se transformou para os povos cristãos num novo destino."¹³⁶

A campanha maçônica da guerra preventiva que a França deveria empreender sobre a Alemanha, é invocada por meio da nota do autor, para novamente inserir a Maçonaria onde ela não existe. Os originais não tocam na questão maçônica neste ponto e, sim de uma política armamentista. O que seria análise fria, documental de Barroso, transforma-se num libelo, onde não existem documentos coloca frases de efeito. "Os Estados Maiores obrigaram os governos maçônicos a recuar ..." ¹³⁷

Sobre o direito e a educação a colaboração maçônica é referida pelas atas dos Protocolos, Barroso destaca aí os bastidores dos governos, em que só maçons seriam escolhidos para os cargos maiores, procura portanto reforçar o secreto maçônico onde ele houver e manifestá-lo onde estiver ausente,¹³⁸ por exemplo: O texto original é de uma clareza com respeito as diretrizes dos ideais maçônicos advirem e serem subservientes ao judaísmo, para combater estas assertativas o comunismo ganha espaço nas notas de

¹³⁴ Ibidem p. 89

¹³⁵ Ibidem p. 91

¹³⁶ Ibidem p. 95

¹³⁷ Ibidem p. 97

¹³⁸ Ibidem p. 100

Barroso, bem como as associações com a figura de Karl Marx, segundo ele também um maçom.¹³⁹

O texto dos protocolos remete à uma maçonaria iminentemente política, preocupada na execução de seu plano secreto pela manipulação legislativa, republicana e controlada pelos chefes indicados secretamente. É aqui que o documento maçônico de Corneau¹⁴⁰ serve à Barroso para comprovar uma disputa espiritual. A proposta de estudo da Sociedade das Nações feita nesse discurso, fecha com a idéia de Wilson.¹⁴¹ Da criação de um organismo supra nacional e com a expansão judaico-capitalista de Wall Street. A interferência nos assuntos da guerra buscava uma "paz maçônica", que para Barroso daria o tom do grande plano maçônico já que a Sociedade das Nações fora criada em Genebra para fazer face à autoridade espiritual do Papa.¹⁴²

Sob esta linha de raciocínio a maçonaria seria a grande mão oculta, ao lado do judaísmo, jamais abaixo dele. Gustavo Barroso, introduz a dubeidade ao documento original na polemização entre quem adviria primeiro no plano de poder: o espírito judaico ou a organização maçônica. O golpe de Estado maçônico jamais seria somente um ataque a autoridade civil momentânea e sim, um eterno ataque contra a integridade da Igreja e seu ministério espiritual.

Sozinhos, os textos dos Protocolos já constroem uma imagem da maçonaria que unifica todos os viéses, não se distinguem ritos ou potências, sob este signo a maçonaria é uma só, suas diferenças internas só podem ser vistas como escaramuças; sua influência é internacional e está na raiz tanto do capitalismo como do comunismo.

A ligação estabelecida pelo autor entre judeus e Maçonaria é ilustrada com citações de inúmeros autores europeus que atestam o envolvimento de judeus na formação inicial da Maçonaria, e de outras sociedades secretas não nominadas. Quando o texto original diz, " A Franco Maçonaria é o guia de todas as sociedades secretas.", Barroso alerta os

¹³⁹ Ibidem p. 101

¹⁴⁰ Corneau, gr. 33, presidente do Conselho da Ordem do Grande Oriente da França

¹⁴¹ Woodrow Wilson, Presidente americano

¹⁴² Ibidem p. 105

A Alemanha nazista retomou a idéia da traição judaica, dando-lhe nova máscara. Gottfried zur Beck incorporou novos trechos ao original, adequando fatos novos à edição alemã. Havia um outro panfleto vulgar de Herman Goedsche - Biarritz -, cujo tema era a conspiração tramada numa reunião das doze tribos judaicas, no cemitério de Praga.¹⁴⁶

Gustavo Barroso, representa em 1936 o Gottfried tupiniquim, entretanto, a história da conspiração ganharia destaque na próxima obra *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*, de 1937, numa série de artigos que intercalavam as últimas notícias internacionais com peças de propaganda antijudaica. O Biarritz somado aos informes dos jornais como *O Globo* ou *o Estado de São Paulo*, em que se tocava o tema judeu, ajudavam na composição desta obra.

Nesta obra a denúncia de escolas israelitas subversivas se explica pela manipulação das Lojas maçônico-judaicas. "Se a polícia deitasse a mão nos arquivos do Kahal ou da Loja ficaria sabendo de muita coisa interessante..."¹⁴⁷

A Rússia é ponto estratégico nesse livro, as notícias da guerra são interpretadas pela lente do avanço bolchevique articulado secretamente na maçonaria, essa mesma maçonaria que já teria tomado a França internamente.¹⁴⁸ O autor alinha uma lista de nomes dos principais cargos públicos da Rússia, uma sessão de fotos de bandidos de sobrenome judaico, que segundo ele seriam criminosos internacionais, inclui-se aí a foto da lápide do rabino miraculoso, no cemitério de Praga, Rabi Simeão Bem Juda.

A narrativa que se segue intitulada, "Reuniões Cabalísticas no Cemitério de Praga", inclui a Maçonaria, na reunião do ano de 1761, na voz do representante da tribo de Ruben, que noticiava, "..., desde o ano de 1743, a velha e poderosa sociedade secreta conhecida pelo nome de Maçonaria, se pusera a serviço do judaísmo.". A partir daí a Revolução Francesa, e seus desdobramentos teriam conseqüências advindas das Lojas. Mesmo Karl Marx é admitido na Loja anarquista de Bruxelas *Le Socialiste* e, ele dá

¹⁴⁶ TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. *O Racismo na História do Brasil: Mito e Realidade*. São Paulo: Ática, 1994.

¹⁴⁷ BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

¹⁴⁸ *Ibidem* p. 52

cristãos maçons para as condenações pontificiais da Igreja e em especial na encíclica "Humanum Genus" do Papa Leão XIII.

A idéia de Barroso segue a linha do Papa Leão XIII, portanto tudo que é herético vem do segredo, muitas mortes públicas não são claramente explicadas, aí há sinal de heresia. A lenda da Água Toffana dos maçons fez sucesso no passado, e se os protocolos acusam os judeus como os responsáveis por estas mortes, para Barroso pouco importa procure-se nas Lojas a explicação dos assassinatos.¹⁴³

O termo Maçonaria, na fala de Barroso, inúmeras vezes é camuflado no designativo 'forças secretas'. Ele procura explicar a revolução de 1930 no Brasil como reflexo desse espírito das forças revolucionárias, que agitariam as nações católicas, ao contrário do que aconteceria com os países de religião protestante gozando da paz judaico-maçônica.¹⁴⁴

Os originais tratam também da proposta econômica de ação judaica no mundo, mas Barroso se agarra à promessa da vinda do Anticristo, quando o texto fala no Rei dos judeus predestinado a substituir a Sagrada Comunidade do Kahal Kadosch por meio dos "Amigos de Sião e da Grande Loja Maçônica, a super Loja, que dirige as outras a dos B'nai-Brith."¹⁴⁵

Finalmente, remete a uma realidade tão contemporânea quanto distante, em que o anticristo judaico existiria como novo David, em uma narrativa digna de um conto de realismo fantástico, em que Barroso não só o identifica como alude os teóricos, como Espinoza, que deram origem ao documento que se deslindou sob seus comentários. Essa Maçonaria evocada parece muito mais aceitável na maior parte do Brasil, no qual o problema judaico pode ser até mesmo secundário. As Lojas eram reais e mais antigas no interior brasileiro, a questão judaica um problema de consulados, ou algo nebuloso no horizonte do cenário internacional.

¹⁴³ Ibidem p. 124 A água toffana se tratava de um veneno ministrado, e que não deixava traços de sua existência no corpo da vítima, serviria para punir traidores da fraternidade.

¹⁴⁴ Ibidem p. 135

¹⁴⁵ Ibidem p. 154 Segundo Barroso o Kahal Kadosch seria a cúpula governamental judaica, organizada em comunas itinerantes. Já a Loja dos B'nai- Brith seria uma loja composta exclusivamente de judeus

origem a uma linha de pensamento diversa do liberalismo no seio do panteão liberal maçônico.

Nessa reunião teria sido pronunciada a frase anatemizada "A Maçonaria é o poder espiritual para a conquista do domínio mundial", bem como ficara firmada a promessa da última reunião judaica antes do golpe total sobre o mundo, a ser realizada ali mesmo em 1941.¹⁴⁹

Essas informações são habilmente intercaladas à interpretações dos fatos nacionais como a formação da ANL (Aliança Nacional Libertadora)* e a tentativa de golpe em 35, a denúncia da ocupação dos territórios das missões no Rio Grande do Sul pela colônia judaica pela mão de maçons famosos como Barão do Rio Branco e Quintino Bocaiúva. E, fatos mais corriqueiros como a publicação de artigos de detração da maçonaria em um jornal local de Varginha em Minas Gerais e o recurso que impetrou a Loja local sobre o estudante do ginásio que os redigiu.¹⁵⁰

Na lógica de Gustavo Barroso o conluio Maçonaria - Comunismo se explica como já havia sido apontado nos comentários dos 'Protocolos' e ganha um sentido mundial. Entretanto, o autor não consegue documentar consistentemente um único caso ocorrido no Brasil, muito embora não poupe comentários sobre a ANL, ou à Luiz Carlos Prestes.

Longe de ter uma continuidade lógica, o livro é atravessado pelo único argumento do poder oculto do mundo e guiado pelo influxo emocional da denúncia fantástica e reveladora. A Maçonaria adquire um papel especial na execução dos planos judaicos nos pontos mais remotos e estratégicos do Brasil.

A Maçonaria, na visão integralista Barrosiana, é o mal real a ser atacado, por aqueles aos quais os judeus lhes falem. Se conjunturalmente esta produção alinha-se com a propaganda alemã e aproxima o integralismo dos movimentos nacionalistas nazi-

¹⁴⁹ Ibidem p.155

* Doravante Aliança Nacional Libertadora- ANL

¹⁵⁰ Ibidem p. 196

facistas, há na longa duração, antimaçonismo algo que pode se manifestar mesmo sem a temática judaica.

A obra *A História Secreta do Brasil*, é uma soberba tentativa de interpretar a História do Brasil, de maneira que acompanhe uma ocupação judaica onipresente, nos principais ciclos econômicos e fatos decisivos do país.¹⁵¹ A maçonaria entra na obra a partir da ligação entre judeus e maçons, introduzida pelo autor por meio da obra de Dario Vellozo, *O Templo Maçônico*. Expõe também uma série de respostas as opiniões correntes de Vellozo sobre o jesuitismo e escravidão e, comprovações do materialismo maçônico nessa obra. Embora, o conteúdo de seu tema esteja centrado no passado brasileiro, Barroso busca um debate que lhe é contemporâneo. Nesse debate ele ataca por meio de suas notas à Dario Vellozo e Mario Bhering, este último desde 1927 Grão Mestre da Maçonaria Brasileira¹⁵², mostra o quão imperioso era o ataque sem distinções a todas as formas de maçonaria em 1937, quando é publicada sua *História do Brasil*.

Quando o conteúdo do seu tema foi a Inconfidência Mineira, várias dessas interpolações com o seu presente são possíveis, portanto discute com os maçons anticlericais sobre o papel destes na história. Revela as associações do simbolismo maçônico na bandeira inconfidente, com o triângulo vermelho, aos textos conhecidos nos grupos maçônicos como *Dogma e Ritual de Alta Magia* de Eliphas Lévi.¹⁵³

Mas é no capítulo XI, intitulado 'O Diabo Coxo e o Bode Preto' que este autor faria associações surpreendentes no universo da conjura dos alfaiates na Bahia:

... os conjurados tinham em vista matar o governador, destruir todas as pessoas públicas, certamente as autoridades e notáveis do lugar, pôr os presos em liberdade e saquear os mosteiros, para todos ficarem ricos, saindo da miséria. Até parece que haviam recebido uma diretiva atual do Komintern. Da maçonaria daquele tempo à Terceira Internacional de hoje, a técnica judaica desses golpes não criou nada de novo...¹⁵⁴

¹⁵¹ BARROSO, Gustavo. *História Secreta do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937

¹⁵² A Maçonaria Brasileira é fruto de uma dissidência ocorrida em 1927 ocasionada pela duplicidade de cargos de Grão Mestre entre Mario Bhering (Supremo Conselho), e João Severiano da Fonseca Hermes (Grande Oriente do Brasil)

¹⁵³ *Ibidem* p. 145

¹⁵⁴ *Ibidem* p. 170

Como se viu acima o Komitern (representando o comunismo), as Lojas e o judaísmo são colocados no âmbito da discussão da conjura baiana dos alfaiates de 1798, em que tudo seria maçonicamente orquestrado. A conjura dos Alfaiates tinha por bandeira uma faixa branca vertical sobre fundo vermelho uma estrela de cinco pontas grande ao centro e cinco pequenas estrelas nos intervalos das pontas da estrela maior

Abaixo, uma das notas de Barroso e a imagem de Baphomet, a cabra sabática de Eliphas Levi portadora de um pentagrama invertido na testa que, segundo ele, inspiraria o tema da estrela do pentagrama presente na bandeira dos conjurados.



O Bofomet, Bafomet, ou melhor, BAPHOMET dos Templários, que o povo acredita ser o Bode Preto da Maçonaria, segundo as estampas das obras de Eliphas Levi e de Stanislas de Guaita. É um símbolo da Cabala. Seus cornos, orelhas e barba formam a estrela invertida de cinco pontas, que figura em vermelho na bandeira da Revolução Baiana de 1798. A mesma estrela está de ponta para cima na sua testa. É a que os positivistas e maçons de 1889 impuseram como braço à nação brasileira, arrancando-lhe a esfera armilar e a cruz de Cristo. No ventre do Bafomet, vê-se, por trás do caduceu de Hermes, de Mercúrio, o AZILUTH, o arco-íris da bandeira dos revolucionários de 1817. No braço que se ergue, a palavra SOLVE; no que se abaixa a palavra COAGULA, Albert Poisson explica-as no seu livro "Théories et symboles des alchimistes": SOLVE, isto é, dissolve, abre, tortura, fere, destrói as resistências; COAGULA, isto é reúne, assemelha, condensa, constrói sobre o que foi vencido. É uma verdadeira síntese da ação judaico-maçônica no mundo, ferindo e destruindo pelas revoluções, para construir o domínio universal de Israel. Segundo a posição dos braços -solve, destrói o que está em cima; coagula, condensa o que está embaixo..

A denúncia da Revolução maçônica-socialista é ligada à imagem do ser andrógino Baphomet, possuidor de seios femininos e o caduceu de Hermes, como representação fálica, cabeça de um caprino de longos chifres e com um pentagrama inscrito na testa, tronco humano mas alado e cascos caprinos. Essa denúncia é basicamente uma elaboração de Barroso, entretanto, essas histórias da adoração de uma cabeça animal pelos Cavaleiros

Templários e por seus herdeiros, os maçons, vinha sendo documentada na Europa com sentidos ideológicos diversos.

Barroso faz a afirmação categórica de que a crença popular na adoração do "bode" (Baphomet) pelos maçons advém deste ser compósito. Até a publicação de sua obra *História Secreta*, o "povo" ¹⁵⁵ brasileiro sequer sabia da existência desta imagem. A partir desta afirmação, já a tinha vinculada inexoravelmente à maçonaria e à proposta de uma iminente revolução comunista. Barroso a partir daquele momento, teria imputado ao povo brasileiro um folclore que não lhe pertencia.

A tradição popular que afirma o culto de um Bode Preto nas Lojas maçônicas provém da do ídolo denominado Bophomet, adorados nos "capítulos secretos" dos Templários. V. Raynouard, "Monuments historiques relatifs à la condamnation des chevaliers du Temple", Paris, 1813; Th de Cauzons, "La magie et la sorcellerie en France", Paris. O ídolo era monstruoso e os seus adoradores deveriam beijá-lo. Segundo o ritual *in virga virilis et in fine spine dorsalis*. V. Jules Gavirol, "Histoire de la magie en France" e Gustavo Barroso. "O Quarto Império". José Olímpio, Rio de Janeiro, 1935. A palavra cabalística Bophomet ou melhor. Baphomet dá ao contrário TEM-O-H-P-A-B, que se explica da seguinte maneira: *TEMPLIOMNIUM HOMINUM PACI ABBAS*, e significa "O Pai do Templo - Paz Universal dos Homens". É o bode de Mendés V. Henry Robert Petit. "Le Drame Maçonique" pag 72 ¹⁵⁶

A obra: *A História Secreta do Brasil* foi produzida pretendendo-se científica e, acabaria como a responsável pela divulgação de uma suposta tradição popular, mas observe acima como a apropriação é feita. Aquilo que autentica a fala de Barroso são referências vindas da França, onde, realmente, esse imaginário é constantemente ressignificado.

Ainda que os judeus apareçam em primeiro plano, é a maçonaria que permite a Barroso uma articulação com as esferas mais 'secretas', portanto mais sombrias. As referências aos rituais e a idolatria têm uma carga maior quando a maçonaria é invocada e

¹⁵⁵ Pelo menos aquele povo que Barroso entende e se refere como os caboclos e interioranos, não tinha a menor idéia do que a cabra representava no plano místico. O mesmo povo idealizado e adormecido caro ao integralismo que se vê também nos escritos de Plínio Salgado. Ver VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: Análise do discurso integralista*. Brasiliense: São Paulo, 1979

¹⁵⁶ Ibidem p. 174

por ele atribuída um sentido histórico negativo na execução das revoluções de cunho liberal.

A polemização de Barroso sobre a imagem da política na História do Brasil acaba se sobrepondo à uma lógica mais poderosa e incompreensível. Sugere: Quais seriam os desígnios dos bruxos heréticos e cabalistas judaico- maçônicos no tempo presente ? Qual o verdadeiro sentido da Segunda Guerra ? O que seria tentado pelos comunistas antes que viesse 1941, com a próxima reunião judaica no cemitério de Praga ?

A interpretação mítica ganha sua força nos momentos de instabilidade, a realidade da Intentona Comunista, e as Lojas disseminadas por todo o Brasil pareciam confirmar e dar sentido ao mito e materialidade ao imaginário.

A idéia do complô é advinda das esferas do segredo. Segredo real do juramento maçônico, preocupação constante da Igreja. Ou segredo ficcional e atribuído que Barroso articula com o momento conjuntural.

As idéias e imagens que as pessoas tiveram da maçonaria na década dos anos de 1936 até fins da década de 1950, refletem esta idéia da conspiração, e de um espaço da Loja onde sugestões sobre a natureza do rito, que ali se pratica, está intimamente ligada com a manutenção de um poder político, econômico e religioso. Nas cidades onde a Maçonaria se instalou a idéia de uma elite poderosa que a compõe é absolutamente perceptível até os dias de hoje com um certo cheiro de conspiração.

3.0 Um Discurso Maçônico

3.1 - No Imaginário : As Ligações Obscuras

" Pois a confusão se estabelece em todos os quadrantes da vida nacional. Os partidos políticos, em cuja proa aparece a catadura dos amigos dos banqueiros, assumem atitudes as mais variadas, para iludir o povo, ora com o regionalismo separatista, ora com o acenar novas e maiores liberdades, ora a defender obscuros princípios revolucionários. O povo aplaude e acompanha esses políticos que estendem sobre os banqueiros internacionais a clâmide pura de suas intenções patrióticas, sagrando-os amigos da Pátria."¹⁵⁷

As tensões políticas pelas quais atravessava o Brasil na década de 1930, estavam sobretudo em dois níveis: primeiro, a conjuntura internacional; segundo, a ressignificação dos conceitos dentro do quadro político do país. A partir desses níveis é gerada uma linha de tensão que impele o cidadão comum a posicionamentos que via de regra são dados pelo imaginário. Termos alienígenas como, o comunismo, antisemitismo, totalitarismo, nacional socialismo, circulam pela sociedade e se transmutam em integralismo, tenentismo e outros ismos que por detrás do signo que o representa, invariavelmente catalizam seguidores, seja na proposta unificadora do integralismo,¹⁵⁸ seja na visão conflituosa da Aliança Nacional Libertadora, não deixando de suscitar um sentimento de estranheza ou de ameaça.

O imaginário político, que ao longo de linhas de tensões sociais, eclodem em mitos de explicação da realidade política e preferencialmente encontram seu impulso motivador no interior de grupos minoritários, ameaçados ou oprimidos.¹⁵⁹

Como se viu no capítulo anterior, os discursos e a ameaça do complô não cessam de se recompor, de mesclar o real e o imaginário, a autenticidade objetiva e a fabulação mítica. Engendram-se uns aos outros, e desenvolvem-se um em relação ao outro. A maçonaria era o espaço onde o segredo era possível. A conspiração um tema vivo, e potencialmente perigoso.

¹⁵⁷ BARROSO, Gustavo. Brasil Colônia de Banqueiros. 1ª Reedição. Porto Alegre : Editora Revisão, 1989. p.25 (Grifos do autor)

¹⁵⁸ TRINDADE, Hégio. Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30. São Paulo: Difusão Européia do Livro. Porto Alegre: UFRGS, 1974

Segundo Edgard Carone, o início da década de 1930 conheceu o declínio do tenentismo, movimento de militares descontentes, que ajudaram a fazer a revolução de 30 e, assistiu ao aparecimento do integralismo, num clima de intranquilidade e de lutas sociais. Dentre os partidos de direita, o Integralista foi o de maior expressão, e usando da mística e do irracionalismo, galvanizou parte da pequena burguesia brasileira. Já a Aliança Nacional Libertadora (ANL) foi a frente única dos partidos de esquerda, que após a eleição de 1934, pretendeu combater o sucesso da burguesia, em sua tentativa de arrochar as "anarquias", tanto a tenentista quanto a comunista.¹⁶⁰

Como se vê, tanto a esquerda quanto a direita possuíam movimentos e bagagens ideológicas que mimetizavam as ideologias correntes pelo mundo, especialmente o comunismo e o nacional-socialismo apesar de serem autóctones. Entre abril e maio de 1934, a Aliança se organiza e cresce, tendo como presidente de honra Luís Carlos Prestes. Os embates com os integralistas aumentam.¹⁶¹ E, após violento manifesto de Prestes incitando as massas para a revolução, o governo resolve fechá-la. Filinto Müller, chefe da polícia, apresenta ao ministro, Vicente Rao dossiê que acusa todo o movimento de ser controlado por comunistas e financiado por estrangeiros. A burguesia exultou, a campanha anticomunista e a confiança depositada em Getúlio é ilimitada, as oligarquias pretendiam destruir todas as forças antagônicas. Na câmara parlamentar, uma minoria deseja convocar reunião secreta e pedir presença do ministro Vicente Rao, para conhecer as provas "que se dizem em poder do governo de que a Aliança Nacional Libertadora tem ligações com a III Internacional ou adota o credo comunista"¹⁶²

Mas, se a esquerda esteve sob suspeita de ligações subterrâneas com potências estrangeiras, o mesmo se deu com o Integralismo de Plínio Salgado e Gustavo Barroso.¹⁶³ Paul Fischauer no ano de 1944, alerta para o perigo do "Partido Verde", pois ele teria,

¹⁵⁹ GIRARDET, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.180.

¹⁶⁰ CARONE, Edgard. Revoluções do Brasil Contemporâneo: Corpo e Alma do Brasil. 2ªed. São Paulo: Difel, 1975.

¹⁶¹ Ver: BASBAUM, Leôncio. História Sincera da República. São Paulo: Alfa- Omega. 1976. V. 3.

FAUSTO, Bóris. História Geral da Civilização Brasileira. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996 V.3 T.3

¹⁶² CARONE, Edgard. Revoluções do Brasil Contemporâneo: Corpo e Alma do Brasil. 2ªed. São Paulo: Difel, 1975.

¹⁶³ SALGADO, Plínio. O que é o integralismo. São Paulo: Ed Stars, 1933 - BARROSO, Gustavo. O integralismo em Marcha. Rio de Janeiro: Schimdt, 1937

"além de receber auxílio material e instruções do Ministério de Propaganda do senhor Goebbels", a possibilidade de se tornar uma "Quinta coluna" voltada aos interesses imperialistas do Terceiro Reich. Foram observados os muitos adeptos ao partido, de origens germânicas no sul do Brasil que teriam mantido contatos estreitos com as organizações pró-Hitler no Brasil, bem como o ideólogo Gustavo Barroso que teria mantido correspondência permanente com Goebbels, que lhe teria enviado armas e lições de anti-semitismo, seus textos, como 'A História Secreta do Brasil' teriam sido escritos por ordens de Berlim.¹⁶⁴

Em novembro de 1935, em alguns pontos do país a revolução comunista era deflagrada apesar de o Partido Comunista estar na ilegalidade e a Aliança estar fragmentada a utopia do esquema de ataque que resulta na clássica revolução militar, e de que greves de massas os acompanhariam leva os planos ao fracasso. No nordeste e mesmo no Rio onde a revolta do 3º R. I. da Praia Vermelha foi de maior duração, fracassara totalmente a revolução comunista. Segundo Carone "O governo encontrava o motivo para amedrontar os vacilantes, aqueles que não acreditavam".¹⁶⁵

De forma similar uma tomada do poder foi tentada em 1938, pelos integralistas, que após auxiliarem Getúlio a consolidar sua posição, forjaram um documento o, "Plano Cohen", e ajudaram a instaurar o Estado Novo, são preteridos pelo chefe de Estado e têm seu partido fechado.¹⁶⁶

Daí, se vê o quadro de polarizações máximas na realidade brasileira dos anos trinta, extremismos que por fim equilibravam todo um leque de escolhas num modelo liberal em decadência. Verdadeiramente, a política do Ocidente - da URSS às Américas, que tem a Europa como caminho - será mais bem entendida, não como guerra entre Estados, mas como guerra civil ideológica internacional. Percebendo-se que as linhas divisórias cruciais dessa guerra não são simplesmente o capitalismo e a revolução social

¹⁶⁴ GERTZ, René. O Fascismo no Sul do Brasil. Germanismo-Nazismo- Integralismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987

¹⁶⁵ CARONE, Edgard. Revoluções do Brasil Contemporâneo: Corpo e Alma do Brasil. 2ªed. São Paulo: Difel, 1975. p.121

¹⁶⁶ Ibidem p. 136

comunista, mas entre famílias ideológicas: em um lado, os descendentes do Iluminismo do século XVIII e das grandes revoluções, incluindo a russa; e do outro, seus adversários. A linha divisória passava não entre capitalismo e comunismo, mas entre a idéia de progresso do século XIX e a reação a ele.¹⁶⁷

Em 1941, existe, toda uma leitura em retrospecto tanto da revolução bolchevique na Rússia quanto da Segunda Guerra que se iniciara em 39. O anti-fascismo naquele momento acabou mobilizando adversários tradicionais da direita, mas certamente não inflou seus números, agregou mais facilmente minorias como se vê no caso do integralismo.¹⁶⁸

Essa política de resistência à subida dos movimentos facista era portanto elementar em tese. Consistia em teoricamente unir os países contra o eixo agressor, e aí a Liga das Nações ofereceria uma estrutura potencial para isso, somando-se o não deferimento de concessões, as ameaças e por fim pela ação comum, detê-los e derrotá-los.¹⁶⁹

A URSS, com seu comissário de relações exteriores, Maxim Litvinov, fez-se a porta-voz dessa "Segurança Coletiva", entretanto, houveram dificuldades para a realização dessa união. Mais fácil era proferir os discursos que a pretendiam. O fato simples que obstaculizava isso, era que os Estados que partilhavam o medo do avanço fascista, enxergavam a União Soviética comprometida com a derrubada dos regimes burgueses, portanto, instigadora da subversão, a contradição estava presente mesmo no esforço único, e isoladamente alguns Estados chegavam a acordos com ela, quando lhes era interessante.¹⁷⁰

¹⁶⁷ HOBBSBWM, Eric. A Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.146

¹⁶⁸ Ibidem p. 150 (Hobsbawm alerta para a exceção de uma corrente de literatura internacional inspirada pela direita tradicionalista a antidemocrática que justamente circunscreve os ideólogos do integralismo, e alguns padres da Igreja, exemplo brasileiro citado mais a frente)

¹⁶⁹ Ibidem pg 151

¹⁷⁰ Ibidem pg 152

A "denúncia" dos interesses ocultos nas relações internacionais vinha desde 1934 arrastando as paixões em torno de imagens políticas, as inflexões que este contorno poderia dar a realidade brasileira afluía em temas sugestivos.

Esses regimes liberalóides não são a sucuri que te aperta e suga. Eles somente te entregaram a sucuri. A Cobra Grande está com o rabo enroscado em Londres e é ela quem vem há século e pico quebrando-te os ossos. No dia em que não restar um só, e fores o povo comunista de certos Cavaleiros da Esperança, a gibóia-assu judaica te engulirá de vez.¹⁷¹

Não admira que a interdição da maçonaria, fora "aconselhada" ao governo, e executada em 25 de novembro de 1937, quinze dias após o golpe que instituiu o Estado Novo, pelo General Newton Cavalcanti, membro do Conselho de Segurança Nacional.

No dia 22 de maio de 1941, uma publicação oficial por designação do Grão-Mestre da Ordem Maçônica, tece a defesa de sua instituição perante ataques lançados por um Bispo católico, que faz referências e acusações, as quais somente serão percebidas durante a defesa apaixonada dos maçons.

O quadro de referências históricas aludidas até o momento, se dá em grande parte nos anos anteriores à 1937 e, aos debates que se travam naquele contexto histórico. Estes debates permitem situar o documento abaixo, que ajudará entender a formação discursiva maçônica no início da década de 40.

¹⁷¹ BARROSO, Gustavo. Brasil Colônia de Banqueiros. 1ª Reedição. Porto Alegre : Editora Revisão, 1989. p. 91 . A primeira publicação foi em 1934 (o grifo é do autor)

" O Grande Oriente do Brasil ao público

O Conselho Geral do Grande Oriente do Brasil, tendo conhecimento de uma recente publicação feita em uma das revistas desta capital, por um padre jesuíta, contra a Maçonaria Brasileira, julga por bem dar ao público os seguintes esclarecimentos :

I - O Grande Oriente do Brasil é a mais antiga das instituições civís brasileiras. Teve sempre administração própria e sempre se inspirou nas tradições e no ambiente nacionais. Não tem, nem teve jamais, nenhuma dependência internacional de qualquer espécie, nem de direção, nem de rito.

II - Sua atuação tem-se norteadado de maneira uniforme, durante mais de um século : na

Constituição maçônica de 1934, Francisco Gê Acayaba de Montezuma, Visconde de Jaquitinhonha, prescreveu : "todo maçom deve necessariamente ser religioso, fiel á sua Pátria, submetido ás instituições e obediente ás leis ", e na Constituição de 1937, Moreira Guimarães estabeleceu : "A Maçonaria admite a prevalencia do espirito sobre a materia e proclama devem os maçons amor a Família, fidelidade e devotamento á Patria e obdiencia a Lei".

III - Nada tivemos, nem temos, de colaboração ou entendimento com o judaísmo. Não há, no Grande

Enunciação de quem detém o poder ilocucinário para falar sobre a maçonaria.

I - Afirmação da autoridade ilocucinária. Formulação de defesa denegativa e transferencial.

II - Delimitação do campo de assujeitamento.

Princípios maçônicos
= Princípios pátrios

III - Descrição defensiva (campo religioso)

¹⁷² Arquivo Particular da Loja União 3ª - Pasta 1941 Fl 47 Sic Este documento expressa de forma resumida defesas que sintetizam o cerne das acusações das quais eram alvos, assim pela riqueza da publicação achou-se conveniente reproduzi-lo na integra.

Oriente, lojas judaicas. Usamos nas cerimônias litúrgicas a Bíblia e não o Talmud. Não somos filosemitas, mas condenamos o racismo ateu.

IV - Nada tivemos, nem temos, com os extremismos da esquerda ou da direita. São antimaçônicos, por definição. Nos movimentos de novembro de 1935 e maio de 1938, não houve maçons.

V - O padre faz uma afirmação totalmente inverídica; diz que "a Rússia de Stalin é hoje o arsenal das Lojas", quando a verdade é que não há uma só loja maçônica (nenhuma !) em toda a Rússia, pois o Partido Comunista aboliu a Maçonaria.

VI - O padre, perseverando no seu enredo, afirma que a derrocada da França, deveu-se à Maçonaria, mas toda a gente sabe que a Maçonaria é muito mais difundida na Grã-Bretanha do que o era na França, e muito concorre para o fortalecimento do caráter inglês. É estranho que nosso oponente isso ignore, o que gravemente o compromete em suas afirmações.

VII - Vamos dar uma informação ao padre: em nossa Pátria um dos que primeiro denunciaram os perigos do comunismo foi o Grão Mestre de então, Dr. Mario Behring, num discurso instalando a Grande Loja Regional de São Paulo (20-1-1923), há quase 20 anos. Se S. Ver. Não tivesse medo de queimar as mãos, lendo o boletim da época, nós lho

IV - Divisão denegativa fundada do desconhecimento.

V - Prescrição performativa.

VI - Desautorização de ilocução

VII - Desautorização de legitimidade.

¹⁷³ As categorias utilizadas foram retiradas do texto de Pierre Bourdieu, A Economia das Trocas Linguísticas, e não pretendem configurar tipologia específica, uma vez que foram pensadas a partir do documento e não da teoria.

remeteríamos.

O padre não sabe igualmente que os nossos princípios cardiais são a Tolerância e a Fraternidade que proscrevem a violência e a luta de classes. Buscamos o fim moral, isto é, a Verdade e a Virtude.

Os principais vespertinos de 1º de outubro de 1937 e os matutinos do dia seguinte publicaram uma histórica "Declaração do Grande Oriente do Brasil à Nação", afirmando, "uma vez, de público, a sua *formal repulsa ao comunismo*". É um documento que o padre deve ler. Desde 1923 até hoje, a nossa atitude é unívoca. As nossas atas o comprovam e as autoridades públicas o sabem. Ninguém hoje é admitido no Grande Oriente " se professar ideologia contrária ao regime político-social brasileiro"(art. 1 § 1º da Constituição) e " serão sumariamente expulsos os maçons que vierem a professar tais doutrinas (art. 30 §13).

VIII - O Grande Oriente foi, desde a sua fundação, uma escola de brasilidade. A prestação de serviços à Ordem foi sempre condição para elevação dos maçons dentro da Instituição. Brasileiros maiores, lhes frequentaram as lojas : soldados valorosos, como : Andrade Neves, Gomes Carneiro, Osório e o invicto Caxias, patrono do nosso glorioso Exército; marinheiros audazes como Wandenkolk, Jaceguay, Midosi e Verissimo da Costa; patriotas ímpolutos, como Bento Gonçalves e Nunes Machado, Gonçalves

Delimitação reativa ao campo político, naturalizadora.

Formulação denegativa ao campo do secreto.

VIII - Representação descritiva pró-ativa de eficácia política.

Ledo e Evaristo da Veiga e mais: Silva Jardim, Gaspar Martins, Martins Junior, Mariano Procópio, os dois Rio Branco, Ruy Barbosa, Ubaldino Amaral, Macedo Soares... Numerosos e eruditos sacerdotes foram maçons entre eles os bispos D. Azevedo Coutinho, D. Sebastião Pinto do Rego, o bispo conde de Irajá, Monsenhor Pinto de Campos, frei Monte Alverne, frei Francisco de São Carlos e o padre Diogo Antonio Feijó, todos grau 33, devendo-se citar ainda Januário da Cunha Barbosa, frei Sampaio, frei Caneca, padre Roma, etc. E, sobretudo, eminentes chefes do Estado, que foram iniciados e frequentaram o Grande Oriente : Pedro I, Deodoro, Prudente, Campos Salles, Hermes e Nilo Peçanha.

Muitas iniciativas no benefício da Patria preocuparam os maçons brasileiros : o ensino da lingua nacional obrigatório aos filhos de maçons (1915); a fundação das escolas, como obrigação de lojas e maçons, nos lugares onde não haja escola oficial (1916); o culto a Bandeira nas sessões magnas, (1920); o desejo, "como simbolo do Brasil unido" de uma "só Bandeira e um hino - os da República" concorrendo assim "para a unificação da Patria grande, poderosa e forte "(1922); o Rito Brasileiro; sessões civicas públicas nas datas, não somente nacionais, senão também nas de grandes vultos da história brasileira". Constituição, art. 113)

Representação prescritiva de eficácia política.

IX - O padre é também um Samsão embravecido : IX

- Desconstrução

investe ao mesmo tempo contra a Liga das Nações, o discursiva performativa.

laicismo, o casamento civil, o desquite, a coeducação, a literatura infantil, a educação física da mulher... Enxerta tendenciosamente um relatório do general Weygand no seu artigo, para embair os leitores menos avisados. É mais uma vez contraditório acusando os maçons ora por pacifismo, ora por espírito inimigo da paz. Aliás, nessa matéria de contradições, o padre é insuperável; a Liga das Nações, o generoso sonho de Wilson, diz ele que foi "arquitetada e patrocinada pela Maçonaria"; mas a Maçonaria, continua o padre, fez para ela entrar a Rússia, e a Rússia - é ainda o padre quem diz - deu "o golpe de graça" na instituição genebrina. Que concluir daí? Se a Maçonaria patrocinava a Liga das Nações e a Rússia a destruiu como admitir que a Maçonaria e Rússia possam "estar de mãos dadas" como afirma o padre ?!

X - O padre diz outra inverdade, quando afirma que após o Estado Novo, se deu o "fechamento da Maçonaria", mediante decreto. O caso é inteiramente diferente e ocorreu na vigência do Estado de Guerra. Este fôra promulgado a 3 de outubro de 1937 e só vinte dias depois a Comissão que o superintendia, adotou uma providência geral contra "todas as Sociedades de caráter secreto, inclusive as lojas maçônicas". A providência era provisória e duraria apenas até a conclusão de inquérito regular, que

X - Representação performativa de consagração da ordem estabelecida. (self-fulfilling prophecy)

[Obs.: Seu efeito é tanto mais poderoso quanto é o reconhecimento da representação]

expungiria das lojas elementos indesejáveis, se porventura existissem.

Desse episódio de 1937, o Grande Oriente exsurto maior, restaurado no tradicional conceito, em que o tem a sociedade brasileira. Continuamos a prestar vultosas obras de beneficência e funcionam as nossas escolas, orfanatos, asilos, dispensários, assistências e bibliotecas. As Lojas são centros de fraternidade, de filantropia e de ordem.

XI - O Grande Oriente do Brasil reformou a sua Constituição em fevereiro de 1937, meses antes do advento do Estado Novo. Era nossa antecipação á realidade brasileira e naquele instrumento se contém os mais sãos princípios de ordem e de civismo.

XII - Afinal vê o padre que o seu artigo apenas nos serviu para informarmos o público, que não nos conhece do que fomos e do que somos. Foi uma oportunidade que resolvemos aproveitar porque o azedume e a maldade do padre não nos preocupam, nem mesmo nos interessam. Este não é o primeiro nem será o último agravo a que a secular Instituição terá de assistir. Adversários mais ardilosos já a atacaram.

Não tenha o padre, porém, horror ao Grande Oriente. Não dependemos de qualquer entidade estrangeira, maçônica ou não. Não descristianizamos ninguém, porque somos cristãos. Servimos a nossa Terra, nunca faltamos ao Brasil.

XI - Prescrição performativa confirmadora da representação anterior. (campo político)

XII - Capitalização simbólica de poder ilocucionário e social.

Transferência

(campo religioso)

Não temos, porem, é certo o dever de obediencia ao governo do Vaticano.

PELO CONSELHO GERAL DA ORDEM: Joaquim Rodrigues Neves

GRÃO MESTRE DO GRANDE ORIENTE DO BRASIL, Oscar Argollo.

Assumo a responsabilidade pelo artigo supra. Oscar Argollo. 22-5-41.

Reconheço as firmas supras. Em testemunho da verdade. Rio, 22 de maio de 1941. Dr. Julio de Castilhos Penafiel. Tabela substituto (Mandado publicar pela Loja União 3ª de Porto União). "172

Legitimação

pós

discursiva.¹⁷³

No plano discursivo, cada documento pretende ter um efeito de sentido, no mais das vezes bem claro, e a partir deste sentido explícito no documento chega-se aos elementos conjunturais. Quais as necessidades imediatas que se apresentavam para que se redigisse algo tão rico em posicionamentos com relação à situação política mundial e nacional, situação econômica e moral das lojas sob a égide do Grande Oriente do Brasil.

O documento é antes de tudo, uma defesa à ataques formulados por um padre jesuíta não nomeado, que os teria publicado algumas semanas antes. Como se viu a temperatura das crises externas e internas acabavam por disparar paixões que se nutrem de imagens precisas e as palavras que se veiculam a elas, a associação ao judaísmo sem pátria é apenas a mais evidente delas.

Durará isto para sempre ? Será esse o nosso trágico destino ? Seremos servos humildes do judaísmo capitalista de Rotschild ou escravos submissos do judaísmo comunista de

Trotsky, pontos extremos da oscilação do pêndulo judaico no Mundo ? Ou encontraremos no fundo da alma nacional aquele espírito imortal de catequizadores, descobridores, bandeirantes e guerreiros, único que nos poderá livrar de ambos os apocalipses ?¹⁷⁴

Entre tantos ataques, em 26 de junho de 1941, em Juiz de Fora o Padre Thiago Boomaars publicava um libelo autorizado pelo Imprimatur do Bispo Diocesano Justino. O texto intitulado 'A Ilusão Maçônica' poderia estar no lugar aludido pelos maçons nessa publicação oficial, pois realiza toda a série de associações das quais eles se defendem : ligação com o judaísmo, obediência a poderes externos, tramas revolucionárias que originariam o próprio comunismo, e, acima de tudo, a necessidade de se questionar os preceitos morais que levam a essas atitudes: o prestígio, a honestidade, a solidariedade e o patriotismo maçônico. "Alega-se que na Rússia não funcionam lojas maçônicas. Isto seria verdadeiramente desnecessário, pois o judaísmo já conseguiu realizar ali o que planeja realizar alhures, às escondidas, pelos segredos maçônicos..."¹⁷⁵

A postura assumida pelo Grão Mestre da maçonaria inequivocamente procurou uma forma de legitimação de suas colocações, quando há necessidade de que no jornal esta publicação seja explicitamente com os responsáveis pelo texto, e com firmas reconhecidas em cartório portanto é "Em testemunho da verdade." Em meio a opiniões produzidas e autorizadas pela Igreja, pertencentes ao domínio do sagrado, os maçons ofereceram respostas. E suas afirmações tem autoridade na ordem civil, o direito laico foi buscado. O discurso inicia com as Instituições Cíveis e se encerra no reconhecimento do tabelião. Ato, esse que afirmou com autoridade uma verdade com força de lei constituiu um ato de conhecimento que, por estar fundado, como qualquer poder simbólico, no reconhecimento, produziu a existência do que enunciou.¹⁷⁶

¹⁷⁴ Ibidem p. 50

¹⁷⁵ OLIVEIRA, Ramos. A Ilusão Maçônica. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Costa, 1941. Este autor coletou diversos artigos do padre Boomaars para compor esta publicação, dentre outras obras dele se encontram textos como: Aspectos Sociais Sob Dois Prismas - Paralelo entre o socialismo e o cristianismo, Noções Sociais - Cartilha popular anti-comunista, Porque me Ufano de Minha Fé, entre outros

¹⁷⁶ BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Linguísticas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. P. 109

As afirmações de ambos os lados quanto da existência ou não de Lojas maçônicas, não é acompanhada de nenhum documento, ou ainda a existência nos movimentos de 1935 e de 38 de elementos que porventura tivessem passado pelos quadros da maçonaria, absolutamente não caracterizariam nenhuma postura oficial ou institucional do Grande Oriente do Brasil . Entretanto, a negativa disto é essencial numa fala oficiosa, destinada ao público brasileiro como um todo, maçons e não maçons. Na resposta ao padre seu destinatário confesso é o grande público brasileiro, entretanto seu destinatário preferencial ainda é o maçom. Já que cada Loja deverá ser a responsável pela publicação. Ainda que algumas Loja movidas por um sentimento de independência ideológica com o Grande Oriente, ou em processo de dissidência não o publicasse, seus membros efetivamente iriam entrar em contato com o manifesto público.

A informação que esta peça publicitária contém é plural, entende-se que comunicar é agir no mundo esperando uma transformação. A partir disto percebe-se que as formações discursivas que esse documento encerra se utilizaram de um mesmo esquema de temas e figuras materializados em vários momentos para a afirmação de um sentido global, qual seja : a construção do caráter e orientações políticas do maçom .

As imagens que afloram, desprezando-se as posições oficiais, portanto, constitucionais, remeter-nos-ão, inevitavelmente, aos "heróis maçons" que, no passado, junto com o Estado e com a Igreja, indubitavelmente foram afiliados em algum momento à maçonaria e que tiveram papel de destaque na condução de assuntos considerados de pertinência maçônica. Essas imagens são alçadas por esse vínculo a uma categoria de amplidão nacional.

Profecias do passado, pretendem ocultar a possibilidade de grupos antagônicos ou dissidências internas sob a égide de conceitos gerais, como os princípios de ordem e civismo, que são portanto universalizadores. Veja-se, "O Grande Oriente do Brasil reformulou sua Constituição em fevereiro de 1937, meses antes do advento do Estado Novo. Era a nossa antecipação a realidade brasileira e naquele instrumento se contém os mais sãos princípios de ordem e civismo." Segundo Bourdieu, a eficácia política se dá no

momento mesmo da possibilidade de articulação entre o discurso crítico e uma crise objetiva. As previsões políticas são sempre performativas e pretendem fazer acontecer aquilo que elas anunciam.¹⁷⁷ Por meio da leitura deste fragmento entende-se que o Grande Oriente como uma massa coesa já tinha ciência dos vínculos e das exigências que as instituições nacionais lhe requisitariam, performativamente diz: 'secretamente nós já sabíamos'.

A descrição e a prescrição das atitudes maçônicas elencadas, a escola laica, o culto a bandeira, ensino da língua oficial são pré-condições para a legitimação da existência do grupo maçônico e pretende conduzir o destinatário para a noção inequívoca de que existe uma "ação" política específica, no momento em que a adesão maçônica transforma homens de reconhecida vida política em "valorosos prestadores de serviços à Ordem".

No tópico VIII, observando-se a associação realizada pelo discurso daqueles valores que unificam a nação, como: brasilidade e civismo, ou ainda os chavões destacados como: símbolo do Brasil unido, unificação da Pátria. Pode-se extrair deste documento o cerne das preocupações maçônicas e, que são parte integrante dessa fala puramente reativa aos ataques, a unidade maçônica é ligada imagetivamente aos destinos da Pátria.

O uso das datas após cada determinação oficial executada "culto a Bandeira nas sessões magnas, (1920)", bem como da citação dos trechos constitucionais pretende emprestar ao libelo um caráter de credibilidade já auferida legalmente, que neutralizaria a pretensão de questionamento político destas atitudes. São temas de conteúdo e qualidades políticas evidentemente, onde o estilo da enunciação procuram evitar a polemização destes pontos que, não se efetua, pois a realidade já está dada.¹⁷⁸

As qualidades estilísticas do texto não podem ser desprezadas já que se quer desqualificar o oponente de sua suposta posição de conhecedor das realidades maçônicas. A utilização da topicalização das afirmações proferidas do Grande Oriente Brasileiro,

¹⁷⁷ Ibidem p. 113

¹⁷⁸ Ibidem p 121

sugere um estatuto, um código a ser executado. O uso dos números romanos que vão de I a XII nos remete a uma antiga determinação do direito.¹⁷⁹ O efeito retórico que se obtém é o que busca um outro referencial para legitimar suas falas, anterior à própria Igreja, a lei, as relações do mundo laico, os estatutos, os contratos é o universo a que se pretende remeter, nessa reedição da disputa do poder temporal versus poder espiritual.

A digressão pode nos parecer distante na História, portanto, pouco confiável, mas como teste do universo maçônico, poderemos simplesmente ir direto à leitura da fala, que encerraria com um ponto final esta longa defesa. "Não temos, porém é certo o dever de obediência ao governo do Vaticano."

É a própria Instituição que fala, neste documento, através de seu Grão Mestre. Não, só pela posição social daquele de quem profere o discurso, como assim se quer intencionalmente, desde o título ao seu final. Uma resposta aberta ao público, mas não um documento qualquer, uma carta com posicionamentos claros em relação ao momento político e social de 1941.

O lugar de onde se fala, se pensarmos como Foucault, é justamente onde se articula o desnivelamento entre o texto primeiro (discurso de disputa com a Igreja), e os discursos que se transformam ao acaso das conjunturas (posições pontuais aos ataques). O conjunto de temas que se articulam e se repetem indefinidamente neste e em outros documentos¹⁸⁰, está dado. O contexto de um Brasil revolucionário, de um mundo em guerra somente ressignificam os comentários, somente atualizam o corpus de imagens a serem empregados. "O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta."¹⁸¹

O imaginário se constrói a partir desses elementos, novos e antigos. Os discursos refletem-no e bebem dele. O segredo maçônico, as condenações da Igreja, a suspeita do complô. A ascensão do integralismo tomando o lugar do jesuitismo na absorção da

¹⁷⁹ A Lei das Doze Tábuas no período republicano Romano cristalizou as tradições de leis orais, em um código escrito a partir de reivindicações da plebe junto aos patrícios. Igualmente ao fim da Idade Média a recuperação do Direito Romano pelos teóricos do absolutismo questionava a autoridade do Papa, em detrimento de um poder que seria investido na figura do Imperador.

¹⁸⁰ Vide o próximo documento neste mesmo capítulo

¹⁸¹ FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo. Edições Loyola, 2000. p. 26

posição mais radical contra a maçonaria está visceralmente ligada a questão judaica e aos movimentos antisemitas no mundo e no Brasil.

O discurso tem pôr objetivo final desvincular todos os canais subterrâneos sugeridos pelo jesuíta, uma linguagem claramente política se faz para tal sentido, a lembrança do fechamento das Lojas ainda era recente, se fazia portanto necessária uma retratação notória de adesão ao regime em vigência.

O antisemitismo era o centro de um complexo de temas que por toda parte despertava um sentimento difuso. A exemplo disso Hobsbawm identificou esse aspecto dentre os povos camponeses da Europa Oriental, em que para fins práticos o judeu era o ponto de contato entre o ganha-pão do aldeão e a economia externa de que sempre dependera. Entre povos tão sombrios se podia acreditar nas histórias de judeus sacrificando crianças cristãs, e os momentos de explosão social levavam a pogroms estimulados pelo Império reacionário.¹⁸²

Segundo Tucci Carneiro, a Igreja nesse período de consolidação do regime, buscou seu papel no quadro político pela via da Educação, espaço articulado e institucionalizado. Esta autora lembra a ligação feita por Francisco Campos entre ela (Igreja) e o novo regime, resgata nas revistas "A Ordem", as posições de Alceu Amoroso Lima para que não se entregasse o ensino aos Pioneiros da Escola Nova, que sob influência da Maçonaria acabariam por implantar o regime comunista.¹⁸³

Na esteira desse pacto do Estado com a Igreja, recorda ainda que, durante o período colonial, a sociedade brasileira foi fortemente marcada pela ideologia cristã, vigiada pelo Santo Ofício, num sistema simbólico racista institucionalizado especialmente contra os descendentes de judeus, apoiados em uma ideologia de pureza de sangue, também por meio da Educação. A interferência na mentalidade e no comportamento dos

¹⁸² Os pogroms e os gulags eram os campos de concentração do Império Russo. HOBSBAWM, Eric. A Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 123

¹⁸³ TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. O Anti Semitismo na Era Vargas (1930-1945). São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 110

indivíduos, o anti-semitismo moderno recupera mitos medievais, sustentados pela Igreja - judeu = traidor, anti cristo e herege por tradição.¹⁸⁴

O herege, o conspirador o homem do complô, todo um plano de representação simbólica que despreza as diferenças internas (ritos, mitos e dissidências), que acaba por tratar não só a maçonaria como uma coisa só e, também como uma expressão do judaísmo. A conspiração e o universo do secreto é constantemente rebatida por via do complô benéfico e patriota. A resposta que só o texto de época pode demonstrar, de como as sensibilidades entendiam a panfletagem do período." Não descristianizamos ninguém, porque somos cristãos. Servimos a nossa Terra, nunca faltamos ao Brasil." Desvincular o filo-judaísmo da maçonaria é mister, mas as entrelinhas mostram o forjar de uma identidade, na construção do discurso.

A proibição oficial do Estado da prática das outras crenças não existia, mas a restrição do espaço político-social reduzia as suas imagens estereotipadas ou palavras de ordem: Antijudaísmo, antiprotestantismo, anticomunismo, antimaçonaria, antibolchevismo e antiliberalismo na malha densa das leituras do dia-a-dia, confundiam-se, mesclando partidos, grupos e ideologias políticas com religião e incorporando um ideário comum pregado pela Igreja/ Estado e pelo integralismo.¹⁸⁵

Grande número de prelados da Igreja Católica apoiavam os integralistas que lançavam suas armas contra o comunismo, o judaísmo internacional e a maçonaria. As publicações se seguem : As Forças Secretas da Revolução - Maçonaria e judaísmo, 1931 de Leon de Poncins e o romance de Michael Gold Judeu sem dinheiro, 1933: O Judeu Internacional, 1934 de Henry Ford; por fim Os Protocolos dos Sábios de Sião, 1934.¹⁸⁶

Simultaneamente a preparação do Plano Cohen pelo Governo Vargas no Brasil, os bispos divulgavam a Encíclica de Pio XI, em conjunto com uma Carta Pastoral sobre o Comunismo Ateu, publicada no Rio de Janeiro, em 08 de setembro de 1937. Esta

¹⁸⁴ Ibidem p. 112

¹⁸⁵ Idem

¹⁸⁶ Ibidem p. 113

legitimava moralmente o estado na execução de seu plano golpista.¹⁸⁷ Justificava também suas posturas com a maçonaria, com os anticlericais e grupos religiosos de outras confissões.

No início da década de 1940, portanto, a divulgação de um volume considerável de obras e panegíricos contra e a favor dos maçons não deve ser desconsiderado, muito já se falou da natureza compósita e falsa dos 'Protocolos dos Sábios de Sião', sejam por autores respeitados, acadêmicos ou panfletários. A referência de mais valia aqui, considerando a metodologia empregada, é o comentário aos protocolos feito por Humberto Eco em que ele demonstra o silogismo entre a ficção romanesca e a realidade.¹⁸⁸

"Como os estudiosos observaram, é fácil perceber que os Protocolos foram um produto da França oitocentista, pois estão repletos de referências a questões do fin-de siècle francês (como o escândalo do Panamá e os rumores sobre a presença de acionistas judeus na Companhia do Metrô de Paris). Também é claro que foram baseados em vários romances famosos. Infelizmente, a história, mais uma vez, era tão convincente como narrativa que muita gente não teve dificuldade em levá-la a sério. O resto é História: Um monge itinerante chamado Sergei Nilus, que vivia entre a comunidade russa da França - uma figura bizarra, meio profeta e meio canalha, desde muito obcecado com a idéia do Anticristo -, a fim de favorecer sua ambição de tornar-se conselheiro espiritual do czar, prefaciou e publicou o texto dos protocolos. Depois esse texto percorreu a Europa e foi cair nas mãos de Hitler. Vocês conhecem o resto da História."¹⁸⁹

Humberto Eco na França e o Padre Benimelli na Espanha, demonstraram como o uso dos protocolos em narrativas fantasiosas, mas convincentes construíram consensos políticos no mundo real.¹⁹⁰ Este uso se repetiu no Brasil com Barroso, onde a Revolução era algo real nos anos 30, facilitando a associação da Revolução a um bode expiatório, tão mais fácil se o elemento visado autodenomine o "bode", tal como os maçons o faziam após a publicação de suas obras, ainda que por uma brincadeira.

¹⁸⁷ MARCHI, Euclides. Igreja e Estado Novo: Visibilidade e Legitimação. In: SZESZ, Christiane Marques(org). Portugal Brasil no século XX.: Sociedade, Cultura e ideologia. Bauru, SP: EDUSC, 2003. p. 227

¹⁸⁸ ECO, Humberto. Seis Passeios pelos Bosques da Ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

¹⁸⁹ Idem Op Cit. p. 143

¹⁹⁰ Ver: Benimelli, José A Ferrer. Maçonaria X Satanismo. Londrina: Editora Maçônica "A Trolha", 1995. Este autor faz a análise comparativa dos protocolos com as versões anteriores deste texto para comprovar sua fraude.

Seja na Paris da virada do século XIX, seja no Brasil dos anos 30, ao historiador é crucial separar essas instâncias para que a história ganhe em sentido e profundidade, finalmente ultrapassando as esferas do événementielle.

O arquivo da Maçonaria, se depara com o exclusivismo de um estudo setorial, ou seja, há poucos portadores de autoridade para escrever sua história. Sendo assim, a seleção documental é sempre de uma ótica unilateral. Dentre a documentação vislumbrada, raros foram os documentos com colocações Oficiais do Grão-Mestrado da Ordem fora das deliberações normativas internas.

Mais raros, são aqueles que se colocaram frente as demandas do mundo "profano", desta forma o exclusivismo deste documento justifica sua análise. Seu caráter aberto à sociedade, sua missão divulgatória e o próprio registro dos acontecimentos de 1937, sob outra ótica permite perceber o que se passava não somente nos documentos oficiais do regime varguista, mas como os homens se manifestaram maçons frente ao poder do Estado e a imagem do complô aceita por este.

Segundo a ata registrada na sessão econômica do dia 13 de junho de 1941, a publicação inicialmente realizada pelo jornal O Globo, chegou até a Loja, nesse expediente e foi deliberado que "...com referência ao artigo publicado pelo Gr.: Or.: em defesa de nossa subl.: ordem, resolveu-se transcrevê-lo em boletins para distribuição pública." ¹⁹¹ Nas semanas subsequentes na Loja União III, os balanços no início da sessão informam sobre maços de boletins recebidos do Grande Oriente, como de outros Orientes, que se posicionavam ante as acusações do Padre jesuíta. ¹⁹² A publicação paga pela Loja em jornal local, "O Comércio", a distribuição pública a partir de um grupo social urbano e de uma elite ligada à administração pública e às profissões liberais do município levam à circulação de conceitos sobre o que seria a maçonaria.

No restante daquele mesmo ano, a Loja receberia ainda mais dois libelos comunicando novos ataques advindos da Igreja contra maçons e protestantes os quais o

¹⁹¹ Livro de Atas nº VI - p. 197 b

¹⁹² Ibidem p. 198

"...poder .: Orad .: lendo perante a Loj .: e ao mesmo tempo explicando, certos trechos ofensivos,..."¹⁹³ e, ainda mais foram lidas reportagens do jornal católico "A União", publicado na capital da República.

A citada pranch .: , digo reportagem do Jornal da comandita católica romana, foi feita com o fito de provocar a parte das autoridades brasileiras a proibição do funcionamento da Maçonaria. Motivou o artigo referido, tão somente o despeito, visto que, o mesmo fora traçado pelo fato de haver a maçonaria goiana, recepcionado o poder .: Ir .: Dr. Pedro Ludovico, interventor goiano. Como demonstração de solidariedade ao Ir .: em causa e a maçonaria goiana, resolveu-se dirigir a cada um uma **prancha** congratulatória.¹⁹⁴

Finalmente, naquele ano o recebimento de circular com o decreto lei nº 3688, em outubro que proibia o funcionamento de associação que se reunisse periodicamente com fim de ocultar às autoridades sua existência, objetivo, organização ou administração. "Declarando não se aplicar à maçonaria aquele dispositivo de lei, de vez que a nossa Instituição acha-se funcionando legalmente, visto que tem seus estatutos registrados de acordo com a lei..."¹⁹⁵

Das falas oficiais às expressões locais há uma unidade que demonstra um medo comum e uma necessidade de coesão sempre repetida, já que o imaginário acerca da maçonaria tende a se comprovar a cada crise, em que a aura do segredo é explorada pelos detratores e algumas vezes pelo próprios maçons.

Apesar do regime de cordialidade entre o Estado e a Igreja que teve como ápice o Congresso Eucarístico de São Paulo em 1942¹⁹⁶, a ditadura getulista a partir deste ano enfraquece no plano interno, já que setores da população e estudantes cobram, nas ruas, o alinhamento com os Aliados contra o eixo, provocando o fortalecimento de uma oposição liberal - democrática e nessa esteira o declínio do poder do presidente.¹⁹⁷

¹⁹³ Livro de Atas nº VII - p 4

¹⁹⁴ Idbiem p. 6 (Prancha é a denominação maçônica para toda correspondência inter lojas.)

¹⁹⁵ Ibidem p 26

¹⁹⁶ CARONE, Edgard. A Terceira república (1937-1945). São Paulo: Difel, 1976. p. 13

¹⁹⁷ ALMEIDA JUNIOR, Antonio Mendes. Do Declínio do Estado Novo ao Suicídio de Vargas. In: História Geral da Civilização Brasileira.III O Brasil Republicano. São Paulo: Difel, 1984 Tomo 3 vol -4 cap IV. p.227

Após 1944, parece inevitável a chamada redemocratização, o fim da Segunda Guerra e a queda do Presidente Getúlio no ano seguinte, levaram o país a um novo ambiente político. A "democracia liberal" do período Dutra, entretanto, era tal como a viram os donos do poder, como qualquer movimento ou organização de massas sufocado e/ ou atrelado à máquina burocrática do Estado. De acordo com a manutenção das liberdades individuais garantidas pela Constituição, liberal na forma, mas herdeira do autoritarismo dos anos 30 no conteúdo.¹⁹⁸

Neste plano em que as imagens criadas através dos discursos tendem a se alterar somente naquilo em que as ideologias ao sabor da conjuntura trazem com um novo elemento, como o Integralismo, constrói-se uma nova máscara para uma mentalidade cristalizada. Quase dez anos após, viria ainda a herdeira da nova conjuntura a LEC.¹⁹⁹

3.1 - Fragmentos Mentais do Pós-Guerra .

A ameaça à sociedade liberal e todos os seus valores parecia vir exclusivamente da direita; a ameaça à ordem social, da esquerda. As pessoas da classe média escolhiam sua política de acordo com seus temores.²⁰⁰

A Segunda Guerra Mundial teve, nos anos subsequentes ao seu fim, um impacto considerável sobre a opinião de grande parte das pessoas que de alguma forma entraram em contato com as notícias que advinham da Europa. Fossem essas notícias a respeito de outras nações ou, ainda dos praças envolvidos no esforço de Guerra da FEB,²⁰¹ abalavam as consciências no Brasil, e repercutiam consideravelmente sobre as orientações que tangiam os posicionamentos políticos naquela conjuntura. Isso delimitava representações ideológicas específicas traduzidas em discursos os mais diversos e em diferentes setores da sociedade.

¹⁹⁸ Ibidem p. 244

¹⁹⁹ Liga Eleitoral Católica, doravante (LEC)

²⁰⁰ HOBBSAWM, Eric. A Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 121

Existiram discursos esparsos pelo sul do Brasil, de apoio às forças conservadoras, deve-se levar em consideração que todo esse apelo tem uma origem. É a partir da posse de D. Sebastião Leme da Silveira Cintra (D. Leme), na Arquidiocese do Rio de Janeiro, em 1921 que um processo de restauração católica começa a ganhar força. Referindo-se ao país como Nação Católica, o Arcebispo leva adiante a idéia de formar uma *intelligentsia católica*, fundando o Centro D. Vital, que recrutaria seus membros entre as classes médias e altas, pretendendo com isso combater o anticlericalismo e o ateísmo advindos com a República.²⁰²

Na mesma década, como exemplo destes discursos, no Rio Grande do Sul o Arcebispo D. João Becker, admirador incondicional dos regimes totalitários em diversos falas e pastorais elogia Mussolini que teria salvado a Itália do bolchevismo. Esses elogios tomam características religiosas na defesa da latinidade universal. Com relação ao socialismo na Alemanha o tom é o mesmo, Hitler teria salvado sua pátria do domínio comunista.²⁰³

O tom só irá mudar na década seguinte, já com a guerra em andamento, após as condenações do nacional - socialismo por Pio XI, na Encíclica 'Mit Brennender Sorge'. Dom Becker mesmo assim irá distinguir entre Estados Totalitários pagãos e cristãos, os primeiros que fazem do mesmo Estado um Deus, e os segundos que respeitam os direitos de Deus e da pessoa. Rejeita, a Rússia, a Alemanha e tem por modelo o totalitarismo de Salazar em Portugal. Entrementes sobre o regime de Benito Mussolini só lhe resta o silêncio.

No plano interno, o arcebispo propõe o integralismo e o Estado Integral como a melhor solução para os problemas sociais e políticos, embora tenha apoiado o trabalho da LEC em seu início.²⁰⁴

²⁰¹ FEB - Força Expedicionária Brasileira

²⁰² TANGERINO, Márcio R. P. A Política na Igreja do Brasil. Campinas, SP: Alínea, 1997. p.75

²⁰³ BEOZZO, José Ocar. A Igreja e a Revolução de 1930, O Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris. História Geral da Civilização Brasileira. III O Brasil Republicano. São Paulo: Difel, 1984. Tomo 3 vol-4 p. 319

²⁰⁴ Idem

O processo ganhou velocidade com a chegada de Getúlio Vargas ao poder em 1930, e um ano mais tarde mobilizações de massa somam forças ao Cardeal, em seu projeto de aproximação da Igreja com o Estado. Entretanto era na articulação de grupos de influência que D. Leme revelava maior astúcia, na Assembléia Constituinte, convocada pelo presidente em 1933 ele representando a Igreja se nega a formar um partido político Católico e, adota a idéia de formar grupos de pressão. Nasce a Liga Eleitoral Católica (LEC).²⁰⁵

A aposta era de grupos que sendo suprapartidários, poderiam fazer com que candidatos diversos viessem a apoiar medidas que beneficiassem os interesses da Igreja. Todos os candidatos que se envolveram com o programa da LEC, receberam apoio dela e, grande parte, foi eleita. Desta forma a constituição de 1934 contemplava todas as exigências formuladas pela Liga, a saber:

O Estado podia ajudar a financiar obras da Igreja. Os membros das ordens religiosas recuperaram o direito de votar. A assistência espiritual foi permitida nos estabelecimentos oficiais e militares. O casamento religioso foi reconhecido. A educação religiosa tornou-se facultativa nas escolas públicas e o Estado podia subsidiar as escolas da Igreja.²⁰⁶

A LEC garantiu vitória no primeiro embate, readquirindo para a Igreja antigos privilégios perdidos na Proclamação da República. Em 1945, a Liga voltava novamente ao quadro político brasileiro. Depois da queda do Estado Novo, era convocada nova Assembléia Constituinte. A redemocratização desse ano somada à avaliação positiva que a Igreja fez da LEC no período anterior ao Estado Novo, essencialmente no que dizia respeito aos interesses corporativos da Liga, acabam levando a uma ressurreição dessa entidade para um novo embate eleitoral.²⁰⁷

Segundo Marchi, no pacto que aproximava Estado e Igreja durante a década de 40, o Estado afastava as influências dos adversários da Igreja: como o comunismo, o

²⁰⁵ Idem

²⁰⁶ Ibidem p. 77

²⁰⁷ Ibidem p. 79

fascismo e os anticlericais e grupos religiosos de outras confissões. Em troca, a instituição católica não o molestaria em seus atos arbitrários e em suas decisões políticas e sociais.²⁰⁸ Novos inimigos se somariam aos velhos detratores da Igreja, no período do General Dutra como o espiritismo e, principalmente, o comunismo, que da sua rejeição à Igreja fazia sua própria auto afirmação.²⁰⁹

Nessa conjuntura em que se configurava a Igreja do final dos anos 40, os maçons, ainda pretendendo ser um bastião do liberalismo, que estivera em franca decadência no anos 30, faziam circular entre seus afiliados manifestos eventuais de ataque a Igreja. Na primeira parte da sessão semanal de cada Loja, são lidos os boletins recebidos, pranchas de outras oficinas, comunicados oficiais bem como os manifestos. A leitura é realizada num espírito de reflexão e cortesia aos Irmãos de outras Lojas que os enviaram.

Longe de esgotar o conteúdo das palavras contidas no manifesto analisado, ou dos sentidos históricos contextualizados pelo próprio documento, o que se verá é como uma formação ideológica acaba por determinar o que se deve dizer em determinados momentos e recintos. Compreendendo que o discurso é mais o lugar da reprodução que o da criação,²¹⁰ chega-se ao conjunto de representações que se davam no ordinário das comunicações interlojas .

Muito já se falou no Iluminismo e na doutrina burguesa liberal, resultante desse processo. Pois bem, a doutrina liga os indivíduos a determinados modelos de enunciação e conseqüentemente acaba por determinar a proibição de outros tipos de discurso. Em contrapartida diferencia os indivíduos de outros grupos, portanto assujeita-os. E o faz em dois níveis, nos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam.²¹¹

²⁰⁸ MARCHI, Euclides. Igreja e Estado Novo: Visibilidade e Legitimação. In: SZESZ, Christiane Marques(org). Portugal Brasil no século XX.: Sociedade, Cultura e ideologia. Bauru, SP: EDUSC, 2003. p. 229

²⁰⁹ PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. Et ali. Igreja Católica: 1945-1970. In: Fausto, Boris. História Geral da Civilização Brasileira. III O Brasil Republicano. São Paulo: Difel, 1984 Tomo 3 vol -4 p. 353

²¹⁰ FIORIN, José Luiz. Linguagem e Ideologia. São Paulo: Ática, 2001 p. - 32

²¹¹ FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 2000. p.43

Portanto, o manifesto lido na Loja União III no dia 27 de outubro de 1950,²¹² foi recebido da Loja Ordem e Trabalho do Oriente de Florianópolis. No documento abaixo, discute-se a situação mundial, a LEC e considerações de ordem legal que confundem-se em um discurso que não encontra uma categorização fácil. Político, religioso ou jurídico ? Ao que parece uma hábil composição de gêneros discursivos, em um mesmo corpo.

MANIFESTO MAÇÔNICO

Loja " ORDEM E TRABALHO "

Irmãos do Brasil.

A Loja ' Ordem e Trabalho ', ao Or.. De Florianópolis, após debater em seu templo a tão nefasta intromissão da LIGA ELEITORAL CATÓLICA na vida política do Brasil, cuja liga é também conhecida por LEC, a qual deveria chamar-se LIGA DE EXPLORAÇÃO DE CONSCIÊNCIA, que como sabemos é um órgão criado pela Igreja Católica Apostólica Romana para controlar e dirigir a opinião pública brasileira, por este vem trazer o seu protesto perante as demais OFF : . do país e chamar a atenção de todos os Irmãos para o futuro que nos aguarda.

Em 1945 essa famigerada Liga, com pele de cordeiro para esconder suas verdadeiras finalidades, apenas dizia-se orientadora dos católicos naquelas eleições então realizadas.

Naquela época, poucos, muito poucos foram os brasileiros que a condenaram, porque achavam que nenhuma influência teria o que seus conselhos eram puramente religiosos.

213
...

A situação interna do Brasil em 1950, era clara quanto à oposição de novas tentativas de regimes ditatoriais, os propósitos da LEC já não eram mais segredo para grande parte da população esse, discurso especificamente, não representa a hegemonia de opiniões dentro do grupo maçônico. É importante observar então, não somente o conteúdo do texto, mas como ele foi engendrado, na busca de um efeito de sentido, no grupo maçônico. Efeito esse, que acaba por reforçar alguns elementos nas representações maçônicas do poder que se quer capitalizar.

Nessa formulação empreende-se uma estratégia de legitimação, capaz de acumular dois princípios de autoridade, a política e a religiosa, justamente pela elisão das duas

²¹² Arquivo Particular da Loja União III. Livro de Atas VII, p. 80

²¹³ Arquivo Particular da Loja União III. Pasta 1950. Fl - 50 .

esferas conjugadas aos aspectos legais envolvidos na questão. Isso se entendermos esta estratégia, como quer Pierre Bourdieu, em que o tom da evidência é dado sistematicamente pelo uso maçico dos pontos de exclamação e interrogação visando a um domínio magistral do que é proposto.²¹⁴

O desnivelamento das duas esferas (política/religiosa) para o plano das questões legislativas, implica que o Maçom, se perceba como defensor da lei civil ou laica, seja no passado ali referido, seja no presente em questão debatido (10/1950), ou ainda no futuro pretendido em favor dos ideais de uma organização, numa defesa perpétua da sociedade como um todo.

O reconhecimento da necessidade de uma lei civil eqüânime, pelo enunciatório, leva necessariamente à confirmação da autoridade maçônica sobre os princípios que o legitimam acima da política e acima dos assuntos de religião.

Será que não basta o terem eles conseguido que o casamento religioso tenha o mesmo valor que o civil ?

Será que não basta a eles negarem autoridade moral às nossas disposições da Lei Civil sobre o casamento (vide a respeito " O Malhete", de Niterói, nº 111, de 16/7/950, ultima página, sob o título - PONDERAÇÕES - de Braga Filho) ?²¹⁵

Ou ainda:

Não somente vem procurando a LEC influenciar nos seus seguidores, como ainda insolitamente condenar de público homens de grande elevação moral, que pelo fato de tão somente serem maçons, espíritas, protestantes e de outras seitas religiosas, por pensarem melhor, não sujeitando-se ao clericalismo dogmático do Ditador Romano, cujos homens foram escolhidos por partidos políticos diversos, afim de receberem o beneplácito do eleitorado brasileiro...²¹⁶

O efeito de sentido esperado por meio destes mecanismos vem da inserção social daqueles que constrõem a formação discursiva, o estilo de manifesto entra em profunda

²¹⁴ BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Linguísticas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. p. 168

²¹⁵ Arquivo Particular da Loja União III. Pasta 1950. Fl - 51 .

sintonia com o lugar de onde se fala e consequentemente com seus enunciatários. As formações ideológicas do período se ligam facilmente às aspirações do grupo, na denúncia ao inimigo confesso, a Igreja.²¹⁷

O sentido literal ou oficial que se sedimenta na proposição acima, pode ser percebido em discursos anteriores, que desde o Editó de Nantes em sua proposta de liberdade de culto, se repetem e institucionalizam um sentido dominante nas falas maçônicas.

Embora possa se classificar em uma leitura rápida esse discurso como anticlerical, deve ser procurada a leitura de mais sentidos, já que a interpretação e interação (leitura ritual nas sessões) nem sempre se dão na direção do sentido literal.

Considerando esse discurso como um discurso autoritário²¹⁸, ou seja que reforça um único sentido possível, pode-se dizer sem dúvida que os maçons têm uma ação política anti - Igreja. Entretanto, na possibilidade de se pensar em um discurso polêmico, em que a reversibilidade é possível, ainda que os ataques empenhados estejam no limite da injúria aos membros do clero católico, considerar-se-á que se pode entrever a necessidade da construção de um espírito de corpo único, que é em última instância o efeito de sentido no intertexto (do texto). "Lutemos Irmãos, por um Brasil consciente, livre de ditaduras, e por uma maçonaria unificada, para que...".*

Mais que enquadrar o discurso em uma tipologia já proposta, cumpre colocar que a busca de um sentido pragmático no uso da análise, afinada com as últimas tendências em curso, visa ao levantamento de construções do imaginário social, utilizado como técnica para a captação dessas construções.

A associação da pátria e do povo do Brasil à uma visão hospitaleira, portanto, tolerante, está invariavelmente, associada ao termo "irmãos". A fraternidade maçônica se

²¹⁶ Idem FI 51

²¹⁷ ORLANDI, Eni Pucinelli. A Linguagem e seu Funcionamento. As Formas do Discurso. São Paulo: Brasiliense, 1989.

²¹⁸ Idem. Eni Pucinelli propõe uma tipologia em três tempos discursivos de reversibilidade, lúdico, polêmico e autoritário. Optamos aqui por não fazer uma classificação estanque até mesmo pelas próprias observações de fluidez que ela levanta com relação aos discursos.(p 142) A pragmática de tratar o texto enquanto unidade complexa de significação é o que parece mais interessante aqui, portanto uma análise não formal (p.147)

estende ao restante da nação numa interação imagética que reforça os laços de um patriotismo desligado das concepções religiosas dominantes (católica) ou sacralizantes de colaboração entre o corpo teológico da nação e seus membros. O uso do termo 'irmãos', nas primeiras associações, estão grafados em minúscula denotando e procurando uma intimidade que liga os 'Irmãos' em maçonaria a um conceito mais vago de irmãos brasileiros. " Hoje, porém, vemos a verdadeira finalidade dessa agremiação e os caminhos escabrosos que ela deseja que trilhemos, jogando irmãos contra irmãos deste Brasil que acolhe a todos com carinho..."²¹⁹

Na segunda associação (parágrafo 22), se repete esse uso, ainda que por todo o texto os termos 'Irmãos', usados exortativamente, estejam grafados em maiúsculas, mesmo que não esteja no início do parágrafo (parágrafo 25). " Unamo-nos irmãos do Brasil ! São grandes os nossos compromissos para com o nosso povo bom e hospitaleiro."

" Lutemos Irmãos, por um Brasil maior, por um Brasil consciente,..."²²⁰

Trata-se, sem dúvida de uma exortação, mas em minúsculas, que busca, no uso polissêmico da forma estabelecer um vínculo entre as características positivas da nação brasileira e as características positivas da irmandade maçônica e de suas obras. O Brasil hospitaleiro e carinhoso se funde à idéia de fraternidade tão cara aos maçons.

Dessa forma, o uso dos verbos no imperativo indicando deontismo, "*Não nos esqueçamos...*", ao mesmo tempo que denotam certo autoritarismo, visam um efeito de mobilização com relação àquilo que de pior se pode recortar e focar do adversário. E, curiosamente numa esfera de legitimação, que recorre aos temas da História de forma sub-reptícia. Veja-se:

Não nos esqueçamos que foi essa mesma Igreja Romana, que pouco antes da invasão da Abissínia pelas ordas sanguinárias do facismo de Mussolini, benzeu aquelas armas que iriam matar seres humanos.

²¹⁹ Arquivo Particular da Loja União III. Pasta 1950. Fl - 51. O grifo é nosso.

²²⁰ Idem

Não nos esqueçamos que enquanto nos debatíamos contra uma Alemanha nazificada, sacrificando a flor da nossa mocidade, essa mesma Igreja Romana, calava-se, aguardando o desenrolar da refrega, para adular e bajular o vencedor.

Não nos esqueçamos de que essa mesma Igreja, pelo seu Clericalismo Dogmático, quando da Guerra Civil Espanhola, a ninguém condenou, pelo contrário, solapava a luta dos democratas e hoje a vemos cooperando e elevando aos pináculos da deificação aquele que se chama Franco, ditador clerical-facista da Espanha.

Não nos esqueçamos que em Portugal os métodos empregados são os mesmos.

Não nos esqueçamos, de que ela vem apoiando o Partido de Representação Popular, no rótulo da Ação Integralista Brasileira, filha do facismo, cujos candidatos dessa agremiação receberam seu beneplácito para o presente pleito eleitoral.

Não nos esqueçamos que o domínio daquele Imperador Romano, enclausurado nababescamente no mais fino ouro e pedrarias, atrofiador de consciências, tem seu maior número de seguidores onde impera a miséria e a ignorância, e onde os homens que podem fazer alguma coisa pelo bem estar comum, são hipócritas, comodistas, indolentes, venais ou interessados exclusivamente em seu bem estar e de seus familiares.

Não nos esqueçamos que sempre lutamos contra toda sorte de ditaduras, quer seja ela política, econômica, ou de classes, e que por princípio temos que condenar, lutar e destruir aqueles que no seu bojo tragam o fanatismo religioso, seja ele de que religião for.²²¹

Para Hobsbawm, os regimes reacionários escolhidos no ataque (Espanha/Portugal), normalmente tinham origens e inspirações mais antigas que o fascismo, até mesmo diferentes dele, embora nenhuma linha divisória os separasse, até porque os inimigos eram os mesmos, ou ainda suas metas. A Igreja Católica Romana, ainda que profundamente reacionária e inflexível não era fascista, inclusive por sua hostilidade a Estados essencialmente seculares e totalizantes, também sofreu oposição do fascismo.²²²

É importante atentar que a doutrina do "Estado Corporativo", bem exemplificada em países católicos e, construída em círculos fascistas (italianos), recorreram à tradição católica para fazê-lo. Tais regimes chegaram a ser chamados de "clerical-fascistas" e fascistas nos países católicos.²²³

Outro aspecto a ser analisado neste contexto refere-se a ambigüidade da Igreja para com o racismo de Hitler, que foi muitas vezes comentada. Com menos frequência falou-se da ajuda dada no pós guerra por pessoas de dentro da Igreja, em posições

²²¹ Idem

* - O grifo é nosso

²²² HOBSBAWM, Eric. A Era dos Extremos. O Breve Século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.118

importantes, aos fugitivos nazi-fascistas de vários tipos, inclusive acusados de crimes de guerra.²²⁴ Isto tornava fácil aos maçons compor em suas falas um sentido divergente do dominante, posicionando-se no campo dos perseguidos ideologicamente.

Naquela conjuntura, o que ligava a Igreja à reacionários anacrônicos e aos fascistas era um ódio comum pelo Iluminismo do século XVIII, pela Revolução Francesa e aquilo que advinha dela segundo as suas crenças: Liberalismo, democracia e fundamentalmente o "comunismo ateu".²²⁵

Por fim, resta entender onde se dá a construção dos imaginários nessa fala, excepcionalmente rica de imagens e como eles se articulam ao conteúdo trabalhado. O eterno problema da percepção vem à tona, mas já é possível contar com algumas pistas que permitem um certo entendimento.

As produções simbólicas conforme diz Bourdieu, trabalham em um nível dialético de censuras e formulações, e o que se diz depende integralmente do lugar de onde se diz. Já no primeiro parágrafo se enfatiza as características democráticas que se engendrou o debate na Loja Ordem e Trabalho. E acabam determinando uma certa forma de se receber o conteúdo formal do manifesto nas Lojas que o receberam, como a União III. "..., a violência propriamente simbólica, que somente pode ser exercida por aquele que a exerce e suportada por aquele que a suporta sob uma forma tal que ela permaneça como que desconhecida, isto é, reconhecida como legítima".²²⁶

Qual maçom desqualificaria um assunto debatido com tal espírito, ou ethos ? A incorporação dessa determinada forma de se enunciar confere corporalidade tanto ao enunciador, quanto ao enunciatário em relação a uma maneira de habitar o mundo. Essa incorporação dos destinatários, ou o grupo dos adeptos do discurso, fornece a identificação de uma maneira de ser, o imaginário de um vivido.²²⁷

²²³ Idem

²²⁴ Idem

²²⁵ Idem

²²⁶ BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Linguísticas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. p.134

²²⁷ MAINGUENEAU, Dominique. Novas Tendências em Análise do Discurso. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p.48

Incorporado esse ethos às condições de produção discursiva as relações de sentido e a antecipação, maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor²²⁸, somam-se as imagens do eu e do outro. A alteridade em jogo neste discurso Igreja X Maçons se observa essencialmente nas adjetivações.

Igreja = Liga de Exploração de Consciências, famigerada, (lobo) em pele de cordeiro.

Clero = Atrofiador de consciências, dogmático, fanático, ditatorial.

Entretanto, a dimensão temporal com a qual joga o discurso é finalmente o elemento crucial para o entendimento da ordem dos imaginários, que por fim acabam guiando as paixões políticas e seus humores, seus controles de adesão e confirmação de setores do poder aí representados.²²⁹

Vejamos. "...chamar a atenção de todos os Irmãos para o **futuro** que nos aguarda." - "...finalidade desta agremiação e os **caminhos escabrosos** que ela deseja que trilhemos,..." - " Nossa indolência levar-nos-á para **caminhos bastante espinhosos**." A identificação do futuro regido pela Igreja está sempre representado de forma sombria e negativa, as imagens utilizadas na construção discursiva apontam para um futuro de sofrimentos que parece ter uma estreita ligação com o calvário de sofrimentos de Jesus Cristo. Mas se o futuro é incerto, no passado é que se trava a verdadeira luta do maçom.

"Não nos esqueçamos que no passado lutamos contra a **diabólica** inquisição e que temos hoje o **dever de nos unirmos** para combater essa nova inquisição que está crescendo assustadoramente no Brasil." - " Demos a ele a independência, a República e a lei do Ventre Livre, e temos o dever de conservar esse patrimônio para todos e pelos tempos afora."

O padrão de representação do passado se repete uma vez mais, fechando o círculo: produção historiográfica especializada maçônica - relações cotidianas.

O passado luminoso e heróico da maçonaria contra o futuro tenebroso e negro da Igreja, esse é o embate maior travado, de Loja em Loja, de publicação em publicação. Os

²²⁸ ORLANDI, Eni Pucinelli. A Linguagem e seu Funcionamento. As Formas do Discurso. São Paulo: Brasiliense, 1989. p.146

²²⁹ GIRARDET, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

portadores da luz são justamente unidos e identificados pelo seu outro. A irmandade da luz contra os enviados das trevas. "Irmãos ! Acordemos do longo sono que vimos mantendo, o qual só nos levará para dias bastante **negros e tenebrosos**."

A frase citada, sintetizadora desses elementos, disposta justamente antes do real problema discutido no manifesto: O controle das escolas, o poder da lei religiosa contra a laica e a capacidade de captação de recursos junto ao Estado, numa época em que a política até pouco tempo, 1945, estava disse Alcir Lenharo²³⁰, sacralizada em seu próprio exercício.

Um clímax, é feito. Respeitando-se a lógica da hexis corporal e do ritmo do discurso é o momento em que os ouvintes recebem um influxo de energia, no sentido da mobilização contra tão grande mal que se aproxima.

Uma idéia da maçonaria que se reflete nas formações discursivas, ainda mais do que isso, no campo do imaginário uma espécie de inventário do mental, que entra em cena quando se precisa capitalizar poder, no maniqueísmo mais direto possível.²³¹

A conjuntura do pós-guerra, o embate entre o integralismo e os afiliados da maçonaria ocorrido anos antes, a possibilidade de um soerguimento dos ideais liberais após os anos de ditadura dava um novo alento sobre aqueles que poderiam produzir esses discursos.

Ao mesmo tempo, o discurso conservador que buscava identificar as reuniões secretas maçônicas à uma semente do comunismo dentro dos estados, potencializava a reação interna e que acabavam por aflorar em imagens dos iluminados combatendo os emissários das trevas. Aflorada e realimentada por elas continuamente no jogo dicotômico de disputa de um poder simbólico que chega aos nossos dias, seja na academia, seja no trivial das conversas do dia-a-dia. A importância do mito ainda hoje é fundamental, mito político, mito religioso, quicá conjugados no campo do imaginário e se refletindo numa

²³⁰ LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2 ed São Paulo: Papyrus, 1986.

²³¹ VOVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História. Fantmas e Certezas nas Mentalidades desde a Idade Média até o Século XX*. São Paulo: Ática, 1987.

disputa de luzes e sombras. Restará apenas definir, no passado ou no futuro a quem pertence a chama sagrada.

4.0 Experiência Local

4.1 - A Cidade e a Loja

As cidades de Porto União e União da Vitória, contam na atualidade com quatro Lojas Maçônicas em atividade. No passado existia uma, a Loja União III. Essas duas cidades também foram uma só, antes de 1916, e se desenvolveram a partir de um entreposto comercial e de uma rota de tropeiros que se abriu em fins do século XIX, em função da descoberta do Vau do Rio Iguaçu²³² em 1842.

Os eixos do povoamento de Porto União da Vitória foram três segundo Lazier : o primeiro foi o Vau do rio Iguaçu, que permitiu a abertura de uma picada pelos fazendeiros de Palmas até ali, e que logo se transformou em estrada de grande movimento. Estrada esta que ligava os Campos de Palmas aos Campos Gerais, em Palmeira, e que graças a necessidade do transporte das tropas de gado e dos cargueiros de burros, fizera nascer os primeiros núcleos humanos.²³³

O segundo eixo se deu em 1882, com o Vapor Cruzeiro e a era da navegação no rio, este o meio principal da colonização européia no Vale do Iguaçu faria com que outros núcleos populacionais surgissem em suas margens. E, finalmente a estrada de ferro que em 1909, foi ligada com o restante do país, em 1915 com o mar. Esse eixo beneficiou a cidade em seu crescimento já que a transformou em um entroncamento rodo ferroviário importante.²³⁴

Pode-se dizer que esta sociedade passou, por fases econômicas que lhe foram próprias, mas que no seu desenvolvimento não esteve excluída das conjunturas nacionais ou internacionais. Do início do século até hoje, assistiu a fatos que a transformaram, como o assentamento da Ferrovia São- Paulo – Rio Grande do Sul (1909), o Acordo de Limites Paraná – Santa Catarina, após o término dos conflitos do Contestado (1916) e que acabou

²³² O Vau é a área mais rasa do rio por onde passam as tropas de muares e gado, antes desta descoberta a vigem de Palmas até Curitiba e o litoral era muito mais longa sendo que o sal e as tropas passavam por uma rota nos Campos Gerais via Guarapuava

²³³ LAZIER, Hermógenes. Origem de Porto União da Vitória. Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Porto União: Uniporto, 1985

²³⁴ Ibidem p. 18

por lhe dar a feição atual: de duas cidades em um único perímetro urbano. Passou também pelo crescimento da Indústria Madeireira, que lhe deu suporte.²³⁵

Temos portanto um local de enraizamento de uma organização, que pulveriza seus membros por uma região do sul do Paraná e norte de Santa Catarina, denominada Vale do Iguaçu, microrregião composta por algumas cidades que a rodeiam. E os maçons que neste pequeno conjunto de cidades são afiliados à Ordem Maçônica, tinham como “Centro de Reunião” a Loja em questão, visto que a mais próxima na época, situava-se na cidade de Mafra –SC, à uma distância de 200 km de Porto União.

Ocorreu em 1890, a elevação da condição de freguesia de Palmas à de Vila de Porto União da Vitória, foi sua emancipação política. A Loja, fundada 9 anos mais tarde em 1899, tem sua existência registrada por José Júlio Cleto da Silva em seu trabalho “Apontamentos Históricos de União da Vitória” e, é considerada por ele peça importante para o desenvolvimento da região.

Igual importância quer dar a Loja União III, o irmão Manoel A. C. Neto.²³⁶ Lendo seu trabalho pode-se entender que o desenvolvimento da Loja se deu quase de mãos dadas com a municipalidade local. Observa ele, que o Venerável interino da então recém fundada Loja era simultaneamente o intendente da vila que se emancipara, o Coronel Amazonas de Araújo Marcondes. Essa relação entre homens públicos-Maçons foi explorada já nas origens da Loja, ficando sempre subentendida pelo leitor.

Segundo o autor, essa simetria dava-se também nos demais cargos públicos ou militares, nos quais se assentavam os outros integrantes da Loja, como o Capitão Pedro Alexandre Franklim, subdelegado de Polícia, em 1887 e, prefeito em 1904 que assumiu o encargo junto à Loja de primeiro vigilante. O capitão Napoleão Marcondes de França, que era Juiz de Paz em 1891, e fora juiz distrital em 1895-98 tornou-se porta estandarte na União III.²³⁷ Francisco Schmidt, comissário de polícia em 1892-1900, assumiu como

²³⁵ RIESEMBERG, Alvir. A Instalação Humana no Vale do Iguaçu. Porto União: Uniporto, 1973.

²³⁶ CLARO NETO, Manoel Alves. Subsídios para o estudo histórico da Maçonaria em Porto União e União da Vitória. União da Vitória: Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras; Depto. Ciências Sociais, 1980

²³⁷ Idem

hospitaleiro da Loja . E, assim mais uma série de homens que representavam o próprio exercício do poder na então, Vila de Porto União da Vitória

Esses homens iriam desempenhar papel preponderante mais tarde na questão de limites levantada pelo conflito do Contestado em 1912 e, a maioria deles iria exercer um cargo no comitê de limites de União da Vitória em 1910 e/ou na junta governativa do Estado das Missões.

A crítica ao trabalho de Neto é que esta relação será sempre subentendida por seu leitor, como em boa parte da literatura maçônica, ele elenca os nomes do poder como possuidores de ligações 'maçônicas' que não são concretamente dadas, ou se o são servem a valoração do campo maçônico. Ainda segundo ele, esses homens ainda que detivessem certa relevância política deveriam respeitar a determinação maçônica de não falar em política no templo maçônico. Lembremos que, ainda assim, esses homens não desfaziam os vínculos políticos anteriores a própria instalação da Loja, e que no desenvolvimento da municipalidade esses vínculos poderiam ser mais determinantes que a própria idéia da função da Loja.

Neto, em seu trabalho oferece informações valiosas para a pesquisa maçônica na região, como por exemplo: Pesquisou as reuniões que tratam dos primeiros tempos da maçonaria e nos informa acerca do ânimo que movia os primeiros integrantes “ O trabalho inicial de convencer os prováveis candidatos à iniciação maçônica caberia mais à influência que Amazonas tinha sobre seus amigos do que ao idealismo que sustentava a ação de Manoel Pinheiro.”,²³⁸ ou ainda sobre a rapidez ou informalidade com que se elevavam os graus dos iniciados para que logo se formasse uma base sólida para as atividades maçônicas.

É patente que tal informalidade não era impropriedade de uma pessoa apenas, mas da própria instituição maçônica, na época. A ligeireza e a facilidade com que os graus maçônicos parecem ter sido conferidos aos irmãos não deixam dúvida quanto à fragilidade

²³⁸ Manoel Dias Pinheiro vindo de Paranaguá é o responsável pela fundação de inúmeras Lojas pelo interior paranaense e, é o precursor na organização da União III

do processo de ascensão. Por exemplo: Napoleão Marcondes, em 1º de agosto de 1900, ocupava o grau maçônico 3 e já em 11 de agosto próximo alcançava o grau 30;...²³⁹

Considere-se que a Loja, no princípio, não tenha tido grande repercussão por falta ainda de uma meta comum à maçonaria. Neto coloca, que essa inexpressividade se dava graças à falta de uma bibliografia maçônica e à ausência constante de seu Venerável. Assim se mantinha como instituição, muito provavelmente, como um elo sociocultural entre o meio político externo que já se fazia premente.

Existia na região uma ligação intrínseca com Palmas, a crescente indústria da Erva mate e o nascimento das indústrias madeireiras viabilizada pela navegação à vapor implantada pelo Coronel Amazonas. E, também o fato que a República iria patrocinar um processo de colonização da região tal como a implantação do Núcleo Colonial Federal Cruz Machado em 1910, mesmo de forma tímida, iniciava o solapamento do sistema de coronelismo vigente por todo o país, criando um precedente da pequena propriedade sobre as grandes áreas de terra.²⁴⁰

Graças a esses fatores o fluxo de imigrantes de diferentes nacionalidades, para as áreas vizinhas ou rurais como Poço Preto, Matos Costa, Valões e Caúna, deixou sua marca também no centro urbano, pois tiveram parte ativa e saliente na administração pública, conforme nos conta Hermínio Milis.²⁴¹ Os imigrantes não se ausentariam da composição da Loja União III, os alemães, italianos e libaneses são as nacionalidades mais freqüentes.

Um processo de transição que se dará da primeira geração de maçons para as posteriores, como nos informa Neto, realiza-se de forma que os da segunda geração procuram uma melhor identificação com os valores maçônicos e um aprofundamento, onde os maçons mais velhos e mais experientes seriam o espelho dos novos, recém-iniciados.

²³⁹ Idem

²⁴⁰ RIESEMBERG, Alvir. A Instalação Humana no Vale do Iguaçu. Porto União: Uniporto, 1973.

²⁴¹ Milis, Hermínio. Monografia de Porto União. Palmas: Kaigangue, 2002

No início do século XX temos a Loja com seus 17 membros intimamente ligados aos cargos públicos, ou seja sua totalidade. Após a década de 1930, veremos pedir iniciação junto a Loja também indivíduos que não são ligados ao poder público, um setor de ferroviários e empregados do comércio, contabilistas e um ou outro autônomo.

A Loja havia aumentado seus quadros com estas novas aquisições e mantinha-se com um número de membros que efetivamente freqüentavam os trabalhos por volta de 30 a 40 irmãos.²⁴²

O primeiro censo realizado em 1940, contabilizou para União da Vitória um número de 4.562 habitantes em sua área urbana. Para Porto União a área urbana continha 4.997, portanto a área urbana de ambas as cidades contavam no início da década um total de 9.559 pessoas. Em 1950, o segundo censo apontou 15. 417 habitantes urbanos para ambas as cidades, durante aquela década sequer havia dobrado sua população.²⁴³

A importância social desse grupo pequeno de homens, dá-se na medida da repercussão das falas cotidianas na cidade, em um universo relativamente circunscrito. Homens como por exemplo José Júlio Cleto da Silva que foi um dos fundadores da Loja, ainda figurava nos quadros da União III até 1950, e assistiu nessas duas décadas uma renovação do quadro e um crescente entusiasmo em torno do tema Maçonaria. Interesse agora impulsionado por uma percepção diferente daquela com que iniciaram, a União III, seus primeiros obreiros e fundadores .

O médico recém formado Alvir Riesemberg faz parte deste novo grupo, morando na cidade desde 1932, iria requerer sua iniciação junto à Loja em 1936 . Alvir contava com 29 anos quando de sua iniciação, e observando-se as sindicâncias que os membros apresentam sobre ele se percebe que tem elevado conceito junto aos maçons que lhe indicam.

²⁴² Segundo relação completa do quadro de membros apresentada em junho de 1938, à Loja pelo Secretário, seriam um número de 74 membros os afiliados a Loja União III, considerando-se que 45 % destes residiam em cidades próximas, a média de comparecimento as reuniões em fins desta década ficava em torno de 40 irmãos.

²⁴³ Fonte IBGE - Agência União da Vitória / Agência Florianópolis - Em União da Vitória eram 25.074 habitantes na área rural que somados aos urbanos perfaziam um total de 29.636 habitantes

Porto União da Vitória recebe indivíduos de variadas procedências, graças ao desenvolvimento que apresenta, sua localização geográfica que integra o norte-catarinense e o sul-paranaense, e uma importância política destacada, justamente pela ação de homens como José J. Cleto da Silva e anteriormente o Coronel Amazonas.²⁴⁴

A aceitação dos novos membros na Loja, como observou Claro Neto, nos primeiros tempos fora displicente agora por meados da década de 30, as sindicâncias revelavam um rigor mais apurado. Raros eram os neófitos solteiros aceitos. Quando o eram tratava-se de homens que já haviam sido adotados em Lowtons*. Assim segue-se já a recomendação "Trata-se de uma sociedade de homens livres e de bons costumes.". A idade também é reveladora desse código de moralidade, os mais jovens também eram preteridos, e normalmente, quando abaixo da idade de 30 anos pertenciam já ao mesmo grupo, dos adotados em Loja.²⁴⁵

A preferência também se dava com aqueles que já possuíam certo tempo de residência fixa, mas o crivo determinante é mesmo a renda que os três irmãos sindicantes atribuem ao novo candidato. O piso ideal parece ser acima de um conto de réis, e que portanto permitiria ao membro arcar com as atribuições maçônicas sem percalços. No processo de sindicância algumas vezes havia discordância entre a renda que os três maçons encarregados de investigar apresentavam. Esta discordância era solucionada ao que parece com a declaração de suficiente ou de expressão que demonstrava o candidato ser apto a arcar com os custos.

A sindicância da renda, bem como das outras informações constantes a respeito da índole do candidato passava por visitas a casa do candidato, onde este é entrevistado de forma sutil, pelos maçons socialmente mais próximos dele. E, culmina na apresentação de pedido de afiliação formal e escrito de próprio punho, onde o candidato declara seus dados, mas não a renda específica, somente sua função social (médico, militar, etc).

²⁴⁴ Não só a participação do Coronel na formação do Estado das Missões, já foi apontado quanto a ação de sublevação do Deputado José J. Cleto da Silva na questão de Limites entre Paraná e Santa Catarina

* Lowtons - É uma cerimônia onde são adotados como afilhados simbólicos da maçonaria, crianças ou adolescentes filhos de maçons de ambos os sexos. Há semelhança com o batizado católico, mas sem caráter sacramental.

²⁴⁵ Ver anexo I

Do universo pesquisado somente 31 % possuíam renda abaixo de um conto, e dentre estes apenas cinco indivíduos eram ainda solteiros. A observação do critério renda parece se sustentar ou se completar adequadamente se cruzada com a observação da profissão e do status social do emprego do maçom. Não há nenhum operário, jardineiro ou ainda desempregado dentre os escolhidos.

É evidente que a existência da margem de um conto de reis não impossibilitava que empregados com um salário bem menor fossem aceitos, desde que com um emprego estável, como ferroviários ou funcionários públicos.²⁴⁶

A Loja, no desenrolar do século XX, acabaria por aceitar mais membros provenientes da classe média e de profissões de menor visibilidade social, enquanto, ao mesmo tempo os critérios de exigência sobre a índole moral deles se eleva, evidente que haveria os critérios de exclusão política, como a recusa dos identificados com o comunismo ou que tivessem tido passagem pelo partido Integralista, mas que em uma cidade ainda em formação não apresentariam problemas para os sindicantes.²⁴⁷

À julgarmos pelos ganhos recebidos pelas cidades, durante a década de 1940, nova Estação Ferroviária, uma unidade do Exército (5º BEC) e as Coletorias de Renda Federal, bem como o implemento da economia apontados por Milis, podemos dizer que se trata de uma expansão e da fase de consolidação das duas cidades como um pólo importante na região e para o Estado do Paraná, principalmente. Ademais, observa-se que os agentes federais nas coletorias, nas chefias das delegacias e seus escriturários, o agente da Estação ferroviária, os prefeitos, alguns vereadores, médicos e dentistas são todos iniciados na União III. A relação apontada por Claro Neto entre maçons e poder local, de certa maneira, mantinha-se, só não se pode afirmar que aos maçons estava reservada uma

²⁴⁶ Anexo 1

²⁴⁷ As observações nas sindicâncias anexas ao pedido de afiliação, excluem invariavelmente integralistas, comunistas e indivíduos com tendências germanófilas, o que não é de forma alguma espantoso, visto que toda a sociedade brasileira no período de 1930-40 está embebida por imaginários excludentes em prol da pátria- moral especialmente no caso do comunismo. Já outras exclusões seguiam determinações oficiais do Grande Oriente Brasileiro, ou passavam pelas concepções do senso comum dos membros ex: Agressões físicas às esposas, alcoolismo. Ver DUTRA, Eliana. O Ardil Totalitário: Imaginário Político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997

ascendência sobre os poderes públicos. Tendo a Loja, de 1930 em diante, em seu meio elementos da classe média, com certeza, constituía um considerável campo político que neutralizava, em certa medida, as diferenças estaduais e municipais. Equilíbrio que se manteve até 1973, quando se funda uma nova Loja em União da Vitória, a Acácia I - nº 4 do lado paranaense.

4.2 - A Loja União III e seus posicionamentos

No início do ano de 1937 chegou até a Loja União III uma circular sobre a candidatura para a reeleição do Grão -Mestre da Maçonaria da parte do Irmão General Moreira Guimarães. Nas eleições maçônicas a se realizar do dia primeiro ao três de fevereiro, o general concorreria ao cargo e, seu Adjunto (vice), seria o Irmão Joaquim Rodrigues Neves.

No dia 15 de janeiro, o Venerável da Loja Irmão José Júlio Cleto da Silva manifesta sua satisfação pela atual administração e declara estar de acordo com o lançamento da "candidatura do Gr.: Mest.: , que com tanto brilho vem empunhando o malhete da sabedoria." Infelizmente uma semana após essa declaração em Loja, a secretaria do Grande Oriente inforou que não iria haver a reeleição do General.²⁴⁸

Segundo José Castellani, no dia 7 de janeiro desse ano, o Grão - Mestre pediu demissão do cargo e foi substituído, interinamente, por Antenor Esposel Coutinho, que permaneceu à frente do Grande Oriente até 3 de fevereiro, também renunciando. Essa renúncia fez com que o conselho geral elegeisse, dois dias depois, Joaquim Rodrigues Neves para exercer, interinamente, os cargos de Grão - Mestre e Soberano Grande Comendador. Meses depois era reeleito o general Moreira Guimarães que tomava posse no cargo de Soberano Comendador Grão - Mestre e tendo Rodrigues Neves como seu Adjunto Lugar -Tenente.²⁴⁹

²⁴⁸ Arquivo Particular da Loja União III - Livro de Atas nº VI p. 24

²⁴⁹ CASTELLANI, José. O Supremo Conselho no Brasil - Síntese de sua História. Londrina: Editora A Trolha, 2000

Em verdade, dentro da Maçonaria, essas transições raramente são tranquilas, nos documentos averiguados no arquivo da União III, encontram-se circulares disputando demandas que nem sempre constam das atas. A 11 de janeiro, uma circular do GOB prestava contas da renúncia e lançavam outros nomes, sob o apoio do General: o Irmão Washington de Castro e Erasmo José da Cunha Lima seu Adjunto que deveriam dar continuidade ao seu trabalho. Dia 15, nova circular reiterando a do dia 11 e reforçando o caráter democrático com o qual teriam sido escolhidos os nomes pela Soberana Assembléia Geral.

A 20 de janeiro, a Loja, já ciente da renúncia, delibera comunicar com seu representante nas votações em Florianópolis (Delegado Especial do Grão-Mestrado da Ordem do Oriente de Santa Catarina). Tem sua resposta no dia 25 de janeiro do Oriente de Florianópolis na forma de um alerta para a União III, em que o único candidato oficial era o Pod.: Ir.: General Moreira Guimarães e que "Outro qualquer nome que por ventura possa chegar ao conhecimento dessa officina, mesmo oriundo do Poder Central, não deve ser tida como official."²⁵⁰

Realizada a votação em livro para esse fim e enviada cópia para o Poder Central, no dia 02 de fevereiro, essa eleição para a Loja fora absolutamente tranqüila, apesar das informações discordantes entre si, que poderiam vir do próprio Poder Central. Nesse caso específico não se observam indícios de tensões que poderiam disparar reações da Loja, seja como entidade, seja de forma individual em cada um de seus membros.

No Paraná, durante a década de 1940, ocorreram pelo menos duas dissidências de caráter regional e uma de caráter nacional.²⁵¹ Os posicionamentos que foram tomados pela Loja União III em alguns casos foram entendidos por alguns membros como uma tomada de posição claramente política, em outros momentos nem tanto.

²⁵⁰ Arquivo Particular da Loja União III - Arquivo de Correspondências - Livro 1937 Fls. 1,2,3

²⁵¹ Isa Ch'an. Achegas Para a História da Maçonaria Paranaense. Boletim Amizade: Publicação das Lojas Maçônicas do Grande Oriente Paranaense, s/d. Segundo Kurt Prober (Isa ch'an), que levantou os históricos básicos de quase todas as Lojas até a década de 1970, até esta data haviam acontecido 7 dissidências regionais e 3 nacionais.

O ano de 1937, transcorre dentro da rotina habitual da Loja, até que pelo dia 15 de outubro é registrada com ênfase a prancha do General Moreira em uma de suas proclamações ao povo maçônico. Alusivo ao panorama internacional, que segundo ele :

É de profunda tristeza e diante desse estado de precariedade, onde homens desprezando a soberania da justiça tentam vencer pela brutalidade e pela força. Mas a maçonaria diz o Sob.: não desaparecerá, enquanto existir um homem na terra, porque em cada criatura humana pertencente ou não a ordem maçônica existem pendores para a virtude e são eles o traço fundamental do verdadeiro maçom.²⁵²

Essa declaração do então Grão Mestre seria um prenúncio do que aguardaria à Maçonaria, bem como a Loja que, em apenas 7 dias, teria lavrado sua última ata antes do encerramento das suas atividades. A última sessão da União III fora presidida, excepcionalmente, pelo Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem Major Pedro Carneiro Cunha, 30.: que vindo de Florianópolis, anteriormente já havia alertado para a duplicidade de candidatos nas eleições. Agora, pessoalmente, fazia um apelo aos membros, para que cerrassem fileiras ao lado das autoridades constituídas, em defesa da **ordem e do regime** e contra todos aqueles partidos chamados extremistas, quer da esquerda ou da direita .

A Loja ficaria sem seus trabalhos regulares, de 22 de outubro de 1937 à 22 de março de 1938, somente 5 meses, portanto, diferente de outras Lojas que ficaram num período variável de 3 a 4 anos em recesso.

A 3 de março de 1938 o Poder Central publicou o ato de nº 1519, em que era preconizada a troca do lema Liberdade-Igualdade-Fraternidade, por Ordem- Fraternidade-Sabedoria.²⁵³ A Loja recebia, a 10 de março, uma determinação, já encimada pelo cabeçalho com o novo lema, em que era feita a exigência de que cada membro, no prazo

²⁵² Arquivo Particular da Loja União III - Livro de Atas nº VI p. 59

²⁵³ CASTELLANI, José. O Supremo Conselho no Brasil - Síntese de sua História. Londrina: Editora A Trolha, 2000. p. 239 . Este autor comenta a troca do lema e o texto que a justifica, taxando os argumentos de esdrúxulos apesar de contextualizar a conjuntura do momento.

de 60 dias, encaminharia uma declaração de que permanecem com o desejo de continuar em atividade.²⁵⁴

O preço para se continuar ativo como maçom revelou-se extremamente caro a uma agremiação que pretende ser o centro de união de livre-pensadores. Do dia 18 de junho a 29 de julho, foram enviados abaixo-assinados individuais à secretaria do Poder Central do seguinte teor.

"Ao Pod. : Ir. : Secr. : Ger. : da Ord. :
Poder Central

O abaixo assinado membro da Resp.: Loj.: Cap. : União III, ao Or.: de Porto União, Estado de Santa Catarina, vem declarar; em obediência ao Art. : 106 da nova Constit. : do Gr. : Or. : do Brasil, que deseja continuar em actividade maçônica no seio daquela off. :, e obediente ao Gr. : Or. : do Brasil.

Porto União, 22 de Julho de 1938.

Daniel Lander Betts, gr. : 18. "²⁵⁵

Escritos de próprio punho e rubricados pelo venerável da Loja, deve ser lembrado apenas que essa determinação atingiu médicos, advogados, contadores, ferroviários e funcionários públicos portanto, boa parcela de uma elite, que necessariamente não deve ter digerido facilmente a determinação. Ao total, foram assinados 36 documentos num universo de 70 membros segundo relação de créditos de 10 de junho desse ano. Considerando-se que boa parte dos iniciados nessa Loja reside em cidades vizinhas, e uma parte deles não é ativa com as sessões semanais, pode-se afirmar que quase a totalidade do "povo maçônico" foi instada a se submeter individualmente sob pena de cancelamento total de suas atividades fossem elas secretas, subversivas, místicas, religiosas ou de qualquer outra natureza.

Já se falou do antimaçonismo praticado pelos estados totalitários, na obra de Jérôme Lacordaire em que a materialidade do secreto maçônico, manifesta-se em forma

²⁵⁴ Arquivo Particular da Loja União III - Arquivo de Correspondências - Livro 1938 Fl. 3

²⁵⁵ Idem Fl. 63 "Ao poderoso irmão secretário geral da ordem. Poder Central - O abaixo assinado membro da respeitável Loja Capitular União III, ao Oriente de Porto União, Estado de Santa Catarina, vem declarar, em obediência ao Artigo 106 da nova Constituição do Grande Oriente do Brasil, que deseja continuarem actividade maçônica no seio daquela oficina, e obediente ao grande Oriente do Brasil."

claramente política de expectativas de derrubada dos tronos e governos. Segundo ele uma anti-maçonaria afiada e presente, é extremamente necessária nesses momentos, torna-se uma questão de segurança pública e, mais do que a submissão, a identificação pessoal e de sua pertença a Ordem é determinante aos governos principalmente após a 1ª Guerra Mundial.²⁵⁶

O Grão-Mestrado, sob a égide de Moreira Guimarães, agradecido por poderem as Lojas do Poder Central continuar funcionando, acabaria por apoiar o regime totalitário, publicando o Decreto nº 1.179, em início de junho daquele ano, em que era exigido que cada Loja eliminasse os obreiros que professassem ideologia contrária ao regime político brasileiro.²⁵⁷

Este decreto completava o contrato de subserviência do Grande Oriente ao Estado Novo de Getúlio Vargas e, a partir de agosto, seriam exigidos dos profanos que desejassem entrar para a fraternidade uma negativa da polícia na forma de um atestado de conduta a ser anexado ao pedido de iniciação e as três sindicâncias habituais. O crivo para pertencer à fraternidade se afunilava mais ainda. Quando até fins de 1950 o atestado policial ficou como prática corrente do processo admissional maçônico.

A posição da Loja União III na "Questão Getúlio", conforme definiu Kurt Prober,²⁵⁸ foi de aceitação por parte da Loja das determinações do Poder Central, isso do ponto de vista documental. Na prática, as coisas não iam muito bem. Em 10 de junho, ainda no ano de 38, o prefeito Ir. Hellmuth Müller, convida a Loja a comparecer na prefeitura em solenidade de inauguração do retrato oficial do presidente da república

²⁵⁶ ROUSSE-LACORDAIRE, Jérôme. Antimaçonismo. Lisboa: Hugin, 1999. p. 30 "Apesar da luta dos nazis contra a Maçonaria ter sido incomparavelmente menos mortífera do que contra os judeus, a propaganda antimaçônica do Terceiro Reich foi muito mordaz, nomeadamente porque misturavam, na mesma perspectiva de subversão anti-alemã, judaísmo, maçonaria e catolicismo. Para além destes argumentos ideológicos, o que parece muito bem ser o fundamento do antimaçonismo nazi é, antes de mais, e como testemunha a interdição as lojas <<prussianas velhas>>, o medo das sociedades secretas deste tipo, porque escapam ao controlo do Estado, mesmo quando aderem à sua doutrina."

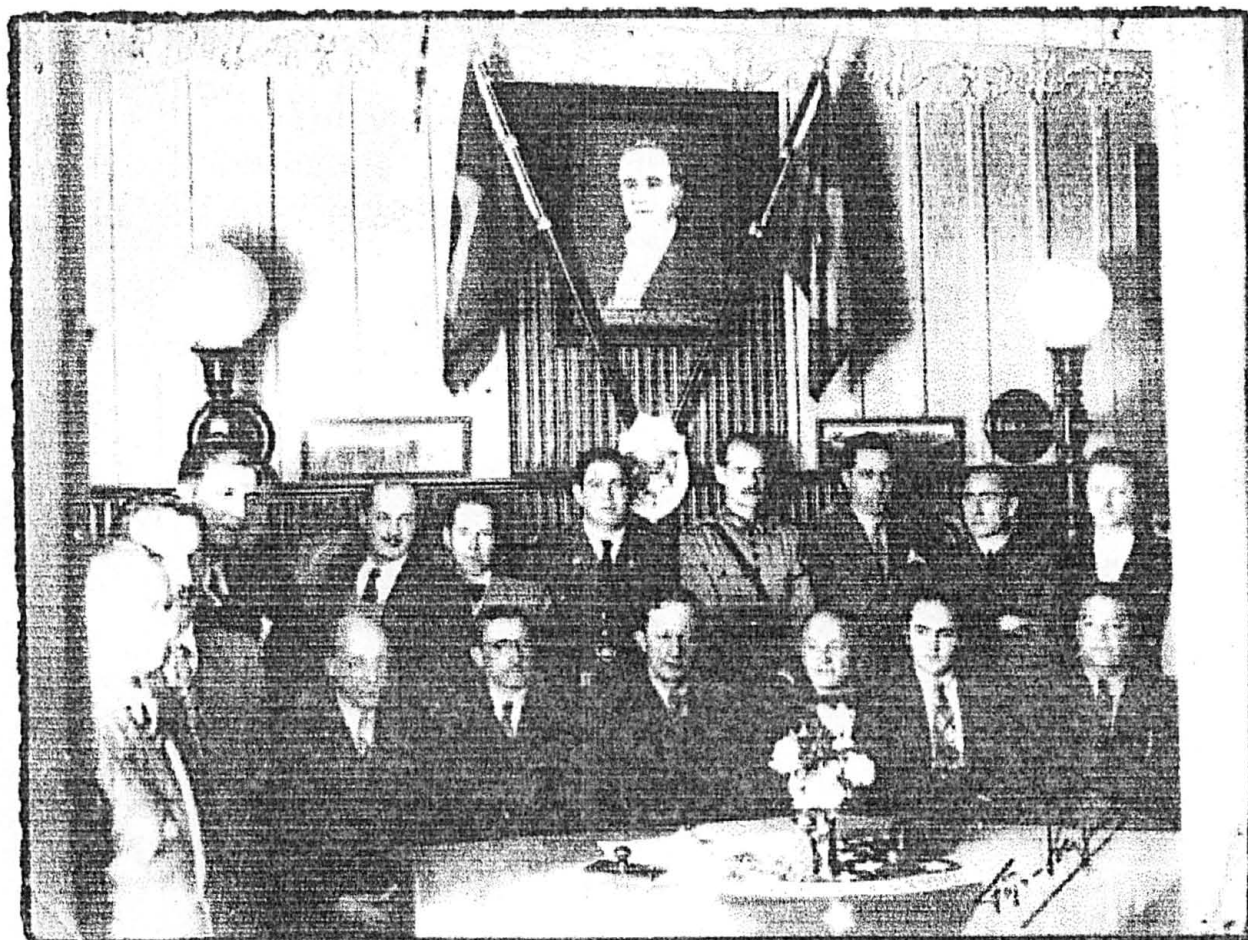
²⁵⁷ CASTELLANI, José. O Supremo Conselho no Brasil - Síntese de sua História. Londrina: Editora A Trolha, 2000. p 239

²⁵⁸ Para o boletim Amizade Prober afirma que a Loja retorna aos trabalhos em julho de 1939, o que está incorreto, algumas outras informações incorretas acredito que se pode atribuir ao fato de que este pesquisador consultou somente os arquivos gerais do GOB

Getúlio Vargas. O Ven .: Cleto incita aos demais irmãos a comparecer referindo-se à gratidão que a maçonaria deve demonstrar ao grande presidente, não só porque ele não concordou com a perseguição aos maçons, como também autorizou o funcionamento das oficinas do Grande Oriente.

Duas semanas após, a Loja recebia um telegrama de agradecimento e solidariedade do gabinete da presidência, e lhe envia foto da solenidade bem como o Ven .: diz lamentar a falta de compreensão e patriotismo de alguns irmãos pois, não comparecem aos trabalhos da Loja preferindo muitos deles passar esses momentos nos clubes, bilhares etc. Afirma "que era entristecedora essa falta de amor a instituição a que espontaneamente e livremente juram servir com dedicação e sacrifício."²⁵⁹

Na fala do venerável fica clara a associação entre participar dos trabalhos em Loja e o dever patriótico, entretanto, a foto alusiva ao momento a que se referem mostra apenas pequeno grupo junto ao prefeito.



O ano de 38 termina, portanto para a maçonaria com uma nova constituição e um novo Grão-Mestre, pois, após novembro, a frágil saúde do General Moreira Guimarães daria o Grão Mestrado ao seu adjunto Joaquim Rodrigues Neves, inicialmente em exercício até o falecimento do General, em 1940.²⁶⁰

No plano local, a inauguração do Grupo escoteiro pelo Reverendo da Igreja Metodista Daniel Lander Betts e de Alfredo Matzembacher entre outros, bem como um aumento significativo de profanos que formalizaram seu desejo de se iniciarem nos mistérios da Ordem (afiliação), são os eventos mais notáveis ou significativos para a Loja. Esse aumento de interesse pela maçonaria poderia até representar um problema, como revelou o maçom Aguinaldo Schmall que solicitou à Loja regulamentação dos banquetes de iniciação que estavam se tornando dispendiosos, pelo mês de dezembro, mas refletiu uma circulação de opiniões acerca da maçonaria, fomentada pela conjuntura internacional, ataques do integralismo e, conseqüentemente do imaginário que se formava em torno da instituição.

As posições que a Loja poderia assumir quanto às demandas externas de poder forjavam um padrão cultural bem claro no grupo local. No início de 1939, fora realizada em Florianópolis a primeira Convenção Maçônica Catarinense, embora não tenha sido ela prestigiada por nenhum dos membros da União III, ela apresenta suas justificativas e votou para que o delegado Pedro Cunha a representasse junto ao congresso.²⁶¹ Entre outras finalidades, a convenção pretendia que as Lojas do Oriente Catarinense fossem reconhecidas junto ao Poder Central, já que as dissidências também, em alguns casos, atingiram Lojas catarinenses.

²⁶⁰ CASTELLANI, José. O Supremo Conselho no Brasil - Síntese de sua História. Londrina: Editora A Trolha, 2000. p 239

²⁶¹ Todas as deliberações do congresso foram mais tarde lidos em sessões. Entre elas as seções a serem debatidas: 1ª seção. Educação e Cultura a- Laicidade do ensino. b - Conferências maçônicas, científicas ou cívicas. c - Livros. d - Alfabetização. 2ª Seção. Assistência social e Previdência . a - Beneficência Maçônica. b - serviços de assistência médica . c - Propaganda das caixas oficiais de previdências. d - Assistência alimentar aos escolares pobres. 3ª Seção. Sociais e filosóficos a - Sindicalização. b - Proteção ao trabalho manual e intelectual. c - Exame pré nupcial. d - Educação dos filhos. e - Divórcio . 4ª Seção. Problemas econômicos e financeiros. a - Patrimônio das Lojas. b - Aumento das rendas. 5ª Seção. Problemas Maçônicos. a - Creação de novas Lojas. b- Congressos anuais. c - Novas iniciações . d -Obrigações dos sindicantes. E - Assiduidade aos trabalhos.

Em maio de 39, as Lojas recebem comunicação circular do Grande Oriente do Brasil (GOB)*, proibindo discussão ou controvérsia sobre matéria religiosa ou política, como também o exame ou crítica dos atos da autoridade civil. Determina ainda, que os maçons nada imprimam, nem publiquem sobre assunto maçônico, ou que envolva o nome da instituição, sem expressa autorização do Grão-Mestre Geral conforme consta na constituição maçônica, seja no Poder Central seja nos Estados sob pena de repressão imediata literalmente expressa na palavra intervenção.²⁶²

Na Loja União III, os sinais de descontentamento lentamente começam a aparecer, falas em sessão relembrando o episódio da Tomada da Bastilha, que implantou a sublime trilogia Liberdade, Igualdade e Fraternidade, alterada há pouco pelo regime. Ou ainda irmãos cobrando a indiscrição de membros que deixam transparecer fora das Lojas aquilo que é discutido nas sessões, reforçando a necessidade do segredo jurado.²⁶³

Pelo final do ano, curiosamente, uma lista de contribuições é coletada em prol de um monumento às vítimas do golpe comunista de 1935, obra que seria realizada pela prefeitura de Porto União. No início de 1940, era chorada a morte do General Moreira Guimarães, "a quem a Maçonaria deve em parte o prestígio que vem desfrutando,..." segundo as palavras do orador da Loja, já que também fora o General elogiado por pessoas afeiçoadas ao clero romano, em revistas literárias. Foi realizada após um mês uma sessão fúnebre em homenagem a sua memória.²⁶⁴ Esse falecimento iria, em outubro, levar ao Grão-Mestrado o Adjunto Dr. Joaquim Rodrigues Neves que suscitaria disputas calorosas na Loja União III.

Em meados de 1941 o que rompe a rotina da Loja são os ataques de um padre jesuíta, que merecerão resposta do GOB, por meio de todas as lojas sob sua jurisdição.²⁶⁵

Ao final de 1941, chega a Loja uma circular da Secretaria Geral da Ordem contendo um decreto-lei do governo brasileiro, que proibia o funcionamento de

*Grande Oriente do Brasil doravante GOB

²⁶² Arquivo Particular da Loja União III - Arquivo de Correspondências - Livro 1939, Fl. 39

²⁶³ Arquivo Particular da Loja União III - Livro de Atas nº VI p. 126-130

²⁶⁴ Ibidem p. 151

²⁶⁵ Ibidem p. 197 Veja-se documento inicial no capítulo 3.0

associações que se reunissem periodicamente, com fim de ocultar das autoridades sua existência, objetivos, organização ou administração. A mesma circular fazia a declaração de que a maçonaria não se encaixaria nessa proibição, já que possuía estatutos legalmente reconhecidos.

As eleições para o Grão-Mestrado seriam, no ano seguinte, e o Coronel Dilermando de Assis começava a sua campanha com manifestos em que prometia "Urge tirá-la da condição humilhante em que nunca esteve como presentemente, de portas semi-cerradas por suspeitas atividades e imprecisa finalidade."²⁶⁶, a Loja imediatamente pede orientação a seu delegado em Florianópolis, já que Rodrigues Neves pretende se reeleger e declara seus oponentes inelegíveis por não estarem colados nos últimos graus dos ritos, aos quais eles pertencem .

Esse era apenas o início de uma disputa que acabaria tão logo Rodrigues Neves cassasse os direitos maçônicos da oposição. A União III passa o ano de 42 entre telegramas enviados, dando apoio ao regime varguista, graças aos navios mercantes brasileiros torpedeados pelo submarinos alemães.

No ano de 1943 a Loja, por meio das falas do maçom Dirceu Meneguetti, cria uma comissão para estudar o novo decreto do governo federal, que criou o conselho controlador dos atos dos interventores e prefeitos. Semanas mais tarde o mesmo maçom conclui que não há fundamento ou utilidade para a Loja o estudo deste decreto governamental.

Em 44, a Loja recebe do Coronel Dilermando de Assis , uma carta protesto contra uma publicação do Grão-Mestre Rodrigues Neves na Revista "O Cruzeiro", e o Venerável Teodoro Keppen pede aos irmãos em Loja que não tomem qualquer atitude de rebeldia contra o Grão Mestre . Na verdade, essa carta seria uma a mais na cascata de protestos pelas Lojas do Brasil, contra a atitude do Grão-Mestre em exercício. Lojas como a Dario Velloso de Curitiba se manifestariam contra. O próprio Dilermando iniciaria uma

²⁶⁶ Arquivo Particular da Loja União III - Arquivo de Correspondências - Livro 1941, Fl. 61

dissidência a partir do Grande Oriente do Rio de Janeiro em março, e até o final do ano, outros Orientes como o de Minas Gerais se rebelariam.²⁶⁷

A Loja Dario Veloso mantinha estreita comunicação com a União III, de caráter administrativo e de interesses filosóficos, como compra de livros. Procurava agora angariar apoio junto à União III, numa proposta de dissidência ao Poder Central, juntamente com a Loja Fraternidade Paranaense, que já se encontrava sob interventoria do Delegado do Grão Mestrado da Ordem no Paraná.²⁶⁸

Mas, o que teria provocado tamanha efervescência nos meios maçônicos ? Nesse ano a União III recebeu uma comunicação da Loja Dario Velloso em que ela se manifestava contrária ao Grão Mestre Rodrigues Neves e, os principais motivos alegados eram os seguintes:

"II) Causou-nos pois profunda especie a série de entrevistas anti-maçônicas, iniciada por uma publicação em "diretrizes" e ultimada por uma reportagem em "O Cruzeiro" de janeiro p. findo, em que se devassavam os nossos segredos e juramentos, em que a ostentação da caridade ia às raias de imaginosa e exagerada fantasia e em que se superestimavam as riquezas da Ordem, aquelas em quantias fictícias e fabulosas e este na falsa mobilização de centenas de milhares de maçons que passavam de livres opiniões a automatos e titeres movimentados pelos cordeis onipotentes do Grão Mestre.

III) Inferimos da Revista em causa que eramos fotografáveis em sessões secretas, mesmo do Grande Conselho, que as insígnias maçônicas podiam encapar o desejo ardente de propaganda pessoal para fins inconfessáveis, que o poderio do GRÃO MESTRE crescera qual o da fabula da Rã e do Touro, pois que já nos tornavamos, os maçons do Brasil em cupins capazes de corroer governos instituições, etc, etc, e que sobretudo, de tal modo o ridículo nos cobria, que os próprios reporteres, pela visita que nos fizeram, em palavras de limpeza sem jaça, afirmaram aos quatro ventos o desejo ardente em que se achavam de jamais pertencerem à nossa instituição."²⁶⁹

A Loja Dario Veloso entre, 1941 e 1945, unir-se-ia em uma dissidência denominada Grande Loja do Paraná, que se congregou no prédio da Escola Israelita Brasileira. Além da referida Loja tem-se a Fraternidade Paranaense e Loja Sol do Oriente,

²⁶⁷ CASTELLANI, José. O Supremo Conselho no Brasil - Síntese de sua História. Londrina: Editora A Trolha, 2000. p 248

²⁶⁸ Arquivo Particular da Loja União III - Livro de Atas nº VII, p.28

²⁶⁹ Arquivo Particular da Loja União III - Arquivo de Correspondências - Livro 1944, Fl.27

bem como outras Lojas de Apucarana e Cornélio Procópio, que seriam fundadas mais tarde, já sob os auspícios da Grande Loja.²⁷⁰

A Loja União III, anteriormente, já fora uma Loja Paranaense, mas agora se alinhava com o Oriente de Santa Catarina, embora manifestasse apoio velado por meio de visitas de seus membros em iniciações, tanto na Dario Veloso, quanto no Instituto Neo Pitagórico, não aderira a uma dissidência explícita. E, mesmo quando ocorreu ao final de 1944, uma dissidência catarinense formalizada pela Loja Cruzeiro do Sul IV que aderiu ao Movimento Restaurador de Dilermando (que acontecia no Rio de Janeiro), a União III ainda assim, não se rebelou contra o Grão-Mestre.

Entretanto o padrão de subserviência da Loja quebrou internamente e justamente os argumentos produzidos pela Dario Veloso seriam acompanhados de um documento de produção autônoma, pelos membros que possuíam uma afinidade ao Oriente Paranaense.

Desde abril de 1944, a Loja vinha recebendo comunicações, visitas de membros, explicações de irmãos que circulavam nos Orientes do Paraná e Santa Catarina sobre a situação do Poder Central no Rio de Janeiro, somente em 1945, quando a rebelião tomara um sentido inequívoco contra Rodrigues Neves, a Loja se manifestaria.

Foi redigido um documento que explicava as razões da Loja se desligar do Grande Oriente do Brasil e proposto em sessão extraordinária, no dia 27 de março de 1945. Nessa sessão foi recebido um membro que teria sido interditado pelo Grão-Mestre por ele ser dissidente. O Coronel Clodomiro Nogueira, após votação da Loja para que se lhe permitisse a entrada, explanou os motivos da Loja Fraternidade Paranaense ter-se rebelado com o Grão-Mestre em exercício. Segundo o Coronel, o motivo foi a tal publicação na Revista Cruzeiro.²⁷¹ Essa declaração foi determinante para a decisão da Loja.

²⁷⁰ A Maçonaria no Estado do Paraná. In : TEMPSKI-SILKA, Valton Sergio Von. Historial da Franco Maçonaria. 715 a C. -1815 Brasil - 1940 Paraná. Curitiba: Juruá, 1999.

²⁷¹ Existiriam também outros problemas acerca da pertença do patrimônio da Loja, e ocorreram inclusive agressões físicas inflingidas por membros da Loja a Delegados do Grão mestrado conforme os documentos que suspendiam em março de 44, membros de relevo da sociedade curitubana como o médico Jorge Karam e o Dr. Silas Pioli. Apesar disto o fator de convencimento dos obreiros da União III fora a entrevista conforme ata de reunião.

Foi em seguida votada pela União III a ruptura com o Grande Oriente do Brasil, bem como a aceitação do documento que a justificava. Foram contabilizados 13 votos a favor da ruptura e 10 contra, o venerável Teodoro Kepen se manifesta contrário à decisão da maioria, mas a acata, devido à forma democrática com que se deu. Somente um dos membros, além do venerável, manifestou-se verbalmente contrário neste momento o maçom Antonio Domit.²⁷² Haviam 23 votantes no total.

Na sessão seguinte, além das cartas de renúncia de cargo de Antonio Domit e Felicio Domit, temos mais membros descontentes com a atitude adotada pela oficina. Maçons como o fiscal da Oficina Victório Franklim, e Rodolfo Matzembacher e mesmo o secretário da Loja, João Nitto Gaspari, lembram que fora uma sessão extraordinária, portanto, segundo eles, ilegal. Os argumentos eram que a reunião não fora realizada em uma sexta feira, assim não estavam presentes todos os membros, e além disto, receberam um membro suspenso. Estes sugerem a anulação da ata, em sessão posterior, em que se apresentaria todo o efetivo da Loja, para debater assunto tão importante.²⁷³

Na sessão do dia 13 de abril, os debates são em torno da situação de legalidade da sessão anterior, e, portanto, do rompimento com o Poder Central. Os maçons expuseram seus argumentos e foi realizada nova votação, chegando-se a um resultado de 17 votos a favor da anulação da ata, contra 6 que a consideravam legal, resultando na obediência da Loja ao Grão-Mestre. O que se registra desta fracassada tentativa de sublevação é que em verdade, rigorosamente o mesmo número de membros votaram (23) e, portanto justamente o argumento da ilegalidade, e possível ausência de votantes, segundo a qual se deu nova votação não justificava a anulação da votação democrática anterior.

A Loja pode ser dividida segundo o seguinte critério: uma ala mais conservadora, que acatava as determinações de seu Grão-Mestre, por entender que a esfera do segredo maçônico é iminentemente pessoal e, de mais a mais, deve-se respeitar as determinações da constituição maçônica, de não se discutir a política ou a religião em Loja. Um

²⁷² Arquivo Particular da Loja União III - Livro de Atas nº VIII p. 96

²⁷³ Ibidem p 100

entendimento que leva aos sentidos mais místicos ou esotéricos da função de uma Loja maçônica, na formação de um sentido moral e litúrgico nos homens que repousasse acima das questões cotidianas. Esse grupo teve como seus expoentes os maçons Rodolfo Matzembacher, Hellmuth Müller, Antonio Domit, Felício Domit, Teodoro Keppen, Vitório Franklin, João Nitto Gaspari, José Julio Cleto da Silva e Daniel Lander Betts.

Em outro pólo, os maçons que entendiam que o segredo em maçonaria estava ligado intimamente aos os vieses políticos assumidos pelas Lojas, ainda que veladamente, e também por seus membros. E tendo em vista essa concepção, não crê haver problema algum na rebelião, já que são livres pensadores e decidiram democraticamente por ela. Claramente, essa percepção se completa com uma defesa do liberalismo e, conjunturalmente articula-se com o momento em que a sociedade discute o governo varguista e, de modo global os regimes autoritários por todo o mundo.

Os membros que adotaram essa postura foram Adam Polan Kossudeleski , Bonifácio Paes Carneiro, Nelson Dias, Hely Macedo de Souza, Nataniel Hirsch, Mario Balster, Pedro Arbus dos Santos, Miguel Novakoski, Aguinaldo Schmall e Demétrio Charam.²⁷⁴

Inúmeros documentos já haviam chegado à Loja sem que se tomasse posição alguma frente ao quadro de rebeliões que aconteciam pelo Brasil,²⁷⁵ somente quando o argumento de que o segredo maçônico fora quebrado, é que se revelaram algumas posições que logo seriam adormecidas, inclusive com o pedido de afastamento de vários maçons descontentes com a anulação da resolução subversiva.

Não se pode categorizar tendências políticas explícitas, externas à Loja, que poderiam estar guiando os acontecimentos em tão breve experiência. Pode-se até realizar

²⁷⁴ Ibidem p 108

²⁷⁵ Existiam motivos muito mais sérios no Movimento Maçônico Restaurador, organizado por Alvaro Palmeira 33 : como por exemplo disputas na justiça pelos patrimônios das Lojas e seus nomes Associativos nesta disputa de poder interno, onde a acusação de facismo entre as partes é uma das mais brandas. O uso da breve posição contrária da União III é estampado nos manifestos do movimento para as Lojas. " *Há dias, a Aug. e Resp. : Loja Cap. : 'União III', AO Or. : De Porto União Santa Catarina, deu-lhe mais uma prova de quanto vale a energia dos maçons, num manifesto que está correndo o Brasil, pelo qual aquela Benemérita Loja resolveu 'desligar-se do Grande Oriente do Brasil até o dia em que o referido Grão Mestre deixar o cargo.* " 26/04/1945

a associação, como o fez Neto em seu trabalho, sobre maçons que momentaneamente detinham influência social e poder real como, o Prefeito Hellmuth Muller e seu assessor direto e amigo pessoal, Rodolfo Matzembacher, que como se viu estavam do lado conservador. E, ainda Cleto da Silva, historiador, ex -prefeito de União da Vitória e uma das mais conhecidas e iminentes personalidades da região; quem sabe o Reverendo Metodista Daniel Betts ou o senhor João Gaspari, juiz de paz e proprietário do cartório de União da Vitória, com certeza, pode-se afirmar que essa pertença maçônica lhes confira um poder. Já orientação política ficaria mesmo por conta do campo da política.

Considerando que o lado conservador da Loja é portanto mais preocupado com as influências místicas e as experiências esotéricas, simultaneamente é o que já é detentor de poder social anterior a entrada na Loja (Prefeitos, vereadores, médicos, militares). A este grupo as relações cotidianas da política serão vistas como um exercício de manutenção e equilíbrio, a convivência na Loja pode ajudar nesse equilíbrio por essa lógica torna-se mais fácil não se sublevar contra o Grão Mestre, sob pena de se arriscar um espaço estratégico inutilmente.

Já o grupo para o qual, a tomada de posturas políticas é determinante, é um grupo formado por indivíduos, que ainda estão disputando reconhecimento social, (serradores, ferroviários, funcionários públicos). Ao entrar para a maçonaria, a Loja torna-se um espaço novo de atuação. Comprometido justamente pela existência de hierarquias e graus "secrets". O imaginário do complô toma força, a reunião secreta é necessária e poderá se materializar em uma sessão extraordinária, os conteúdos a serem priorizados por esses indivíduos são: a importância política da Maçonaria nas revoluções Liberais, e na História do Brasil.

A idéia advinda do senso comum profano de que aqueles que entram para a maçonaria deveriam ficar ricos, ou no mínimo serem ajudados pela fraternidade, continua no homem que entrou para os quadros da Loja. Essa idéia transforma-se em expressões políticas dentro do próprio campo de disputas a que os maçons estão sujeitos.

Essas atitudes parecem refletir uma constelação que considera o antimaçonismo tanto externo à ordem, quanto interno. A acusação de antimaçonismo acaba sendo contra o próprio Grão-Mestre Rodrigues Neves, subvertendo a hierarquia. Alguns membros são mais maçons que outros, seja pelo seu Grau hierárquico, seja pela sua atitude frente a realidade social que os circunda e o segredo a ser mantido.

Mais do que nunca o poder maçônico neste universo cultural está distribuído entre os agentes que possuem uma percepção mais apurada do que consiste o segredo maçônico. Segundo Lacordaire, na defesa de uma ordem social e política regida pela transparência do poder, nos escritos antimaçons católicos ingleses, justificam-se como contra-revolucionários e como democráticos que se unem, só muda o agente do poder, para os primeiros, o rei; para os segundos o povo soberano. As denúncias da Franco-Maçonaria serão segundo seu segredo, na cobertura da subversão, a razão de seu sucesso. E os grupos a serem atacados como disfarces da maçonaria serão os mesmos : Aliança Israelita Universal, Internacional Comunista ou a Fundação Rockefeller, no fim a mão escondida que faz o mundo girar.²⁷⁶

A singularidade desta fracassada dissidência, reafirma o poder da hierarquia, e no fim, a obediência da Oficina, todas as posições assumidas pela Loja frente as demandas externas (Grande Oriente - Governo) deram-se segundo a lógica do menor atrito possível, percebe-se isto nos telegramas enviados à Presidência da República, congratulando o Presidente Vargas pelo seu aniversário, ou por uma atitude política qualquer adotada. Quando o governo brasileiro já estava alinhado aos americanos, a embaixada Norte Americana é destinatária de inúmeras condolências por parte da Loja, pela morte do "...campeão da justiça e da democracia Franklin Delano Roosevelt.", e até mesmo foram realizadas sessões fúnebres, em Loja, tão pomposas quanto tinha recebido o General Moreira Guimarães.²⁷⁷

²⁷⁶ LACORDAIRE, JérômeRousse . Antimaçonismo. Lisboa: Hugin, 1999. p. 29

²⁷⁷ Arquivo Particular da Loja União III - Arquivo de Correspondências - Livro 1945-46 A Loja também se encarregou de avisar sobre a morte de Roosevelt a José Cleto que realizava, no interior do município um trabalho de agrimensura que se arrastava por semanas em acampamento. Ver CLETO, José. Grimpas e Folhas do Sertão.União da Vitória -Paraná: Editora J. Pacheco Cleto, 1948

Todavia, se entrevê neste mesmo fato singular, a força e a manifestação de um imaginário difuso que dispara reações reais, mas que sempre estarão circunscritas na idéia da conspiração.

A polêmica em torno do Grão Mestre continuaria até 1947 quando ele seria eleito para mais um quinquênio (1947-1952), mediante mudanças da constituição, mas a União III não mais se manifestaria. A Loja Dario Velloso acabaria ganhando sua causa junto a justiça em prol do Grande Oriente do Estado do Paraná, e finalmente, a União III receberia telegrama, em 1946, do Poder Central, informando sobre visita maçônica feita ao novo Presidente General Gaspar Dutra e seu apoio ao regime. É claro, a Loja congratulou-se com o Grão-Mestre.²⁷⁸

Em 1947 em ritmo, de redemocratização o Irmão Antonio Babi se elegeria Deputado Federal; o senhor Vitório Franklin reassumiria seu cargo como delegado de polícia em União da Vitória já que fora afastado no período das interventorias e o senhor João Nitto Gaspari seria eleito o vereador mais votado e Presidente da Câmara de Vereadores.

Infelizmente dentre o material pesquisado não se conseguiu descobrir a mão oculta por trás dos homens públicos da cidade, até porque, alguns dos interventores dos estados tinham sido também eles maçons. Espera-se ao menos demonstrar como a lógica do imaginário impele uma estrutura do poder dentro da maçonaria e até mesmo fora dela.

4.3 - Ideologias contrárias ao regime

O integralismo revelou-se o herdeiro do jesuitismo, naquilo em que o jesuitismo era pródigo junto aos maçons nas Lojas, seu inimigo preferencial. O responsável pela fundação da Loja União III em fins do século XIX, Manoel Dias Pinheiro em suas

²⁷⁸ Arquivo Particular da Loja União III - Livro de Atas nº VIII p. 156

primeiras preleções sobre o dever de um bom maçom, alertava para a 'influência perniciososa' do jesuitismo, que para ele condensava as forças do verdadeiro mal social.

O fundador da Loja não era um arrebanhador político que, sub-repticiamente, tentasse congregar as forças dominantes sob o pálio da Maçonaria Brasileira. Seu interesse principal é pregar o bem e o repúdio às **forças obscurantistas** que se concentravam na ação perniciosa dos jesuítas.²⁷⁹

Em outras Lojas, a ameaça integralista parecia evidente, na Quintino Bocaiúva nº 10 uma Loja Paulistana, os membros começam a assinar nas sessões nomes de guerra, alarmados com as movimentações do integralismo e sobre o conteúdo da futura constituição que seria promulgada. Segundo Gonçalves, isso seria uma prevenção a eventuais perseguições dos seguidores de Plínio Salgado. Em dezembro de 1933, o Mestre da Quintino pede atitude de controle da entrada de pessoas no prédio, visto que houve uma tentativa de assalto e incêndio das dependências físicas.²⁸⁰

O integralismo em Santa Catarina, desde 1934, ganhava corpo no nordeste do estado, com uma preocupação política central, a manutenção das escolas privadas. Desde que a questão da língua alemã se torna estratégica à Aliança Integralista Brasileira, no sul e nas colônias alemãs fez esforços para parecer germanófila. O chefe nacional Plínio Salgado e o ideólogo Gustavo Barroso resgataram sua ascendência alemã, no entanto, segundo Gertz, quando se abordavam questões concretas sobre a conservação da cultura alemã e das instituições que a promoviam, o integralismo sentia dificuldade em harmonizar seu nacionalismo e sua teoria do Melting-pot com uma definição clara em favor do pluralismo cultural.²⁸¹

²⁷⁹ CLARO NETO, Manoel Alves. Subsídios Para o Estudo Histórico da Maçonaria em Porto União da Vitória. Fundação Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras: Mimeo, 1980. p.03

²⁸⁰ GONÇALVES, Ricardo Mário. Quintino Bocaiúva nº10 : Trajetória de uma Loja Maçônica Paulistana(1923-1998) São Paulo: Arquivo do Estado, 1998. p. 90

²⁸¹ GERTZ, René. O Fascismo no Sul do Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p.184

Esse pluralismo parece estar articulado no espaço maçônico, já que a transcendência espiritual é invocada no axioma da tolerância maçônica política e interconfessional. Conforme Gertz, no discurso integralista do nordeste de Santa Catarina não se encontravam manifestações racistas contra negros, poloneses e lusos, mas havia uma componente anti-semita; falava-se no "capitalismo internacional judeu", repositário dos problemas do mundo. Bem como as críticas ao integralismo eram negadas, como "dialética tipicamente judia".²⁸²

A Loja, ou melhor, alguns maçons da Loja sentem-se especialmente imbuídos em um engajamento ideológico que, na aparência, era advindo de fora das Lojas. O Tenente Osmar Silva dos Santos congratula-se com a oficina pela recepção de mais três irmãos no seio da Loja e amigos que viriam engrossar as fileiras de combate às "idéias extremistas", argumenta também que a maçonaria vivia naqueles dias graves apreensões e por isso a união se fazia necessária, para o 'salvamento' da instituição. Segundo suas palavras, visto que a maçonaria é a "implantadora do regime de liberdade na face da terra", assim se os irmãos não a salvarem quem salvará a terra.²⁸³

No mês de setembro de 1937, chegavam à Loja comunicações inter-lojas, como a da Loja Ordem e Justiça no Oriente de Assis, concitava aos maçons a moverem guerra de extermínio ao seu inimigo número 1, o Integralismo. E não raras eram as manifestações dando inteiro apoio por parte da União III.²⁸⁴

Como já se disse, o decreto nº 1.179, promulgado pelo Grão mestre do GOB, a 2 de junho de 1938 garantiu o funcionamento de algumas Lojas do Distrito Federal já que pagava o preço de uma adesão parcial ao regime; estabelecia:

Art. 1º - As lojas da federação excluirão de seu seio os obreiros que professem ideologias contrárias ao regime político-social brasileiro, enviando logo ao Conselho Geral da Ordem, em caráter de recurso "ex-officio", mas sem efeito suspensivo, a lista dos membros atingidos, à qual serão anexos os elementos comprobativos de seu ato.

²⁸² Ibidem p190

²⁸³ Arquivo Particular da Loja União III - Livro de Atas nº VI Pg. 44b Julho de 1937

²⁸⁴ Arquivo Particular da Loja União III - Livro de Atas nº VI Pg 55 b

O maçom Tenente Lauro T. Góes, recém-chegado do Pará, realizou conferência pública, no intuito de esclarecer à população, à Loja o venerável sugeriu a divulgação em panfletos intitulados 'Maçonaria Revelada', que seriam distribuídos na cidade.²⁸⁵

A temperatura política do Estado Novo, a decretação do estado de emergência, já havia posto em efervescência o interior das Lojas e, em especial os membros que pertenciam aos quadros da Loja e da Polícia Militar maçons. Ao que parece à esses membros ficaria a responsabilidade de policiamento ideológico dentro das Lojas, dentro da exigência que o Estado fez ao GOB de eliminação dos obreiros com ideologias espúrias, e que resultou nesse decreto.

A necessidade de afastamento dos integralistas por parte de Getúlio, das esferas governamentais, se casou, ou melhor se encaixou com a perspectiva maçônica, sendo o integralismo seu inimigo primordial. Conforme o ideário maçônico, esse por sua vez, irá reeditar uma nova 'inquisição', já que herdeiro do jesuitismo procurará uma nova 'caça as bruxas', um cerceamento da liberdade de pensamento (leia-se liberdade de credo).

Vista por essa ótica a maçonaria, sob pressão, serve ao poder do estado, como vigia nos seus recônditos mais secretos e nas localidades longínquas onde ela existisse, tal como sonda profunda de pesquisa ideológica. Mas, ao mesmo tempo pode-se afirmar que a maçonaria serve-se do poder do Estado, quando procura colar-se a ele e, atuar nas capilaridades com uma justificação que advém do mesmo combatendo um inimigo que seria um inimigo pessoal (social) seu e por razões que lhes são muito próprias.

A integração ideológica procurada pelo Estado que leva à imposição das crenças comuns, vai intervir ao nível das orientações individuais, no nível das relações de grupos e simultaneamente no nível das relações gerais com o poder político.²⁸⁶ A identificação procurada pelos maçons com o Estado, com os homens célebres que o constituíram ou até mesmo no corpo da Igreja está muito clara. Pretende-se que o maçom tenha uma

²⁸⁵ Arquivo Particular da Loja União III - Livro de Atas nº VI p. 58 b

²⁸⁶ ANSART, Pierre. Ideologias, Conflitos e Poder. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1978. p. 211

influência sobre a sociedade já que adere incondicionalmente as diretrizes ideológicas e morais vigentes, e as reproduz em um campo próprio de representações.

Uma sessão extraordinária, a 19 de outubro de 37, é requisitada pelo maçom Major Trogílio Mello que, incumbido pela Loja Ordem e Trabalho de Florianópolis, traz informações sobre o maçom Alfredo Luis Cardoso, pertencente ao quadro da Loja Acácia Paranaense, que teria ingressado no Integralismo e, graças a isso, vinha exercendo espionagem nas Lojas a que visitava.

As informações teriam vindo a Florianópolis de Curitiba, por meio de Flávio Trindade, pertencente à mesma Loja do novo integralista, e acabam por causar rebuliço na Loja . A causa desse rebuliço é que esse irmão, Alfredo Cardoso, vinha realizando visitas à União III, e se debateu qual seria a conduta a tomar em relação a ele.

Decidiu-se pela aceitação do irmão em uma possível visita e interrogação "se de facto elle haveria traído seus juramentos de maç .: e ingressado no integralismo inimigo gratuito da nossa ordem.". Também se escreveram pranchas a outras lojas, requisitando informações sobre o Irmão. O visitante Delegado da Ordem Major Pedro Cunha, discorre sobre a espionagem dentro das lojas e sobre o caráter impoluto do Major Trogílio.

Antes do encerramento das atividades maçônicas duas sessões tratam quase que exclusivamente, como já foi citado, do problema do integralismo e de suas ' hordas facínoras.' Pede-se proteção da Loja ao major Trogílio,²⁸⁷ que é alvo de perseguições e conforme a última ata lavrada, em 22 de outubro de 1937, dá-se o fechamento das atividades na Loja União III.

Meses após, quando da retomada dos trabalhos, parece haver um consenso sobre as causas que levaram ao fechamento das lojas, expresso em muitas atas como fruto de uma perseguição integralista nos seguintes termos : - "...a maçom .: sonhe sair vencedora das acusações que lhes moveram os falsos patriotas verdes, esses mesmos que apregoavam hipócritamente a defesa de Deus, Pátria e Família, mas maquinavam satanicamente a

²⁸⁷ A perseguição referida se deve ao fato do major responder a processo na cidade de Jaraguá do Sul, que o responsabilizava pela morte de dois integralistas acontecido num embate entre estes e a polícia. O major ganhou a causa o que foi motivo de júbilo para a Loja em meados de 38.

eliminação de muitos brasileiros...", ao contrário da Loja Paulista a União III considerou o fechamento resultado de um complô integralista com o Estado.

No dia 1º de abril de 1938, na mesma sessão econômica em que se lia a determinação do Poder Central já citada, para que se enviassem abaixo assinados declarando obediência, o reverendo da Igreja Metodista, Daniel Betts, entrega ao Venerável Cleto um exemplar de um livro editado em idioma alemão, contra a Ordem Maçônica, "cujo livro elle havia comprado minutos antes de um vendedor ambulante.", e seu conteúdo era basicamente propaganda nazista contra a maçonaria alemã, conforme informaria o Venerável em sessões posteriores.

A determinação maçônica para que não se envolvessem nos assuntos políticos em Loja parece ir por terra nesse momento, mas devemos entender que o que permite esta transferência de responsabilidade daquilo que lhes é infligido pelo governo aos integralistas está dado já anteriormente e se conjuga no campo fértil do imaginário.

Na Loja União III não houve sequer um expulso devido a envolvimento com o integralismo, entretanto houve requisições de iniciações rejeitadas, segundo esse critério e normalmente os indivíduos que alertavam para a condição do novo aspirante eram os irmãos pertencentes a força policial, mesmo as comunicações oriundas de Florianópolis que alertavam para as pertenças dos candidatos ou daqueles que agora estavam registrados no Livro Negro do GOB, eram remetidas por maçons militares.²⁸⁸

Do antimaçonismo dos integralistas, aos ataques jornalísticos de jesuítas, entre 1940 até 1942, aos maçons tudo pareceria orquestrado na imagem satânica da conspiração jesuítica, que se arrastara até o século XX em uma nova forma denominada integralismo. Naturalmente compreensível a eles que, após o afastamento dos integralistas da proximidade com o poder de Getúlio essa conspiração procuraria outras formas e se transformaria na LEC, no final dos anos 40.

²⁸⁸ Os profanos Antonio Adeis, Virgilio Enriques Dias não foram iniciados nesta Loja, e da Loja Ordem e Trabalho de Florianópolis foram expulsos os irmãos Marinho Lobo e Otto Stranch entre 38 e 39

As sondagens sobre o envolvimento com o integralismo ainda se estendem até 1943, alguns profanos também são recusados por envolvimento com o comunismo. E em abril deste ano a Loja expulsa dois irmãos maçons de acordo com o mecanismo da suspeição.

Alfredo Matzembacher e Umberto Zarantonielo foram desligados dos trabalhos maçônicos, por força de comunicação oficial do Poder Central, com a oficina exigindo o seu afastamento. Em 28 de julho a secretaria emitia sua resposta ao GOB relativa ao afastamento destes irmãos "por se acharem fixados pela polícia catarinense, como simpatizantes do eixo."²⁸⁹

Durante a Segunda Guerra Mundial a idéia de Perigo Alemão foi exarcebada às ultimas conseqüências, pelo Governo Vargas, o indivíduo alemão foi identificado com o nazismo, forjando um imaginário social que geraria medo por parte do governo que adotaria o pan -americanismo, ou o alinhamento aos Aliados, já que essa parecia para aquele momento uma ideologia superior ao nazi-facismo.²⁹⁰

É curioso notar, que em Porto União, o Delegado do Departamento de polícia é o Irmão Trogilio Mello e a expulsão dos dois irmãos não leva à sua prisão , sua suposta afinidade com o eixo serve apenas de pretexto para sua eliminação do quadro maçônico. Embora em União da Vitória e Porto União houvesse ocorrências de inúmeras prisões de alemães identificados com o nazismo, não se pode afirmar que o Major tivesse protegido os dois, mas portador de livre trânsito, conheceria as verdadeiras razões para os desligamentos, e as atividades políticas de ambos.

O irmão Dirceu Mengueti vindo de Curitiba, faz em Loja inúmeras falas contra o Quinta -Columismo e cobra das autoridades policiais da Loja e do Venrerável posturas contra Jaime Matzembacher, filho de Alfredo Matzembacher, mediante tantas intervenções a secretaria da Loja requisita a Loja Dario Velozzo uma sindicância do Irmão Dirceu, tendo como resposta uma cópia do Relatório da Polícia do 3º Distrito,

²⁸⁹ Arquivo Particular da Loja União III .Arquivo de Correspondências. Pasta 1943, F1 83

²⁹⁰ PERAZZO, Priscila Ferreira. O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.

segundo o qual aquele elemento já teria histórico de um ultranacionalismo, o que o teria envolvido em brigas com civis e militares. A passagem deste membro pela Loja é curta, e após sua saída emite inúmeros panfletos de detratção da Maçonaria na cidade

Após o final da guerra, uma série de cartas dos membros da Loja tentam a reaproximação dos Irmãos Alfredo e Umberto, pedindo ao Poder Central que cancele o ato de expulsão já que " agora não existem paixões decorrentes da hecatombe que ensangüentou o mundo.". Durante os anos de 1947, 48 e 49 os pedidos de clemência e readmissão foram enviados, mas ao que parece não tiveram respostas.

Dessa expulsão o que se depreende, simplesmente, é a natureza do vínculo; autoridades policiais-maçonaria-patrolhamento ideológico que levavam à adesão incondicional do regime proposto no ato de admissão pelos idos de 37 a 43. Apesar desses pedidos em prol do Irmão Alfredo, não podemos chamar de resistência a uma estratégia do poder o envio das cartas para reintegrar o irmão, visto que o conjunto da sociedade, após 1945, questiona o poder ditatorial de Getúlio.

Alfredo Matzembacher vindo do Rio Grande do Sul, estabeleceu-se em Porto União por volta de 1920 com uma alfaiataria renomada e se engajou nas lutas políticas da região. Em 29, aderiu ao Partido Liberal e apoiou Getúlio Vargas contra o então Presidente Washington Luiz. Quando as tropas que colocariam Getúlio no poder passaram por Porto União da Vitória assaltaram sua alfaiataria levando-o à falência. A causa da comunicação ter vindo do Rio de Janeiro deveu-se mais a diferenças pessoais com Theodoro Keppen que enviou carta na época acusando os dois maçons de um suposto envolvimento com a política nazi-fascista.²⁹¹

Seu irmão natural, Rodolfo Matzembacher, também maçom poderia ser denunciado e acusado do mesmo envolvimento,²⁹² entretanto, as clivagens internas da

²⁹¹ MATZEMBACHER, Lili. Entrevista concedida a Jefferson William Gohl. Fundação Faculdade Filosofia, Ciências e Letras: União da Vitória, 2002

²⁹² SEBBEN, Ulisses. Um Estudo da História de União da Vitória. Porto União: Uniporto, 1992 Segundo Sebben os irmãos Matzembacher participaram ativamente da política local e atuando justamente junto a colônia alemã, distribuindo panfletos em alemão e o movimento da Aliança Liberal liderado por eles defronta-se com as forças legais.

Loja acabam por aderir a uma certa lógica do poder que está intimamente relacionada com a percepção do segredo e o grau de envolvimento político.

Pode-se entender, portanto, que a necessidade do poder de Estado de uma eliminação dos obreiros com posturas políticas ideológicas contrárias ao regime passa por filtros muito mais sutis que a mera transposição das demandas de cima para baixo, de um poder irradiante que se ramificaria até o último indivíduo. A maçonaria é portadora de uma concepção de poder próprio que se beneficia de uma cooptação consciente com o poder do Estado, por meio de seu sistema de afiliação individualizante e rastreador.

As lutas por posições reais que se poderiam identificar entre maçons e integralistas, poderia ser dada, como já se viu, em torno da questão da educação, na manutenção de escolas laicas ou orientadas por um viés sacralizante (confessional) e, mais do que isso, na adesão do Estado a um desses modelos, o que possibilitaria subsídios ou ajuda governamental, garantindo assim, pontos estratégicos na sociedade.

Nesse jogo, transborda para a região dos imaginários todo um conjunto de temas toda uma escatologia de luzes e sombras, que acaba por se tornar as balisas do combate que transcende uma conjuntura específica e pode ser identificada pela paixão do discurso e pelas imagens que ele evoca.

O complô judaico-maçônico-comunista tem sua contraparte no conluio jesuítismo-governo, conforme destaca um opúsculo que circulou no Paraná após 1934 em forma de uma cartilha de bolso, que visava orientar os maçons sobre as intenções do integralismo.

O autor, ou melhor o relator, já que o texto também era a opinião de uma Loja, é o maçom Dario Nogueira dos Santos, da Loja Perseverança, de Paranaguá. Seu opúsculo é comentado na introdução pelo Grão-Mestre da Ordem, General Moreira Guimarães, com palavras elogiosas e carrega a ênfase no caráter da disputa político religiosa empreendida pelo integralismo.

O opúsculo em si trata de uma análise do Manifesto da Ação Integralista, constando de seis páginas que, segundo o General, resumem os melhores argumentos sobre a doutrina do integralismo, inicia-se da seguinte forma: A Ação Integralista

Brasileira é contra a liberdade de consciência e defende uma **inquisição** político-religiosa.²⁹³

Cotejando o manifesto de Gustavo Barroso, o irmão Dario escreve no sentido de denunciar o caráter hostil na tentativa de tomada do poder do Estado.

E' francamente uma predisposição para as gardanhas inquisitoriais, óleo de ricino e "manganeli", e portanto, contra os ideais maçônicos. Ao defender a religião católica a ação integralista está ao lado do sacerdócio romanista e francamente, contra o nosso lema a "religião livre no estado livre".²⁹⁴

Mais que denunciar um espírito violento, o maçom se vale de inúmeros designativos que remetem inevitavelmente à imagem da inquisição, escreve o relator, contra a perspectiva de romanização, que ocorrera no clero católico. Termos como perseguição, camorra histórica e um alerta para a reatualização de um cazarismo italiano, que estaria de par agora com o facismo de Mussolini, acomodam-se na defesa da Maçonaria como o único órgão ou instituição liberal competente para se bater contra tão malfadado inimigo.

Mas na denúncia ao totalitarismo, é o juramento que presta o integralista o argumento mais forte que convenceria, finalmente, qualquer maçom de sua perversidade. Nessa ótica jesuitismo e integralismo são tratados como se fossem um só, uma unidade a despeito do tempo e espaços que os separam.

O juramento em torno do chefe nacional e das bandeiras antecede o próprio compromisso ao juramento do programa em referencia, apresenta partes em que diz que a solução será a que se oferecer no momento; logo, após juramento o indivíduo apresenta-se no estado de simples máquina, como desejam os jesuítas nas observações de Max Nordau.²⁹⁵

²⁹³ SANTOS, Dario Nogueira dos. A Maçonaria e a Ação Integralista Brasileira. Paranaguá: Loja Capitular Perseverança de Pananaguá, 1934

²⁹⁴ Idem

²⁹⁵ Idem

A liberdade de consciência, o liberalismo associado à democracia ameaçada é o que devem defender os maçons valorosos; a Revolução Francesa aparece como o centro estratégico da discussão, mãe do liberalismo e não do socialismo. Socialismo este que ele aponta dúvida no programa da Ação Integralista. Retirando a pecha de comunista que a maçonaria mereceria ganhar segundo os oponentes e procurando colar aos integralistas.

Por fim, novamente o problema religioso é comentado na constante defesa do princípio de separação Igreja-Estado, observe-se que não é mais o integralismo a atacar, nestas falas Maçônicas, mas o próprio jesuitismo vivo a se incorporar nas leis nacionais. Pelos dizeres iniciais da constituição, de acordo com os apresentados pela ação integralista, verifica o autor, a sua influência jesuítica, infiltrando-se no espírito das autoridades da nação, estaria presente nos próprios redatores do anteprojeto da constituição.

...concordaram e estabeleceram o predomínio da religião católica, no mesmo momento em que alteraram a constituição de 1891 em seu art. 72&7 e que deram lugar a que os estudantes em número de 20 no mínimo requeressem o ensino religioso que desejassem. Ora predominando o número de católicos no Brasil é lógico que foi jesuiticamente uma válvula lesa-liberdade de consciência...²⁹⁶

Um arauto, portanto, em defesa da liberdade política dos povos, um grito surdo de um liberalismo ameaçado que se fecha citando Dario Vellozo numa frase em que a política e o misticismo se completam no oriente maçônico.

A Maçonaria que tanto se bateu pela liberal democracia fator da República Brasileira, não pode olhar com indiferença as ameaças à liberdade política dos povos. É o momento em que me recordo mais da frase de meu respeitável mestre Dario Velloso: - << Os pusilânimes, os egoístas, os dúbios e parasitários vovêm os pórticos do templo ou abandonam as colunas que levam ao oriente. >>²⁹⁷

²⁹⁶ Ibidem p.4

²⁹⁷ Ibidem p. 6

Como já colocado parece que as expulsões, a vigilância ideológica dos membros se deu sob a sombra de pressões recorrentes, e que agora se levantavam com toda a força para reeditar, este novo 'Santo Ofício', conforme percebia o maçom.

A imagem da inquisição histórica sendo evocada obrigatoriamente nos força a uma lógica estranha. Se o integralista que se aproxima do poder do estado, seja consentidamente ou pela força, é o inquisidor, logo o Estado se tornará inquisidor. A pressão do regime varguista sobre a maçonaria também poderia ser sentida como a força inquisidora. Por essa lógica, o lado oposto do inquisidor está o perseguido, o herege, o judeu e a imagem mais recorrente a bruxa. Em uma sociedade de homens, como a maçonaria somente a bruxa, não é suficiente para representá-los. São bruxos, mas também manipuladores dos cordéis secretos que regem fenômenos da natureza social das cidades.

4.4 - O Ambulatório Maçônico do Dr. Hely

Em fins da década de 1930, havia sido concluído, em Porto União o prédio do 'Hospital de Caridade São Braz'. Este fora fundado em 1926 e tinha em seu quadro a participação efetiva das Irmãs da Irmandade São Vicente de Paula, como auxiliares de enfermagem, e até o momento funcionava em uma casa aos cuidados da irmandade.²⁹⁸ Nesse período, a cidade logo veria também a criação do 'Hospital 26 de Outubro'. Este segundo hospital foi o resultado do esforço de uma cooperativa dos ferroviários de União da Vitória, acabou sendo inaugurado em 1940.²⁹⁹

Aos maçons a beneficência aparece estampada no auxílio aos necessitados e indigentes, a cada tronco³⁰⁰ semanal e eventualmente no auxílio de algum maçom em

²⁹⁸ FERNANDES, Lindolfo. União da Vitória (Memória) Saúde Pública. Tipoart: Casa da Memória da Saúde Pública- Secretaria da Saúde do Paraná, 1994, p. 22 e Livro tombo da Igreja Matriz - A fundação foi registrada pelo pároco efusivamente, a Irmandade fora fundada pelo Frei Rogério Neuhaus em 1917, em virtude do conflito do Contestado

²⁹⁹ Idem

³⁰⁰ O 'Tronco' é uma contribuição individual em dinheiro, para a Loja que delibera se será usado para a caridade social, podendo ser na saúde, educação ou outros fins.

necessidade. No início de 1939, o maçom Pedro Kochak requisita à Loja um auxílio de 2.000 contos de reis para que pudesse pagar as despesas de sua hospitalização no Hospital São Braz. A Loja disponibiliza 300 contos enviados por meio de Aguinaldo Schmall. Já Teodoro Keppen, como forma de ajuda, se dispõe a conversar com o médico sobre a situação financeira do colega Kochak, a fim de que o doutor agisse com clemência na cobrança. Mediante essas colocações feitas na Loja, o Reverendo Betts preocupado, observa para que se resguarde o nome da Maçonaria tendo em vista "tratar-se de um hospital sob direção de gente pouco afeiçoada à nossa ordem..." e para que se evitem 'futuras explorações'.³⁰¹

Uma rivalidade entre as cidades acabaria por mobilizar um dos mais fortes grupos organizados na cidade, no lado Paranaense, o dos ferroviários, associados na Cooperativa 26 de Outubro Ltda, que mantinha um pequeno Posto de Atendimento Médico, junto ao Armazém de Gêneros Alimentícios, onde o doutor Alvir Riesemberg atendia aos doentes.³⁰²

À frente como um dos organizadores da Cooperativa, estava o dentista Nelson Catta Pretta, e aos poucos o Hospital 26 estende seu atendimento também aos não ferroviários.³⁰³ Sendo o senhor Catta Pretta maçom, alguns pedidos são feitos em Loja para que se auxilie um médico a fazer parte do corpo clínico do hospital, como o do Doutor Piragilie de Araujo que chegara de outra cidade há pouco. O maçom Machado Balster ficou incubido de investigar se outros candidatos a vaga também não seriam maçons para que não houvessem conflitos de interesses.³⁰⁴

Até 1943 existiam quatro médicos iniciados na União III: Rostow Meski, Adam Polan Kossobudzki, Alvir Riesemberg e Hely Macedo de Souza. Tão logo o Doutor Hely foi elevado ao grau de mestre, em julho de 1943, já apresentava uma proposta da formação de um Ambulatório Maçônico, em que seriam atendidos os necessitados e

³⁰¹ Arquivo Particular. Livro de Atas Loja União III. p. 106 A

³⁰² FERNANDES, Lindolfo. União da Vitória (Memória) Saúde Pública. Tipoart: Casa da Memória da Saúde Pública- Secretaria da Saúde do Paraná, 1994. P. 22

³⁰³ Idem

³⁰⁴ Arquivo Particular. Livro de Atas Loja União III. P 156

indigentes gratuitamente, e a medicação proviria de doação dos laboratórios, os quais os médicos deveriam contatar.³⁰⁵

O Doutor Hely teria como substitutos os senhores Rostow e Adam e o doutor Alvir continuaria atendendo em seu consultório aqueles que fossem encaminhados por maçons. Foram escritos os estatutos³⁰⁶ do Ambulatório e foram enviadas pela Loja inúmeras cartas aos laboratórios pedindo medicamentos em nome do Doutor Hely, bem como outras, informando ao Grande Oriente e outras oficinas das atividades de beneficência ali realizadas.³⁰⁷

Por algum tempo foram prestados relatórios pelo Doutor Hely à Loja sobre os atendimentos, bem como eventualmente, é requisitado o tronco da Loja para complementar os gastos com a medicação; estes pedidos tornam-se cada vez mais freqüentes. Dessa forma começa a haver uma institucionalização de uma prática filantrópica que, anteriormente era inconstante e pautava-se pelo devir do dia-a dia. Agora começava a ganhar um corpo mais consistente - infelizmente tal como foi organizada, esta experiência estaria fadada a durar pouco.

No ano de 43, no torvelinho que agitava a Loja entre a expulsão de membros e a cobrança de uma investigação ideológica mais apurada por parte de alguns membros³⁰⁸, as notícias da Guerra e das dissidências acabaram por esfriar o ânimo do doutor Hely que já em julho de 44, apresentava a renúncia do seu cargo, bem como relatório e justificativas de seu ato. Segundo ele maçons da Loja desencorajavam os médicos a prestar o auxílio aos profanos, "Queria se referir com especialidade ao nosso Ir.: Dr. Alvir, o mais visado

³⁰⁵ Arquivo Particular. Livro de Atas Loja União III.

³⁰⁶ Os estatutos foram anexados junto ao livro de Atas, e assinados pelos médicos e maçons em loja.

³⁰⁷ A inspiração para esta atividade provavelmente viera da Loja Ordem e Trabalho de Florianópolis, que no final da década de 30 iniciou um posto de atendimento aos indigentes, com caixa de esmolas, alfabetização e albergue. A loja União III recebe vários balancetes dessa atividade intitulada Beneficência Maçônica e também pedidos de contribuições para mantê-la. Ver. SCHÜLER SOBRINHO, Otacílio. *Ordem e Trabalho: Esta é a tua História*. Florianópolis: Editora do Autor, 2002.

³⁰⁸ Sobre o maçom Dirceu Menguetti e as pressões por rastreamento ideológico ver p. 134

pela ingratidão pois sabe que este nosso destacado Ir.: serviu profissionalmente a pessoas de membros de nossa Loja: sem cobrar qualquer coisa...³⁰⁹.

Esse pequeno 'desvirtuamento', sozinho não significaria a causa completa pela qual o Doutor Hely desejava renunciar. Esse uso restrito do ambulatório por alguns maçons, é provável que estivesse nos planos de todos, o que causava indignação e revolta ao médico é a tentativa de se impedir a ação chegasse aos que deram origem a existência do ambulatório em si, os indigentes.

Some-se a isso o trabalho do hospital São Braz e o início de um trabalho de saúde pública impulsionado pela reforma Campos Mello, que gera a nomeação para o Posto de Higiene de União da Vitória o Doutor Alcides Silva, que em 1942, instala em sua própria casa o ambulatório já mantido pelo erário do Estado do Paraná.³¹⁰

Alguns fatores dificultaram a existência do ambulatório, entre eles, o descontentamento com os assuntos que absorviam o cotidiano da Loja, o avanço de uma proposta do mesmo teor institucionalizada pelo Estado, e finalmente a recusa da internação de um paciente advindo de Palmas por parte de uma freira que trabalhava agora no Hospital 26 de Outubro. Esse fato seria o fator decisivo que demoliria o ambulatório do Doutor Hely.³¹¹ Segundo suas palavras registradas em ata:

Declara que não desejava com esse seu protesto obrigar aos Ir.: (irmãos), quando necessitarem de recursos médicos, procurar os que fazem parte da Loja: , o que desejava é que possamos mais unidos e que tivessemos mais um pouco de compreensão, não desfazendo, injustamente, aquilo que nos pertence. Prosseguindo esse dedicado Ir.: (irmão) lê uma carta dirigida pelo facultativo Dr. Doria Guimarães, ao Ir.: . Dr.: . Polan Kossoleudzki, apresentando-lhe uma pessoa doente procedente de Palmas, cuja pessoa é recomendada de uma senhora de um oficial do exército ali acantonado, pedindo que fosse atendida. Achando-se ausente o Ir.: . Kossoleudzki, o dito doente foi encaminhado ao hosp.: . 26 de Outubro, tendo a irmã enfermeira se recusado interna-lo. Afim de que a citada pessoa não ficasse ao desamparo, por medida de humanidade, ordenou que o hospital acima recebesse por conta do ambulatório, sendo, entretanto, de opinião que a

³⁰⁹ Arquivo Particular. Livro de Atas Nº VIII - Loja União III p.50

³¹⁰ FERNANDES, Lindolfo. União da Vitória (Memória) Saúde Pública. Tipoart: Casa da Memória da Saúde Pública- Secretaria da Saúde do Paraná, 1994 p. 27

³¹¹ Arquivo Particular. Livro de Atas Nº VIII - Loja União III p.50

mesma seja devolvida a sua procedência, onde existem médicos que o poderão tratar, e onde a citada senhora poderá muito bem lhe valer.”³¹²

E ainda na mesma ata:

Sobre o procedimento antimaçônico tratado pelo Dr. Hely, fala o Ir : . Antonio Domit, dizendo que também há anos atrás, sofreu semelhante trato, mas nunca desanimou, pois que, para ele a maçonaria é superior a todas essas fraquezas e falta de compreensão dos pobres de espírito que infelizmente há em nossa sublime ordem. O Dr. Hely presta um relatório do ambulatório, após lido o relatório o seu diretor renuncia o seu cargo, o que a Loj : . não aceita, resolvendo, então, nesse caso, o demissionário, em virtude da confiança em que lhe deposita a of : . (oficina) continuar na direção do mesmo.³¹³

Ao encaminhar pacientes para a cooperativa dos ferroviários no Hospital 26, a idéia era justamente tirá-los da área de influência das irmandades religiosas. Constituíam-se uma alternativa ao Hospital São Braz. No Hospital 26 o ambiente seria mais propício as causas da Loja.

Apesar de não contar com documentação objetiva que demonstre a ligação maçônica deste paciente com a maçonaria, os indícios que apontam para uma rede de encaminhamentos maçônicos são fortes, já que tanto Palmas, quanto outros hospitais teriam competência para receber o paciente, como bem o mostram as palavras do Doutor Hely. Observando a produção da fonte com cuidado, constata-se ainda que havia uma percepção entre os maçons de que o Hospital 26 de Outubro, seria um espaço ligado à esta rede. Já que o secretário até mesmo abrevia a palavra 'hospital' com a tripontuação utilizada para os termos maçônicos.³¹⁴

Essa negativa da freira funcionou contra esta percepção, a menos que o Doutor Hely fizesse também de sua casa o ambulatório, não haveria um espaço institucional exclusivamente maçônico de atendimento. Simultaneamente o assédio do qual era alvo o

³¹² Idem

³¹³ Idem

³¹⁴ No manual das abreviaturas maçônicas de Carlos A B Beltrão, não consta a necessidade de se abreviar a palavra hospital, na correspondência maçônica. Ver anexo 5

Doutor Alvir por parte dos maçons, na concepção idealista do Doutor Hely, ainda um mestre maçom novato, comprometeria as causas do ambulatório.

O médico tentou algumas vezes renunciar ao ambulatório em fins de 1944 sem sucesso, sendo que aproveita-se de sessões conturbadas como a do rompimento com o Grão Mestre em 13 de abril 1945 para pedir seu afastamento da direção do ambulatório, sendo-lhe recusada pelos outros membros, abandona até mesmo a Loja durante a sessão.

Em duas semanas Antonio Domit propõe "...a extinção do ambulatório, e que a sua criação foi um contracenso firmado, pois que com o funcionamento desse ambulatório, só serviu para trazer dissabores para nossa Loja tendo-se em vista a atitude tomada pelo seu diretor Dr. Hely, que por motivos fúteis, abandonou os trabalhos, na sessão de 06 do mês passado..." ³¹⁵

Já em maio de 1946 encontramos o Doutor requerendo seu afastamento da Loja como último recurso, já que a renúncia do médico ao ambulatório não era aceita. Seu afastamento (Quite Placet) só aconteceu depois de muitos pedidos dos irmãos em Loja para que ele não saísse, todavia depois disto, o ambulatório não mais se sustentou.

A beneficência da Loja voltou a ser o que era, antes do ambulatório, ajudas pontuais e pessoais movidas pelo tronco disponível e indicadas pelos maçons, para um indigente específico ou conhecido em dificuldade. Eventualmente, ainda uma emissão para um asilo em São Paulo (Anália Franco)³¹⁶, ou para o GOB que realizava na época campanhas para doação de aviões aos pracinhas da FEB.

Segundo o perfil dos iniciados na Loja União III, existia uma significativa parcela de ferroviários nos quadros dela. A formação de uma cooperativa médica que deu origem ao Hospital 26 de Outubro em torno da associação dos ferroviários, pode até sugerir que haveriam ligações dentro da Loja para articular este espaço.

Nada indica que a cooperativa tenha sido organizada de dentro da Loja, parece mais que a associação tenha usado a influência junto à Loja para viabilizar alguns

³¹⁵ Arquivo Particular. Livro de Atas Nº VIII - Loja União III p.105

³¹⁶ A asilo Anália Franco era mantido por uma loja maçônica e Ribeirão Preto e de tempos em tempos requeria um tronco especial para os orfãos.

contatos. Isso no entanto encontra-se no plano das conjecturas, novamente nos resta observar as fontes que sobreviveram, e os elementos formais e culturais cristalizados nesta documentação.

A percepção de que o hospital 26 de Outubro teria uma ascendência maçônica, passava portanto por um entendimento muito interno aos membros da Loja, a realidade do hospital era diversa. Como bem o mostra a insistente recusa do Doutor Hely a continuar com o ambulatório, sempre rejeitada. As tensões as quais o médico esteve sujeito, por parte dos maçons que desejavam deter um campo de controle junto ao Hospital. A vivência do dia a dia no hospital e as resistências a este controle, se tornaram insustentáveis para o Dr. Hely que acaba deixando até mesmo a Loja União III

Subjaz a essa rede de relações a pressão de um imaginário, o complô é procurado, é buscado e incessantemente realimentado. Seja, para se comprovar a perseguição da qual são vítima os maçons, pelo braço da Igreja ou elementos a ela ligados, como demonstraram as palavras do reverendo para se referir ao hospital e a presença do clero. Seja, para suprir uma necessidade de proteção evocada pela imagem da organização e dos laços de fraternidade, como no caso do médico Piragile indicado pelos irmãos, da direção da associação de ferroviários pelo Dr. Catta Preta, e no atendimento fraternal que o Dr. Alvir prestava.

Nesse sentido as práticas maçônicas procuram confirmar a imagem da 'Santa Conjuração', do eterno complô benéfico à sociedade como um todo, como exemplo a beneficência ambulatorial pretensamente não revelada a sociedade, que pode tornar-se em complô interno sob a ótica de outros médicos.

O fracasso da breve tentativa do Doutor Hely, ou ainda mais recentemente a própria derrocada do Hospital 26 de Outubro, é facilmente compreensível se olharmos a história do avanço da Igreja sobre pontos estratégicos na sociedade em que ela se fazia presente após 1930.

As atitudes da Loja União III e dos maçons jamais estiveram imbuídas de um anticlericalismo orgânico, muito mais sutil e complicado é perceber essa ascendência do

imaginário que na verdade forjou estereótipos do maçom durante estas duas décadas, e em alguns casos os próprios maçons se beneficiaram disto.

Considerações Finais

Gérard Vicent, ao compor uma história do segredo, para a coleção da História da Vida Privada, aponta para a polissemia que o vocábulo surgido no século XV apresenta, e a indefinição deste fio condutor entre o dito e o não dito na composição de uma história do segredo nas esferas da vida privada. "A palavra 'segredo' é portanto ambígua, já que designa tanto o absoluto não dito quanto certo tipo de comunicação entre iniciados."³¹⁷

Partindo do segredo, este autor identifica o século XX como o século mais repleto de segredos. E a existência destes está intimamente ligada a manutenção da ordem, como por exemplo os segredos da KGB, as baixas das Guerras Mundiais os sigilos industriais. Bem como constata que partilhar um segredo neste tempo, é como fugir do inferno da solidão. Esta sendo atenuada, seja entre membros de clubes vitorianos, grupos de homossexuais, maçons ou seitas religiosas. A posse de um segredo é gratificante, já que estes grupos vivem na expectativa temerosa e excitante do 'vazamento' (traição de um dos membros, trabalho de informante). "O segredo é portanto um continente, já que o conteúdo é ignorado, mas a incerteza que o cerca basta para criar uma espécie de comunidade fora do círculo dos iniciados."³¹⁸

O funcionamento dos imaginários de ontem e de hoje não se transformam radicalmente, propõe Vincent, o medo impulsiona os temores na era comercial, temores da conspiração, e do secreto a se imiscuir na vida privada das pessoas do século XX.

Se Lacordaire apontou para o caráter multiforme dos ataques do antimaçonismo externo à Maçonaria, tenta mostrar também esta continuidade que dá ao imaginário uma permanência que atravessa as conjunturas. O fator primeiro e determinante neste caso certamente é o segredo à serviço da conspiração subversiva.

³¹⁷ VICENT, Gérard. Uma História do Segredo? In: História da Vida Privada, 5 : da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 181

³¹⁸ Ibidem 184

Antimaçons políticos, religiosos e tradicionais insistem nisso com uma notável continuidade, mesmo se nem todos estão de acordo sobre a natureza, a importância e intenção do segredo. Todavia, enquanto para os antimaçons políticos é o segredo como tal que é condenável, para os antimaçons doutrinários o segredo é o indício de uma malícia que este deverá encobrir.³¹⁹

Resta pensar no imaginário do 'contubérnio' (complô) Judeo-Masónico-Comunista como foi investigado pelo Padre Jesuíta José Ferrer Benimelli, professor de História Contemporânea da Universidade de Saragoza; como este fora construído na Espanha a partir das necessidades políticas do regime Franquista, que compondo elementos falseados da história maçônica configura estes elementos em proveito próprio.

A metodologia de Benimelli ao pensar na conspiração maçônica acabaria por servir a uma defesa da ordem maçônica em detrimento do Estado. Este autor amplia o uso desta construção aos estados Nazistas e Fascistas. Contrapondo este método a Girardet e a Lacordaire e pensando a realidade brasileira, percebe-se este imaginário muito mais difuso e emanado de focos diversos. Não podemos atribuir totalmente a iniciativa das publicações de Barroso a uma vontade do Estado. Ao mesmo tempo, a tentativa de se encerrar as atividades maçônicas, fechando as Lojas, como foi recomendado pelo General Integralista Newton Cavalcanti a Getúlio Vargas, foi temporizada e não chegou a situações extremas dentro do país como demonstra o caso desta Loja e de pesquisas feitas por outros pesquisadores maçons como Costa e Castellani.

As idéias de Lacordaire e Girardet que apresentam uma composição mais difusa das idéias antimaçônicas, e de um modelo dado de mito político da conspiração, serviram melhor para a investigação das ligações locais e das evidências indiciárias que restaram.

Benimelli é um padre jesuíta, sem que se julgue as razões de escrita de seu livro, tem também uma organização e interesses à defender. Vale a pena lembrar que este padre se situa em um universo apontado por Girardet, como um componente de um dos pólos no imaginário do complô, ou seja a conspiração para o domínio mundial jesuítica. Portanto libertando os maçons de responsabilidade sobre os complôs que teriam assolado a

³¹⁹ LACORDAIRE, Jérôme Rousse. Antimaçonismo. Lisboa: Hugin, 1999. p. 104

Espanha, liberta também os jesuítas que muitas vezes atacaram os maçons, e outras tantas vezes foram acusados do mesmo crime.

Sem sombra de dúvida o material elencado por Benimelli é demonstrativo da força deste imaginário e remete a alguns fatos interessantes, como a acusação de Monsenhor Lefebvre, bispo tradicionalista francês, que em 1978 acusa o próprio Papa de possuir ligações com uma elite da cúria romana composta de maçons.

A continuidade difusa destes temas surge em manifestações locais, com significados diversos, em 02 de novembro de 2001, dia de finados, no Cemitério Municipal de União da Vitória foram distribuídos panfletos que remeteriam à estes temas. O título deste era Publicado por Católicos Apostólicos Romanos, Obedientes à Bíblia e ao Papa João Paulo II. Este panfleto anunciava a segunda vinda de Jesus Cristo a terra, e a consecussão do Apocalipse previsto na Bíblia, segundo os milagres revelados nos últimos tempos. (La Salette - França 1846 / Fátima - Portugal, 1917 / Medjugore - Bósnia, 1981).

O alerta para os católicos, inclui um grande rol de efeitos maléficos a serem evitados e a maçonaria é um deles. Veja-se:

Porém o que a maioria dos católicos não sabe é da existência de um movimento que acontece há muito tempo nos subterrâneos do Vaticano e na Igreja Católica do mundo inteiro, chamado maçonaria eclesiástica. A maçonaria eclesiástica é extensão da franco-maçonaria; esta última é comandada por judeus não cristãos (descendentes de Caifás)que não reconhecem Jesus Cristo como o Messias. Veladamente mas de maneira prioritária, essa poderosa "organização" mundial visa a destruição da Igreja Católica Apostólica Romana. Eles (a maçonaria) tem um plano de dominação mundial. E a Igreja Católica é um grande obstáculo. Por isso usando de sua estratégia preferida, ou seja, da infiltração e do escondimento conseguiram há várias décadas, formar e instalar os 5ª coluna, e que hoje estrategicamente estão presentes em todas as funções da estrutura hierárquica de nossa Igreja, (COM EXCEÇÃO DO PAPA), trabalhando para desestabilizá-la de dentro para fora; leia o 'masterplan' ou 'plano cavalo de tróia'. "³²⁰

³²⁰ Rafael, Ivo e Francisco se responsabilizaram pela emissão do folheto e indicam seus telefones para contato, bem como um site na internet que oferece mais informações. <http://www.anjo.adm.br>

Entre acusações desta natureza que pela forma já são bem conhecidas, aparecem associações do movimento dos alianças preta a pregação de Leonardo Boff, que no Brasil e América Latina teriam fragmentado a Igreja.

Atualmente grande parte deste conteúdo pode ser visto navegando pela Internet, inclusive ao final do texto encontra-se recomendação de um site da mesma natureza. Um grupo de voluntários realizou a distribuição dos panfletos de divulgação.

A velocidade e a quantidade de informações atuais não são suficientes para eliminar totalmente o mito político/ doutrinal no qual está imersa a Maçonaria. Nos momentos de crise estes mitos podem ser revitalizados com uma força renovada na brecha dos medos que afrontaram o século XX.

A cidade de União da Vitória completou seu centenário em 1990 a Loja União III em 1999, a própria formação da cidade e seu desenvolvimento ocorre na plenitude no século XX, no passo da industrialização que chegou com o extrativismo da madeira com toda sua punjança na década de 1950.

A antiga rota de tropeiros do século XVIII ganharia importância estratégica e política durante a década de 1940 graças à exploração madeireira que começaria lhe dar visibilidade no plano Estadual.

O Integralismo e a Maçonaria convergem quanto a um assunto comum: o nacionalismo, entretanto o momento de inflexão em que Getúlio determina o fechamento das Lojas, leva a um novo ponto de ruptura que viria refletido na produção do imaginário. Aos militares e cidadãos que ocupavam cargos policiais que animavam as Lojas tornar-se-á imprescindível o acompanhamento das atividades da Loja e de seus integrantes. A maçonaria como articuladora das revoluções burguesas, de senhora torna-se serva. Basta observar toda a literatura que pretende responder à imagem do complô Barrosiano, o mito não se desfaz, pelo contrário, sofre uma inversão no imaginário. A força de um estereótipo social do maçon permanece.

Elementos culturais que só possuíam sentido para o entendimento do universo cultural francês, são encontráveis nos rincões brasileiros, com outra carga simbólica, a

referência vem do exterior. Do envenenamento das fontes de água dos sãos, as representações ligadas a um bestiário e ao assassinato das elites, somam-se naquele momento, ao crescimento do comunismo, conspirações reais e fabricadas como o Plano Cohen e as revoltas do Brasil Imperial, articuladas na obra de Barroso. A concepção que a maçonaria teria para seus membros e para a sociedade se refletia nos opúsculos que circularam como cartilhas anti-integralistas de mão em mão bem como as conversas íntimas dos maçons com seus familiares, estes detentores de uma desconfiança básica na heresia apregoada pela Igreja.

Veja-se mais adiante, durante o período do regime militar pós 64, a maçonaria brasileira crescendo, manifestando-se publicamente a favor do regime. Ao que parece, após consumada a revolução burguesa no mundo ocidental, converteu-se num baluarte do conservadorismo.³²¹ E, como aponta também a pesquisa de Gonçalves, a classe média é cada vez mais a camada integrante dos membros, embora continue detendo certa relevância política.

Até a década de 30, a ligação maçonaria-elites se sustentaria sem problemas. Concordando com Barata que afirmou que a maçonaria era pujante, em sua expressão até 1910. Pode-se dizer que o Getulismo foi como um golpe duro aos maçons. O momento conjuntural não permitia que outros grupos pudessem ser mais nacionalistas que o próprio Estado, neste contexto ocorreu o afastamento das esferas de poder real da maçonaria e do integralismo, na divisão dos bens simbólicos. Durante a vigência do Estado Novo a pequena burguesia substituiu a ascendência aristocrática nos quadros das lojas, o imaginário do complô estaria a partir daí fadado a enfraquecer cada vez mais.

Na Loja União III por meados da década de 1930, ainda se privilegiava os intelectuais e médicos locais, bem como os detentores de prestígio social inegável. Por volta de 1950, há uma crescente aceitação de contadores e funcionários do comércio. Estes partilhavam do estereótipo, neste momento de mudança, de uma sensibilidade maçônica.

³²¹ HORTAL, Jesus. Maçonaria e Igreja: Conciliáveis ou inconciliáveis. São Paulo: Edições Paulinas, 1993. p.39

Após 1973 é fundada uma segunda Loja Maçônica em União da Vitória, portanto do lado paranaense, a Loja Acácia I- nº 4, afiliada às Grandes Lojas. Atualmente as duas cidades contam com quatro Lojas Maçônicas a Loja União III, Loja União e Trabalho do Iguaçu e a Loja Luz Esotérica em Porto União, estas afiliadas ao Grande Oriente do Brasil.

A Maçonaria como apontado por inúmeros pesquisadores, não pode ser entendida, como um bloco único e homogêneo. No plano dos imaginários sociais as distinções entre elas raramente são efetuadas. Se até a década de 70 Porto União e União da Vitória não conheceram outras expressões da Maçonaria além da União III, mais difícil ainda se fazem as distinções entre as potências e ritos na totalidade de seu corpo social, este é um assunto normalmente a cargo dos iniciados.

A percepção que a sociedade tem hoje da Maçonaria encontra-se dada não só pela literatura polemizadora, mas em grande parte pela ação dos próprios maçons, que buscam implementar suas posições na sociedade. Atualmente o conjunto das Lojas de Porto União da Vitória somada a Loja Acácia, da cidade vizinha de Bituruna, trabalham na extensão da Fundação Hermom advinda de Florianópolis.

As lojas materializaram em Porto União a existência de uma clínica para recuperação de dependentes químicos, através de um trabalho de terapia ocupacional. Este trabalho realizado no Centro Ambiental e coordenado por Jurandir dos Reis, segue uma rotina militar e consiste na confecção de mudas de árvores como o pinus.³²²

O Projeto Centro Ambiental Hermom em Porto União da Vitória é formado por uma diretoria composta pelos Veneráveis das Lojas e, uma diretoria eleita por estes, constituindo um pool de Lojas que buscam a beneficiência tal como qualquer outro clube de serviços. Envolvidos neste projeto, estão em torno de 250 pessoas entre maçons, esposas destes e voluntários.

³²² JUNIOR, Dario R.P. VOGEL, Ederson. MAÇONARIA. Trabalho apresentado a disciplina de Sociologia Aplicada a Saúde União da Vitória: Uniguaçu, 2003. Mimeo

As Lojas na cidade contam com certo prestígio, visto que buscam atualmente novos elementos de visibilidade para suas ações. Procuram desfazer constantemente os vínculos e a identificação com as ditas 'sociedades secretas', evocadas sempre nos momentos de instabilidade social e política. A pressão do estereótipo do complô maçônico ainda pode ser lido apesar da abertura que hoje se apregoa.

José J. Cleto da Silva afirmou em seu trabalho mais importante, que a Maçonaria foi fundamental no desenvolvimento da Vila de União da Vitória, agora cabe aos historiadores parar de repetir o dito e começar a demonstrar o como isto se deu. É provável que esta afirmativa se aplique a outros temas da história maçônica, ainda que isto implique em redimensionar nossa expectativas acerca do que queremos ouvir desta história.

As ligações com o poder local se mostraram débeis, e normalmente se restringem a identificação dos nomes. Para se pensar uma ação da maçonaria na sociedade que se volte ao mítico. Mito político ou religioso, estes são os conceitos que se revelaram determinantes para se entender esta sociedade normalmente fechada sobre ela mesma.

No passado histórico de Porto União da Vitória até a década de 1950 a força deste imaginário, se revelou muito mais forte e apresentou linhas de tensões que deixam marcas até hoje. A União III, a sociedade que a circula e a realidade do Brasil dos anos 30 nos mostram indícios de um passado profundo de significados para aqueles que viveram as histórias acerca da maçonaria. Dos focos difusos e indiciários do mito conspiratório, ficamos com a história desses defensores da maçonaria e de um iluminismo tardio, estes que apesar de sábios não leram Voltaire, a não ser por uma iniciativa muito íntima e, nem por isso deixaram de compor uma elite.

Referências Bibliográficas

Fontes

- *Arquivo Particular da Loja União III*

Processos de Iniciação à Maçonaria.

Cada processo de iniciação é composto pelos seguintes documentos :

01 Pedido de Admissão a Loja [manuscrito] – 01 Promessa [manuscrito]– 03 Sindicâncias [formulário preenchido a mão]– 01 Questionário da Camara das reflexões [formulário preenchido a mão] – 01 Atestado de conduta [emitido pela delegacia de ordem política e social] – 01 Placet de iniciação

Pasta 1936 – 13 Documentos

Pasta 1937 – 12 Documentos

Pasta 1938 – 20 Documentos

Pasta 1939 - 07 Documentos

Pasta 1940 = 04 Documentos

Pasta 1941 – 02 Documentos

Pasta 1942 – 09 Documentos

Pasta 1943 – 13 Documentos

Pasta 1944 – 12 Documentos

Pasta 1945 – 07 Documentos

Pasta 1946 – 10 Documentos

Pasta 1947 – 06 Documentos

Pasta 1948 - 15 Documentos

Pasta 1949 - 10 Documentos

Pasta 1950 - 01 Documento

Total – 141 Documentos processuais contendo cada um em média 06 documentos.

Arquivo de Correspondências .

Boletins e balancetes - Pastas de 1936 à 1950 - 16 Documentos

Cartas - Pastas de 1936 à 1950 - 88 Documentos

Circulares = Pastas de 1936 à 1950 = 178 Documentos

Decretos e Actos – Pastas de 1936 à 1950 – 11 Documentos

Telegramas – Pastas de 1936 à 1950 – 24 Documentos

Manifestos- Pastas de 1936 à 1950 – 05 Documentos

Comunicações interlojas (comunicados, ofícios e informes)– Pastas de 1936 à 1950 - 405 Documentos

Abaixo assinados individuais – Pasta 1938 - 36 Documentos

Livros de Atas

Livro de atas VI Loja União III -- Atas Sessão Econômica e Sessões Magna p. 24 - 200

Livro de Atas VII Loja União III -- Atas Sessão Econômica e Sessões Magna p. 01 - 279

Biblioteca Loja Capitular União III

Totalidade das obras catalogadas na biblioteca - 269 títulos

- Arquivos Públicos

Livros de Atas da Câmara Municipal de Porto União

Livros de Atas da Câmara Municipal de União da Vitória

Livro Tombo da Igreja Matriz Porto União

Livro Tombo da Igreja Matriz União da Vitória

Documentos do Arquivo Público e Histórico do Município de Porto União

Documentos do Arquivo Público e Histórico do Município de União da Vitória

- Livros

BARROSO, Gustavo. Os Protocolos dos Sábios de Sião. Porto Alegre: Editora Revisão, 1989

_____. Brasil Colonia de Banqueiros. Porto Alegre: Editora Revisão, 1989

_____. História Secreta do Brasil. Primeira Parte: do Descobrimento à Abdicação de D. Pedro I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937

_____. História Secreta do Brasil. Segunda Parte da Abdicação de D Pedro I à Maioridade de D. Pedro II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937

_____. História Secreta do Brasil. Terceira Parte: da Maioriade à República. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938

_____. Judaísmo, Maçonaria e Comunismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937

OLIVEIRA, Ramos. A Ilusão Maçônica. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Costa, 1941

VIEIRA, Tomé. As Forças Secretas da Guerra. Lisboa: O Século, 1942

- *Opúsculos*

SANTOS, Dario Nogueira dos. A Maçonaria e a Ação Integralista Brasileira. Loja Capitular Perseverança de Pananaguá: Paranaguá, 1934 (Mimeo)

- *Jornais*

O COMÉRCIO. União da Vitória. Arquivo, pasta da década de 1940 - (Imcompleto)

- *Documentos Oficiais*

ESTATUTOS da Loja Capitular União III. Arqu. Part. União III, Pasta [1944] fls. 131-132

LEÃO XIII. Sobre a Maçonaria. In: Encíclica Humanum Genus. Documentos Pontifícios. Editora Vozes: Petrópolis, 1960

PASTORAL Collectiva dos Senhores Acerbispos e Bispos das PROVINCIAS ECCLESISATICAS de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Marianna, S. Paulo, Cuyabá e Porto Alegre. Rio de Janeiro: Typ. Martins de Araujo, 1915.

- *Entrevistas*

DEZORDI, Gessy Matzembacher. Entrevista concedida a Jefferson William Gohl :

Arquivo Fundação Faculdade Filosofia Ciências e Letras, 2002

DOMIT, Ghassoub. Entrevista concedida a Jefferson William Gohl : Arquivo Fundação Faculdade Filosofia Ciências e Letras, 1998

MAIA, João Marcelino. Entrevista concedida a Jefferson William Gohl : Arquivo Fundação Faculdade Filosofia Ciências e Letras, 1997

MATZEMBACHER, Lili. Entrevista concedida a Jefferson William Gohl : Arquivo Fundação Faculdade Filosofia Ciências e Letras, 2002

WOLFF, Terezinha Leony. Entrevista concedida a Jefferson William Gohl : Biblioteca Fundação Faculdade Filosofia Ciências e Letras, 2003

Bibliografia

- ALBUQUERQUE, Araci Tenório Cavalcanti de. A Maçonaria e a Grandeza do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1955.
- ALMEIDA JUNIOR, Antonio Mendes. Do Declínio do Estado Novo ao Suicídio de Vargas. In: História Geral da Civilização Brasileira. III O Brasil Republicano. São Paulo: Difel, 1984 Tomo 3 vol -4 cap IV
- ASLAN, Nicola. A Maçonaria Operativa. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1975
- ANKERBERG, John. WELDON, John. Os Fatos Sobre a Maçonaria. Porto Alegre: Ed. Chamada da Meia- Noite, 1989
- BALHANA, Carlos Alberto de Freitas. Idéias em Confronto. Curitiba: Grafipar, 1981
- BARATA, Alexandre Mansur. Luzes e Sombras: A Ação da Maçonaria Brasileira (1870- 1910). Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória - Unicamp, 1999
- BELTRÃO, Carlos ^a B. As Abreviaturas na Maçonaria. São Paulo: Madras, 1999
- BENIMELI, José A. Ferrer. SANCHEZ, Manuel A . de Paz. Maçonaria e Pacifismo na Espanha Contemporânea. Londrina: Ed. Maçônica “A Trolha”, 1999
- BENIMELI, José A. Ferrer. CAPRILE, G. ALBERTON, V. Maçonaria e Igreja Católica: Ontem, Hoje e Amanhã. São Paulo: Edições Paulinas, 1983
- _____. Maçonaria X Satanismo. Londrina : Ed. Maçônica “A Trolha”, 1995
- BEOZZO, José Ocar. A Igreja e a Revolução de 1930, O Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, Boris. História Geral da Civilização Brasileira. III O Brasil Republicano. São Paulo: Difel, 1984 . Tomo 3 vol-4
- BORDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Linguísticas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998
- _____. O Poder Simbólico. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002
- _____. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974
- CAMINO, Rizzardo da. Lendas Maçônicas. Rio de Janeiro: Editora Aurora, s/d
- _____. Rito Ecocês Antigo e Aceito. 1º ao 33º. 2 ed. São Paulo : Madras, 1999
- CANCELLI, Elizabeth. O Mundo da Violência: A Polícia na era Vargas. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994

CAPELATO, Maria Helena R. Multidões em Cena: Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo. Campinas : Papirus, 1998

CARVALHO, Francisco de Assis. Galeria de Maçons Famosos. Londrina: Ed Maçônica "A Trolha", 1998

_____. Itambé, Berço Heróico da Maçonaria no Brasil. Londrina: Ed Maçônica "A Trolha", 1998

CARONE, Edgard. A Terceira república (1937-1945). São Paulo: Difel, 1976

_____. Revoluções do Brasil Contemporâneo: Corpo e Alma do Brasil. 2ªed. São Paulo: Difel, 1975

CASTELLANI, José. O Supremo Conselho no Brasil: Síntese de sua História. 1ª ed. Londrina: Editora "A Trolha", 2000

CASTELLANI, José . Os Maçons e a Abolição da Escravatura. Londrina: Ed Maçônica "A Trolha", 1999

CLARO NETO, Manoel Alves. Subsídios para o estudo histórico da Maçonaria em Porto União e União da Vitória. Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras. Depto. Ciências Sociais: União da Vitória, 1980 (Mimeo)

CLETO DA SILVA, José Julio. Apontamentos históricos de União da Vitória (1768-1933) Curitiba: IHGEP, s/d

CONCEIÇÃO, Eleutério Nicolau da. A Maçonaria na História e no Mundo. São Paulo: Madras, 1999

COSTA, Emilia Viotti da. Da Monarquia a República, Momentos decisivos. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987

COSTA, Frederico Guilherme. A Maçonaria e a Emancipação Lenta e Gradual do trabalho Escravo. Londrina : Ed Maçônica "A Trolha", 1999

_____. A Trolha na Universidade. Londrina: Ed Maçônica "A Trolha", 1998

_____. Maçonaria na Universidade. Londrina Ed Maçônica "A Trolha", 1996

_____. Questões Controvertidas da Arte Real. V-II. Londrina : Ed Maçônica "A Trolha", 1993

COSTA, Silvio. Revolução e Contra Revolução na França. V-I: Revolução e Contra Revolução Aristocrática. São Paulo: A . Garibaldi, 1999

CHAUNU, Pierre. A Civilização da Europa das Luzes. V-II. Lisboa: Editorial Estampa, 1995

CH'AN, Isa. Acheegas para a História da Maçonaria Paranaense. Curitiba: Revista Amizade, 1966

DURAND, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário: Introdução a Arquetipologia Geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997

DUTRA, Eliana de Freitas. O Ardil Totalitário: Imaginário Político no Brasil dos Anos 30 . Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997

FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro F. Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997

FAUSTO, Boris. História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. São Paulo: Difel, 1984. Tomo 3 Vol-4

FERNANDES, Lindolfo. Saúde Pública: Memória de União da Vitória. Curitiba : Secretaria de Saúde do Paraná, 1994

FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro :Fundação Getúlio Vargas, 1998

FERREIRA, Tito Lívio. José Bonifácio e a Maçonaria. São Paulo : Revista de História. Nº 55, Ano XIV, 1963

FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998

FIORIN, José Luiz. Linguagem e Ideologia. São Paulo: Ática, 2001

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996

_____. Microfísica do Poder. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

GERTZ, René. O Fascismo no Sul do Brasil: Germanismo, Nazismo, Integralismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987

_____. O Perigo Alemão . Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987

GINZBURG, Carlo. História Noturna: Decifrando o Sabá. São Paulo : Companhia das Letras, 1991

_____. A Micro- História e outros ensaios. Lisboa: Difel, 1989

_____. Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História. São Paulo: Companhia da Letras, 1989

_____. O Queijo e os Vermes Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1987

_____. Olhos de Madeira: Nove reflexões sobre a Distância. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001

GIRARDET, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

GLÉNISSE, J. O Objeto Material da Pesquisa: O Documento. In: Introdução aos Estudos Históricos. São Paulo: Difel, 1989 Cap III

GONÇALVES, Ricardo Mário. Quintino Bocaiuva Nº 10: A Trajetória de uma Loja Maçônica Paulista (1923-1998). São Paulo: Divisão de Arquivo do Estado, 1998

HEY, Adelaide Regina Ogione. Porto União: Nossos Prefeitos. 1917-1997. Porto União: Uniporto , 1997

HOBBSBAWM, Eric J. A Era das Revoluções: Europa 1789-1848. São Paulo: Paz e Terra, 1998

_____. A Era dos Extremos. São Paulo: Paz e Terra, 1999

_____. RANGER, Terence. A Invenção das Tradições. 2ª ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Da Maçonaria ao Positivismo. In: História Geral da Civilização Brasileira. T-II, 5º Vol. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972

_____. História Geral da Civilização Brasileira, T.II, c. 4º, São Paulo :Difusão Européia do Livro, 1971

HORTAL, Jesus. Maçonaria e Igreja: conciliáveis ou inconciliáveis. São Paulo: Edições Paulinas, 1993 (Estudos da CNBB)

HUTIN, Serge. As Sociedades Secretas. 2ª Ed. São Paulo, : Difusão Européia do Livro, 1959. Col. "Saber Atual"

LACORDAIRE, Jérôme Rousse. Lisboa: Anti maçonismo. Hugin, 1999

LAMOUNIER, Bolivar. Getúlio. São Paulo: Nova Cultural, 1988. Col. "Os Grandes Líderes"

LAVALLE, Aida Mansani. A Madeira na Economia Paranaense. Curitiba: Grafipar, 1981

LAZIER, Hermógenes. Origem de Porto União da Vitória. Porto União: Uniporto, 1985

LENHARO, Alcir. Sacralização da Política. 2ª ed. São Paulo: Papyrus, 1986.

LE GOFF, Jacques. As Mentalidades: Uma História Ambígua. In: História: Novos Objetos

LEVI, Giovanni. A Herança Imaterial: Trajetória de um Exorcista no Piemonte do Século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

LIMDBLOM, Charles. O Jogo do Poder. In: "O Processo de Decisão Política" Brasília, Ed. da UNB, 1981

LINHARES, Marcelo. História da Maçonaria. Londrina: Editora "A trolha", 1992

LINTON, Ralph. O Homem, Uma Introdução à Antropologia. 12ª Ed. São Paulo :Martins Fontes, 1987

MAINGUENEAU, Dominique. Novas Tendências em Análise do Discurso. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989

MARCHETTE, Tatiana Dantas. Corvos nos Galhos das Acácias: O Movimento Anticlerical em Curitiba, 1896-1912. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999

MARCHI, Euclides. Igreja e Estado Novo: Visibilidade e Legitimação. In: SZESZ, Christiane Marques(org). Portugal Brasil no século XX.: Sociedade, Cultura e ideologia.Bauru, SP: EDUSC, 2003

MELLOR, Alec. Dicionário da Franco-Maçonaria e dos Franco-Maçons. São Paulo: Martins Fontes, 1989

MILLIS, Herminio. Monografia de Porto União. Palmas, Kayguangue, 2002

MUCINELLI, Odilon. Eles Já Foram. Porto União : Tipografia Sete, 1990

OLIVEIRA, Vital Maria Gonçalves de. Instrução Pastoral sobre a Maçonaria e os Jesuítas. Petrópolis : Vozes Ltda, 1957. Col. "Documentos Eclesiásticos do Brasil. nº 6 "

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A linguagem e seu funcionamento: As Formas do Discurso. São Paulo: Brasiliense, 1998

PERAU, Gabriel Luiz Calabre. A Ordem Maçônica Traída e seus segredos revelados. Londrina: "A Trolha", 2001

PERAZZO, Priscila Ferreira. O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo. São Paulo: Divisão de Arquivos do Estado, 1999. Col. "Teses e Monografias. nº 1 "

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. Et ali. Igreja Católica: 1945-1970. In: Fausto, Boris. História Geral da Civilização Brasileira.III O Brasil Republicano. São Paulo: Difel, 1984 Tomo 3 vol -4

PRADO JUNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. 10ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1970

RIESEMBERG, Alvir. A Instalação Humana no Vale do Iguaçu. Uniporto: Porto União, 1973

- _____. A Nau São Sebastião. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1978
- ROUANET, Sérgio Paulo. Imaginário e Dominação. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978
- SANTOS, Dario Nogueira dos. A Maçonaria em Paranaguá. In: Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Vol. XVII. Curitiba: IHGP, 1972
- SEBBEN, Ulysses Antonio. Um Estudo da História de União da Vitória. Porto União: Uniporto, 1992
- SCHNOEBELEN, William. Maçonaria: do Outro Lado da Luz. 2ª ed. Curitiba: Editora Luz e Vida, 1997
- SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as Batatas. São Paulo: Duas cidades, 1977
- SOBRINHO, Octacílio Schuler. Ordem e Trabalho: Esta é a sua História. Florianópolis: Editora de Otacílio Schuler Sobrinho, 2002
- _____. Introdução aos Fundamentos Sociológicos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999
- STRAUBE, Kelly Von. O Cotidiano de Porto União da Vitória durante a passagem de Getúlio Vargas – Outubro de 1930. União da Vitória: Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras, 1998 (monografia)
- TANGERINO R. P. Márcio. A Política na Igreja do Brasil. Campinas, SP: editora Alínea, 1997
- TEMPSKI-SILKA, Valton Sergio Von. Historial da Franco Maçonaria: 715 a C. - 1815 Brasil - 1940 Paraná. Curitiba: Juruá, 1999
- TRINDADE, Liana Salvia. LAPLANTINE, François. O que é Imaginário. São Paulo: Brasiliense, 1997
- THOMPSON, Paul. A voz do Passado. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998
- TUCCI CARNEIRO, Maria Luiza. O Racismo na História do Brasil : Mito e Realidade. São Paulo: Ática, 1994
- _____. O Anti Semitismo na Era Vargas (1930-1945). São Paulo: Brasiliense, 1995
- VANONI, Gianni. Arcanos: As Sociedades Secretas do século XVII ao século XX. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988
- VASCONCELLOS, Gilberto. Ideologia Curupira: Análise do discurso integralista. São Paulo: Brasiliense, 1979

- VIANNA, Hélio. Monarquia e República. In: História do Brasil. V-II. 6ª Ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967
- VIEIRA, David Gueiros. O Protestantismo, A Maçonaria e A Questão Religiosa no Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980
- VOVELLE, Michel. Imagens e Imaginário na História. Fantasma e Certeza nas Mentalidades desde a Idade Média até o Século XX. Ática: São Paulo, 1987
- _____. Ideologias e Mentalidades. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991
- WACHOWICZ, Ruy Christovam. História do Paraná. 7ª Ed. Curitiba: Vicentina, 1995
- WOEHL, Dago. Maçonaria: 100 anos de História. Jornal "O Comércio", União da Vitória e Porto União, 03 jul de 1998. ed 2642. p. 05
- _____. Maçonaria: 100 anos de História. Jornal "O Comércio", União da Vitória e Porto União, 11 jul de 1998. ed 2643. p. 09
- WOLFF, Terezinha. Loja Maçônica União. Jornal "O Comércio", União da Vitória e Porto União, 03 jul de 1998. ed 2642. p. 05

ANEXOS

Anexo 1 - Perfil dos Candidatos a Iniciação na Loja Maçônica União 3ª. (1936-1950)

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Condição Civil</i>	<i>Renda</i>	<i>Emprego</i>	<i>Família</i>	<i>Tempo Residência</i>	<i>Local Residência</i>	<i>Ano do Pedido Inic.</i>
Hellmuth Müller	45	Casado	750\$000	Prefeito	Mulher 2 filhos	18 anos	Porto União	10/04/1936
Rodolfo Matzembacher	27	Casado	300\$000	Empreg. Comércio	Mulher 4 filhos	10 anos	Porto União	25/05/1936
Michel Guérios	25	Solteiro	Sufic. Boa	Comerciante	-	20 anos	Porto União	10/06/1936
Nathaniel A dos Santos	44	Casado	-	Ferroviário	-	-	Ponta Grossa	01/07/1936*
Elias Nimam	43	Casado	20.000\$000	Capitalista	Mulher	22 anos	Porto União	10/07/1936
Alvir Riesemberg	29	Casado	Incalculável	Médico	Mulher 1 Filho	Muitos anos	União da Vitória	28/07/1936
Francisco P. Cleto	23	Solteiro	250\$000	Empreg. Comércio	-	23 anos	União da Vitória	07/08/1936
Ibrahim Elias Mussi	37	Solteiro	Sufic.	Comerciante	-	5 anos	União da Vitória	04/09/1936
Oliveira V. Corte	29	Casado	500\$000	Funcionário Estadual	Mulher	8 anos	Canoinhas	17/09/1936
Estevão R. do Nascimento Jr	45	Casado	+ de 1 conto de réis	Comerciante	Mulher 5 filhos	18 meses	União da Vitória	04/09/1936
Miguel Yared	36	Casado	+ de 1 conto	Comerciante	Mulher 3 filhos	15 anos	Porto União	25/09/1936
Alexandre Novak	42	Casado	300\$000	Funcionário Municipal	Mulher 3 filhos	10 anos	Canoinhas	29/10/1936
Romário Madureira	28	Casado	1.000\$000	Ag. Cia Lunger	Mulher 1 filho	2 anos	Mafra	16/06/1937
José Borges C. Silva	38	Casado	1.200\$000	Funcionário Estadual	Mulher 2 filhos	5 anos	Porto União	16/06/1937
Nataniel Hirsch	45	Casado	800\$000	Comerciante	Mulher e filhos	2 anos	Porto União	20/06/1937
Trogilio A. Mello	50	Casado	1.200\$000	Oficial Militar	Mulher e filhos	2 anos	Porto União	11/06/1937
João Nitto Gaspari	33	Casado	400\$000	Funcionário Estadual	Mulher e filhos	20 anos	Porto União	18/06/1937
Antonio Tanille	31	Viúvo	1.300\$000	Oficial Militar	-	10 anos	Porto União	11/06/1937
José Aristides Comandulli	46	Casado	400\$000	Caramelheiro	Mulher e filhos	2 anos	Porto União	02/07/1937
Arthur Joslin Santos	30	Casado	Suficiente	Farmacêutico	Mulher 1 filho	Muitos anos	Porto União	23/07/1937
Alvaro F. de Souza	29	Casado	300\$000	Ferroviário	Mulher 2 filhos	3 anos	Caçador	15/07/1937
Victor Lubi	32	Casado	300\$000	Funcionário Público	Mulher	20 anos	Porto União	15/06/1937

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Condição Civil</i>	<i>Renda</i>	<i>Emprego</i>	<i>Família</i>	<i>Tempo Residência</i>	<i>Local Residência</i>	<i>Ano do Pedido Inic.</i>
Manoel Doria P. Guimarães	27	Casado	Suficiente	Médico	Mulher 1 filho	3 anos	Porto União	06/08/1937
Augusto Diniz de Carvalho	26	Solteiro	1.500\$000	Oficial Militar	-	2 anos	Porto União	25/09/1937
Carlos Reinhold	67	Casado	1.000\$000	Industrial serrador	M e f	9 anos	União da Vitória	31/10/1937
Flaviano Moreira	43	Casado	800\$000	Corretor de seguro	M e f	15 anos	Porto União	26/03/1938
Miguel Novaconski	27	Casado	500\$000	Fotógrafo	M e f	2 anos	União da Vitória	25/03/1938
José de Paula Pinto	46	Casado	600\$000	Ferroviário	Mulher 1 filho	3 anos	União da Vitória	11/04/1938
Walfrido de Paula Souza	43	Casado	+ de um conto	Sócio serraria	Mulher 4 filhos	2 anos	Salto Lili-Palmas	20/04/1938
Antonio Adeis	36	Solteiro	1.000\$000	Inspetor da Bayer	-	2 anos	Porto União	05/04/1938
Arthur de Paula Souza	33	Casado	1.000\$000	Industrial Serrador	Mulher 3 filhos	10 anos	Salto Lili-Palmas	06/04/1938
Hugo Alberto R. Honaizer	35	Casado	1.000\$000	Industrial Serrador	Mulher 4 filhos	2 anos	T. V. - Rio Caçador	06/04/1938
Lindolfo Pietro	20	Solteiro	500\$000	Sócio Serraria	-	Muitos anos	Porto União	01/05/1938
Ezequiel J. Pietro Filho	25	Solteiro	500\$000	Sócio serraria	-	Muitos anos	Porto União	19/05/1938
Virgilio Enriques Dias	-	-	-	Oficial Militar	-	-	Campos Novos	09/06/1938
Florido Abrahão	27	Casado	1.000\$000	Industrial	M e f	5 anos	Porto União	15/06/1938
Manoel Mendes Gentil	32	Casado	-	Comerciante	M e f	-	União da Vitória	19/07/1938
Lindolfo Hüttner	31	Casado	500\$000	Gerente Loja Pern	Mulher 3 filhos	10 anos	União da Vitória	29/07/1938
Antonio Baby	36	Casado	500\$000	Ferroviário	M e f	6 meses	Porto União	18/07/1938
Pedro Borges Bueno	40	Casado	440\$000	Ferroviário	Mulher 2 filhos	3 anos	Herval	14/08/1938 At. conduta
José Stavis	24	Casado	300\$000	Ferroviário	M e f	2 anos	Porto União	12/08/1938 At. conduta
Napoleão Feijó	33	Casado	500\$000	Alfaiate	Mulher 2 filhos	10 anos	União da Vitória	16/09/1938

Amaro Jesus Pereira Lima	45	Casado	440\$000	Maquinista	Mulher 2 filhos	10 anos	Herval	26/09/1938 At. conduta
-----------------------------	----	--------	----------	------------	--------------------	---------	--------	---------------------------

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Condição civil</i>	<i>Renda</i>	<i>Emprego</i>	<i>Família</i>	<i>Tempo Residência</i>	<i>Local Residência</i>	<i>Ano do Pedido Inic.</i>
França F. Abrahão	-	Casado	-	Industrial Comércio	M e f	Muitos anos	Vargem Grande	22/09/1938*
Ernesto Müller	34	Casado	1.000\$000	Gerenteda Hoepcke	Mulher 2 filhos	10 anos	Cruzeiro do Sul	10/11/1938
Pedro Jung	37	-	-	Operário	-	-	Caçador	04/12/1938 At. conduta
Octávio Mariano	45	Casado	500\$000	Fiscal da Rede	Mulher 2 filhos	15 anos	Porto União	02/12/1938 At. conduta
Bechara Deguech	60	Casado	2.000\$000	Capitalista	Mulher Sobrinho	15 anos	Porto União	15/03/1939 At. conduta
Antonio Montenegro	40	Casado	Cr\$ 3.000,00	Repres. Lumber C	Mulher 3 filhos	4 anos	Maфра	28/04/1939 At. Conduta
Adão L. C. Vitor Lacki	48	Solteiro	500\$000	Gerente Sofitex	-	6 anos	Mallet	12/06/1939 At. Conduta
José Nazareth Ricetti	40	casado	550\$000	Ferrovário	Mulher 4 filhos	4 anos	União da Vitória	23/06/1939 At. Conduta
João Maria Fagundes	34	Casado	-	Comerciante	M	-	União da Vitória	26/06/1939 -
João Zacarioski	39	Casado	400\$000	Ferrovário	Mulher 1 filho	10 anos	Matos Costa	15/08/1939
João Dario Pereira	43	Casado	460\$000	Ferrovário	Mulher 8 filhos	5 anos	Rio Bonito	18/08/1939 At. conduta
Gaspar Coitinho	35	Casado	variável	Advogado	M e f	3 anos	Cruzeiro do Sul	10/01/1940
Jorge Amaral Ferreira	41	Casado	1.000\$000	Funcionário Estadual	Mulher 2 filhos	Muitos anos	Joinville	22/02/1940
Jano Azevedo	-	Casado	-	Ferrovário	-	-	Maфра	23/08/1940
Dante Brescianini	18	Solteiro	500\$000	Guarda Livros	-	5 anos	Caçador	27/08/1941 Decl. Tutela
Antonio Moreira	39	Casado	600\$000	Ferrovário	M e f	Muitos anos	Porto União	29/11/1941
Victório E. Cleve Franklin	26	Casado	1.500\$000	Delegado Polícia	M e f	1 ano	Porto União	20/02/1942
Rostom Meskhi	47	Solteiro	Cr\$ 3.000,00	Engenheiro Agrôn.	-	10 anos	Felipe Schmidt	03/12/1942
Teodoro Lemos	31	Casado	500\$000	Fucionário Municipal	Mulher 3 filhos	Natural	Porto União	22/06/1942
Adam P. Kossulendzki	29	Casado	1.000\$000	Médico	Mulher 1 filho	1 ano	Porto União	10/07/1942
Mothy Domit	27	Solteiro	1.000\$000	Médico	-	3 anos	Porto União	17/07/1942
Bonifácio Paes Carneiro	41	Casado	1.000\$000	Fazendeiro Comercia.	Mulher 7 filhos	41	Caçador	27/06/1942

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Condição Civil</i>	<i>Renda</i>	<i>Emprego</i>	<i>Família</i>	<i>Tempo Residência</i>	<i>Local residência</i>	<i>Ano do pedido Inic.</i>
Bernardo Rautt	32	Casado	450\$000	Detetive	Mulher 2 filhos	1 ano e 6 meses	Porto União	03/07/1942
Pedro Arbus Santos	35	Casado	450\$000	Ferroviário	Mulher 4 filhos	2 anos	Valões - PU	27/10/1942
Paulo Lima	35	Casado	700\$000	Guarda Livros	Mulher 5 filhos	12 anos	Matos Costa - PU	12/11/1942
Alfredo Maia Jatahy	32	Casado	1.000\$000	Eng. Agrônomo	Mulher 1 filho	2 anos	Poço Preto -PU	02/10/1942
Jacob Hoff Filho	41	Casado	600\$000	Agrônomo	Mulher 5 filhos	20 anos	Poço Preto- PU	04/01/1943
Helly de Macedo Souza	33	Casado	1500\$000	Médico	Mulher 1 filho	2 anos	União da Vitória	05/02/1943
Mario Balster	26	Casado	500\$000	Comerciante	Mulher	20 anos	Porto União	16/04/1943
Salomão Antonio Ribas	32	Casado	1.000\$000	Guarda Livros	Mulher 5 filhos	4 anos	Caçador	19/04/1943
Edgard Siqueira	34	Casado	1.000\$000	Guarda Livros	Mulher filhos	2 anos	Caçador	06/05/1943
Toribio Mendes Martins	40	Casado	1.000\$000	Repres. Comercial	Mulher	2 anos	União da Vitória	07/05/1943
Antonio Alves Percira	35	Casado	Cr\$500,00	Ferroviário	M e f	5 anos	Gramado	21/05/1943
Darcy Saldanha	32	Casado	Cr\$ 400,00	Ferroviário	Mulher 2 filhos	10 anos	Porto União	17/05/1943
Décio Rocha	29	Casado	-	-	-	-	Lança	21/10/1943
Heitor Alencar Guimarães Filho	24	Casado	Cr\$ 1.500,00	Delegado Regional	Mulher 1 filho	2 anos	Rio do Sul	28/10/1943
Fernando O. Oliveira	23	Casado	Cr\$1.500,00	Médico	Mulher 1 filho	Muitos anos	Canoinhas	27/10/1943
Claudio Kendik Monteiro	32	Casado	Cr\$ 500,00	Escrivão de Polícia	Mulher 1 filho	6 meses	União da Vitória	04/11/1943
Silvio Alves	43	Casado	Cr\$ 2.000,00	Comerciante	Mulher	5 anos	Porto União	03/11/1943
Epaminondas Huergo Pereira	-	Casado	Cr\$ 400,00	Funcionário Público	Mulher 1 filho	20 anos	Poço Preto-PU	02/02/1944
Laurindo Faoro	-	Solteiro	Cr\$ 2.000,00	Comércio	-	5 Anos	Caçador	04/02/1944
Luiz Antonio de Almeida	35	Casado	Cr\$ 1500,00	Comércio	M e f	10 anos	Caçador	20/02/1944
Francisco José	30	Casado	Cr\$	Bancário	Mulher	1 ano	Caçador	16/06/1944

Schreiner			1.000,00		1 Filho			
João Francisco Batista	46	Casado	Cr\$ 1.500,00	Serventuário Justiça	Mulher 3 Filhos	14 anos	Caçador	17/06/1944

Nome	Idade	Condição Civil	Renda Cr\$	Emprego	Família	Tempo Residência	Local Residência	Ano pedido de Inic.
Eduardo Haymussi	28	Solteiro	1.000,00	Prático Farmácia	-	4 anos	Caçador	18/06/1944
Zaki Thomé	25	Casado	1.000,00	Comércio	-	5 anos	Caçador	23/07/1944
Zani Gonzaga	28	-	2.500,00	Advogado	-	8 anos	Caçador	24/07/1944*
Olindo Dalla Barba	20	Casado	500,00	Repre. Agr a filmes	Mulher	6 anos	União da Vitória	11/10/1944 At. Conduta
Alir Ratacheski	22	Solteiro	500,00	Gerente Serraria	-	3 anos	Paciência	04/11/1944 At. Conduta
Osório Denes Ramos	38	Casado	750,00	Funcionário Correio	M e f	38 anos	Porto União	28/11/1944 At. Conduta
Carlos Armin-do Honrich	21	Casado	2.000,00	Comerciante	Mulher 1 filho	1 ano	Calmon	07/11/1944 At. conduta
Clemente Procopiak	40	Casado	4.000,00	Médico	M e f	15 anos	Canoinhas	17/01/1945 At Conduta
Orty de M. Machado	27	Casado	2.000,00	Advogado	Mulher	2 anos	Canoinhas	05/02/1945 At conduta
Osvaldo S. de Oliveira	30	Solteiro	2.000,00	Médico	-	30 anos	Canoinhas	05/02/1945 At Conduta
Ezuel Portes	24	Casado	1500,00	Funcionário Estadual	Mulher	3 anos	Matos Costa	05/03/1945
José da Silva Abilhôa	41	Casado	1.000,00	Ferroviário	Mulher 7 filhos	15 anos	Porto União	02/06/1945 At conduta
João Szepack	30	Casado	800,00	Ferroviário	Mulher 2 filhos	8 anos	Porto União	10/08/1945 At conduta
Darcy Pinto Araujo	32	Casado	1.000,00	Gerente Pernambuc.	Mulher filhos	15 anos	União da Vitória	13/08/1945 At conduta
Max Komar	38	Casado	800,00	Maquinista	Mulher 6 filhos	20 anos	União da Vitória	28/01/1946 At conduta
Laurindo Soares Gouveia	34	Casado	1.000,00	Ferroviário	Mulher 2 filhos	15 anos	União da Vitória	12/02/1946 At conduta
Estanislau Crucoski	49	Casado	1.000,00	Maquinista	Mulher 1 filho	15 anos	União da Vitória	01/02/1946 At conduta
Carlos Dalla Barba	49	Casado	1.500,00	Inspector Sulacap	Mulher 3 filhos	Longos anos	Porto União	18/02/1946 At conduta
Alvanyr Penteado	-	Casado	650,00	-	M e f	-	Porto União	29/03/1946* At conduta
Pedro Nogueira de Castro	-	Casado	-	Oficial Militar-SC	-	-	Canoinhas	04/03/1946 At conduta

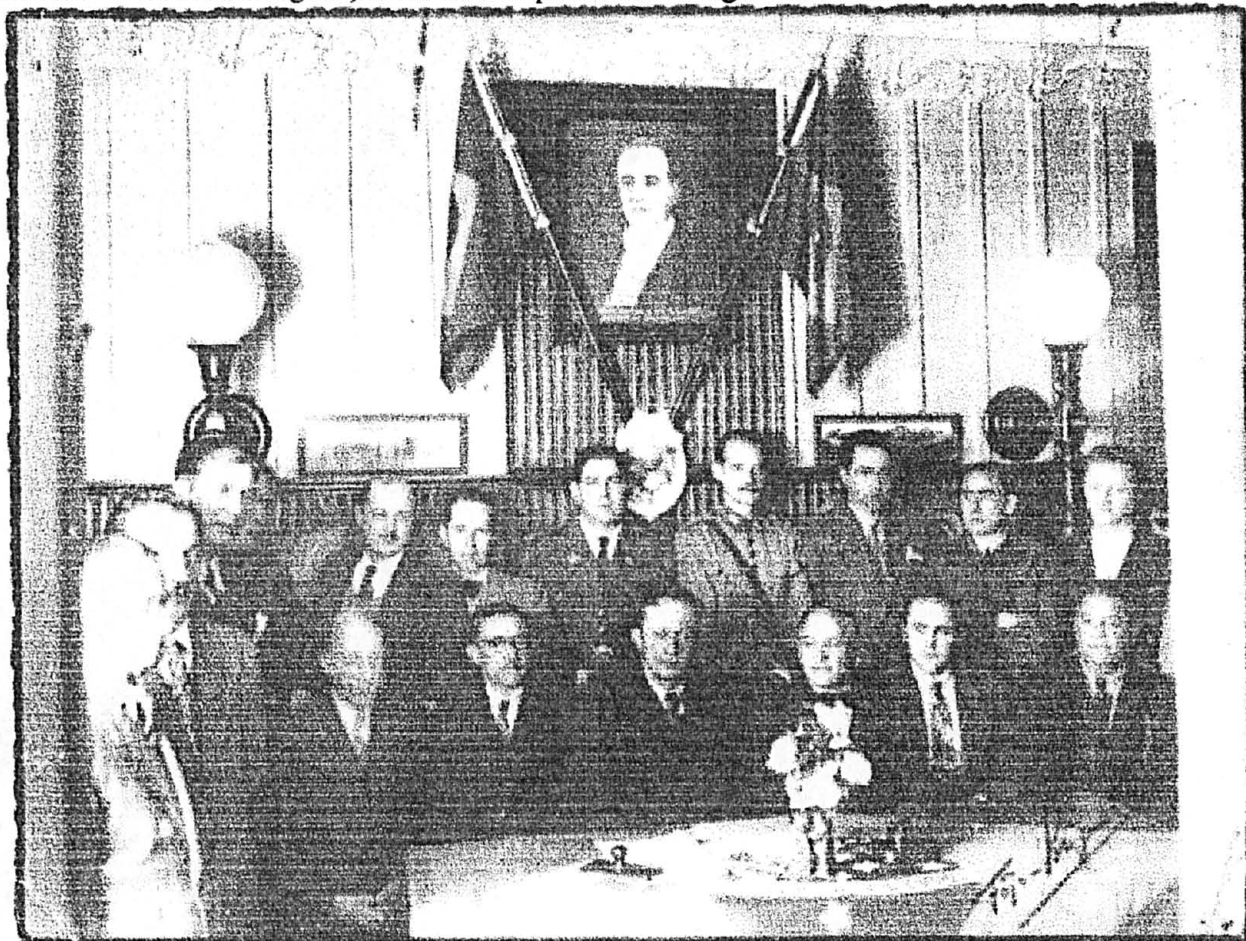
José Rodrigues Oliveira	-	Casado	3.000,00	Eng. Agrônomo	Mulher 1 filho	3 anos	Marcilio Dias	18/06/1946 At conduta
Hugo Ermani Torres Cruz	34	Casado	1.000,00	Represen. Comercial	M e f	5 anos	Caçador	31/07/1946 At conduta
Misceno Sampaio Bello	48	Casado	-	Comerciante	M e f	-	Palmas	28/07/1946 At conduta

Nome	Idade	Condição Civil	Renda	Emprego	Família	Tempo Residência	Local Residência	Ano pedido de Inic.
Casemiro Maros	39	Casado	1.000,00	Maquinista	2ª Esposa 7 filhos	10 Anos	Porto União	06/08/1946
Alcides Pereira Silva	35	Casado	-	Sargento Exército	-	-	Caçador	28/02/1947 At conduta
Sidney José Campos Corte	23	Solteiro	2.000,00	Represen. Comercial	5 irmãos	3 anos	Canoinhas	02/06/1947
Jair Januário Campos Corte	25	Solteiro	1500,00	Represen. Comercial	5 irmãos	3 anos	Canoinhas	02/06/1947 At conduta
Pedro Gaspar Ribeiro	31	Solteiro	1300,00	Ferroviário	-	3 anos	União da Vitória	19/09/1947 At conduta
Hercilio Teófilo Gomes	35	Casado	1.500,00	Escriturário Ferrovia	M e f	2 anos	União da Vitória	19/09/1947 At conduta
Boleslau Barvinski	34	Casado	1.000,00	Ferroviário	Mulher 2 filhos	8 meses	Porto União	29/10/1947 At conduta
Pedro Paulo Campos Corte	22	Solteiro	-	Funcionário Público	-	-	Canoinhas	18/02/1948 At conduta
Haroldo Ferreira	29	Casado	4.000,00	Médico	Mulher 1 filho	3 anos	Canoinhas	18/02/1948 At conduta
Antonio Peters da Costa	24	Solteiro	1.200,00	Comércio	-	3 anos	Canoinhas	18/02/1948 At conduta
Nelson Alves Camargo	34	Casado	650,00	Ferroviário	Mulher 3 filhos	3 anos	Porto União	20/04/1948
Ignácio de Sá Sotto Maior	30	-	2.800,00	Comerciário	-	-	Porto União	01/04/1948 At conduta
José Carlos Oliveira	23	Casado	1.500,00	Ferroviário	Mulher 2 filhos	3 anos	União da Vitória	29/04/1948 At conduta
Júlio Santos	34	Casado	1.000,00	Ferroviário	Mulher 3 filhos	11 anos	União da Vitória	16/04/1948
Felipe José Kuhry	33	Casado	3.000,00	Industrial Serrador	Mulher	5 anos	Porto União	14/05/1948 At conduta
Leocádio Santos	32	Casado	2.000,00	Guarda Livros	Mulher 1 filho	2 anos	União da Vitória	25/05/1948 At conduta
João Ferreira Lopes	44	Casado	3.000,00	Delegado reg. policia	Mulher 3 filhos	2 anos	Porto União	24/06/1948
Dorval C. Wolff	-	Casado	4.000,00	Inspetor Bancário	M e f	2 anos	Porto União	03/07/1948
Osmar Dutra	30	Casado	8.000,00	Funcionário Estadual	Mulher 2 filhos	1 ano	Porto União	15/08/1948

Albino Chila	38	Casado	1.500,00	Ferroviário	Mulher 3 filhos	20 anos	Porto União	02/09/1948 At conduta
Jair Lima Geraerd	27	Casado	5.000,00	Dentista	Mulher 2 filhos	3 anos	Porto União	20/10/1948
Waldomiro França	40	Casado	4.000,00	Prefeito Municipal	Mulher 2 filhos	5 anos	Malet	01/01/1949
Antonio Ferreira da Silva Sobrinho	32	Casado	1.500,00	Repres. Comercial	Mulher 2 filhos	6 anos	Porto União	18/01/1949 At conduta

<i>Nome</i>	<i>Ida- de</i>	<i>Condiçã o Civil</i>	<i>Renda</i>	<i>Emprego</i>	<i>Família</i>	<i>Tempo Residência</i>	<i>Local Residência</i>	<i>Ano pedido de Inic.</i>
Reinaldo José Machado	28	Casado	4.00,00	Oficial Miltar - PR	Mulher 2 filhos	4 meses	Malet	15/02/1949 At conduta
José Kalil Mahafud	29	Solteiro	2.500,00	Funcionári o Municipal	-	29	Malet	01/02/1949
Guaraci Chaves	30	Casado	3.000,00	Funcionári o Federal	Mulher	8 anos	Malet	07/02/1949 At conduta
Orlando Carvalho	28	Casado	2.500,00	Diretor escolar	Mulher 3 filhos	4 anos	Malet	01/02/1949 At conduta
David de Andrade	25	Solteiro	2.000,00	Represen Comercial	-	1 ano	Porto União	23/08/1948
Osvaldo Loureiro Melo	30	Casado	3.000,00	Gerente Bancário	Mulher 3 filhos	2 anos	União da Vitória	11/08/1949
João Passos	27	Casado	1.200,00	Ferroviário	Mulher 3 filhos	27 anos	União da Vitória	06/09/1949
Eros Silveira Lepca	25	Solteiro	2.000,00	Eng. Químico	-	2 anos	Porto União	17/10/1949
Danilo Cerqueira Leite	31	Casado	3.000,00	Comercian te	Mulher 2 filhos	4 anos	União da Vitória	26/10/1949*
Manoel França	42	Casado	12.000,00	Funcionári o Federal	Mulher 2 filhos	1 ano	Porto União	31/07/1950 At conduta

Anexo 2 - Ato da Inauguração da foto do presidente Vargas - Prefeitura de Porto União



1ª fila (sentados)

1º - Astholpho Macedo

2º - Helmuth Müller

2ª Fila (Em pé)

3º - Antonio Tanille

Anexo 3 - Foto de uma reunião por ocasião da comemoração do cinquentenário da Loja



1ª Fila (sentados)

3º - Elias Domit

4ª - Hermínio Millis

5º - João Nitto Gaspari

2ª Fila

4º - Francisco Cleto

5º - Elias Nimam

6º - Teodoro Keppen

3ª Fila

6º - José Moura

4ª Fila

2º - Nataniel Hirsch

Anexo 4 - Imagens: livro de Gustavo Barroso/ Adesivo para vidro de carro



O Bofomet, Bafomet, ou melhor, BAPHOMET dos Templários, que o povo acredita ser o Bode Preto da Maçonaria, segundo as estampas das obras de Eliphas Levi e de Stanislas de Guaita. É um símbolo da Cabala. Seus cornos, orelhas e barba formam a estrela invertida de cinco pontas, que figura em vermelho na bandeira da Revolução Baiana de 1798. A mesma estrela está de ponta para cima na sua testa. É a que os positivistas e maçons de 1889 impuseram como brasão à nação brasileira, arrancando-lhe a esfera armilar e a cruz de Cristo. No ventre do Bafomet, vê-se, por trás do caduceu de Hermes, de Mercúrio, o AZILUTH, o arco-íris da bandeira dos revolucionários de 1817. No braço que se ergue, a palavra SOLVE; no que se abaixa a palavra COAGULA, Albert Poisson explica-as no seu livro "Théories et symboles des alchimistes": SOLVE, isto é, dissolve, abre, tortura, fere, destrói as resistências; COAGULA, isto é, reúne, assemelha, condensa, constrói sobre o que foi vencido. É uma verdadeira síntese da ação judaico-maçônica no mundo, ferindo e destruindo pelas revoluções, para construir o domínio universal de Israel. Segundo a posição dos braços -solve, destrói o que está em cima; coagula, condensa o que está embaixo.. *

*BARROSO, Gustavo. História Secreta do Brasil. Primeira Parte: do Descobrimento à Abdicação de D. Pedro I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. P. 171

Anexo 5

Abreviaturas Maçônicas mais recorrentes nos documentos levantados da pesquisa.

Arch .! -- Arquiteto
Aug .! -- Augusta /o
Cap .! -- Capitular
Cons .! -- Conselho
Deleg .! -- Delegado
Dd .! -- Diácono
Ger .! -- Geral
Gr .! -- Grande
Gl .! -- Glória
Ill .! -- Ilustre
Ir .! -- Irmão
Loj .! -- Loja
Mestr .! -- Mestre
Or .! -- Oriente
Ord .! -- Ordem
Pod .! -- Poderoso
Pranch .! -- Prancha (carta, comunicação)
Resp .! -- Respeitável
S .! S .! S .! -- Stabilitas, Saptientia, Salu (Lat.) - Estabilidade, Sabedoria e Saúde
Secre .! -- Secretário
Secret .! -- Secretaria
Sess .! -- Sessão
Supr .! -- Supremo
Univ .! -- Universo
Val .! -- Vale
Ven .! -- Venerável
Vos .! -- Vossa

- Fonte : BELTRÃO, Carlos ^a B. As Abreviaturas na Maçonaria. São Paulo: Madras, 1999
Historicamente o autor registra o uso da tripontuação e outros usos, normatizados em abreviaturas desde o século XV.

ANEXO 6 - Relação de documentos individuais pesquisados (Pastas 1936 a 1950)

Pasta 1936

Boletim O Democrata: Vitória - Espírito Santo, Arqu. Part. Loja União III, 1936

Carta a José Júlio Cleto da Silva : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Carta a Secretário Nelson Dias : Canoinhas - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Carta ao Venerável da Loja Luz e Trabalho: Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Carta ao Venerável da Loja Luz e Trabalho: Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Circular Loja Amor e Caridade 5ª: Petrópolis - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Circular Loja Luiz Gama : São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Circular Loja 24 de Julho : Mossoró - Rio Grande do Norte. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Circular Loja Perfeita Amizade Alagoana : Maceió - Alagoas. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Circular Loja Fraternidade de Aracaty : Aracaty - Ceará. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Circular Loja Capitular João Caetano: Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Circular Loja Amor e Caridade 2 : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Circular Loja União III : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Circular Loja União III : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Circular General Moreira Guimarães; Grande Oriente do Brasil: Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Circular Loja Perfeita Amizade Alagoana : Maceió - Alagoas. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Circular Loja Fraternidade Lagunense. Laguna - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Circular Loja Capitular Regeneração Catharinense : Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III: Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Loja União III ao Venerável da Loja Ordem e Trabalho: Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Loja União III ao Governador do Estado Nereu Ramos : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Juízo Eleitoral 16ª Zona : Estado de Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Loja União III a Walter Mittag : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Loja União III ao Secretário do Grande Oriente : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Loja União III ao Secretário do Grande Oriente : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Loja União III ao Venerável da Loja Amor e Caridade 2 : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Sacro Colégio a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Loja Amor e Caridade 2 a Loja União III : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Loja Capitular União e Progresso a Loja União III : Iraty - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Loja Amor e Caridade 2 a Loja União III : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Loja União III ao Secretário do Grande Oriente : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Salim F. Abrahão a Loja União III : Rio Bonito. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Loja União III a parentes de Salim F. Abrahão : Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Loja Amor e Caridade 2 a Loja União III : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Comunicado Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III : Cruzeiro do Sul - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Pedido de Iniciação Hellmuth Müller. - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Pedido de Iniciação Felisberto de Souza. - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja

União III, 1936
 Pedido de Iniciação Rodolfo Matzembacher - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936
 Pedido de Iniciação Michel Guérios - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936
 Pedido de Iniciação Nathaniel Assis dos Santos - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936
 Pedido de Iniciação Elias Niman - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936
 Pedido de Iniciação Alvir Riesemberg - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936
 Pedido de Iniciação Francisco Pacheco Cleto - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936
 Pedido de Iniciação Ibrahim Elias Mussi - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936
 Pedido de Iniciação Oliveira Vieira Corte - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936
 Pedido de Iniciação Estevam do Nascimento - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936
 Pedido de Iniciação Miguel Yared - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936
 Pedido de Iniciação Alexandre Novak - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

 Relatório José Julio Cleto da Silva a Loja União III : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

 Telegrama ao Governador do Estado Nereu Ramos : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1936

Pasta 1937

Carta Olegário Cypriano Machado a Loja União III. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1937
 Carta Humberto G. Cordeiro a Loja União III. Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1937
 Carta Miguel Sobanski a Loja União III. Marechal Mallet - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1937
 Carta F. Souza a Loja União III. Rio Caçador - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937

 Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1937
 Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1937

Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Circular Loja Fraternidade Lagunense. Laguna - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Circular Loja Amor e Caridade 2 : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Circular Loja Marília. Marília - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1937

Comunicado Delegado do Grão Mestrado da Ordem a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Comunicado Loja União III ao Oriente do Maranhão : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Comunicado Loja União III ao Secretário do Grande Oriente do Brasil: Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Comunicado Loja União III ao Secretário do Grande Oriente do Brasil: Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Comunicado Loja União III ao Secretário do Grande Oriente do Brasil: Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Comunicado Canoinhas a Loja União III. Canoinhas - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937

Informe Jornal "O Templo". Nova Friburgo - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1937

Pedido de Iniciação Romário Madureira - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Pedido de Iniciação José Borges Cordeiro da Silva - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Pedido de Iniciação Nataniel Hirsch - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Pedido de Iniciação Trogilio Antonio de Mello - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Pedido de Iniciação João Nitto Gaspari - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Pedido de Iniciação Antonio Tanille - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Pedido de Iniciação José Comandulli - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Pedido de Iniciação Arthur Joslin Santos - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Pedido de Iniciação Vitor Lubi - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937

Pedido de Iniciação Manoel Doria Pinheiro Guimarães - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Pedido de Iniciação Augusto Diniz de Carvalho - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937
Pedido de Iniciação Carlos Reinhold - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937

Relatório José Julio Cleto da Silva a Loja União III : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937

Pasta 1938

Carta Trogilio Mello a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Carta Trogilio Mello a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Carta José Cordeiro a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Carta Alvaro F de Souza a Loja União III. Caçador - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Carta Romário Madureira a Loja União III. Mafra - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Carta Manuel Américo Barros a Loja União III. Laguna - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Carta Pedro A Carneiro da Cunha a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Circular Loja Ordem e Trabalho. Florianópolis- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Circular Delegado do Grão Mestrado da Ordem. Florianópolis- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Circular Delegado do Grão Mestrado da Ordem. Florianópolis- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Circular Loja Fraternidade Lagunense. Laguna - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Circular Delegado do Grão Mestrado da Ordem. Florianópolis- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Circular Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro. Niterói - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1938
Circular Loja Capitular Vigilância. Niterói - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III,

1938

Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Comunicado Canoinhas a Loja União III. Canoinhas - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Comunicado Loja União III ao Secretário do Grande Oriente do Brasil: Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937

Comunicado Loja União III a Loja Amor e Caridade: Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1937

Comunicado Delegado do Grão Mestrado da Ordem. Florianópolis- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Comunicado Delegado do Grão Mestrado da Ordem ao Poder Central Florianópolis- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Comunicado Loja União III a Leopoldo de Castilho: Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III . Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Comunicado Loja Regeneração Catarinense a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Comunicado Loja Harmonia Cruz Altense a Loja União III . Cruz Alta - Rio Grande do Sul. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Comunicado Loja Regeneração Catarinense a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Comunicado Loja Amor e Caridade 2 a Loja União III : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III . Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

(Abaixo Assinados)

Requisição Jamil Domit ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Alberto Anibelli ao Poder Central. Blumenau - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Aguinaldo Schmall ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Salomão Khury ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Daniel Lander Betts ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Joaquim Cesar de Oliveira ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Olegário Cypriano Machado ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição José Julio Cleto da Silva ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição João Nitto Gaspari ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição José Serafini ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Nataniel Hirsch ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição José Sinder ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Alfredo Matzembacher ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição João Lauriano ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Felício Domit ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Teodoro Keppen ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Helmut Müller ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição José Comandulli ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Estevam Ribeiro Junior ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Felício Strobino ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Miguel Yaraí ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Rodolfo Matzembacher ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Carlos Shenfeld ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Arthur Joslin dos Santos ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Leopoldo de Castilhos ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Tufi Guérios ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Alvaro F. de Souza ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu.

Part. Loja União III, 1938

Requisição Elias Nimam ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Alvir Riesemberg ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Antonio Domit ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Abraham Elias Mussi ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Umberto Zarantonielo ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Nassim Bittar ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Demétrio Charam ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição Ezequiel Prieto ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Requisição ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Flaviano Moreira - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Miguel Nowakoski - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação José de Paula Pinto - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Walfrido de Paula e Souza - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Antonio Ades - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Hugo Alberto Ricardo Honaiser - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Lindolfo Pietro - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Ezequiel José Prieto Filho - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Florido Abrahão - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Casimiro Nelson Dias - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Manoel Mendes Gentil - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Lindolpho Hüttner - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Antonio Baby - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Pedro Borges Bueno - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação José Stavis - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Napoleão Feijó - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Amaro de Jesus Pereira Lima - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Ernesto Müller - Cruzeiro do Sul - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Pedro Jung - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pedido de Iniciação Otavio Mariano - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Telegrama Ponta Grossa a Loja União III - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Teleograma Loja União III ao Poder Central. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1938

Pasta 1939

Carta Ernesto Müller a Loja União III. Herval - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Carta Ezequiel Prieto a Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Carta Francisco Salgueiro a Loja União III. Herval - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Carta Antonio Baby a Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Carta Pedro A Carneiro da Cunha a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Circular Instituto Conselheiro Macedo Soares. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Circular Instituto Conselheiro Macedo Soares. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja União III ao Delegado do Grão Mestrado da Ordem : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja Regeneração Catarinense a Loja União III. Florianópolis - Santa

Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja Regeneração Catarinense a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja Dario Velloso a Loja União III : Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja Dario Velloso a Loja União III : Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja Regeneração Catarinense a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja Regeneração Catarinense a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Supremo Conselho do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja União e Progresso a Loja União III : Iraty - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Convenção Maçônica Catarinense. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Decreto 1288. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Deliberações Convenção Maçônica. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Estatutos da Beneficência Maçônica de Santa Catarina. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Ofício União III ao Delegado do Grão Mestrado da Ordem. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Ofício Loja Ordem e Trabalho a União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Ofício Loja Ordem e Trabalho a União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Ofício União III ao Instituto Macedo Soares. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Ofício União III as Lojas Maçônicas de Porto Alegre. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Ofício Instituto Neo Pythagorico a Loja União III. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Pedido de Iniciação Bechara Deguech - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Pedido de Iniciação Antonio Montenegro Ferreira Gomes - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Pedido de Iniciação Adão L.C, Lacki - Malett - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Pedido de Iniciação José Nazareth Ricetti - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Pedido de Iniciação João Maria Fagundes - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Pedido de Iniciação João Zacariovski - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Pedido de Iniciação João Dario Pereira - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Regulamento do 1º Congresso Maçônico de Santa Catarina. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Requisição Beneficiencia Maçônica de Santa Catarina. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Requisição Beneficiencia Maçônica de Santa Catarina. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Requisição Beneficiencia Maçônica de Santa Catarina. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Telegrama Edgar Salomão a Loja União III. Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Pasta 1940

Acto 1612. Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Balancete Beneficência Maçônica. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1939

Carta José Julio Cleto da Silva a Loja União III. União da Vitória - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Carta Flaviano Moreira a Loja União III. Concórdia - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Carta Irmãos da Loja Dario Velloso a José Julio Cleto da Silva. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Circular Loja Fraternidade Campista. Campos - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Circular Loja Oriente Maracajú. Campo Grande - Mato Grosso. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Circular Loja Cruzeiro do Sul. Cruzeiro do Sul - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Circular Loja Fraternidade Campista. Campos - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Circular Loja Estrella d'Oeste. Ribeirão Preto - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Circular Loja Oriente Maracajú. Campo Grande - Mato Grosso. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Circular Loja Regeneração Catarinense. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Circular Loja Perfeita Amizade. Maceió - Alagoas. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Circular Loja Amor e Caridade 2 : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Circular Loja Regeneração Catarinense. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Circular Loja Regeneração Catarinense. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Circular Loja Amor e Caridade 2 : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Comunicado Loja União e Progresso a Loja União III : Iraty - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Comunicado Loja União e Progresso a Loja União III : Iraty - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Comunicado Loja Harmonia Cruz Altense a Loja União III . Cruz Alta - Rio Grande do

Sul. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Comunicado Loja Harmonia Cruz Altense a Loja União III . Cruz Alta - Rio Grande do Sul. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Comunicado Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III : Cruzeiro do Sul - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Comunicado Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III : Cruzeiro do Sul - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Comunicado Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III : Cruzeiro do Sul - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Comunicado Loja Paz e Amor a Loja União III . São Francisco do Sul - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Comunicado Loja Estrella d'Oeste a União III. Ribeirão Preto - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Comunicado Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III : Cruzeiro do Sul - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Comunicado Lojas Acacia Rio Grandense e União Constante a Loja União III : Rio Grande do Sul . Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Comunicado Loja União e Progresso a Loja União III : Iraty - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Comunicado Loja Concórdia do Sul a Loja União III : Passo Fundo - Rio Grande do Sul. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Ofício Secretário da Loja Cruzeiro do Sul. Cruzeiro a Loja União III - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Pedido de Iniciação Flaviano Moreira - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Pedido de Iniciação Gaspar Coitinho - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Pedido de Iniciação Jorge Amaral Ferreira - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940
 Pedido de Iniciação João Azevedo - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1940

Telegrama Arthur Jahrmamm a Loja União III. Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja

União III, 1940

Pasta 1941

Balancete Beneficência Maçônica. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Balancete Beneficência Maçônica. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Carta Olegario Cipriano Machado a Loja União III. Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Carta José Arsitides Comandulli a Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Carta Poder Central a Teodoro Keppen. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Carta Honório Isphair a Loja União III. Canoinhas - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Carta Adelino Angelucci a Loja União III. Marcelino Ramos - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Circular Beneficência Maçônica. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Circular Loja Caridade e Firmeza - Juiz de Fora - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Circular Beneficência Maçônica. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Circular Loja 25 de Março. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Circular Loja Conciliação Bragantina. Bragança - Pará. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Circular Loja União e Progresso : Iraty - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Circular Loja Templários da Justiça. São João da Boa Vista - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Circular Loja Aerópago Itabunense. Itabuna - Bahia. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Circular Loja Estrella do Rio. Niterói - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Circular Loja Liberdade e Luz . Siqueira Campos - Espírito Santo. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Circular Loja Filhos do Norte. Sena Madureira - Acre . Arqu. Part. Loja União III, 1941

Circular Loja União e Progresso : Iraty - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Circular Loja Deus - Universo e Virtude. Passos - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Comunicado Loja General Moreira Guimarães a Loja União III : Porto Alegre - Rio Grande do Sul. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Comunicado Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III : Cruzeiro do Sul - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Comunicado Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III : Cruzeiro do Sul - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Comunicado Loja Estrella D'Oeste a Loja União III. Ribeirão Preto - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Comunicado Templo de Estudos Espíritas Luz Invisível a Loja União III : Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Comunicado Loja União III ao Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Comunicado Loja União III a Loja Dario Velloso : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Comunicado Loja Dario Velloso a Loja União III: Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Comunicado Loja Regeneração Catarinense a Loja União III . Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Manifesto Dilermando de Assis. Rio de Janeiro,. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Manifesto Leopoldino Costa Andrade. Rio de Janeiro,. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Manifesto Leopoldino Costa Andrade. Rio de Janeiro,. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Memorando Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Memorando Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Ofício União III a Thiago Vieira de Castro (Lages). Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Ofício União III a Umberto Zarantonielo. Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Ofício União III a Plinio Scheleder de Araujo. Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Ofício União III a Thiago Vieira de Castro (Lages). Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Ofício Loja União III Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem do Estado do

Paraná. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Pedido de Iniciação Dante Bresciani - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Pedido de Iniciação Antonio Moreira - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Requisição Loja Dario Velloso a Loja União III. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Solicitação Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem do Estado do Paraná - Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Solicitação Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem do Estado de Santa Catarina Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Telegrama Antonio Portela a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1941

Pasta 1942

Ata reunião Especial dos Delegados Especiais do Grão Mestrado da Ordem para os Estados do Paraná e Santa Catarina e Veneráveis das Lojas dos Mesmo Estados (+anexos). Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Carta Delegado Fiscal do Tesouro Nacional de Santa Catarina a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Carta José Julio Cleto da Silva a Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Circular Loja Estrella do Rio. Niterói - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Circular Loja Amor e Caridade 5. Petrópolis - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Circular Loja Amor e Caridade 2 : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Circular Loja Amor e Caridade 2 : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Circular Loja Cruzeiro do Sul : Cruzeiro do Sul - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Circular Loja Amor e Caridade 2 : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Circular Loja Cruzeiro do Sul : Cruzeiro do Sul - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Circular Asilo Anália Franco. Ribeirão Preto - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Circular Loja Dario Velloso. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Circular Loja Cruzeiro do Sul : Cruzeiro do Sul - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Circular Loja Comércio - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Loja Dario Velloso a Loja União III: Cuiritiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Poder Central a Loja União III . Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Loja Evolução a Loja União III. Niterói - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Loja Regeneração Catarinense a Loja Porto União: Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Loja Regeneração Catarinense a Loja Porto União: Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III : Cruzeiro do Sul - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Loja Dario Velloso a Loja União III: Cuiritiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Loja Regeneração Catarinense a Loja Porto União: Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Loja Amor e Caridade 2 a Loja União III : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Loja Estrella D'Oeste a Loja União III. Ribeirão Preto - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Loja Amor e Caridade 2 a União III : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Loja Regeneração Catarinense a Loja Porto União: Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Loja Amor e Caridade 2 a Loja União III : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Loja União III a Loja Dario Velloso: Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Comunicado Loja União III a secretaria Geral da Ordem : Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Encaminhamento para Iniciação Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III. Cruzeiro - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Encaminhamento para Iniciação Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III. Cruzeiro - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Encaminhamento para Iniciação Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III. Cruzeiro - Santa

Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Encaminhamento para Iniciação Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III. Cruzeiro - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Encaminhamento para Iniciação Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III. Cruzeiro - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Encaminhamento para Iniciação Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III. Cruzeiro - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Encaminhamento para Iniciação Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III. Cruzeiro - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Informe Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Informe Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Ofício Loja União III a Loja Cruzeiro do Sul. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Ofício Grande Oriente do Brasil a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Ofício Loja União III a Loja Amor e Caridade 2. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Ofício Loja União III a Loja Amor e Caridade 2. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Ofício União III ao Secretário do Supremo Conselho. Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Ofício Loja União III a Loja Cruzeiro do Sul. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Pedido de Iniciação Victório Elcely Cleve Franklin - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Pedido de Iniciação Rostow Meski - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Pedido de Iniciação Teodoro Lemos - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942
 Pedido de Iniciação Adam P. Kossulendzki - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Pedido de Iniciação Mothy Domit - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Pedido de Iniciação Bernardo Rautt - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Pedido de Iniciação Pedro Arbus Santos - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Pedido de Iniciação Paulo Lima - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Pedido de Iniciação Alfredo Maya Jatahy - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Memorando Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Memorando Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Telegrama Alberto Andrade de Queiroz a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Telegrama Jair Guedes a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Telegrama Loja União III a Nereu Ramos. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1942

Pasta 1943

Ato 1795 . Grande Oriente do Brasil as Lojas : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Carta Amaro de Jesus Pereira Lima a Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Carta Oliveira F Core a Loja União III. Canoinhas - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Carta Raimundo Faoro a Loja União III. Caçador - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Carta Secretário da Loja União III a Tico Fernandes. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Carta Pedro Pereira Rodrigues a Loja União III. Canoinhas - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Carta Plácido Olimpyo de Oliveira a Teodoro Keppen. Joinville - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Carta Napoleão Feijó a Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja

União III, 1943

- Circular Loja Amor e Caridade 2 : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Circular Loja Amor e Caridade 2 : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Circular Loja Cruzeiro do Sul : Cruzeiro do Sul - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Circular Loja Oriente Maracajú. Campo Grande - Mato Grosso. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Circular Loja Fraternidade Paulistana. Barretos - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Circular Loja Oriente Maracajú. Campo Grande - Mato Grosso. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Circular Estrella D' Oeste . Ribeirão Preto - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Circular Loja Amor e Caridade 2 : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Circular Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Circular Estrella D' Oeste . Ribeirão Preto - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Circular Loja Dario Velloso. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Circular Asilo Anália Franco. Ribeirão Preto - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Circular Estrella D' Oeste . Ribeirão Preto - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Comunicado Supremo Conselho a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Comunicado Loja Dario Velloso a Loja União III: Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Comunicado Loja Amor e Caridade 2 a Loja União III : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Comunicado Loja Amor e Caridade 2 a Loja União III : Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1943
- Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Loja Perseverança a Loja União III : Paranaguá - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Loja União III a Dirceu Meneguetti : Porto União. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Loja Dario Velloso a Loja União III: Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Loja Dario Velloso a Loja União III: Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Loja Dario Velloso a Loja União III: Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Santo Império a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Loja Oriente Maracaju a Loja União III : Campo Grande - Mato Grosso. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Loja Dario Velloso a Daniel Lander Betts: Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Loja Dario Velloso a Daniel Lander Betts: Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Informe Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Memorando Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Memorando Antonio Domit . Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Ofício União III a Miguel Sobanski. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Ofício União III a Loja Dario Velloso. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Ofício União III a Alfredo Maia Jatahy. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Ofício União III ao Delegado da Ordem Política e Social. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Ofício Umberto Zarantonielo a União III . Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Ofício União III ao Tesoureiro Antonio Domit. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Ofício União III a Henrique Avella. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Ofício Loja Oriente Maracajú a Loja União III. Campo Grande - Mato Grosso. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Pedido de Iniciação Jacob Hoff Filho - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Pedido de Iniciação Helly de Macedo Souza- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Pedido de Iniciação Mario Balster - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Pedido de Iniciação Salomão Antonio Ribas - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Pedido de Iniciação Edgard Siqueira - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Pedido de Iniciação Toribio Mendes Martins- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Pedido de Iniciação Antonio Alves Pereira - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Pedido de Iniciação Darcy Saldanha - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Pedido de Iniciação Décio Rocha- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Pedido de Iniciação Heitor Alencar Guimarães Filho- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Pedido de Iniciação Fernando ° Oliveira - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Pedido de Iniciação Claudio Kendik Monteiro - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Pedido de Iniciação Silvio Alves- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Telegrama Teodoro Keppen a Capitão Lara Ribas. Porto União. Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Telegrama Loja União III a Getúlio Vargas. Porto União. Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Telegrama Loja União III a Getúlio Vargas. Porto União. Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Pasta 1944

Ata da Sessão de Eleição da Loja União III. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Balancete Beneficiencia Maçônica. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1943

Carta Francisco Salgueiro a Loja União III. Joaçaba - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Carta Protesto Dilermando de Assis ao Grão Mestre. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Carta José Comandulli a Loja União III . Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Carta Luis Antonio de Almeida a Loja União III . Caçador- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Carta Antonio Almeida a Loja União III. Gramado - Rio Grande do Sul . Arqu. Part. Loja União III, 1944

Carta Prefeitura Municipal de Canoinhas a Loja União III. Canoinhas - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Carta Lauro Teixeira Góis a Teodoro Keppen. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Carta Lauro Teixeira Góis a Teodoro Keppen. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Circular Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Circular Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Circular Loja Fraternidade Castrense. Castro - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Circular Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Circular Loja Saldanha Marinho. Livramento - Rio Grande do Sul. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Circular Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Circular Loja Madalena. Santa Maria Madalena - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Circular Loja Saldanha Marinho. Livramento - Rio Grande do Sul. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Circular Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Circular Regeneração Catarinense. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Circular Fraternidade Paulista. Barretos - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Circular Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Circular Loja Segredo e Caridade. Mineiros - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Circular Loja União Araguaína. Araguaia - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Circular Grande Oriente Independente do Estado do Paraná. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Comunicado Loja Fraternidade Sul Mineira a Loja União III. Pouso Alegre - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944

União III, 1944
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Comunicado Loja Dario Velloso a Loja União III : Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Comunicado Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Comunicado Loja Dario Velloso a Loja União III. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Comunicado Regeneração Catarinense a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Comunicado Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem no Estado do Paraná a Loja União III. Curitiba- Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Comunicado Regeneração Catarinense a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Comunicado Loja Cavaleiros de Malta a Loja União III. Cornélio Procópio - Paraná. . Arqu. Part. Loja União III, 1944

 Memorando Rede Viação Paraná a Loja União III. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

 Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Ofício União III a Laurindo Faoro. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944
 Ofício União III a Loja União Aragarina. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Ofício União III a Loja Cruzeiro do Sul. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Ofício União III a Laurindo Faoro. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União
III, 1944

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Ofício União III a Antonio Domit. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III,
1944

Ofício União III a Alberto Anibelli. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União
III, 1944

Ofício União III a Carlos Ihlenfeld e família. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Pedido de Iniciação Epaminondas Huergo Pereira - Porto União - Santa Catarina. Arqu.
Part. Loja União III, 1944

Pedido de Iniciação Laurindo Faoro - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União
III, 1944

Pedido de Iniciação Luiz Antonio de Almeida- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Pedido de Iniciação Francisco José Schreiner- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part.
Loja União III, 1944

Pedido de Iniciação João Francisco Batista - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Pedido de Iniciação Eduardo Haymussi - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Pedido de Iniciação Zaki Thomé - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Pedido de Iniciação Zani Gonzaga - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Pedido de Iniciação Olindo Dalla Barba - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Pedido de Iniciação Alir Ratacheski - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Pedido de Iniciação Osório Denes Ramos - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Pedido de Iniciação Carlos Armino Honrich - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Relatório José Julio Cleto da Silva a Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1944

Pasta 1945

Ato nº 1934. Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Ato nº 1295. (reprodução) Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Balancete Beneficência Maçônica. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Balancete Beneficência Maçônica. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Balancete Beneficência Maçônica. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Balancete Beneficência Maçônica. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Boletim Informativo. Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Carta Teodoro Lemos a Loja União III. Valões: Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Carta Felício Domit a Loja União III. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Carta União III ao Major Pedro Cunha. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Carta Antonio Domit a Loja União III. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União

III, 1945

Carta União III ao Tenente Jusi. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Carta União III ao Grão Mestre Rodrigues Neves. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Carta Benedito Ribeiro da Silva a Loja União III. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Carta Luiz Venancio a Loja União III. Porto Alegre :Rio Grande do Sul. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Carta aos Maçons. Amerino Wanick. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Carta Amaro Jesus Pereira Lima a União III . Mafra - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Carta João Paes Filho a União III . União da Vitória - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Carta União III a Jaime Matzembacher. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Circular Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Circular Grande Loja do Brasil. . Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Circular Loja Amor e Caridade II. Ponta Grossa - Paraná . Arqu. Part. Loja União III, 1945

Circular Loja Estrella D'Oeste. Ribeirão Preto: São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Circular Loja Paz e Amor. Santa Cruz: Rio Grande do Sul. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Circular Loja Independência. Campinas: São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Circular Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Circular Loja Independência. Campinas: São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Comunicado Asilo Anália Franco. Ribeirão Preto: São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Comunicado Loja Dario Velloso a Loja União III. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Comunicado Loja Amor e Caridade a Loja União III. Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Comunicado Loja Estrella D'Oeste a Loja União III. Ribeirão Preto: São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Comunicado Loja Nilo Peçanha a Loja União III. Colatina: Espírito Santo. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Comunicado Loja Dario Velloso a Loja União III. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Comunicado Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III. Cruzeiro - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Comunicado Loja Regeneração Catarinense a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Comunicado Loja Dario Velloso a Loja União III. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja

União III, 1945
 Comunicado Loja União III a Jaime Matzembacher. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945
 Comunicado S.M. de jovens a Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

 Constituição Grande Loja do Brasil. . Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1945

 Informe Norte Editora a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1945
 Informe Casa Lyra Editora. São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1945

 Manifesto Movimento Maçônico Restaurador. : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1945

 Memorial Loja Dario Velloso. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1945

 Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945
 Ofício Loja Amor e Justiça a Loja União III. Itararé. São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1945
 Ofício Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1945
 Ofício Grande Oriente do Brasil às Lojas : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1945
 Ofício Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1945
 Ofício União III a Carlos Armino Honrich. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945
 Ofício União III a Osvaldo Segundo de Oliveira. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945
 Ofício União III a Oliverio Cortes. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945
 Ofício União III a Clemente Procopiak. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945
 Ofício União III a Orty Magalhães Machado. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945
 Ofício União III a Alfredo Matzembacher. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945
 Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

 Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

 Pedido de Iniciação Clemente Procopiak - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Pedido de Iniciação Orty de M. Machado- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945
Pedido de Iniciação Osvaldo S. de Oliveira- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945
Pedido de Iniciação Ezuel Portes - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945
Pedido de Iniciação José da Silva Abilhôa - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945
Pedido de Iniciação João Szepack - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945
Pedido de Iniciação Darci Pinto Araújo - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Telegrama Bonifácio Paes Carneiro a Kossobduski. Dorizon - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1945
Telegrama Nelson Dias a Kossobduski. Dorizon - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1945
Telegrama Jusi Teodorico a Teodoro Keppen. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1945
Telegrama Pedro Cunha a Teodoro Keppen. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1945
Telegrama Grão Mestre Rodrigues Neves a Teodoro Keppen. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1945
Telegrama Luiz Antonio Almeida a João Nitto Gaspari . Caçador - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945
Telegrama Luiz Antonio Almeida a João Nitto Gaspari . Caçador - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945
Telegrama Luiz Antonio Almeida a João Nitto Gaspari . Caçador - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1945

Pasta 1946

Carta Hely Macedo de Souza a Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946
Carta Antonio Alves a Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946
Carta Teodoro Keppen a Normando Jusi. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946
Carta Adelino Angelucci a Loja União III. Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1946
Carta Theodoro Lemos a Teodoro Keppen . Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946
Carta Pedrina Coehaki a Loja União III. Luzerna - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946
Carta Osório Ramos a Normando Jusi. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Circular Loja Cruzeiro do Sul. Cruzeiro - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Circular Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Circular Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Circular Loja Amisade Fraternal. Cabo Frio - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Circular Loja Fraternidade Castrense. Castro - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Circular Loja Cataguasense. Cataguases- Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Circular Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Circular Loja Luz e Liberdade. Morrinhos - Goiás. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Circular Loja Cataguasense. Cataguases- Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Circular Loja Asilo Anália Franco. Ribeirão Preto: São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Circular Loja Cataguasense. Cataguases- Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Circular Loja Amisade Fraternal. Cabo Frio - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1946

 Comunicado Loja Estrella de Imbituva a Loja União III. Imbituva - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Comunicado Loja Cruzeiro do Sul a Loja União III. Cruzeiro - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Comunicado Loja Dario Velloso a Loja União III. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Comunicado Loja Cavaleiros de Malta. Cornélio Procopio : Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Comunicado Loja Amor e Caridade II a Loja União III. Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Comunicado Delegacia Especial do Grão Mestrado da Ordem para o Estado do Paraná a Loja União III. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Comunicado Delegacia Especial do Grão Mestrado da Ordem para o Estado do Paraná a Loja União III. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Comunicado Loja Cataguasense a Loja União III. Cataguases- Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1946

 Informe Loja Amisade Fraternal. Cabo Frio - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Informe Norte Editora a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1946
 Manifesto Loja Independência . Cascadura - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1946

 Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Ofício União III a Vitório Franklin. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Ofício União III a Loja Cruzeiro do Sul. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Ofício Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Ofício Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Ofício Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Ofício Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Ofício Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Pedido de Iniciação Max Komar - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Pedido de Iniciação Laurindo Soares Gouveia- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Pedido de Iniciação Estanislau Crucoski- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Pedido de Iniciação Carlos Dalla Barba - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Pedido de Iniciação Alvanyr Penteado- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Pedido de Iniciação Pedro Nogueira de Castro- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Pedido de Iniciação José Rodrigues Oliveira - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Pedido de Iniciação Hugo Ernani Torres Cruz- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Pedido de Iniciação Misceno Sampaio Bello- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Pedido de Iniciação Casemiro Maros - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Telegrama João Nitto Gaspari ao Secretário Geral da Ordem. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Telegrama Luiz Antonio Almeida a João Nitto Gaspari . Caçador - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Telegrama Luiz Antonio Almeida a Teodoro Keppen . Caçador - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1946

Pasta 1947

Ata extraordinária Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Carta Osório Ramos a Loja União III. Rio Grande - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Carta Osório Ramos a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Carta Dorval C. Wolff a Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Carta Loja União III ao Grão Mestre da Ordem. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Carta Teodoro Keppen à Normando Jussi. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Carta Teodoro Keppen à Leonardo Leinsinger. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Circular Comitê Pró Candidaturas Jurandir -Proença. São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Circular Loja Estrela Caldense. Poços de Caldas - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Circular Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Circular Loja Estrella D' Oeste. Ribeirão Preto - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Circular Grande Oriente do Brasil aos altos Corpos Maçônicos: Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Circular Loja Filhos da Fé. Rio Grande do Norte. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Circular Loja Deus , Humanidade e Luz. Belo Horizonte - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Circular Grande Loja do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Circular Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Circular Loja Deus , Humanidade e Luz. Belo Horizonte - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Circular Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Circular Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Circular Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Circular Loja 25 de Março Três Rios - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Circular Loja União e Trabalho. Ouro Preto - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Comunicado Loja Amor e Caridade II a Loja União III. Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Comunicado Loja Amor e Caridade II a Loja União III. Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Comunicado Loja União III ao Delegado do Grão Mestrado Geral da Ordem para O Estado de Santa Catarina. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Comunicado Loja Amor e Caridade II a Loja União III. Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Comunicado Loja Amor e Caridade II a Loja União III. Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Comunicado Loja Deus , Caridade e Justiça a Loja União III. Quatá - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Comunicado Delegado do Grão Mestrado Geral da Ordem para o Estado do Paraná. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Comunicado Delegado do Grão Mestrado Geral da Ordem para O Estado de Santa Catarina. Florianópolis- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Comunicado Grande Oriente do Brasil a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Comunicado Loja União III a Loja Dario Velloso. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Comunicado Delegado do Grão Mestrado Geral da Ordem para o Estado do Paraná. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Decreto 1474. Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Editais de eleição novas Luzes. Loja União III . Arqu. Part. Loja União III, 1947

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Ofício Grande Oriente do Brasil a Loja União III : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Informe Norte Editora a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Pedido de Iniciação Alcides Pereira Silva- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Pedido de Iniciação Sidney José Campos Corte- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Pedido de Iniciação Jair Januário Campos Corte- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Pedido de Iniciação Pedro Gaspar Ribeiro - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Pedido de Iniciação Hercílio Teófilo Gomes- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Pedido de Iniciação Boleslau Barvinski- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1947

Pasta 1948

Carta Honório Sphair à João Nitto Gaspari. Canoinhas - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Carta Sydney a Ozório. Canoinhas. Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Carta Jair J. ° Corte a João Nitto Gaspari. Canoinhas. Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Carta José da Silva Massa a Loja União III. Barra d'Alva - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Carta Loja União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Carta Honório Sphair à João Nitto Gaspari. Canoinhas - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Carta Loja União III a Antonio Saliba Merhy. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Carta Aguinaldo Schmal a Loja União III. Cruz Machado - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Circular Grande Oriente de Minas Gerais. Belo Horizonte - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Circular Grande Oriente de Minas Gerais. Belo Horizonte - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Circular Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Circular Grande Oriente de Minas Gerais. Belo Horizonte - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Circular Grande Oriente Unido. Distrito Federal - Brasília. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Circular Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Circular Loja Amor ao Próximo. Paraíba do Sul - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Circular Grande Oriente Unido. Distrito Federal - Brasília. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Circular Loja União e Progresso. Irati - Paraná. Part. Loja União III, 1948

Circular Loja Rangel Pestana. São Paulo. Part. Loja União III, 1948

Circular Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Circular Loja Perseverança. Paranaguá - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1948
Circular Loja Estrella Conquistense. Conquista - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1948
Circular Loja Estrella Conquistense. Conquista - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Comunicado Grande Oriente de Minas Gerais à Loja União III. Belo Horizonte - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1948
Comunicado Delegado do Grão Mestrado Geral da Ordem para O Estado de Santa Catarina à Loja União III. Florianópolis- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948
Comunicado Loja Antenor Aires Viana a Loja União III. Santos Dumont - Minas Gerais. Part. Loja União III, 1948
Comunicado Loja Luiz Balster a Loja União III. Caçador - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948
Comunicado Loja Amor e Caridade II a Loja União III. Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1948
Comunicado Loja União e Progresso II a Loja União III. Irati - -Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1948
Comunicado Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Decreto nº 1548 Conselho Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Ofício União III ao Secretário Geral da Ordem. Porto União- Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948
Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1948
Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1948
Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1948
Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1948
Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1948
Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1948
Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Requerimento Sociedade de Estudos Psiquicos e Sociais a Loja União III. São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Pedido de Iniciação Pedro Paulo Campos Corte- Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Pedido de Iniciação Haroldo Ferreira - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Pedido de Iniciação Antonio Peters da Costa - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Pedido de Iniciação Nelson Alves Camargo - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Pedido de Iniciação Ignácio de Sá Sotto Maior - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Pedido de Iniciação José Carlos Oliveira - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Pedido de Iniciação Júlio Santos - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Pedido de Iniciação Felipe José Khury - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Pedido de Iniciação Leocádio Santos - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Pedido de Iniciação João Ferreira Lopes - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Pedido de Iniciação Dorval C. Wolff - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Pedido de Iniciação Osmar Dutra - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Pedido de Iniciação Antonio Chila - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Pedido de Iniciação Jair Lima Geraerd - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1948

Pasta 1949

Ato nº 2227 Grande Oriente do Brasil- Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Boletim Loja Dario Velloso. Curitiba - Paraná . Arqu. Part. Loja União III, 1949

Boletim Loja Dario Velloso. Curitiba - Paraná . Arqu. Part. Loja União III, 1949

Boletim Loja Dario Velloso. Curitiba - Paraná . Arqu. Part. Loja União III, 1949

Boletim Loja Dario Velloso. Curitiba - Paraná . Arqu. Part. Loja União III, 1949

Boletim sem procedência.

Carta João Lopacinski a Loja União III. Malet - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Carta João Lopacinski a Loja União III. Malet - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Carta Afonso Miranda da Silva a Loja União III. Guarapuava - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Circular Loja Fidelidade e Firmeza. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Circular Loja Deus, Universo e Virtude. Passos - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Circular Loja Estrella Caldense. Poços de Caldas - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Circular Loja Dario Velloso. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Circular Loja Trabalho, Ciência e Virtude. Apucarana - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Circular Loja Fraternidade e Luz. Cacheiro do Itapemirim - Espírito Santo. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Circular Loja Paracatu. Paracatu - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Circular Loja Independência III. Franca - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Circular Loja Charitas. São João Del Rey - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Comunicado Loja Amor e Caridade II a Loja União III. Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Comunicado Loja União III a Loja Dario Velloso. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Comunicado Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Comunicado Loja Cardoso Junior a Loja União III. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Comunicado Loja Estrella do Dezerto a Loja União III. Joaquim Távora. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Comunicado Loja Regeneração Catarinense a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Comunicado Loja Estrella a Loja União III. Antonina - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Comunicado Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Comunicado Loja União, Luz e Caridade a Loja União III. Bento Gonçalves - Rio Grande do Sul. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Comunicado Loja Regeneração Catarinense a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Comunicado Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem para o Estado do Paraná a Loja União III. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Comunicado Delegado Especial do Grão Mestrado da Ordem para o Estado do Paraná a Loja União III. Curitiba - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Comunicado Supremo Conselho do Rito Escoses Antigo e Aceito para os Estados Unidos do Brasil a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Comunicado Supremo Conselho do Rito Escoses Antigo e Aceito para os Estados Unidos do Brasil a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União

III, 1949

Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Ofício Loja União III a Loja Amor e Caridade II. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Ofício Loja União III ao Grande Oriente do Brasil. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Ofício Loja União III ao Grande Oriente do Brasil. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Ofício Loja União III ao Grande Oriente do Brasil. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Ofício Loja Luiz Balster a Loja União III. Caçador - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Ofício Loja União III a Loja Ordem e Trabalho. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Ofício Loja União e Justiça II a Loja União III. Ourinhos - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Pedido de Iniciação Waldomiro França - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Pedido de Iniciação Antonio Ferreira da Silva Sobrinho - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Pedido de Iniciação Reinaldo José Machado - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Pedido de Iniciação José Kalil Mahafud - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Pedido de Iniciação Guaraci Alves - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Pedido de Iniciação Orlando de Carvalho - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Pedido de Iniciação Osvaldo Loureiro Mello - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Pedido de Iniciação João Passos - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Pedido de Iniciação Eros Silveira Lepca - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja

União III, 1949
Pedido de Iniciação Danilo Cerqueira Leite - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Telegrama Pedro C A Cunha a João Nitto Gaspari. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1949

Pasta 1950

Ato nº 133 Grande Oriente do Brasil - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1950
Ato nº 134 Grande Oriente do Brasil - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Boletim Loja Dario Velloso. Curitiba - Paraná . Arqu. Part. Loja União III, 1950

Carta Luiz Antonio de Almeida a Loja União III. Caçador - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Carta Dorval Wolff a Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Carta Pedro Gaspar Ribeiro a Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Carta João Nitto Gaspari a Loja União III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Carta Dorval Wolff a Loja União III. Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Carta da Loja União III a Alfredo Matzembacher. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Carta da Loja União III a Umberto Zarantonielo. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Circular Grande Oriente do Brasil : Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Circular Regeneração Catarinense. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Circular Loja Estrella de Rio Claro. Rio Claro - São Paulo. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Circular Loja Liberdade. Rio Grande do Sul . Arqu. Part. Loja União III, 1950

Circular Oriente Estadual de Santa Catarina. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Circular Loja Fidelidade Mineira. Juiz de Fora - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Circular Beneficência Maçônica. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Circular Loja Fidelidade Mineira. Juiz de Fora - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Circular Loja Areópago Itabunense. Itabuna - Bahia. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Circular Estrella Caldense. Poços de Caldas. - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III,

1950

Circular Beneficência Maçônica. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Circular Loja Fidelidade Mineira. Juiz de Fora - Minas Gerais. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Circular Fidelidade e Firmeza. Porto Alegre - Rio Grande do Sul. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Circular Fidelidade e Firmeza. Porto Alegre - Rio Grande do Sul. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Circular Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Circular Loja União Constante. Rio Grande - Rio Grande do Sul. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Comunicado Loja Amor e Caridade II a Loja União III. Ponta Grossa - Paraná. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Comunicado Loja José Bonifácio. Barra do Piraí - Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Comunicado Regeneração Catarinense a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Comunicado Loja União III a Loja Ordem e Trabalho. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Comunicado Loja União III a Loja Luz e Verdade. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Comunicado Loja Ordem e Trabalho a Loja União III. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Comunicado Loja União III a Federação Espirita Brasileira. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Decreto nº 1580 Grande Oriente do Brasil. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Ofício Loja Luiz Balster a Loja União III. Caçador - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Ofício Loja União III ao Juiz de Direito Norberto Miranda. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Ofício Secretário Geral da Ordem a Loja União III. Rio de Janeiro. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Ofício Loja União III a Grande Oriente do Brasil. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Ofício Loja União III ao Delegado do Grande Oriente do Brasil. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Ofício Loja União III a Loja Acácia Teresinense. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Ofício Loja União III a Loja Lealdade e Justiça. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part.

Loja União III, 1950

Ofício Loja União III a Loja Fraternidade Sul Mineira. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Ofício Loja União III a Loja Dario Velloso. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Ofício Loja União III a Loja Acacia Rio Grandense. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Ofício Loja União III a Loja Amor e Caridade. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Ofício Loja União III a Loja Acacia Cristalinense. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Ofício Loja União III a Loja Luz e Verdade III. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Ofício Loja União III a Sociedade de Assistência aos Lázarus de Três Corações. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Ofício Loja União III a Loja Amor e Caridade. Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Pedido de Iniciação Manoel França - Porto União - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Radiograma Pedro A C Cunha a João Nitto Gaspari. Florianópolis - Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950

Telegrama Loja União III a Loja Amor e Caridade II. Porto União. Santa Catarina. Arqu. Part. Loja União III, 1950